UFRJ

A APÓDEXIS HERODOTIANA:
UM MODO DE DIZER O PASSADO

Tatiana Oliveira Ribeiro

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Clássicas.

Orientadora: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

Rio de Janeiro
Dezembro de 2010

A apódexis herodotiana: um modo de dizer o passado

Tatiana Oliveira Ribeiro

Orientadora: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Clássicas.

Examinada por:

____

Presidente, Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

____

Professora Doutora Filomena Yoshie Hirata - USP

____

Professor Doutor Fernando Brandão dos Santos – UNESP-Araraquara

____

Professora Doutora Celina Maria Moreira de Mello - UFRJ

____

Professor Doutor Auto Lyra Teixeira – UFRJ

____

Professor Doutor Luiz Barros Montez - UFRJ, Suplente

____

Professora Doutora Ana Thereza Basilio Vieira – UFRJ , Suplente

Rio de Janeiro
Dezembro de 2010

Ribeiro, Tatiana Oliveira

A *apódexis* herodotiana: um modo de dizer o passado / Tatiana Oliveira Ribeiro – Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2010
206 f.; 31 cm.
Orientador: Nely Maria Pessanha
Tese (Doutorado) –UFRJ/ Faculdade de Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2010.
Referências Bibliográficas: f. 164-179.

1. Historiografia grega. 2. *Histórias*, de Heródoto. 3. *Apóde(i)xis* e *epíde(i)xis*. 4. Performance e gênero. 4. Prosa grega. I. Pessanha, Nely Maria. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. III. Título.

Resumo

A APÓDEXIS HERODOTIANA: UM MODO DE DIZER O PASSADO

Tatiana Oliveira Ribeiro

Orientador: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

Resumo da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Área de Concentração: Culturas da Antiguidade Clássica) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

"*Esta é* apódexis historíes *de Heródoto de Halicarnasso*". Este dito, com o qual se iniciam as *Histórias* de Heródoto, legou ao Ocidente não apenas o nome que resume a atividade de pesquisa do Historiador, a *historíe*, mas também um nome que vem a designar o modo de organização e de exposição de todo o vasto material por ele recolhido e repensado: a *apódexis*. Esta Tese tematiza este conceito, observando, desde seu emprego no proêmio das *Histórias*, os matizes por ele assumidos ao longo da obra e também o grau de permanência de sua significação em outros textos de prosa, mormente em escritos epidíticos. Da relação de convergência entre *apóde(i)xis* e *epíde(i)xis*, o trabalho sugere a consideração da perspectiva da performance do texto de Heródoto, apoiando-se em referências textuais que indiciam a existência de uma prática de apresentação corrente na Grécia antiga a partir do V século. A *apódexis* herodotiana se afigura como um modo de dizer o tempo, o espaço, os povos e seus *nómoi*, e também como um modo de reelaborar as narrativas do passado e interpretar o presente.

Palavras-chave: Historiografia grega; Heródoto; *apóde(i)xis*; *epíde(i)xis*; performativo; performance.

Abstract

HERODOTUS' *APODEXIS*: A WAY OF TELLING THE PAST

Tatiana Oliveira Ribeiro

Orientador: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

Abstract da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Área de Concentração: Culturas da Antiguidade Clássica) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

"*This is* apodexis histories *of Herodotus from Halicarnassus*". This saying, opening Herodotus' *Histories*, has transmitted to the western culture not only the word epitomizing the research activity of the Historian, the *historie*, but also the one denoting how all the large amount of the material he had collected and pondered is organized and exhibited: the *apodexis*. The present dissertation thematizes this latter concept and observes the nuances it assumes in the course of Herodotus' work, as well as its relative constancy of signification in other prose texts, mainly epideictic writings. As a result from the relationship of convergence between *apode(i)xis* and *epide(i)xis*, the present work suggests to consider the performance perspective of Herodotus' text, based on textual evidence pointing to the existence of a display practice circulating in Ancient Greece from 5th century onwards. Herodotus' *apodexis* figures as a way of telling time, space, people and their *nomoi*, and also as a way of reelaborating the narratives from the past and interpretating the present.

Key-words: Greek historiography, Herodotus, *apode(i)xis*; *epide(i)xis*; performative; performance.

Résumé

L'*APÓDEXIS* HÉRODOTIENNE: UNE FAÇON DE DIRE LE PASSÉ

Tatiana Oliveira Ribeiro

Orientador: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha

Résumé da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Área de Concentração: Culturas da Antiguidade Clássica) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

"Celle-ci est l'*apódexis historíes* d'Hérodote d'Halicarnasse". Ces paroles qui ouvrent les *Histoires* d'Hérodote, ont transmis à l'Occident non seulement le nom résumant l'activité de recherche de l'Historien, l'*historíe*, mais aussi le nom désignant le mode d'organisation et d'exposition de tout le vaste matériel qu'il avait recueilli et repensé : *l'apódexis*. Cette thèse thématise le concept d'*apóde(i)xis* en observant les nuances qu'il revêt au cours de l'œuvre d'Hérodote, ainsi que la constance relative de ses significations dans d'autres textes en prose, notamment les écrits épidictiques. Etant donné le rapport de convergence dans les significations d*'apóde(i)xis* et *epíde(i)xis*, ce travail de recherche suggère de prendre en compte la dimension performative du texte d'Hérodote, en s'appuyant sur des références textuelles attestant l'existence d'une pratique de la présentation orale en usage en Grèce ancienne depuis le 5ème siècle. L'*apódexis* hérodotienne se dessine en tant que façon de dire le temps, l'espace, les peuples et leurs *nómoi*, et également en tant que façon de ré-élaborer les récits du passé et d'interpréter le présent.

Mots clés: Historiographie grecque, Hérodote, *apóde(i)xis*; *epíde(i)xis*; performatif; performance.

Para Madiana,

minha amada filha,

e

Peggy,

exemplo todo de afeto e resistência

À Professora Titular Doutora Nely Maria Pessanha,
pela orientação zelosa
desde os tempos da Iniciação Científica;

A Henrique Cairus, meu exemplo,
meu amor, meu companheiro,
pelo apoio pleno e pela presença constante;

À Profa. Doutora Celina Maria Moreira de Mello,
pelas sugestões ao longo de toda a pesquisa
e pela atenção prestimosa;

A todos os professores do Proaera,
pelo aprendizado, pelo exemplo de seriedade
e compromisso com o saber;

Ao Proaera,
espaço do possível, lugar de vigência
da alegria e da competência;

À Profa. Doutora Andréa Daher,
pelas inesquecíveis lições;

À Profa. Doutora Luciana Villas Bôas,
sempre solícita,
pela fidalga convivência;

Ao Prof. Dr. Daniel Rinaldi,
pelo incentivo e pela amizade;

À querida Agatha Bacelar,
que, mesmo distante, se fez presente em todos os momentos,
pelas indicações e discussões sempre profícuas,
pelo carinho e generosidade;

Aos meus tios, Carminha e Orlando,
pelo afeto incondicional;
agradeço.

SUMÁRIO

1. Introdução

Esta Tese tem por motivação e origem o desejo de estar diante de Heródoto de Halicarnasso e de ouvi-lo, o desejo, enfim, de unir às palavras que jazem silenciosas em suas *Histórias* a pulsação vibrante de um tom que expresse o maravilhamento que lhes dá sentido, causa e estrutura. Desde a primeira leitura de sua obra, descortinou-se-me um universo em que figuravam diversas formas de representações, que me faziam olhar para as *Histórias* e a partir delas depreender as formas de expressão dos gregos, desde tempos mais remotos ao V século a.C.

Foi com a imaginação plena de sentidos que fui levada, primeiramente, a pensar acerca das apresentações orais das *Histórias* de Heródoto. Secundarizei, em meu pensamento e em minha imaginação, a retórica e privilegiei a poética, pois me pareceu, desde a primeira hora, que o *páthos* herodotiano não servia ao convencimento, mas, ao contrário, o convencimento ali estava a serviço do *páthos*. Era impressionante observar a habilidade de suas narrativas, nas quais o verossímil, por apelo do imaginário, tornava-se o real aos olhos dos gregos, reverberando tantas vezes em narrativas de outros, poetas, filósofos ou historiadores.

Essa Tese, portanto, é um apelo às palavras que nos esperam em repouso nas páginas das edições de Heródoto, a fim de que elas pudessem indicar o caminho da voz. Procurei, assim, extrair delas tudo o que me foi possível para esse objetivo, perscrutando, em algumas passagens das *Histórias*, em que medida a voz herodotiana parecia ir além do apelo autoral.

Imediatamente afigurou-se-me o conceito de *apódexis* como uma porta de acesso entre o luminoso mundo das palavras escritas e o obscuro universo das palavras ditas e da performance. Entrei por essa porta e caminhei o quanto pude até agora pelo caminho que ela desvelou. Para adentrar por essa via, no entanto, o primeiro problema com o qual me deparei foi saber qual é o lugar da própria

apódexis na obra de Heródoto, definida por ele mesmo, logo a princípio, como *historíes apódexis* no famoso – e em tudo controverso – proêmio de suas *Histórias*.

À declaração, no proêmio, de se tratar o seu feito de uma *apódexis*, segue uma construção lingüística que indica 'finalidade', o porquê do ato. De fato, o discurso herodotiano, como se depreende das proposições iniciais do Historiador, se inscreve em um projeto de construção de identidade, grega e bárbara, e de preservação da memória social, que, tendo por ponto de partida o trabalho de investigação pessoal, de *historíe*, ganha forma, senão concretiza-se, no ato de apresentação, de leitura pública dos resultados colhidos, pensados e construídos a partir de dados coletados e trabalhados. Dessarte, as *Histórias* de Heródoto assumem contornos mais precisos no instante de sua *apódexis*, de sua, talvez possamos chamar assim, "performance pública". Todo o trabalho de investigação herodotiana, com suas diferentes posturas epistemológicas, a *akoé*, a escuta dos *legómena*, a *ópsis*, a observação ocular, *in loco*, e as *gnômai*, os juízos críticos do material recolhido pelo historiador, fundamentam a 'exposição da pesquisa', a *historíes apódexis*.

Considero primeiramente em meu trabalho o ato de apresentação, de leitura pública do texto de Heródoto, e relaciono aqui a noção de *apódexis* com aquela de performance, tomando por base alguns estudos que se voltam para a idéia de que o texto das *Histórias* é constituído a partir de uma série de apresentações para um público diverso[1]. Heródoto, ao apresentar publicamente suas narrativas, fosse em forma de leitura ou mesmo de recitação[2], como crêem alguns estudiosos que aproximam o historiador dos *lógioi* ou dos *aoidoí* [3], as teria colocado em teste, até chegar a uma redação final, na qual teve em conta a eficácia textual dessas narrativas.

---

[1] Jacoby (*RE* 1913); Myres (1953);; Gould (1989); Munson (1993); Bakker (*in* Van Wess 2002); Slings (*in* Van Wess 2002); Evans (*in* Pigoń 2008); Waterfield (2009).

[2] Gould (1989); Walker (2000).

[3] Nagy (1987; 1990), sobretudo a partir das leituras de Píndaro (cf. *Pítica* I, vv.92-94, onde ἀοιδοί e λόγιοι são aqueles que proclamam as glórias dos mortais; cf. também *Nemeia* VI, v.45); *contra* Luraghi (2009) acredita que o termo não designa uma categoria de pessoas, mas uma qualidade que pode ser possuída em níveis diversos: é possível ser sábio, como Anárcasis; cultivador da memória, como os egípcios; hábil na arte de contar mitos, como os persas.

O termo *apódexis*, seus usos, seus contextos e sua recepção, ao qual me dedico em minha tese, parecem indicar, de acordo com as pesquisas desenvolvidas acerca da obra de Heródoto, mormente no que diz respeito à sua forma estrutural e ao propósito de seu discurso, não apenas a noção de 'prova', de 'exposição argumentada'[4], de um discurso que intenta a comprovação de fatos e feitos, mas também a de 'modo de apresentação', que implica em um 'modo de dizer'. A percepção desse sentido duplo e complementar do termo parece ter sido há muito apontada nos estudos de epistemologia da história, como se pode entrever dessa passagem de um escrito de Johann Gustav Droysen, filólogo, helenista e teórico da história do século XIX:

> Da mesma maneira como tudo que move o nosso espírito exige a sua respectiva expressão para que se configure, assim também o que é historicamente pesquisado exige formas de apresentação (ἱστορίης ἀπόδεξις, Heródoto. *Histórias*, I, 1.), para que nessas formas a pesquisa forneça, por assim dizer, a prestação de contas de seu propósito e de seus resultados[5] (2009 [1858]: 77).

O uso do termo *historíe* na abertura das *Histórias*, além de ter oferecido à tradição um título para o legado do Historiador, redimensionou o termo, alçando-o mais tarde à tarefa de designar um campo de saber que ainda hoje busca suas fronteiras sem abrir mão de sua identidade. *Historíe*, ao tempo de Heródoto, designava uma espécie de investigação, de inquirição que se pautava no levantamento e apontamento de 'provas', 'constatações objetivas', que determinavam, ou ao menos buscavam delimitar, os campos da filosofia natural e da medicina, por exemplo. Conforme assinala Simon Goldhill (2002: 12), *historíe* é 'uma palavra notavelmente contemporânea, que liga a abordagem de Heródoto às discussões metodológicas da medicina hipocrática e dos físicos, e sugere uma indagação sobre a natureza e sobre a natureza do homem em sentido extenso'.

---

[4] Zambrini (*LHG&L*).

[5] Utilizo a tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio.

Com suas interfaces com o que viria a chamar-se de etnologia, geografia e sociologia, a obra do historiador de Halicarnasso se afirma como obra que trata, sobretudo, da História, da história de uma guerra que cumpre um papel fundamental na construção e fixação de uma identidade e de uma alteridade para os gregos. Contudo, não estão ausentes daquele vasto escrito as especulações de cunho diverso inseridas nas reflexões antropológicas de várias ordens. O relato das guerras entre gregos e bárbaros é assim entremeado de informações de naturezas múltiplas que o historiador-viajante colheu, ao ver e ouvir, nos tempos em que partiu em busca de cumprir o projeto declarado de seu proêmio. No proêmio, não há uma delimitação precisa do assunto do trabalho, não se tem um recorte do tema, o que poderia ser determinado pela multiplicidade de discursos a serem apresentados dependendo da audiência, quiçá do contexto de apresentação. Segundo Bakker (in VAN WESS, 2002: 4-5), a não delimitação do assunto, o não recorte do tema, se deve ao contexto intelectual "predisciplinar", sem fronteiras demarcadas entre geografia, antropologia e história, conjugando Heródoto, assim, uma série de práticas discursivas. Práticas essas que se deixam entrever, muitas vezes, por meio da disposição de algumas estruturas formais presentes nas *Histórias*.

Havelock (1996 [1963]:71 n.8) acredita que o termo *apódexis* no proêmio das *Histórias* implica seguramente uma divulgação oral, à maneira da tradição épica, obedecendo mesmo aos objetivos da epopéia homérica[6], mas nota que, *per contra*, a comparação que Tucídides faz entre seu κτῆμα ἐς αἰεί, sua 'possessão para sempre', e o ἀγώνισμα ἐς τὸ παραχρῆματα ἀκούειν, a 'peça para audição momentânea', de seus predecessores, denota certa influência de um manuscrito estilisticamente composto para leitores em contraposição aos efeitos momentâneos de uma composição destinada à recitação. Tucídides, no trecho de sua *História da Guerra do Peloponeso* conhecido como *Metodologia* (I, 20-22), nos diz que a busca da verdade (ἡ ζήτησις τῆς ἀληθείας) é negligenciada pela maioria dos homens que prefere o previamente estabelecido e afirma que os poetas adornaram seus hinos com

[6] Cf. também Nagy (1987; 1990)

o intuito de engrandecê-los, enquanto os logógrafos compuseram visando ao que é mais atraente para a audiência em detrimento do que é mais verdadeiro (λογογράφοι ξυνέθεσαν ἐπὶ τὸ προσαγωγότερον τῇ ἀκροάσει ἢ ἀληθέστερον, I, 21). Mais adiante (I, 22.4) Tucídides sublinha que o que não tem a aparência de mito (τὸ μὴ μυθῶδες) parece menos atraente para o auditório. A referência aos logógrafos inclui não só os antigos cronistas da Jônia, mas em especial Heródoto. Tucídides parece requerer para si a imagem do historiador capaz de romper com os horizontes de experiência de um público leitor/ouvinte em prol de uma 'factualidade objetiva', tentando se distanciar de uma prática dos logógrafos e dos poetas.

Hartog (1999 [1980]: 283-87) reconhece no proêmio das *Histórias* um duplo posicionamento do historiador no que concerne à tradição épica: por um lado, Heródoto busca aproximar-se, e mesmo rivalizar com ela; por outro, procura um caminho de ruptura. Rosalind Thomas (2002:249-69) também percebe traços de confluência e de ruptura com esta forma de representação e apresentação do passado, e nota igualmente na obra herodotiana um elogio à tradição épica; mas, para além da evocação da épica, uma valorização do novo, das novas formas de representação e de saber. Na mesma esteira, Bakker, assim, considera a tradução de '*apódexis*' como 'publicação' algo anacrônico, pois não captura a realidade da recepção da '*historíe*' de Heródoto por seu público original. Tratar-se-ia, de acordo com a leitura de Thomas (2002: 257-60), de uma pré-publicação de um '*work in progress*'[7] sob a forma de leituras que refazem o conteúdo do discurso a cada circunstância de apresentação.

Rosalind Thomas (2002: *passim*) situa o trabalho de Heródoto no universo do 'antigo discurso científico', conforme é evidenciado pela introdução de alguns tratados hipocráticos. A apresentação oral busca a recepção de novas idéias por parte de uma audiência variada, que ouve também discursos, *lógoi* variados, por que não dizer, selecionados ao gosto das circunstâncias. Estamos, em certa medida, no campo da *epídeixis* retórica, da 'exibição', se considerarmos a leitura pública, a performance

[7] Cf. também James Evans (1991:89-146)

do texto das *Histórias*. Tratar-se-ia de uma apresentação de erudição e conhecimento que pode ser feita através de uma apresentação oral. As palavras finais de Rosalind Thomas (2000:269) em seu estudo acerca do caráter da *apódexis* na obra de Heródoto parecem elucidativas no que tange a essa questão:

> O proêmio e os capítulos iniciais parecem, então, apresentar muito deliberadamente o fundo homérico e mítico, somente para revesti-los com uma nova linguagem de pesquisa científica e investigação intelectual - *historíe, apódexis* e a linguagem do conhecimento (...). A combinação, então, nas *Histórias* de Heródoto, de precedentes e da influência homérica identificáveis, e a recente linguagem da 'investigação contemporânea', poderiam implicar, longe de diminuir a importância de ambos, uma característica bem específica de um período no qual os poetas passam a ceder espaço, como mestres fundamentais, a uma nova geração de especialistas, pseudo-especialistas, persuasores, e da exposição da composição em prosa para performance.

De fato, as cinco primeiras linhas de abertura das *Histórias*, que se convencionou chamar de 'proêmio', refletem mais claramente uma axiologia épica, enquanto os cinco capítulos iniciais, ao mesmo tempo que evocam os discursos da épica, também apresentam uma similaridade temática, retórica e verbal com escritos sofísticos, mais precisamente com o *Elogio de Helena* de Górgias, como demonstrou Hayden Pellicia (2009 [1992]:63-84), que também mostra a influência gorgiana no discurso do Sólon herodotiano (I.32,5-6), repleto de poliptotos, isocólones e repetições de prefixos antitéticos[8]. Discordando de Race, que reconhece

[8] πολλοὶ μὲν γὰρ ζά*πλουτ*οι ἀνθρώπων **ἀν***όλβ*ιοί εἰσι, πολλοὶ δὲ μετρίως ἔχοντες βίου **εὐ***τυχ*έες. ὁ μὲν δὴ *μέγ*α *πλού*σιος, **ἄν***ολβ*ος δέ, δυοῖσι προέχει τοῦ **εὐ***τυχ*έος μοῦνον, οὗτος δὲ τοῦ *πλου*σίου καὶ **ἀν***όλβ*ου πολλοῖσι· ὁ μὲν ἐπιθυμίην ἐκτελέσαι καὶ ἄτην *μεγ*άλην προσπεσοῦσαν ἐνεῖκαι *δυν*ατώτερος, ὁ δὲ τοισίδε προέχει ἐκείνου· ἄτην μὲν καὶ ἐπιθυμίην οὐκ ὁμοίως *δυν*ατὸς ἐκείνῳ ἐνεῖκαι, ταῦτα δὲ ἡ **εὐ***τυχ*ίη οἱ ἀπερύκει, **ἄ**πηρος δέ ἐστι, **ἄν**ουσος, **ἀ**παθὴς κακῶν, **εὔ**παις, **εὐ**ειδής. (Negrito para prefixos, grifo para repetições inteiras de palavras, itálico para elementos que se repetem são marcas de Pellicia). 'Dentre os homens, muitos plenamente ricos são infaustos, enquanto muitos, possuidores de poucos recursos, são afortunados. O homem de grandes riquezas, mas infausto, supera o afortunado somente em duas coisas, mas este supera o rico e o infausto em muito. Um tem mais capacidade de satisfazer o desejo e de suportar uma grande desgraça que lhe

nos capítulos iniciais das *Histórias* uma estrutura em priamel semelhante à encontrada em Safo, no fr.16 L-P[9], Pellicia os entende como um expediente retórico por ele denominado '*false-start recusatio*', no qual uma história, com suas versões, é introduzida, desenvolvida e, ao fim, abandonada em função de outra abordagem. Assim, de acordo com a leitura de Pellicia, algumas passagens do texto de Heródoto estariam bem próximas de discursos que constituíam verdadeiros exercícios retóricos, apresentados sob a forma de *epideíxeis*.

A fim de examinar em que medida a abertura das *Histórias* dialoga com outras formas de introdução da poesia e da historiografia, seja em um gesto de continuidade ou de ruptura, proponho, no segundo capítulo, o estudo de algumas formas proemiais da poesia de Homero, Hesíodo e Píndaro, bem como dos prólogos da prosa historiográfica de Hecateu, Tucídides e Antíoco. Busco também observar como os próprios antigos conceitualizavam o proêmio, através de definições de autores de tratados como Aristóteles, Quintiliano, Luciano de Samósata. Sigo de perto também o léxico de Hesíquio e a *Suda*. Como aporte metodológico, destaco os trabalhos de Lallot & Constantini (1987), Porciani (1997), Hartog (2001) e Murari Pires (2003); dos estudos específicos sobre o proêmio de Heródoto, destaco os trabalhos de Krischer (1965), Erbse (1995), Bakker (in VAN WEES 2002) e Węcowski (2004).

No terceiro capítulo, dedico-me ao estudo das ocorrências dos termos *apóde(i)xis* e *epíde(i)xis* na obra de Heródoto e também em outros discursos de prosa, mormente na historiografia de Tucídides e nos tratados hipocráticos *Da arte, Dos flatos* e *Da medicina antiga*, que constituem exemplos de prosa epidítica, na tentativa de constatar-lhes os matizes e significados, em seus graus de proximidade e

sobrevenha, mas o outro o supera no seguinte: não é capaz de suportar, de modo semelhante àquele, a desgraça e o desejo, mas a fortuna o afasta destas; não é estropiado, não é doente, não é passível de sofrer males, é bom pai, tem bela aparência. '

[9] o]ἰ μὲν ἰππήων στρότον οἰ δὲ πέσδων/ οἰ δὲ νάων φαῖσ' ἐπ[ὶ] γᾶν μέλαι[ν]αν/ ἔ]μμεναι κάλλιστον, ἔγω δὲ κῆν' ὄτ-/ τω τις ἔραται· 'Uns afirmam ser uma tropa de cavaleiros, outros, de infantaria/ outros ainda uma frota de navios/ o que há de mais belo sobre a negra terra, eu afirmo ser/ aquilo que se ama.

distanciamento. Observo as ocorrências dos verbos *apodeíknymi* e *epideíknymi*, em que medida são contrastantes. Utilizo os léxicos de Enoch Powell (1977) e de How & Wells (1962 [1912]), e os comentários dos livros I-IV de Asheri, Corcella e Lloyd (2007) para a análise das ocorrências em Heródoto especificamente, e os comentários de Hornblower (1991; 1996) para o texto de Tucídides. No que tange aos textos hipocráticos, apóio-me nas leituras de Jacques Jouanna. Examino ainda, à maneira de testemunho, alguns diálogos platônicos que buscam reproduzir o universo das *epideíxeis* sofísticas, a fim de reconhecer as características dessas práticas e perceber como delas se aproxima a *apódexis* herodotiana. Para o estudo das variações dos conceitos de *apódeixis* e *epídeixis,* observo os respectivos verbetes na *Suda*, em duas edições da *Paulys Realencyclopäedie der classichen Alterstumswissenchaft* (1844 e 1907), na *Brill's New Pauly* (2010) e no *Lexicon Historiographicum Graecum et Latinum* (2007). Destaco ainda que os trabalhos de Burguess (1902), Nagy (1987; 1990) e Thomas (2002) suscitaram importantes questionamentos para esse estudo.

No quarto capítulo, proponho a observação da *apódexis* herodotiana como um ato de fala performativo, considerando sobretudo a perspectiva das apresentações orais do texto das *Histórias* e mesmo de sua composição. A partir do texto *Heródoto ou Écion,* de Luciano de Samósata, teço considerações sobre possíveis públicos e ocasiões de apresentação das narrativas de Heródoto. Luciano, é claro, não nos serve de testemunho sobre Heródoto diretamente, mas nos vale como testemunho de uma tradição que inseria o Historiador em uma prática corrente de apresentações públicas. Fundamento-me no conceito de performativo desenvolvido por John Langshaw Austin (1962) e em alguns dos estudos sobre gênero e performance de Richard Bauman (2004) e Paul Zumthor (2007). Sobre as leituras públicas do texto de Heródoto, destaco os estudos de Momigliano (1978), Johnson (1994) e Stadter (1997).

Por fim, esta tese traz um anexo com o restante do *corpus* traduzido, a saber, as ocorrências de *apodeíknymi*, e seus respectivos contextos, nas *Histórias.* Embora

não tenham sido utilizadas como *exempla* no capítulo em que me dedico exclusivamente ao estudo da *apódexis* em Heródoto, essas ocorrências foram observadas e os contextos em que se inseriam foram traduzidos. Para a tradução tomei como base a edição de Ph-E Legrand, cotejada com as de Hude (livros I-IV), de Stein (texto base da tradução de Godley) e a de Berenguer Amenós (livro I).

Em todo esse percurso de ideias e páginas, procuro apresentar uma interpretação da ἀπόδεξις herodotiana sob a égide da performance e do discurso performativo. Tentando responder questões como 'seria a ἀπόδε(ι)ξις, ao tempo de Heródoto, um tipo de performance, um gênero, uma demonstração respaldada ou autorizada ou nenhuma dessas coisas, ou todas elas?', a resposta que defendo – desde o título desta Tese – é a de que a ἀπόδειξις (ao menos a herodotiana) é um modo de dizer que envolve fatores que incluem e pressupõem a articulação entre a performance - determinada também pela circunstância – e a audiência, numa interação sem a qual Calíope não teria dividido suas glórias com Clio.

2. Dos prólogos e proêmios

Muitos estudiosos da obra de Heródoto comparam a abertura das *Histórias* aos proêmios da épica homérica[10], com o objetivo de sugerir um diferencial entre o discurso historiográfico e o discurso épico, de buscar entre eles traços hereditários e ressaltar-lhes as respectivas peculiaridades. Nos proêmios historiográficos, não só é apresentada a matéria da narrativa, como também é definido o gênero no qual essa narrativa se inscreve, dando-se a conhecer ao ouvinte ou ao leitor o tema e o modo como se vai tratá-lo, ainda que isso não implique numa descrição da proposta metodológica. Conforme assinala Jacyntho Lins Brandão em seu estudo introdutório ao tratado luciânico *Como se deve escrever a história* (2009:217), os proêmios historiográficos costumam trazer, à guisa de 'título' e prefácio, um texto no qual é apresentado o nome do autor em terceira pessoa, a definição do assunto a ser exposto, sua intenção e finalidade. Como também sublinha Claude Calame (2004:20), esses 'breves prelúdios programáticos' das obras dos historiadores, ou de 'historiopoetas', do século V, substituem o apelo à instância inspiradora de origem divina, as 'invocações às Musas' por uma postura de afirmação do autor diante de sua obra.

Sobre a funcionalidade dos prefácios historiográficos, François Hartog (2001:11) destaca a argumentação feita em prol da importância da temática da narrativa e o posicionamento do autor contra "aqueles, predecessores ou não, que manifestaram ignorância, não recorreram à experiência, ou, muito simplesmente, mentiram". Assim, tais prefácios dariam conta de um projeto autoral, no qual se demarca, salvo alguns casos, um contraste entre conteúdos e formas de apresentação, e, sobretudo, onde se tenta estabelecer fronteiras entre o que é herdado de outros discursos e o que imprime um caráter inaugural da narrativa. À maneira de ilustração, pode-se contrastar o objeto de Heródoto, "os feitos" e "as grandes e

[10] Krischer (1965); Nagy (1987; 1990); Bakker (2002); De Jong (2004); Thomas (2002); Hartog (2000); Bouvier (2008); Woodman (1998); Race (1992).

maravilhosas" obras dos homens e a etiologia da "guerra entre gregos e bárbaros" e aquele de Tucídides, "a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros". Quanto aos seus modos de apresentação, pode-se contrastar a *apódexis* herodotiana com a *xyngraphé* de Tucídides.

As motivações do relato e seus propósitos também, muitas vezes, são expostos nos proêmios, cuja extensão, no conjunto da composição, é estabelecida diversamente pelos estudiosos. François Hartog (2001: 43-47), por exemplo, considera "prefácio" das *Histórias* não somente as linhas 1-5 da abertura do livro I, mas também os cinco primeiros capítulos da obra. Legrand (1946:9) propõe uma divisão do "preâmbulo" em duas partes: a primeira, na qual Heródoto apresenta o programa de sua obra (linhas 1-5); a segunda, na qual dá início à explicação sobre as motivações dos conflitos, apresentadas a partir da ótica dos persas e dos fenícios (capítulos I-V). David Asheri (2007:72), em seu comentário ao livro I, considera proêmio, em sentido estrito, somente a sentença de abertura (linhas 1-5), mas em sentido mais extenso também os capítulos I a V. A extensão do proêmio até os cinco primeiros capítulos das *Histórias* pode ser explicada pelo fato de, somente ao final do quinto, Heródoto afirmar de que ponto iniciará seu relato, conjugando nesse dito, uma arqueologia e uma etiologia das guerras. Também ao final do quinto capítulo das *Histórias*, o Historiador nos diz algo que se poderia interpretar como seu entendimento do mecanismo da História: certo de que a felicidade humana nunca permanece em um mesmo ponto, tratará das pequenas e das grandes cidades dos homens. De modo circular, Heródoto, ao fim do capítulo V, retoma e acresce o dito inicial da "primeira parte", como quer Legrand, ou do proêmio "em sentido estrito", segundo Asheri. Immerwahr (1986 [1966]: 17) também recorta assim o proêmio, dividindo-o em três partes: 1) sentença introdutória com nome do autor e definição do conteúdo da obra; 2) relatos dos persas e fenícios reportados por Heródoto, com as origens míticas da hostilidade entre gregos e bárbaros; 3) afirmativas de Heródoto sobre o motivo da guerra e o reinado de Creso como ponto de partida de sua obra. Jacoby (*apud* Krischer 1965:159), no verbete sobre Heródoto da *RE* Suppl.2 cols.

207-9, 1913, considera o relato do rapto das mulheres como primeiro "*exkurs*", primeira digressão das *Histórias* e propõe uma divisão do proêmio em duas partes: uma, preliminar, onde se atesta o interesse geral da obra; outra, que figura como digressão.

Marek Węcowski (2004:149ss) propõe outra interpretação para os capítulos 1-5 do livro I das *Histórias*, entendendo-os como um *divertimento*, uma composição lúdica, na qual as versões persas e fenícias sobre os raptos, como *aitíe* das guerras, seriam uma demonstração da competência do autor, uma espécie de convite sedutor a uma audiência tão familiarizada com narrativas míticas, ou ainda uma paródia das *epideíxeis* sofísticas que tematizavam episódios da mitologia. Heródoto, nessa explicação preliminar dos motivos das guerras, sutilmente teceria uma crítica à 'pseudo-causalidade' épica, ou mesmo aos prosadores de seu tempo, segundo Węcowski. E, de fato, penso que ao afirmar logo adiante (I.5.9-18) que prosseguirá seu relato a partir daquele que ele sabia ter sido o primeiro a cometer atos injustos contra os gregos, Heródoto passa a atribuir a responsabilidade pelas hostilidades a Creso, rei da Lídia, personagem do primeiro *lógos* das *Histórias* (I, 6-94). Em I,5,9-10, pela primeira vez o Historiador refere-se si próprio em primeira pessoa. A forma pronominal ἐγώ surge em posição contrastiva com Πέρσαι τε καὶ Φοίνικες, sujeitos da oração anterior (o contraponto é marcado em uma cláusula por μέν; na outra, por δέ). Tal posicionamento é reafirmado de modo bastante evidente, ou ainda declaradamente manifesto, no livro III, 122, 10, onde o Historiador opta por tratar em seu relato daquilo que é relativo à 'idade dos homens':

> II, 122, 7-12. Πολυκράτης γάρ ἐστι πρῶτος τῶν ἡμεῖς ἴδμεν Ἑλλήνων ὃς θαλασσοκρατέειν ἐπενοήθη, πάρεξ Μίνω τε τοῦ Κνωσσίου καὶ εἰ δή τις ἄλλος πρότερος τούτου ἦρξε τῆς θαλάσσης· τῆς δὲ ἀνθρωπηίης λεγομένης γενεῆς Πολυκράτης πρῶτος, ἐλπίδας πολλὰς ἔχων Ἰωνίης τε καὶ νήσων ἄρξειν.
>
> Polícrates foi o primeiro dentre os gregos, que nós sabemos, que sonhou em dominar o mar, à exceção de Minos de Cnossos e se algum

> outro antes dele dominou o mar; da chamada raça dos homens, Polícrates foi primeiro a ter muitas esperanças de governar a Jônia e as ilhas.

Tal escolha pelo relato que tenha por referência a 'raça dos homens' pode ser notada também em VII, 20, onde Heródoto opõe a expedição de Xerxes à de Agamêmnon, contrastando aquilo que se sabe, de fato, de uma (ἡμεῖς ἴδμεν) e aquilo que se diz de outra (κατὰ τὰ λεγόμενα)[11].

Os termos 'proêmio', 'prólogo' e 'prefácio' guardam uma relação de sinonímia no que tange ao caráter introdutório de um discurso. No entanto, ao adotar-se a terminologia 'prólogo' ou 'prefácio' no caso dos discursos historiográficos, parece deliberado o intuito de diferenciar um tipo de introdução dos demais denominados pelo termo προοίμιον, que foi assumindo ao longo dos tempos sentidos diversos, em distintos gêneros discursivos e poéticos da literatura grega. Segundo Lallot e Constantini (1987:13ss.), προοίμιον designaria, num primeiro momento, o hino preliminar (cf. Chantraine, p.783 πρὸ οἴμης ou πρὸ οἴμηου 'o que se encontra antes do desenrolar do poema, 'prelúdio'[12]) cantado como introdução aos poemas épicos nos festivais ou *agônes* rapsódicos. Nesse sentido, a tradição considera os Hinos Homéricos como performances de proêmios, introdutórios do recital para uma audiência, conforme se pode depreender do que diz Tucídides (III, 104, 3-4) acerca das festividades atenienses em honra a Apolo Délio ao fazer referência ao Hino a Apolo homérico (δηλοῖ δὲ μάλιστα Ὅμηρος

---

[11] VII, 20. Ἀπὸ γὰρ Αἰγύπτου ἁλώσιος ἐπὶ μὲν τέσσερα ἔτεα πλήρεα παραρτέετο στρατιήν τε καὶ τὰ πρόσφορα τῇ στρατιῇ, πέμπτῳ δὲ ἔτεϊ ἀνομένῳ ἐστρατηλάτεε χειρὶ μεγάλῃ πλήθεος. Στόλων γὰρ τῶν ἡμεῖς ἴδμεν πολλῷ δὴ μέγιστος οὗτος ἐγένετο, ὥστε μήτε τὸν Δαρείου τὸν ἐπὶ Σκύθας παρὰ τοῦτον μηδένα φαίνεσθαι μήτε τῶν Σκυθέων ὅτε Σκύθαι Κιμμερίους διώκοντες ἐς τὴν Μηδικὴν χώρην ἐσβαλόντες σχεδὸν πάντα τὰ ἄνω τῆς Ἀσίης καταστρεψάμενοι ἐνέμοντο, τῶν εἵνεκεν ὕστερον Δαρεῖος ἐτιμωρέετο, μήτε κατὰ τὰ λεγόμενα τὸν Ἀτρειδέων ἐς Ἴλιον μήτε τὸν Μυσῶν τε καὶ Τευκρῶν τὸν πρὸ τῶν Τρωικῶν γενόμενον, (Desde a tomada do Egito, por quatro anos inteiros preparou o exército e as coisas que lhe eram necessárias, e, no decorrer do quinto ano, comandou a tropa com punho forte. Esta foi, em muito, a maior das expedições que nós sabemos, de modo que a expedição de Dario contra os citas parece nada ao lado desta; nem a dos citas, quando, perseguindo os cimérios, após tomar o território medo, ocuparam, tendo saqueado quase tudo da alta Ásia, por causa deles, Dario posteriormente se vingou; nem, segundo o que foi dito, a expedição do Atrida contra Troia, nem a dos mísios e dos teucros que ocorreu antes dos troianos,).

[12] 'ce qui se trouve avant le dévelopement du poéme, prélude'.

ὅτι τοιαῦτα ἦν ἐν τοῖς ἔπεσι τοῖσδε, ἅ ἐστιν ἐκ προοιμίου Ἀπόλλωνος· Homero deixa bem claro que eram assim, nos seguintes versos, que pertencem ao proêmio do Hino a Apolo:).

Se nos deixarmos guiar pela perspectiva de Pseudo-Plutarco no *De musica*, podemos pensar nos proêmios como uma sorte de gênero na tradição citaródica grega. Em 1132D10, Ps-Plutarco afirma que Terpandro compôs proêmios citaródicos em versos épicos (πεποίηται δὲ τῷ Τερπάνδρῳ καὶ προοίμια κιθαρῳδικὰ ἐν ἔπεσιν) e, em 1133C, que, após terem rendido aos deuses as devidas honras como queriam, os citaredos passavam ao poema de Homero e de outros poetas, como o evidenciam os proêmios de Terpandro (τὰ γὰρ πρὸς τοὺς θεοὺς ὡς βούλονται ἀφοσιωσάμενοι, ἐξέβαινον εὐθὺς ἐπί τε τὴν Ὁμήρου καὶ τῶν ἄλλων ποίησιν. δῆλον δὲ τοῦτ' ἐστὶ διὰ τῶν Τερπάνδρου προοιμίων)[13].

Por extensão da noção primeira de 'prelúdio funcional' (cf. Nagy, 1990: 354), προοίμιον viria a designar também o 'prólogo', ou o 'exórdio' de um discurso. Assim, Aristóteles, na *Retórica*, ao dispor sobre as partes constitutivas do discurso, em 1414b (14) define προοίμιον como princípio do discurso[14], correspondente ao prólogo na poesia e ao prelúdio na aulética, sendo este idêntico ao proêmio do gênero epidítico (τὸ μὲν οὖν προαύλιον ὅμοιον τῷ τῶν ἐπιδεικτικῶν προοιμίῳ·). Mais adiante, em 1415a5, o Estagirita acrescenta que os proêmios dos discursos epidíticos provêm do louvor, da censura, do conselho, da dissuasão, do que é referente à audiência. Pseudo-Plutarco, em *De Homero 2* (*Vitae Homeri*) 2005-8, nos diz: ἀεὶ τοίνυν χρωμένων τῶν ῥητόρων πάντων τοῖς προοιμίοις ὑπὲρ τοῦ προσεκτικώτερον ἢ εὐνούστερον ποιεῖν τὸν ἀκροατήν, αὐτὸς μὲν ὁ ποιητὴς κέχρηται προοιμίοις τοῖς μάλιστα κινῆσαι καὶ ἐπαγαγέσθαι πρὸς τὴν ἀκρόασιν δυναμένοις (Então, todos os oradores sempre fazem uso dos proêmios a fim de tornar o ouvinte mais atento ou mais benevolente, e o próprio poeta faz uso dos

---

[13] Como ressalta Calame (2005:45), também Píndaro, na *Pítica* I, 4, refere-se à forma preludial do canto dos citaredos, e na *Pítica* VII,2, a uma forma mélica e coral. Também na *Nemeia* II, 1-3, tem-se referência ao prelúdio do canto dos homeridas, dos rapsodos.

[14] Também segundo o léxico de Hesíquio, π 3610.1<προοίμιον>· πρόλογος, ἀρχὴ παντὸς λόγου. proêmio: prólogo, princípio de todo discurso.

proêmios que podem estimular mais e levar à escuta). Também Quintiliano, em *Institutio Oratoria*, traça um paralelo entre proêmio e exórdio, considerando-os discursos introdutórios, à semelhança de Aristóteles na *Retórica*, 1415a12:

> O que se diz em latim *principium* ou *exordium*, com maior razão os gregos consideram que se deva nomear *prohoemium*, porque entre nós só significa início, mas eles mostram com bastante clareza que essa parte é a que precede o que se deve dizer. De fato, isso acontece porque οἴμη significa um canto, e os citaredos chamaram de proêmio aquelas breves palavras que entoam antes de começarem o legítimo certame, em razão de favor a ser obtido; os oradores também assinalam, com essa mesma denominação, o exórdio que antecede a preleção jurídica (causa) para falar antes ao ânimo conciliador dos juízes, ou, então, porque os gregos chamam também a via de οἶμος, tornou-se uma prática chamá-lo assim: certamente o proêmio é o que pode ser dito, junto ao juiz, antes que ele conheça a causa (ação jurídica), e caímos nos vícios nas escolas porque sempre usamos assim o exórdio, como se o juiz já conhecesse a causa (ação jurídica)[15]. (*Institutio Oratoria*, IV, I, 1-3)

Quintiliano, ao pensar a natureza do proêmio, busca-lhe indícios no termo e recorre, como lhe é peculiar, à etimologia, estabelecendo uma relação entre οἴμη e οἶμος para apontar duas possibilidades de emprego: uma na poesia; outra, na prosa oratória, respectivamente. Chantraine corrobora a perspectiva quintiliana, ao considerar a hipóstase de πρὸ οἴμης ou πρὸ οἴμου, e apontar uma provável proximidade semântica entre οἴμη e alguns empregos do substantivo οἶμος. Segundo Lallot e Constantini (1987:27), οἴμη, termo exclusivamente poético, designaria o canto como dom poético, atributo da Musa, ou ainda a criação manifesta desse dom (cf. *Odisséia*, VIII, 74, 481; XX,347), enquanto οἶμος, que

[15] Quod principium Latine uel exordium dicitur, maiore quadam ratione Graeci uidentur prohoemium nominasse, quia a nostris initium modo significatur, illi satis clare partem hanc esse ante ingressum rei de qua dicendum sit ostendunt. Nam siue propterea quod οἴμη cantus est et citharoedi pauca illa quae antequam legitimum certamen inchoent emerendi fauoris gratia canunt prohoemium cognominauerunt, oratores quoque ea quae prius quam causam exordiantur ad conciliandos sibi iudicum animos praelocuntur eadem appellatione signarunt, siue, quod οἶμον idem Graeci uiam appellant, id quod ante ingressum rei ponitur sic uocare est institutum: certe prohoemium est quod apud iudicem dici prius quam causam cognouerit possit, uitioseque in scholis facimus quod exordio semper sic utimur quasi causam iudex iam nouerit.

significa geralmente 'caminho', pode ser empregado em sentido metafórico para indicar o 'caminho do canto, do poema' (cf. οἶμος ἀοιδῆς, Hino homérico a Hermes, v.451; ἐπέων οἶμον, Píndaro, *Ol.,* VII, 47). Aristóteles, em sua *Retórica* 1414b19-21, parece fazer também referência a essa dupla etimologia quando afirma que "o proêmio é o princípio do discurso, o que na poesia é prólogo e na ação de tocar *aulo* é prelúdio. Todos eles são princípios, e como que abertura de um caminho para o que vem a seguir" (Τὸ μὲν οὖν προοίμιόν ἐστιν ἀρχὴ λόγου, ὅπερ ἐν ποιήσει πρόλογος καὶ ἐν αὐλήσει προαύλιον· πάντα γὰρ ἀρχαὶ ταῦτ' εἰσί, καὶ οἷον ὁδοποίησις τῷ ἐπιόντι.) Aristóteles compara então o proêmio a uma ὁδοποίησις. De modo semelhante, na *Rhetorica Anonyma*, VII, 54, 1-3, a etimologia de proêmio é associada à noção de 'caminho' ('diz-se que proêmio é o que é colocado antes do discurso; οἶμος é o caminho', λέγεται δὲ προοίμιον τὸ προτιθέμενον τοῦ λόγου· οἶμος γάρ ἐστιν ἡ ὁδός·).

Luciano de Samósata, em seu tratado *Como se deve escrever a história*[16], preceitua que através do proêmio deve-se buscar obter a atenção e o interesse dos

[16] É de Luciano de Samósata a única obra antiga sobrevivente que se ocupa integralmente da historiografia sob o viés teórico: o tratado *Como se deve escrever a história*, vindo à luz em 165 d. C. Ainda que Luciano seja lido, em certa medida, como um '*clássico* controvertido', conforme sentenciou Jacyntho Lins Brandão (2001:12), seu tratado sobre a história constitui uma vívida crítica à produção historiográfica de sua época e também à de um passado que figurava como modelo de escrita da História. O tratado *Como se deve escrever a história* se inicia com uma anedota de um certo humor ácido, tão próprio da pena de Luciano: no tempo do rei Lisímaco, o povo de Abdera, vitimado por uma epidemia (*nósema*) que tem, dentre outros sintomas, uma violenta febre, sai às ruas gritando iambos e cantando versos da tragédia Andrômeda, de Eurípides, crendo estar representando tragédias. Luciano então prossegue, dizendo que, à semelhança do ocorrido com os abderitas, também um *páthos* havia acometido os homens de seu tempo: "desde que a situação atual se apresentou – a guerra contra os bárbaros, o desastre na Armênia e as contínuas vitórias – não há quem não escreva história; ainda mais para nós todos são uns Tucídides, uns Heródotos e uns Xenofontes, e, ao que parece, é verdadeiro aquele (dito) 'a guerra é o pai de todas as coisas', visto que (isso) de uma só vez fez surgir tais historiadores". Assim, Luciano reconhece o '*páthos*' dos homens de seu tempo: escrever e recitar narrativas sobre a guerra contra a Pártia, como se história estivessem fazendo. *Como se deve escrever a história* é um exercício de crítica à forma e à finalidade da escrita historiográfica. O autor dedica 19 de seus 63 parágrafos à crítica aos maus historiadores (14-32) e 27 aos preceitos sobre a História (34-60). No último parágrafo de seu tratado, Luciano afirma: Χρὴ τοίνυν καὶ τὴν ἱστορίαν οὕτω γράφεσθαι σὺν τῷ ἀληθεῖ μᾶλλον πρὸς τὴν μέλλουσαν ἐλπίδα ἤπερ σὺν κολακείᾳ πρὸς τὸ ἡδὺ τοῖς νῦν ἐπαινουμένοις. οὗτός σοι κανὼν καὶ στάθμη ἱστορίας δικαίας. (63) 'É preciso que também a História assim seja escrita, com a verdade, em função da esperança futura, mais do que com adulação, em função do prazer dos elogios do momento. Eis a regra e o prumo de uma história justa'. Luciano critica então aqueles que escrevem história com fins de adulação.

ouvintes, ao mostrar-lhes, logo de início, que o discurso tratará do que é grande, necessário, particular e útil (περὶ μεγάλων ἢ ἀναγκαίων ἢ οἰκείων ἢ χρησίμων, 53). E como exemplo desse tipo de proêmio, os modelos de Luciano são justamente Heródoto e Tucídides, em contraposição a "certos historiadores" que ele diz estar acostumado a ouvir. Desses συγγραφεῖς, Luciano destaca uma série de características negativas no que concerne à composição do proêmio, como sistematiza Jacyntho Lins Brandão (2009:218):

> Na relação de Luciano, os exemplos negativos incluem os seguintes erros: a) títulos pomposos, em descompasso com a simplicidade da obra; b) proêmios "brilhantes, trágicos e extensos até o exagero (...), mas o corpo da história (...) é minúsculo e vulgar"; c) proêmios que adotam procedimentos poéticos, como a invocação à Musa; d) proêmios argumentativos e silogísticos; e) auto-encomiásticos ou elogiosos à pátria, aos comandantes e contendo declarações do partido que toma o historiador ao escrever; f) finalmente, registra-se a existência de "textos acéfalos", ou seja, absolutamente sem nenhum proêmio.

Os proêmios, como prescreve Luciano, mais do que simples introdução, são determinantes para a construção de um todo orgânico, harmônico, da narrativa a ser apresentada a seguir. E mesmo que a obra possa dele prescindir, é preciso que se apresente um começo, uma ἀρχή, onde se esclareça o que se vai dizer (52). Luciano denomina essa espécie de 'começo' φροίμιον e no capítulo seguinte utiliza o verbo φροιμιάζειν ao retomar o caso de existência de proêmio na composição (53), e logo, no capítulo seguinte, menciona Heródoto e Tucídides como exemplos de historiadores que usaram o tipo de proêmio por ele prescrito. Em linhas gerais, parece haver aqui um jogo de palavras com as duas formas, προοίμιον e seu correspondente na forma contrata φροίμιον, para indicar que, na verdade, é necessário que exista um proêmio no discurso dos historiadores. O próprio Luciano

chama de σῶμα ἀκέφαλον o trabalho daqueles historiadores que, companheiros de Xenofonte, e à semelhança das primeiras linhas de sua *Anábase*, constroem obras ἀπροοιμίαστα.

O proêmio é então parte constituinte da poesia, da oratória e também da prosa historiográfica; nele são apontados ‘quem’ enuncia, ‘o quê’ se enuncia, e também fundamenta-se a motivação, define-se o tom do discurso. Com o tempo, ‘proêmio’ foi assumindo uma relação de estreita sinonímia com ‘prólogo’, como atestam os léxicos de Hesíquio e o de Fócio[17], como também a *Suda*[18]. No entanto, conforme ressaltam Lallot e Constantini (1987:19), o termo ‘prólogo’, pouco utilizado no séc. V, restringiu-se primeiramente ao vocabulário técnico do teatro[19], ao contrário de ‘proêmio’, que, assumindo contornos semânticos vários, se fazia presente em muitos discursos sobre a *tékhne* do discurso.

2.1. Os *prooimia* da poesia em Homero, Hesíodo e Píndaro

O termo proêmio remete-nos tanto à poesia quanto à prosa. Assim, torna-se necessária uma perspectiva de contraste entre esses dois tipos de proêmio, a fim de que possamos saber se é possível tratá-los como expressões distintas de um mesmo gênero ou, ao menos, de um mesmo hábito discursivo. Gregory Nagy, em seu *Pindar's Homer* (1990: *passim*), traça interessantes paralelos entre essas formas de apresentação, ressaltando-lhes peculiaridades, mostrando como elas se nos apresentam como ditos programáticos ao todo das obras.

Embora o termo ‘proêmio’ seja usado também como referência ao intróito dos poemas épicos, é preciso lembrar que o termo correspondente em grego não se

[17] <Προοίμιον>: πρόλογος. π, p. 456, l. 18.

[18] Προοίμιον: πρόλογος. (π. 2899).

[19] Cf. Aristófanes, *Rãs*, v, 1119-21: {EY.} Καὶ μὴν ἐπ' αὐτοὺς τοὺς προλόγους σοι τρέψομαι,/ ὅπως τὸ πρῶτον τῆς τραγῳδίας μέρος πρώτιστον αὐτοῦ βασανιῶ τοῦ δεξιοῦ. {Eurípides} Pois bem, voltarei aos teus prólogos [Ésquilo], / de modo que, primeiramente, examinarei a primeira parte da tragédia desse destro homem. Também Aristóteles, *Poética*, 1452b ἔστιν δὲ πρόλογος μὲν μέρος ὅλον τραγῳδίας τὸ πρὸ χοροῦ παρόδου. “Prólogo é uma parte completa da tragédia, que vem antes da entrada do coro”.

faz presente no texto homérico, e o nome proêmio lhe é dado por analogia e não por autodenominação. Não é o que acontece, por exemplo, com o epinício pindárico. Em algumas de suas odes, Píndaro anuncia o começo do canto como proêmio, nomeadamente. Na *Pítica* I, vv.3-4, lê-se:

πείθονται δ' ἀοιδοὶ σάμασιν
ἁγησιχόρων ὁπόταν προοιμίων
ἀμβολὰς[20] τεύχῃς ἐλελιζομένα.

e os aedos obedecem a teus sinais
sempre que, vibrando, crias as primeiras notas
dos proêmios que conduzem o coro.

Nesses versos, Píndaro nos diz que os aedos obedecem aos sinais da lira de ouro (χρυσέα φόρμιγξ), que preludia os proêmios. A 2ª pessoa invocada nos primeiros versos da ode pindárica é o instrumento musical do canto lírico, apanágio de Apolo e das Musas.

Na *Pítica* VII, a estrofe nos traz uma comparação digna de nota: a cidade de Atenas é apresentada à maneira de proêmio do canto; a partir dela são compostos os versos:

Κάλλιστον αἱ μεγαλοπόλιες Ἀθᾶναι
προοίμιον Ἀλκμανιδᾶν
εὐρυσθενεῖ γενεᾷ
κρηπῖδ' ἀοιδᾶν
4 ἵπποισι βαλέσθαι·

A grande cidade de Atenas é o mais belo
proêmio para lançar a base dos cantos
em honra à forte raça dos Alcmeônidas,
pela vitória na quadriga" (vv.1-4).

---

[20] ἀμβολά, *at.* ἀναβολή, é o prelúdio da lira, a nota introdutória do canto. Segundo o *Lexicon Pindaricum* de RUMPEL (1961): 'praeludia, h.e primi ad Carmen cantatum soni'. Tanto ἀναβολή quanto προοιμίων remeteriam à noção de 'princípio', estando aquele restrito à esfera da poesia lírica, aí incluídos os ditirambos, como refere Aristóteles, na *Retórica* 1409a25 ὥσπερ αἱ ἐν τοῖς διθυράμβοις ἀναβολαί, "como os prelúdios nos ditirambos". Sigo aqui a tradução proposta por Aimé Puech, a fim de demarcar uma diferença entre ambos.

Comparado o mais belo (κάλλιστον) proêmio a uma edificação, a ode, por meio de 'metáforas arquiteturais'[21], louva a grandeza dos feitos dos Alcmeônidas. Como nota Immerwahr (1960:273), a construção do templo em honra a Apolo em Delfos, é parte expressiva do κλέος atribuído aos Alcmeônidas, é a reafirmação de um dos καλὰ ἔργα monumentalizado pelo canto. Procedimento semelhante é utilizado por Píndaro também na *Olímpica* VI, na qual os primeiros versos do proêmio, como um símile visual, comparam o início da ode em honra a Agésias de Siracusa a um sólido pórtico:

στρ. α' Χρυσέας ὑποστάσαντες εὐ-
τειχεῖ προθύρῳ θαλάμου
κίονας ὡς ὅτε θαητὸν μέγαρον
πάξομεν· ἀρχομένου δ' ἔργου πρόσωπον
χρὴ θέμεν τηλαυγές. εἰ δ' εἴ-
η μὲν Ὀλυμπιονίκας,
βωμῷ τε μαντείῳ ταμίας Διὸς ἐν Πίσᾳ,
συνοικιστήρ τε τᾶν κλεινᾶν Συρακοσ-
σᾶν, τίνα κεν φύγοι ὕμνον
κεῖνος ἀνήρ, ἐπικύρσαις
ἀφθόνων ἀστῶν ἐν ἱμερταῖς ἀοιδαῖς;

Tendo colocado colunas de ouro
sob um sólido pórtico[22] da casa,
como quando um admirável palácio
erigimos; iniciada a obra deve-se
erguer-lhe uma fronte que ao longe resplandeça.
Se ele fosse vencedor em Olímpia,
e responsável pelo altar profético de Zeus em Pisa,
cofundador da ilustre Siracusa,

[21] Como se pode notar do uso do termo κρηπίς 'fundamento de uma construção', 'base, pedestal', no verso 3, por exemplo.

[22] Como afirma Race (1992:17): a metáfora do pórtico (πρόθυρον=προοίμιον), com suas colunas de ouro e as associações heróicas do termo μέγαρον, indicam que o poema promete um tratamento à altura de um personagem proeminente. Race destaca ainda a importância do termo τηλαυγές, que indica o começo do poema como a fachada de um palácio que resplandece ao longe, assim como os grandes feitos de Agésias de Siracusa.

que hino de louvor faltaria
a esse homem, que usufrui dos amáveis
cantos dos cidadãos sem inveja alguma?

Na *Nemeia* II, vv. 1-5, têm-se:

Ὅθεν περ καὶ Ὁμηρίδαι
ῥαπτῶν ἐπέων τὰ πόλλ' ἀοιδοί
ἄρχονται, Διὸς ἐκ προοι-
    μίου, καὶ ὅδ' ἀνήρ
καταβολὰν ἱερῶν ἀγώ-
    νων νικαφορίας δέδε-
    κται πρῶτον, Νεμεαίου
ἐν πολυϋμνήτῳ Διὸς ἄλσει.

De onde os Homeridas,
cantores de versos urdidos, muitas vezes
começam, do proêmio de Zeus; também este herói
recebeu pela primeira vez recompensa pela vitória nos jogos sagrados,
no bosque, de Zeus Nemeu, celebrado em muitos hinos.

Os primeiros versos dessa ode, em honra a Timodemo de Acarnes, nomeiam, como assinala Nagy (1990:356), o começo da composição como 'proêmio' da performance, à maneira de um prelúdio de uma performance aédica ou rapsódica, e seu verso final exorta os cidadãos a darem início ao canto com voz agradável (ἁδυμελεῖ δ' ἐξάρχετε φωνᾷ, v.25). A referência a um começo a partir do 'proêmio de Zeus', de onde (ὅθεν) partem os homeridas, enseja uma discussão sobre um possível lugar e uma possível função desses ditos 'proêmios' na tradição das performances de poesia. Sob esta ótica, pode-se pensar nos hinos homéricos como proêmios citaródicos[23] ou rapsódicos, propiciatórios aos *agônes* e cerimônias rituais.

De épocas diversas e extensão variada, os poemas hexamétricos que integram a coleção dos "hinos homéricos" constavam de um padrão de fórmulas iniciais[24] que

[23] Cf. De Hoz (1998:66).

[24] São freqüentes as formas de abertura: ἄρχομ' ἀείδειν (XIII; XVI; XXII; XVI; XXII; XXVIII; XI); nome da divindade em acusativo + ἀείδω (XVIII; XXVII; XII); nome da divindade em acusativo + epíteto + ἀείσομαι (X; XV; XXIII); nome da divindade + ὕμνει, na invocação à Musa (III; IX). Já as fórmulas de conclusão, como assinala Clay (1995), parecem marcar a transição para um canto futuro

constituiam o proêmio do que seria, provavelmente, em sua totalidade de versos, um próprio prelúdio da dança coral, do canto citaródico ou do canto épico. Assim, tais hinos, como afirma De Hoz (1998:64), não são proêmios de uma mesma espécie de canto, nem são apresentados em uma mesma ocasião. Sobre a ocasião de performance e a recepção desses poemas, Clay (1995:496) se interroga se os hinos mais longos não seriam uma expansão do que foram originalmente prelúdios que precediam a recitação épica ou se, ao contrário, os hinos curtos não seriam versões abreviadas para um determinado contexto de apresentação. Seja como for, é bastante plausível que o προοίμιον, em princípio um prelúdio para uma composição, possa ter dado origem ao proêmio, tal como o entendemos, conforme defende Clay (1995: *passim*).

Quintiliano, em *Institutio Oratoria*, ao fazer referência à tradição proemial, lega-nos um precioso testemunho que atribui a Homero a constituição de uma 'lei dos exórdios':

> A respeito desses costumes ou das paixões, não haverá ninguém tão ignorante a ponto de não reconhecer que esse autor os tenha em seu poder. Vejamos, pois: [Homero] com o começo da obra, tanto de um quanto de outro poema, em pouquíssimos versos não digo que observou, mas que constituiu uma lei dos proêmios? De fato, tornam o ouvinte benevolente pela invocação das deusas que este julga presidirem os vates, e o faz atento pela magnitude do tema e dócil pela brevidade de sua exposição[25].

(αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ' ἀοιδῆς 'e ainda eu lembrarei de ti e de um outro canto' / σεῦ δ' ἐγὼ ἀρξάμενος μεταβήσομαι ἄλλον ἐς ὕμνον 'e eu, tendo começado por ti, passarei a outro hino'/ αὐτὰρ ἐγὼν ὑμέων τε καὶ ἄλλης μνήσομ' ἀοιδῆς 'mas eu me lembrarei de vós e de outro canto').

[25] X, 1, 48. Adfectus quidem uel illos mites uel hos concitatos nemo erit tam indoctus qui non in sua potestate hunc auctorem habuisse fateatur. Age uero, non utriusque operis ingressu in paucissimis uersibus legem prohoemiorum non dico seruauit sed constituit? Nam et beniuolum auditorem inuocatione dearum quas praesidere uatibus creditum est et intentum proposita rerum magnitudine et docilem summa celeriter comprensa facit.

Os poemas homéricos, na percepção de Quintiliano, teriam fundamentado as bases de um modelo de proêmio narrativo. E, de fato, há no proêmio de Heródoto, como se verá mais adiante, elementos que permitem entrever a presença modelar do início da *Ilíada*, fazendo emergir quase espontaneamente uma perspectiva de ressonância que corrobora a ideia de que a épica é o referencial talvez maior ou primeiro do que se estabeleceu como uma regra das preleções orais, musicadas ou não, na Antiguidade. No proêmio da *Ilíada*, é determinado o motivo do canto e demarcado seu princípio. Assim, lê-se no proêmio:

Μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
οὐλομένην, ἣ μυρί' Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε,
πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν
ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἑλώρια τεῦχε κύνεσσιν
οἰωνοῖσί τε πᾶσι, Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή·
ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε
Ἀτρεΐδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.

Canta, ó Deusa, a cólera do Aquiles Pelida
funesta, que inúmeras dores trouxe aos aqueus,
e muitas almas valentes de heróis lançou
ao Hades, e tornou-os presas de cães e de aves
de rapina todos, cumpria-se o desígnio de Zeus;
desde que, primeiro, tendo entrado em dissensão
[separam-se os dois
o Atrida, rei dos homens, e o divo Aquiles.

A μῆνις οὐλομένη do herói Pelida é a matéria do canto épico, para o qual o aedo pede a intervenção da figura inspiradora da deusa. Como afirma Calame (2000:113), em toda a literatura arcaica, o enunciado da enunciação é caracterizado pela projeção do 'eu' narrador em uma instância superior, dotada de poder e saber poético, que opera como garantia da competência do poeta, que toma a voz da Musa como exercício de onisciência. Essa função autoral das Musas contribuiria assim para constituição da competência que o aedo busca no ato da performance, na

execução eficaz do poema diante de seu público. As circunstâncias de execução do poema e igualmente sua audiência são plurais, mas a cada momento de recitação a 'memória de uma temporalidade mítica' é atualizada (Pires, 2003:81), os *kléa* dos heróis são reafirmados e a tradição, quiçá a história dos antepassados, é revisitada. Os versos do proêmio, além de apresentarem a matéria do poema, a ira de um herói digno de ser cantado em função do lugar que ocupa no quadro social da aristocraria homérica, também dão a conhecer os desdobramentos da cólera funesta e onde repousa sua origem.

O porquê da dissensão entre Aquiles e Agamêmnon, atribuído em princípio a uma causalidade divina, é anunciado nos dois versos seguintes ao proêmio, que marcam o início da narrativa propriamente dita:

> Τίς τάρ σφωε θεῶν ἔριδι ξυνέηκε μάχεσθαι;
> Λητοῦς καὶ Διὸς υἱός· ... (*Il.*, I, vv.8-9)
>
> Qual dos deuses os levou a combater em discórdia?
> O filho de Letô e Zeus...

Mas uma causalidade divina é enunciada também no proêmio (Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή, "cumpria-se o desígnio de Zeus", v.5), ainda que não diga respeito à cólera, tema principal do poema, mas à posição que o divino ocupa face ao desequilíbrio ocasionado pela atitude de Agamêmnon contra o Pelida. O poder de intervenção do deus é evidenciado desde o proêmio, mas está longe de anular a responsabilidade humana. Philippe Rousseau (2001:152) considera o que se poderia chamar, penso eu, em certa medida, de 'horizonte de experiência' da audiência na interpretação do papel que ocupa esse 'desígnio de Zeus' na narrativa da μῆνις de Aquiles, ao formular que:

> Se o proêmio não define mais explicitamente o projeto divino, e se a proposição que nos detém se insere, como inciso, na frase que define o tema do canto da Musa, é porque pretende dizer mais que uma simples evocação do quadro lendário no qual se

> inscreve o episódio iliádico. Ela se volta, como o resto da frase onde a lemos, para o desenrolar do poema, que ela convida o auditório a ouvir corretamente. Seguramente seria falso pensar que ela formula uma espécie de explicação teológica geral, segundo a qual o curso dos acontecimentos obedeceria à vontade soberana do deus. Mas certamente é preciso tomá-la em sentido "aberto". O conteúdo dessa *boulé* não é enunciado de imediato pelo narrador. Seu conhecimento não é simplesmente pressuposto. Ela é reservada à reflexão do auditório, como um enigma que ele deve aprender a decifrar à medida que a narrativa avança. Pois é assim que ele poderia compreender de que modo a trama de Zeus, na *Ilíada*, conduz a idade dos heróis a seu desaparecimento[26].

A 'idade dos heróis' cantada na épica parece dar lugar, se pensarmos no prólogo historiográfico de Heródoto, a um 'tempo dos homens', marcado em alguma medida por intervenções da divindade, mas sobretudo construído por ações humanas, dignas de serem memorizadas, τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων e τὰ μὲν Ἕλλησιν τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα. Herdeiro de uma axiologia épica, Heródoto, nas suas *Histórias*, conjuga elementos presentes na épica homérica, tanto a *Ilíada* quanto a *Odisseia.* Se por um lado, o relato da guerra e dos feitos humanos nesta podem remontar ao discurso da *Ilíada*, por outro, a grandeza da ação humana, a viagem, o conhecimento dos *éthe* selvagens e civilizados, podem remontar à *Odisseia.* Ulisses, herói singular da *Odisseia*, é o homem que, à maneira de

[26] Si le proème ne définit pas plus explicitement le projet divin, et si la proposition qui nous arrête s'insère, comme en incise, dans la phrase qui définit le thème du chant de la Muse, c'est qu'elle vise à dire plus que le seul rappel du cadre légendaire dans lequel s'inscrit l'épisode iliadique. Elle est tournée, comme le reste de la phrase où nous la lisons, vers la suite du poème, qu'elle invite l'auditoire à entendre correctement. Il serait assurément faux de penser qu'elle formule une sorte d'explication théologique générale selon laquelle le cours des événements obéirait à la volonté souveraine du dieu. Mais il faut certainement lui prêter un sens "ouvert". Le contenu de cette *boulè* n'est pas énoncé d'entrée de jeu par le narrateur. Sa connaissance n'est pas non plus simplement présupposée. Elle est promise à la réflexion de l'auditoire, comme une énigme qu'il doit apprendre à déchiffrer à mesure que progresse le récit. Car c'est ainsi qu'il pourra comprendre de quelle manière l'intrigue de Zeus, dans l'*Iliade*, conduit l'âge des héros à sa disparition.

Heródoto de algum modo, 'de muitos homens viu cidades e o pensamento conheceu', como nos diz os versos que compõem o proêmio[27] do poema:

Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ
πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε·
πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω,
πολλὰ δ' ὅ γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμόν,
ἀρνύμενος ἥν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἑταίρων.
ἀλλ' οὐδ' ὧς ἑτάρους ἐρρύσατο, ἱέμενός περ·
αὐτῶν γὰρ σφετέρῃσιν ἀτασθαλίῃσιν ὄλοντο,
νήπιοι, οἳ κατὰ βοῦς Ὑπερίονος Ἠελίοιο
ἤσθιον· αὐτὰρ ὁ τοῖσιν ἀφείλετο νόστιμον ἦμαρ.
τῶν ἁμόθεν γε, θεά, θύγατερ Διός, εἰπὲ καὶ ἡμῖν.

Conta-me, Musa, o homem multiforme, que muitíssimo
vagou, depois que a sagrada cidade pilhou de Troia;
de muitos homens viu cidades e o pensamento conheceu,
muitas dores, no mar, sofreu, em seu coração
lutando por conservar sua vida e o retorno dos companheiros.
Mas nem assim os companheiros salvou, embora o desejasse;
por seus próprios desatinos pereceram,
néscios, que os bois do Sol Hiperiônio
comeram; ele privou-os do dia do retorno.
disso, de algum ponto, Deusa, filha de Zeus, conta-nos também.

Ver e conhecer são ações importantes no percurso do herói. Ulisses, que luta todo o tempo para não esquecer e concretizar seu *nóstos* e o dos companheiros, constrói uma história a partir de suas experiências, das cidades que vê, dos pensamentos humanos que passa a conhecer. O último porto de Ulisses, e precisamente aquele que lhe propicia o retorno certo, é a Esquéria, espaço do humano, de civilização, onde o herói, na condição de *hístor*, narra suas aventuras, conta o que viu e conheceu. As lágrimas de Ulisses fazem com que as palavras de Demódoco, o aedo que canta 'como se estivesse estado presente a tudo ou o tivesse

[27] Embora alguns estudiosos considerem como proêmio estendido também os versos 11-21 (Rüter e Basset, *apud.* Clay 1976: 314, n. 3), tomo aqui somente os versos 1-10.

ouvido de outro' (ὥς τέ που ἢ αὐτὸς παρεὼν ἢ ἄλλου ἀκούσας *Od.* VIII, 491), sejam substituídas pelo relato do herói em 1ª pessoa.

À diferença do aedo, porta-voz da palavra sagrada das Musas, Ulisses conta o que ele próprio experimentou e que o tornou *polýtropos*[28]. As viagens de Ulisses, ainda que involuntárias, propiciam-lhe um conhecimento do outro e também um reconhecimento de si e de sua condição humana[29]. Responsáveis pela atribuição do *kléos*, na *Odisseia*, Fêmio e Demódoco cantam os feitos de Troia, campo de façanhas heróicas dignas de serem memoradas, mas não são capazes de dizer sobre as inúmeras dores sofridas pelo herói em suas errâncias, em seu *nóstos polykedés*, seu retorno mui aflitivo (*Od.* IX, 37; XXIII, 351). Fêmio, no canto I, cessa o canto do *nóstos lygrós*, do triste retorno, dos aqueus a pedido de Penélope, que lhe solicita cantar os ἔργ' ἀνδρῶν τε θεῶν τε, τά τε κλείουσιν ἀοιδοί· "as gestas dos homens e dos deuses, que os aedos celebram" (v.338); Demódoco, no canto VIII, canta primeiramente os amores de Afrodite e Ares (vv.266-367) e, em seguida, o episódio do cavalo de madeira (499-520).

Como afirma François Hartog (2004:40), a "visão" dos aedos não alcança os espaços do não humano e do selvagem pelos quais vaga Ulisses. Espaço *akleés*, o mundo não humano faz do herói um homem *anónymos* (*Od.* VIII, 551), que só vem a recobrar sua identidade na corte feácia (*Od.* IX, 19-21). "Desse espaço de angústia e de esquecimento o único aedo é, afinal, Ulisses, que sempre se recorda: Alcínoo compara seu *mythos*, a narrativa de suas aventuras, ao canto verídico do

[28] No canto IX da *Iliada*, vê-se também Aquiles, o melhor dos aqueus, desempenhar, de algum modo, o papel de aedo quando, em sua tenda, com a lira obtida por prêmio pela tomada da cidade de Eécion, o herói eácida canta os *kléa andrôn* (v. 189. τῇ ὅ γε θυμὸν ἔτερπεν, ἄειδε δ' ἄρα κλέα ἀνδρῶν "com ela alegrava o coração, enquanto cantava as glórias dos homens"). Mas o poeta não especifica que *kléa* são cantados por Aquiles, se os feitos recentes dos heróis na guerra, se os feitos de Héracles na primeira tomada de Tróia (cf. *Il.* V,v.638ss.), se a gesta de outros heróis como os referidos por Peleu, no canto I (v.260ss.). Aquiles poderia aproximar-se do Ulisses da *Odisseia*, se canta os feitos que viu; ou dos aedos de Ítaca e da Feácia, que cantam o que sabem das Musas.

[29] Ainda que a contragosto, o herói da *Odisseia* é o primeiro viajante que observa costumes, como se pode depreender de sua narrativa acerca do território dos Ciclopes (*Od.* IX), por exemplo. Mas não é Ulisses o único viajante do poema de Homero. Telêmaco, ao contrário do pai, guiado pelo caminho traçado por Atena (βούλευε φρεσὶν ᾗσιν ὁδόν, τὴν πέφραδ' Ἀθήνη, 'queria em seu coração o caminho que Atena lhe indicara' *Od.*, I, v.444), viaja para saber do paradeiro do herói; Menelau narra sua trajetória por Chipre, pela Fenícia, pelo Egito, pela Líbia (*Od.*, IV, vv. 81-89).

aedo", como conclui Hartog. Ulisses, entretanto, não é exatamente aedo desse canto, mas seu próprio personagem e testemunha, que historia os mundos percorridos. Ao tomar o lugar de Demócodo, Ulisses faz calar a épica exclusivamente humana, ainda que heróica, para introduzir o elemento monstruoso, necessário para traçar fronteiras e limites que delinearão os contornos do próprio humano, condizente com uma épica que se inicia por *ándra*.

Retomando os proêmios da epopeia homérica, cabe observar mais atentamente suas estruturas enunciativas. Ambos os poemas iniciam-se por uma invocação à Deusa ou à Musa (θεά na *Ilíada* e Μοῦσα na *Odisseia*), gesto esse que se inscreve em uma tradição poética, não exclusivamente épica, como se pode notar, à maneira de exemplo, nos *Erga* hesiódico (Μοῦσαι Πιερίηθεν ἀοιδῇσι κλείουσαι, /δεῦτε Δί' ἐννέπετε, σφέτερον πατέρ' ὑμνείουσαι · Musas da Piéria que gloriais com cantos,/ vinde, dizei de Zeus, vosso pai celebrando em hinos). Na *Ilíada*, não há uma primeira pessoa nomeada no proêmio, destacando-se o próprio motivo do canto, a ira do Pelida. Na *Odisseia*, embora esteja em relevo o projeto da narrativa, no primeiro verso uma primeira pessoa é referida, precisamente aquela que apela à intervenção da Musa, marcada pelo pronome pessoal em dativo, μοι. Também o último verso desse proêmio pluraliza a primeira pessoa (...εἰπὲ καὶ ἡμῖν, logo após a cesura bucólica). Mas ainda na *Ilíada*, na dita segunda invocação, que introduz o catálogo das naus, vê-se um *eu* anunciar-se e também um *nós* opor-se a *vós*:

Ἔσπετε νῦν μοι Μοῦσαι Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι· [30]
ὑμεῖς γὰρ θεαί ἐστε πάρεστέ τε ἴστέ τε πάντα,
ἡμεῖς δὲ κλέος οἶον ἀκούομεν οὐδέ τι ἴδμεν·
οἵ τινες ἡγεμόνες Δαναῶν καὶ κοίρανοι ἦσαν·

[30] A fórmula "Ἔσπετε νῦν μοι Μοῦσαι Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι·" aparece em outros cantos na *Ilíada*, em contextos em que o poeta apela à figura da Musa, para narrar momentos primeiros de uma ação (em XI, 218, quem foi o primeiro dos troianos a enfrentar Agamêmnon; em XIV, 508, quem foi o primeiro dos aqueus a levar os despojos da batalha; em XVI, 112, como primeiro foi lançado o fogo contra as naus aqueias, respectivamente). Ao recorrer à intervenção divina para trazer à lembrança feitos mais remotos, o poeta reafirma a presença das Musas, filhas da Memória, na tessitura de seu canto, como forma de legitimá-lo.

πληθὺν δ' οὐκ ἂν ἐγὼ μυθήσομαι οὐδ' ὀνομήνω,
οὐδ' εἴ μοι δέκα μὲν γλῶσσαι, δέκα δὲ στόματ' εἶεν,
φωνὴ δ' ἄρρηκτος, χάλκεον δέ μοι ἦτορ ἐνείη,
εἰ μὴ Ὀλυμπιάδες Μοῦσαι Διὸς αἰγιόχοιο
θυγατέρες μνησαίαθ' ὅσοι ὑπὸ Ἴλιον ἦλθον·
ἀρχοὺς αὖ νηῶν ἐρέω νῆάς τε προπάσας.

Dizei-me agora, Musas que tendes Olímpia morada;
pois vós sois deusas, estais presentes e tudo sabeis,
mas nós somente a fama ouvimos, nada sabemos;
quem eram os chefes dos dânaos e seus comandantes.
a multidão **eu não poderia narrar nem nomear**,
nem se dez línguas e dez bocas tivesse,
voz inabalável, e de bronze coração em mim houvesse,
se as Musas Olímpias, de Zeus portador da égide
filhas, não lembrassem quantos foram a Troia;
dos chefes das naus **falarei** então e de todas as naus.

Nesses versos, as formas μυθήσομαι e ὀνομήνω trazem à tona uma primeira pessoa do singular, bem demarcada pelo pronome ἐγώ, um 'eu' que não sabe o quanto está presente. Esse ἐγώ, ainda que não seja capaz de operar por si mesmo tais ações de narrar e de nomear, como se depreende da negação que as precede, afirma uma presença tanto diegética – expressa pelo verbo μυθέομαι – quanto epidítica (de ordem descritiva e demonstrativa) – como se depreende a partir do uso do verbo ὀνομαίνω. Ambos os verbos são sintetizados pelo uso, no verso 493, de ἐρέω, também em primeira pessoa, que, por sua vez, indica o projeto de uma ação possível, ainda que condicionada à rememoração das Musas (εἰ μὴ Ὀλυμπιάδες Μοῦσαι ... /... μνησαίατο). O verbo ἐρέω, no excerto acima, sintetiza, pelo auxílio das Musas, a capacidade do poeta de cumprir o inviável: o catálogo que ali se inicia.

Os versos 486-7, a despeito das querelas filológicas que questionam sua datação, estabelecem um contraste interessante entre ὑμεῖς (vós) e ἡμεῖς (nós) – ambos espondeus iniciais de seus hexâmetros, com uma ressonância que evidencia o caráter antitético, marcado ainda pela partícula δέ. É possível pensar também no

contraste que esses versos criam entre o potencial de ação da figura divina e o limite da ação humana. Ἐγώ é um lugar, uma função que pode ser ocupada por quem quer que leve o canto à execução; ἡμεῖς, um possível identificador daquele que canta com a audiência que o ouve e também um distanciador desse aedo e seu público e as Musas. O primeiro pronome é sujeito dos verbos que indicam 'estar presente' (πάρεστε) a tudo e tudo 'saber' (ἴστε), e o segundo, dos verbos que expressam 'ouvir' (ἀκούομεν) e 'não saber' (οὐδέ τι ἴδμεν). Isso parece tanto referendar a idéia tão recorrente na literatura grega de que "os olhos são testemunhas melhores do que o ouvido" quanto estabelecer uma simetria dicotômica entre os μαρτύρια, que chegam pela audição – mas que podem ser enganosos – e os τεκμήρια, que se apresentam aos olhos pela presença física e que, a julgar pelo trecho acima, geram o saber. O poeta, contudo, - e aí vemos uma distância abissal entre Homero e Heródoto – pode transformar o que ouve em saber porque o ouve das Musas. Heródoto, não. E, por isso, precisa constituir uma certa categorização dual de saberes, em que uma certa ἐπιστήμη do olhar conviva com uma πίστις do ouvir.

O proêmio hesiódico da *Teogonia*, poema dotado de uma dicção homérica e repleto de estruturas formulares que remetem aos versos da épica, oferece um dado singular no que concerne a uma identificação 'autoral' na poesia arcaica. A nomeação de Hesíodo, nos versos iniciais do extenso proêmio (vv.1-115), surge *mutatis mutandis* à maneira de uma *sphragís*, de um selo, procedimento corrente na lírica posterior[31]. A *Teogonia* se inicia, de modo similar a alguns dos poemas da tradição hínica, como um 'hino às Musas', com o verso Μουσάων Ἑλικωνιάδων ἀρχώμεθ' ἀείδειν', "Comecemos a cantar as Musas Heliconíades" (v.1), e nos versos 22-23 o poeta aparece nomeado e como aprendiz das Musas, em um dado instante e lugar determinado:

[31] Como afirma Calame (2000:97-8), "essa emergência no enunciado da enunciação das condições extradiscursivas da comunicação prefigura o procedimento da *sphragís*, da "assinatura", frequente na poesia posterior. Doravante o locutor/narrador tem um nome e uma identidade biográfica: é Hesíodo".

αἵ νύ ποθ' Ἡσίοδον καλὴν ἐδίδαξαν ἀοιδήν,
ἄρνας ποιμαίνονθ' Ἑλικῶνος ὕπο ζαθέοιο,

Elas certa vez ensinaram a Hesíodo um belo canto,
quando apascentava ovelhas ao pé do divino Hélicon[32].

Nos versos seguintes do proêmio, há uma série de menções à atribuição de uma função por parte das Musas a Hesíodo, expressas pelas formas pronominais με/μοι. As Musas aqui falam diretamente ao poeta e lhe conferem um status diverso daquele dos demais pastores, 'oprobriosos, ventres somente':

τόνδε δέ με πρώτιστα θεαὶ πρὸς μῦθον ἔειπον
Μοῦσαι 'Ολυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο·
"ποιμένες ἄγραυλοι, κάκ' ἐλέγχεα, γαστέρες οἶον,
ἴδμεν ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα,
ἴδμεν δ' εὖτ' ἐθέλωμεν ἀληθέα γηρύσασθαι."
ὣς ἔφασαν κοῦραι μεγάλου Διὸς ἀρτιέπειαι,
καί μοι σκῆπτρον ἔδον δάφνης ἐριθηλέος ὄζον
δρέψασαι, θηητόν· ἐνέπνευσαν δέ μοι αὐδὴν
θέσπιν, ἵνα κλείοιμι τά τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα,
καί μ' ἐκέλονθ' ὑμνεῖν μακάρων γένος αἰὲν ἐόντων,
σφᾶς δ' αὐτὰς πρῶτόν τε καὶ ὕστατον αἰὲν ἀείδειν.

tal palavra primeiramente disseram-**me**
as Musas Olímpicas, filhas de Zeus portador da égide:
"pastores dos campos, triste opróbrio, ventres somente,
sabemos dizer muitas mentiras semelhantes a realidades,
mas sabemos , se quisermos, dar a ouvir verdades"
Assim disseram as donzelas do grande Zeus
e deram-**me** como cetro um ramo de florescente loureiro
que colheram, admirável; e sopraram-**me** voz
inspirada, para que eu glorie o futuro e o passado,
e ordenaram-**me** celebrar em hinos a raça dos sempre

[32] Cf. também *Erga*, v. 662: Μοῦσαι γάρ μ' ἐδίδαξαν ἀθέσφατον ὕμνον ἀείδειν "pois as Musas ensinaram-me a cantar um inefável hino". Como assinala West em seu comentário à obra (1996:321), o termo ὕμνον não tem ainda o sentido especializado de 'hino', mas pode ser usado de modo análogo na poesia narrativa e didática.

[bem-aventurados,
e a elas próprias, no princípio e no fim, sempre cantar.

Hesíodo se apresenta nesses versos como tributário das Musas, como pessoa à qual elas ordenam a conservação dos *kléa* do futuro e do passado e o canto constante em sua honra[33]. Responsável pela execução do canto laudatório, o referido *eu* hesiódico passa a entoar, senão retoma, o hino às Musas (τύνη, Μουσάων ἀρχώμεθα, ταὶ Διὶ πατρὶ /ὑμνεῦσαι ... "eia! comecemos pelas Musas, as que a Zeus pai entoam hinos...", v.36-7). Também nos *Erga*[34], há alusão à função poética atribuída pelas Musas:

οὐ γάρ πώ ποτε νηὶ [γ'] ἐπέπλων εὐρέα πόντον,
εἰ μὴ ἐς Εὔβοιαν ἐξ Αὐλίδος, ᾗ ποτ' Ἀχαιοὶ
μείναντες χειμῶνα πολὺν σὺν λαὸν ἄγειραν
Ἑλλάδος ἐξ ἱερῆς Τροίην ἐς καλλιγύναικα.
ἔνθα δ' ἐγὼν ἐπ' ἄεθλα δαΐφρονος Ἀμφιδάμαντος
Χαλκίδα [τ'] εἰσεπέρησα· τὰ δὲ προπεφραδμένα πολλὰ
ἄεθλ' ἔθεσαν παῖδες μεγαλήτορες· ἔνθα μέ φημι

[33] Nos versos 93-103, Hesíodo ainda nos diz sobre a relação entre Musa e aedo: τοίη Μουσάων ἱερὴ δόσις ἀνθρώποισιν./ ἐκ γάρ τοι Μουσέων καὶ ἑκηβόλου Ἀπόλλωνος/ ἄνδρες ἀοιδοὶ ἔασιν ἐπὶ χθόνα καὶ κιθαρισταί, /ἐκ δὲ Διὸς βασιλῆες· ὁ δ' ὄλβιος, ὅντινα Μοῦσαι/ φίλωνται· γλυκερή οἱ ἀπὸ στόματος ῥέει αὐδή./ εἰ γάρ τις καὶ πένθος ἔχων νεοκηδέι θυμῷ/ ἄζηται κραδίην ἀκαχήμενος, αὐτὰρ ἀοιδὸς/ Μουσάων θεράπων κλεῖα προτέρων ἀνθρώπων/ ὑμνήσῃ μάκαράς τε θεοὺς οἳ Ὄλυμπον ἔχουσιν,/ αἶψ' ὅ γε δυσφροσυνέων ἐπιλήθεται οὐδέ τι κηδέων/ μέμνηται· ταχέως δὲ παρέτραπε δῶρα θεάων. "Este é o dom sagrado das Musas para os homens./ Pois das Musas e de Apolo, que lança ao longe/ surgem sobre a terra aedos e citaristas, / e de Zeus, os reis; e próspero é aquele que as Musas/ amam: doce, flui-lhe da boca a voz./ Pois se alguém, lutuoso no ânimo recém-dolente/ teme o coração, aflito, de pronto um aedo/ servo das Musas, as glórias dos primeiros homens/ celebram em hinos, e os deuses bem-aventurados que têm o Olímpo,/ logo das aflições ele esquece e de pesar algum/ se lembra; rápido o distraem os dons das deusas."

[34] Na primeira parte dos *Erga*, cada um dos *exempla* dirigidos a Perses, dito destinatário do poema, são introduzidos por versos nos quais se vê, em posições destacadas, o pronome ἐγώ e verbos em primeira pessoa. Assim: τύνη· ἐγὼ δέ κε Πέρσῃ ἐτήτυμα μυθησαίμην "eia! eu a Perses contarei o que há de fato" (v.1 introdutório à narrativa das duas *érides*), com o pronome antes da cesura triemímere e o verbo após cesura bucólica; Εἰ δ' ἐθέλεις, ἕτερόν τοι ἐγὼ λόγον ἐκκορυφώσω "se queres, a ti outra história exporei" (v.106 introdutório ao mito das cinco raças), com o pronome após a cesura trocaica e o verbo a partir da bucólica; Νῦν δ' αἶνον βασιλεῦσιν ἐρέω φρονέουσι καὶ αὐτοῖς· "Agora, direi aos reis uma fábula, mesmo sendo eles sábios" (v. 202 como intróito à fábula do gavião e do rouxinol), com o verbo na cesura trocaica; Σοὶ δ' ἐγὼ ἐσθλὰ νοέων ἐρέω, μέγα νήπιε Πέρση· "A ti, eu, tendo em mente boas coisas, falarei, Perses, grande tolo! (v.286 introdutório ao tema do trabalho), com o verbo na cesura pentemímere.

ὕμνῳ νικήσαντα φέρειν τρίποδ' ὠτώεντα.
τὸν μὲν ἐγὼ Μούσῃσ' Ἑλικωνιάδεσσ' ἀνέθηκα
ἔνθα με τὸ πρῶτον λιγυρῆς ἐπέβησαν ἀοιδῆς.

Jamais em uma nau naveguei pelo vasto mar,
se não para Eubéia, saído de Áulis, onde outrora os Aqueus,
ao permanecerem por mau tempo, reuniram vasta tropa
da sagrada Hélade para Troia, de belas mulheres.
Ali, para os jogos em honra ao valoroso Anfidamas
rumo a Cálcis eu atravessei o mar; os muitos prêmios anunciados
seus generosos filhos dispuseram; lá, afirmo,
com um hino tendo vencido, levei eu uma trípode de asas.
Ela eu dediquei às Musas Heliconíades
ali onde, primeiro, guiaram-me ao mavioso canto.

Em termos comparativos, dos proêmios de poesia aqui estudados, pode-se afirmar que alguns apresentam um caráter anônimo na enunciação, como no caso dos poemas épicos e da lírica pindárica, em que o lugar do *eu* enunciador pode ser assumido por quem quer que execute o canto, em circunstâncias diversas[35]. Esse caráter anônimo contribui, de certa maneira, para uma autonomia da performance no que tange a seus executores. Por outro lado, como se pode depreender do proêmio da Teogonia hesiódica, ainda que a referência autoral seja feita em terceira pessoa e esse canto possa ser retomado por outros que não o próprio Hesíodo, essa

[35] Esta consideração de Calame (2005:37) amplia ainda os limites dessa discussão: Si l'on veut bien considérer le genre (poétique) comme constitué d'une série de règles à la fois discursives et institutionelles qui, souvent implicites, s'inscrevent dans le consensus et la tradition d'une communauté culturelle, on admettra que cette nature composite des genres joue un rôle essentiel non seulement dans l'articulation entre l'intra- et l'extra-discursif, mais aussi dans l'élargissement d'une "instance d'énonciation" se trouvant elle-même à la croisée entre usages singuliers d'une langue poétique et déterminations institutionelles et sociales, sinon psychologiques et affectives. 'Se se pretende considerar o gênero (poético) como constituído de uma série de regras ao mesmo tempo discursivas e institucionais que, muitas vezes implícitas, se inscrevem no consenso e na tradição de uma comunidade cultural, admitir-se-á que essa natureza múltipla dos gêneros desempenha um papel essencial não somente na articulação entre o intra- e o extradiscursivo, mas também no alargamento de uma "instância de enunciação", encontrando-se ela própria em um cruzamento entre usos singulares de uma língua poética e determinações institucionais e sociais, senão psicológicas e afetivas'.

marca permanece presente. Pelo procedimento da *sphragís*; está ali um 'nome de autor', de um responsável pela composição.

2.2. Prólogos historiográficos de Hecateu, Tucídides e Antíoco

Da produção historiográfica grega anterior a Heródoto, chegaram-nos apenas nomes e escassos fragmentos dos chamados 'logógrafos'[36], ou '*logopoioí* '[37] como os denomina Heródoto, oriundos de diversas cidades da Grécia, que viveram entre os séculos VI e V a.C. A produção desses logógrafos, em prosa jônica e de temática bastante variada, incluía narrativas mitológicas, genealogias, histórias locais, relatos de fundação de cidades, descrições geográficas e etnográficas, fundamentados em critérios de verossimilhança, a partir de uma observação crítica das tradições orais ancestrais. Felix Jacoby, em sua edição, inconclusa, dos *Fragmente der griechischen Historiker* (*FGrHist*), propôs a seguinte tipologia para os escritos desses historiadores, divindindo-os em três seções, a saber: I. Genealogia e mitografia, que reúne fragmentos que tratam da tradição heróica; II. História, que reúne relatos dos feitos[38] dos povos gregos; III. Horografia e etnografia, que reúne, respectivamente, histórias locais de cidades gregas desde sua fundação (*ktíseis*) e a descrição do *modus vivendi*, o marco geográfico e histórico de países e povos fundamentalmente não gregos (*Aigyptiaká, Babyloniaká, Indiká, Lydiadiká, Persiká*).

Dionísio de Halicarnasso, em seu tratado *Sobre Tucídides* (V.2), faz menção a esses logógrafos como ἀρχαῖοι συγγραφεῖς, escritores antigos, e, na longa lista

[36] Cf. Tuc. I. 21, 1, onde se afirma o compromisso para com a audiência por parte dos logógrafos, colocados em posição semelhante a dos poetas. Em nota a esta passagem, Anna Lia de Almeida Prado (1999:210) opõe os logógrafos, compositores de *lógoi*, aos autores épicos, os *epopoioí*, e afirma que, sob essa designação, Tucídides se refere aos antigos cronistas e, sobretudo, a Heródoto. Cf. também Aristóteles, *Ret.*, 1388b21, onde 'logógrafos' aparecem também em oposição aos 'poetas' (καὶ ὧν ἔπαινοι καὶ ἐγκώμια λέγονται ἢ ὑπὸ ποιητῶν ἢ ὑπὸ λογογράφων ' e daqueles de quem elogios e encômios são ditos ou por poetas ou por logógrafos). À época de Aristóteles, os logógrafos eram profissionais que compunham discursos a serem lidos por outros.

[37] Cf. Hdt. II. 136,15, sobre Esopo; II.143.1.; V, 36,6; 125,1, sobre Hecateu de Mileto.

[38] Segundo Fornara (1988:1), no sentido de *práxeis* (Aristóteles, *Ret.* 1360a35) ou ainda a *expositio rerum gestarum* (Quintiliano, *I.O*, 2,4,2).

apresentada por ele, figura o nome de Hecateu de Mileto, do qual temos as seguintes palavras de abertura das *Genealogias*, citadas por Pseudo-Demétrio, no *De elocutione,* 12:

> Ἑκαταῖος Μιλήσιος ὧδε μυθεῖται· τάδε γράφω, ὥς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι· οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοί τε καὶ γελοῖοι, ὡς ἐμοὶ φαίνονται, εἰσίν
> Hecateu de Mileto assim fala: escrevo isso, como me parece ser verdadeiro; pois os relatos dos gregos são muitos e risíveis, conforme se me apresentam. (*FGrHist* 1F1)

Este fragmento de Hecateu, que temos hoje como o mais antigo proêmio historiográfico, e que encabeça a edição dos fragmentos dos historiadores gregos de Felix Jacoby, traz explícito o nome do autor em terceira pessoa, à maneira de uma *sphragís*, seguido do dêitico ὧδε e do verbo μυθεῖται. Logo adiante, a primeira pessoa de Hecateu é sugerida pela forma verbal γράφω, antecedida do dêitico τάδε, e também sugerida pelo dativo μοι/ ἐμοί. Para além do gesto autoral de Hecateu, evidenciado por sua assinatura, o proêmio das *Genealogias* apresenta também uma postura crítica de seu sugerido autor, que busca diferenciar seu relato dos demais legados pela tradição: escrever algo que assume cortornos de verdade em oposição aos muitos *lógoi* dos gregos, que são dignos de riso. Leone Porciani (1997: *passim*), ao estudar as formas de abertura dos escritos historiográficos do V século, observa certa afinidade existente entre estas, sobretudo a de Hecateu, e as fórmulas iniciais da epistolografia oriental, na qual o *incipit* nome + dêitico e *verbum dicendi* (ὧδε/

τάδε λέγει) faz-se predominante[39]. Mas Porciani não deixa de reconhecer certa 'adaptação' dessa fórmula para a realidade grega:

> Os novos intelectuais, e entre estes certamente Hecateu, foram forçados a repensar não só os termos do saber tradicional, mas também a maneira de expor ao público seus resultados. Fazendo isso, passaram a começar suas ἱστορίαι ou συγγραφαί com um módulo que, de fato, tinha pontos de contato com aquele empregado nas inscrições e nas cartas dos soberanos persas, mas que não podia ser percebido como persa pelo fato de que era também grego. Não só isso, mas o uso do mesmo estilema tinha conotações diversas na Grécia e na Pérsia: enquanto o estilema "O Rei (assim) fala" ("Fala o Rei" em persa antigo) era uma expressão de solenidade, para os gregos "X (assim) fala/diz/disse/conta" era, antes, a fórmula da comunicação cotidiana à distância. E é improvável que essa diferente ênfase sociológica fosse conscientemente explorada pelos gregos: Hecateu deve ter conhecido bem o persa ou ainda o aramaico, para poder transferir de modo polêmico para sua língua um modelo persa que no original gozava de certa aura majestática[40].

[39] Porciani (1997:71): I più antichi proemi storiografici hanno le stesse caratteristiche delle lettere: enunciazione alla terza persona, passaggio dalla terza alla prima persona dopo l'introduzione. La prima caratteristica va da sé; per quanto riguarda la seconda, il caso di Ecateo è chiarissimo perché il passaggio è immediato (μυθεῖται-γράφω); Erodoto e Tucidide, quando riprendono la parola dopo la sezione iniziale, usano anch'essi stabilmente la prima persona (Hdt. 1,5,3 ἐγὼ δέ; Th., 1,1,3 σκοποῦντί μοι); ancora Tucidide, nel proemio del quinto libro, dopo l'iniziale γέγραφε (5,26,1), su cui avremo occasione di soffermarci, adopera μέμνημαι. 'Os proêmios historiográficos mais antigos têm as mesmas características das cartas: enunciação em terceira pessoa, passagem da terceira para primeira pessoa após a introdução. A primeira característica é evidente; no que diz respeito à segunda, o caso de Hecateu é claríssimo porque a passagem é imediata (μυθεῖται-γράφω); Heródoto e Tucídides, quando retomam a palavra depois da seção inicial, usam também de modo estável a primeira pessoa (Hdt. 1,5,3 ἐγὼ δέ; Th., 1,1,3 σκοποῦντί μοι); Tucídides ainda, no proêmio do livro V, depois do inicial γέγραφε (5,26,1), sobre o qual teremos ocasião de nos deter, usa μέμνημαι.

[40] Porciani (*ibidem*: 77): I nuovi intellettuali, e tra questi certo Ecateo, ne furono spinti a ripensare non solo i termini del sapere tradizionale, ma anche la maniera di porgere al pubblico i loro risultati. Facendo questo, si trovarono a cominciare le loro ἱστορίαι o συγγραφαί con un modulo che aveva sì punti di contatto con quello adoperato nelle iscrizioni e nelle lettere dai sovrani persiani, ma che non poteva essere percepito come persiano per la buona ragione che era anche greco. Non solo, ma l'uso dello stesso stilema aveva connotazioni differenti in Grecia e in Persia: mentre qui lo stilema "Il Re (così) parla" ("Parla Il Re" in antico-persiano) era un'espressione di solennità, presso i Greci "X (così) parla/dice/disse/racconta" era piuttosto la formula della comunicazione quotidiana a distanza. Ed è difficile che questo diverso accento sociologico venisse consapevolmente sfruttato da parte dei Greci: Ecateo avrebbe dovuto conoscere bene il persiano o anche l'aramaico, per poter trasferire

Como afirma Porciani (*ibidem*: 29), nas *Histórias,* em todos os casos de cartas e mensagens de soberanos e sátrapas persas encontra-se a estrutura 'dêitico adverbial ou pronominal + verbo declarativo' (III.122 "'Ὀροίτης Πολυκράτεϊ ὧδε λέγει", 'Oretes diz a Polícrates o seguinte:'; V.24 "'Ιστιαῖε, βασιλεὺς Δαρεῖος τάδε λέγει.", 'Histieo, o rei Dario diz o seguinte:'; VII.150 "'Ἄνδρες Ἀργεῖοι, βασιλεὺς Ξέρξης τάδε ὑμῖν λέγει·", 'Argivos, o rei Xerxes vos diz o seguinte:' ; VIII.140α "'Ἄνδρες Ἀθηναῖοι, Μαρδόνιος τάδε λέγει·", 'Atenienses, Mardônio diz o seguinte'). Essas passagens são antecedidas, respectivamente, por formas análogas à introdução das mensagens: ὁ Ὀροίτης πέμψας ἀγγελίην ἔλεγε τάδε·, Oretes, tendo enviado uma mensagem, disse o seguinte: / Μετὰ δὲ πέμψας ἄγγελον ἐς τὴν Μύρκινον ὁ Δαρεῖος ἔλεγε τάδε· Depois, tendo enviado um mensageiro a Micerino, Dario disse o seguinte: / ἐλθόντα δὲ τοῦτον λέγεται εἰπεῖν·, 'diz-se que ele, tendo vindo, falou: / Ὡς δὲ ἀπίκετο ἐς τὰς Ἀθήνας ἀποπεμφθεὶς ὑπὸ Μαρδονίου, ἔλεγε τάδε· 'Quando chegou a Atenas, enviado por Mardônio, disse o seguinte:'. Como se pode notar, tal estrutura não aparece somente nas mensagens orientais; é inclusive esta 'fórmula' que Heródoto utiliza para introduzir os ditos oraculares gregos, e inscrições, como se pode perceber destas passagens: I.47. ἡ Πυθίη ἐν ἑξαμέτρῳ τόνῳ λέγει τάδε· 'A Pítia, em tom hexâmetro, diz o seguinte:' (também V.60, em uma inscrição em uma trípode); I.55. Ἡ δὲ Πυθίη οἱ χρᾷ τάδε· 'A Pítia lhe profetiza o seguinte:' (também IV.155; IV.157); I. 62. οἱ προσιὼν χρᾷ ἐν ἑξαμέτρῳ τόνῳ τάδε λέγων· 'aproximando-se dele, profetiza em tom hexâmetro o seguinte:'; I.65. ἰθὺς ἡ Πυθίη λέγει τάδε· 'logo a Pítia diz o seguinte:'; I.85. ἡ δὲ Πυθίη οἱ εἶπε τάδε· 'A Pítia disse-lhe o seguinte:' (também I.90); III.57. ἡ δὲ Πυθίη ἔχρησέ σφι τάδε· 'A Pítia lhes vaticinou o seguinte:' (em IV.159. ἔχρησε ὧδε).

Porquanto seja impreciso afirmar que as palavras de abertura de Hecateu tenham constituído um modelo proemial da historiografia grega mais antiga, não se pode deixar de notar a presença de suas formas nos escritos de Heródoto, de Antíoco

polemicamente nella sua lingua un modulo persiano che nell'originale godeva di una certa aura di regalità.

de Siracusa e de Tucídides. No caso de Heródoto, é patente o uso do modelo descritivo de Hecateu, como se pode perceber da enumeração de povos, de cidades, dos detalhes etnográficos, das curiosidades geográficas que integram o livro II das *Histórias*. Alan Lloyd, em sua introdução ao comentário do livro II, aponta uma série de fragmentos da obra de Hecateu com os quais Heródoto dialoga, retomando ou contestando-os (1994:127-140). Lloyd elenca ainda algumas passagens que parecem atestar o fato de Hecateu ter servido de fonte para o Historiador de Halicarnasso (1994: 138-9). À guisa de exemplo, algumas passagens que remontariam a Hecateu: cartografia (II,32,1-5); topografia (II.8;11-12;15-17); história dos pelasgos na Ática (II.51); modos de caça ao crocodilo (II, 70, *passim*); descrição do hipopótamo (II, 71, *passim*); genealogia dos deuses gregos (II, 145,3-4;1 456); pré-história do Peloponeso (II,171). Algumas passagens tiradas de Hecateu: idéias de simetria (II,33-34); genealogia de Héracles (II,43); história de Perseu (II.91); botânica (II.91; 94; 96); história de Proteu (II, 112-120).

Nas palavras iniciais do proêmio de Heródoto, ainda que à semelhança do proêmio das *Genealogias* de Hecateu encontremos o nome e antropônimo do autor, tem-se enfatizado o modo de apresentação do material de sua *historíe*, o propósito da *apódexis*, e seu conteúdo temático, que começa por circunscrever-se à etiologia das guerras entre gregos e bárbaros. Os relatos dos *lógioi* apresentados em seguida por Heródoto como explicações para a *aitíe* das guerras, se pensamos no escrito de Hecateu, poderiam ser enquadrados na coletânea daqueles *lógoi* legados oralmente pela tradição, que Hecateu afirma serem 'muitos e risíveis'. Mas esses *lógoi*, no caso das *Histórias*, não são obra somente dos gregos, mas de persas e fenícios, ainda que sejam narrativas bem conhecidas da audiência grega. O dito τάδε γράφω, ὥς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι, 'escrevo isso, como me parece ser verdadeiro', de Hecateu, que definirá a posição do historiador quanto ao que se constituirá como matéria narrativa, no caso de Heródoto, pode ser comparado, ainda que não em absoluta equivalência, ao τὸν δὲ οἶδα αὐτὸς πρῶτον ὑπάρξαντα ἀδίκων ἔργων ἐς τοὺς Ἕλληνας, τοῦτον σημήνας προβήσομαι ἐς τὸ πρόσω τοῦ λόγου, ' após indicar o

que eu próprio sei ter sido o primeiro a cometer atos injustos contra os gregos, prosseguirei no meu relato' (I.5,11-12). Se Hecateu, já ao princípio, parece não dar lugar em seu relato a todos os *lógoi* tradicionais, filtrando-os com base no critério da verdade, ou da verossimilhança, Heródoto, por sua vez, dá lugar a uma pluralidade de vozes narrativas, para então depois firmar sua postura face à etiologia da guerra, e às demais narrativas das *Histórias*[41], assumindo um 'eu' narrativo (I.5.3).

O modo de organização e de apresentação da *historíe* herodotiana é a *apódexis*, enquanto o empregado por Hecateu é a *graphé*, comparável à posterior *syngraphé* de Tucídides e de Antíoco.

De Antíoco de Siracusa, um dos mais antigos autores de histórias da Magna Grécia, nos chegaram poucos fragmentos sobre a fundação de colônias gregas do sul da Itália. A ele são atribuídas duas obras: as *Sikeliká*, relatos sobre a Sicília, em nove livros, que teriam servido de fonte para as narrativas da história siciliana no livro IV e para a datação da fundação da Sicília no livro VI (III.2)[42] da *História da Guerra do Peloponeso*, e *Perì Italías*, em um livro.

---

[41] Cf. Dewald (1999:227) sobre proêmio e sua relação com a audiência: The argumentative tone of his comment reveals that we, his audience, are to be involved spectators of his decision here to back off from stories of others just recounted; our judgment will matter as well his own. 'O tom argumentativo de seu comentário revela que nós, seu público, devemos aqui ser espectadores envolvidos com sua decisão de recuar das histórias de outros, há pouco contadas; nosso julgamento será tão importante quanto o seu.' Sobre as vozes narrativas do proêmio e a construção de um modelo de apresentação das narrativas na obra: It [the proem] introduces a number of narrative voices and establishes a pattern for their relationships with the narrator out of which the ongoing narrative as a whole will take shape. As importantly, the way the initial narrative stage is constructed suggest to us readers how to understand the relations that will exist among this voices. The second half of 1.5 indicates that the controlling voice will be that of narrator (*ibidem*: 228). 'O proêmio introduz uma série de vozes narrativas e estabelece um padrão para suas relações com o narrador sem o qual o desenrolar narrativo se constituirá como um todo. Igualmente importante, o modo como o passo narrativo inicial é construído sugere a nós, leitores, como entender as relações que existirão entre essas vozes. A segunda metade de I.5 indica que a voz de comando/controle será a do narrador.'

[42] Cf. Hornblower (2004 [1996]: 220); Fowler (1996: 77); Romilly (1975: notice XXIX).

Dionísio de Halicarnasso, em *Antiquitates romanae*[43], I, 12, cita o que se entende por proêmio do *Perì Italías*:

> "Ἀντίοχος Ξενοφάνεος τάδε συνέγραψε περὶ Ἰταλίης ἐκ τῶν ἀρχαίων λόγων τὰ πιστότατα καὶ σαφέστατα· Τὴν γῆν ταύτην, ἥτις νῦν Ἰταλία καλεῖται, τὸ παλαιὸν εἶχον Οἰνωτροί. (*FGrHist* 555 F 2)
>
> Antíoco, filho de Xenófanes, escreveu o seguinte sobre a Itália, tomando dos antigos relatos o mais crível e o mais confiável. Esta terra, a qual ora é chamada Itália, outrora possuíam-na os enótrios.

O proêmio de Antíoco, assim como o de Hecateu, traz um nome de autor e sugere sua postura crítica face às fontes repertoriadas: dos *lógoi* antigos, o historiador toma os que são 'mais críveis e mais confiáveis'. Em lugar do antropônimo, tem-se um genitivo de filiação, à maneira de um patronímico, e sua forma de apresentação, como também a de Tucídides, é a *syngraphé*. E ambos os historiadores, figuras contemporâneas, iniciam suas narrativas por uma 'arqueologia', estabelecendo um contraponto entre presente e passado: Antíoco principia por afirmar que 'esta terra, a qual ora é chamada Itália, outrora possuíam-na os enótrios' (Τὴν γῆν ταύτην, ἥτις νῦν Ἰταλία καλεῖται, τὸ παλαιὸν εἶχον Οἰνωτροί) e

---

[43]Nesta obra, Dionísio de Halicarnasso faz, no proêmio, uma apresentação de seus θεωρήματα, tecendo considerações sobre o que se costuma encontrar nos prólogos historiográficos: I.1. 1. "Não querendo absolutamente oferecer razões que se costumam encontrar nos prólogos das histórias (τοῖς προοιμίοις τῶν ἱστοριῶν), sou porém forçado a falar de mim mesmo, não para derramar-me em elogios pessoais, que bem sei pareceriam molestos para os ouvintes (τοῖς ἀκούουσιν), nem para, com resolução, atacar cada um os outros historiadores, como fizeram Anaxímenes e Teopompo nos prólogos de suas histórias, mas para expor minhas reflexões (ἀλλὰ τοὺς ἐμαυτοῦ λογισμοὺς ἀποδεικνύμενος) ao lançar-me nesta obra e para prestar contas das fontes em que busquei o conhecimento do que se escreverá (τῶν γραφησομένων). 2. Com efeito, tenho a convicção de que os que resolvem deixar à posteridade monumentos de seu próprio espírito (τοὺς προαιρουμένους μνημεῖα τῆς ἑαυτῶν ψυχῆς τοῖς ἐπιγιγνομένοις καταλιπεῖν), capazes de não ser apagados, com seus corpos, pelo tempo (ἃ μὴ συναφανισθήσεται τοῖς σώμασιν αὐτῶν ὑπὸ τοῦ χρόνου), sobretudo os autores de histórias (...) devem primeiramente escolher argumentos belos, cheios de prestígio e que sejam úteis para os futuros leitores (τοῖς ἀναγνωσομένοις)" (trad. Jacyntho Lins Brandão). Note-se, em destaque, uma série de tópicas presentes na tradição proemial da historiografia grega, que Dionísio retoma e redimensiona. O Historiador afirma ainda que alguns autores pretendem apenas 'demonstrar a superioridade de seu talento oratório' (περιουσίαν ἀποδείξασθαι τῆς περὶ λόγους δυνάμεως βουλόμενοι).

Tucídides, 'a região ora chamada Hélade parecia outrora não ser habitada de modo estável.' (φαίνεται γὰρ ἡ νῦν Ἑλλὰς καλουμένη οὐ πάλαι βεβαίως οἰκουμένη).

Em seu proêmio, Tucídides não dispõe um patronímico, por possível conformidade à tradição historiográfica de Hecateu e Heródoto, mas o faz em uma passagem do livro IV (104.4), na qual afirma, ao descrever suas ações como personagem da Guerra[44]: οἱ δὲ ἐναντίοι τοῖς προδιδοῦσι (...) πέμπουσι (...) ἐπὶ τὸν ἕτερον στρατηγὸν τῶν ἐπὶ Θρᾴκης, Θουκυδίδην τὸν 'Ολόρου, ὃς τάδε ξυνέγραψεν, ὄντα περὶ Θάσον (ἔστι δὲ ἡ νῆσος Παρίων ἀποικία, ἀπέχουσα τῆς Ἀμφιπόλεως ἡμίσεος ἡμέρας μάλιστα πλοῦν), κελεύοντες σφίσι βοηθεῖν. 'Os adversários dos traidores (...) enviam (um mensageiro) ao outro estratego dos fronteiriços à região da Trácia, Tucídides, filho de Oloro, que escreveu essa história, por estar nas cercanias de Tasos (esta ilha é uma colônia de Paros, que dista de Anfípolis aproximadamente meio dia de navegação), ordenando-lhes que socorressem. ' No proêmio de Tucídides, lê-se:

> I.Θουκυδίδης Ἀθηναῖος ξυνέγραψε τὸν πόλεμον τῶν Πελοποννησίων καὶ Ἀθηναίων ὡς ἐπολέμησαν πρὸς ἀλλήλους, ἀρξάμενος εὐθὺς καθισταμένου καὶ ἐλπίσας μέγαν τε ἔσεσθαι καὶ ἀξιολογώτατον τῶν προγεγενη-μένων, τεκμαιρόμενος ὅτι ἀκμάζοντές τε ἦσαν ἐς αὐτὸν ἀμφότεροι παρασκευῇ τῇ πάσῃ καὶ τὸ ἄλλο Ἑλληνικὸν ὁρῶν ξυνιστάμενον πρὸς ἑκατέρους, τὸ μὲν εὐθύς, τὸ δὲ

[44]Sobre Tucídides como personagem, cf. Hornblower (2004 [19 96]: 333): Was he to use the first person or the third? When speaking of himself as an agent in the present section he invariably uses the third person, thus conferring detachment on the narrative. (True, at v. 26. 5 he refers to his Amphipolitan command again, using the *first* person; but this is a historiographic context, where he is giving his credentials as a recorder of the war). When speaking of himself as an author he fluctuates, thus (to take two passages close to each other) contrast iii. 113. 6 ἀριθμόν οὐκ ἔγραψα, 'I have not written down the number', with iii. 116. 3, ὃν Θουκυδίδης ξυνέγραψεν, 'which Thucydides recorded', a habitual phrase echoed in the present passage. 'Ele estava usando primeira ou terceira pessoa? Ao falar de si mesmo como um agente neste trecho, ele usa invariavelmente a terceira pessoa, conferindo afastamento da narrativa. (De fato, em V.26.5 ele faz novamente referência a seu comando em Anfípolis, usando a *primeira* pessoa; mas é um contexto historiográfico, no qual ele dá suas credenciais, como alguém que registra a guerra). Quando fala de si mesmo como autor, ele oscila, assim (para tomar duas passagens próximas uma da outra) contrasta III.113.6 ἀριθμόν οὐκ ἔγραψα, 'não escrevo o número', com III.116.3. '[esta guerra] que Tucídides escreveu', uma frase habitual repetida na presente passagem. '

καὶ διανοούμενον. 2. Κίνησις γὰρ αὕτη δὴ μεγίστη τοῖς Ἕλλησιν ἐγένετο καὶ μέρει τινὶ τῶν βαρβάρων, ὡς δὲ εἰπεῖν καὶ ἐπὶ πλεῖστον ἀνθρώπων.
Τὰ γὰρ πρὸ αὐτῶν καὶ τὰ ἔτι παλαίτερα σαφῶς μὲν εὑρεῖν διὰ χρόνου πλῆθος ἀδύνατον ἦν, ἐκ δὲ τεκμηρίων ὧν ἐπὶ μακρότατον σκοποῦντί μοι πιστεῦσαι ξυμβαίνει, οὐ μεγάλα νομίζω γενέσθαι οὔτε κατὰ τοὺς πολέμους οὔτε ἐς τὰ ἄλλα.

I. Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como entraram em guerra uns contra os outros, tendo começado imediatamente ao seu surgimento, na expectativa de que seria grande e a mais digna de relato dentre as já ocorridas, inferindo que ambos, estando no auge de todos os seus recursos, iam à guerra e vendo o restante do mundo grego organizando-se em cada um dos dois lados, uns imediatamente, outros, em intenção. 2. De fato, esta revolta foi a maior para os gregos e para uma parte dos bárbaros, e, pode-se dizer, também para a maior parte dos homens.
Com efeito, os acontecimentos anteriores a estes e ainda os mais antigos era algo impossível de descobrir claramente, dado a distância temporal, mas dos indícios, aos quais, observando por longo tempo, sou levado a dar crédito, julgo que não foram grandes nem quanto às guerras nem em relação às outras coisas[45].

Nas palavras iniciais de Tucídides, a guerra é apresentada como tema de seu escrito, e a segunda frase do proêmio parece ecoar o dito herodotiano δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι, 'por que motivo entraram em guerra uns com os outros'. O que é posto em evidencia aqui não é a *aitía*, ou as *aitíai* da guerra, que serão apresentadas mais adiante, a partir do capítulo XXIII.4[46], mas sim 'como' ocorreu

[45] Trato aqui como proêmio todo o capítulo I, incluindo-se o trecho que pode ser entendido como uma introdução à chamada, pela tradição moderna, *arqueologia* (livro I, capítulos II a XIX). Cf. Hornblower (1997:4-7), 1. *Introduction and announcement of theme.*

[46] XXIII.4. Ἤρξαντο δὲ αὐτοῦ Ἀθηναῖοι καὶ Πελοποννήσιοι λύσαντες τὰς τριακοντούτεις σπονδὰς αἳ αὐτοῖς ἐγένοντο μετὰ Εὐβοίας ἅλωσιν. 5. Δι' ὅ τι δ' ἔλυσαν, τὰς αἰτίας προύγραψα πρῶτον καὶ τὰς διαφοράς, τοῦ μή τινα ζητῆσαί ποτε ἐξ ὅτου τοσοῦτος πόλεμος τοῖς Ἕλλησι κατέστη. 6. Τὴν μὲν γὰρ ἀληθεστάτην πρόφασιν, ἀφανεστάτην δὲ λόγῳ, τοὺς Ἀθηναίους ἡγοῦμαι μεγάλους γιγνομένους καὶ φόβον παρέχοντας τοῖς Λακεδαιμονίοις ἀναγκάσαι ἐς τὸ πολεμεῖν· αἱ δ' ἐς τὸ φανερὸν λεγόμεναι αἰτίαι αἵδ' ἦσαν ἑκατέρων, ἀφ' ὧν λύσαντες τὰς

cada um de seus movimentos. A guerra, que o Historiador julga ser ἀξιολογώτατος, não é o foco principal, senão a própria razão de ser de seu escrito: “Tucídides constituiu a guerra por escrito. Tucídides fez da guerra um escrito, mas o escrito é a guerra”, como assevera Nicole Loraux[47], e o marco inicial da narrativa é coincidente à eclosão dessa guerra (ἀρξάμενος εὐθὺς καθισταμένου). E ainda que esta tenha por agentes os atenienses e os peloponésios, Tucídides não deixa de assinalar a amplitude de tal acontecimento: a guerra é dita μεγίστη δὴ τοῖς Ἕλλησιν ἐγένετο καὶ μέρει τινὶ τῶν βαρβάρων, ὡς δὲ εἰπεῖν καὶ ἐπὶ πλεῖστον ἀνθρώπων (I. 1. 2).

O passo seguinte, introdutório à dita ‘arqueologia’, parece representar uma etapa primeira da metodologia tucidideana, que será exposta em XX-XXII. Dos acontecimentos anteriores à guerra e ainda os mais antigos (τὰ ἔτι παλαίτερα), que servirão de termo de comparação para o presente, Tucídides afirma não ser possível descobri-los com clareza, dada a distância temporal. O trato do passado, segundo as ferramentas propostas pelo Historiador, se dará por meio da observação em longa duração dos *tekméria*, dos indícios. Como se pode depreender da construção σκοποῦντί μοι, a primeira pessoa tucidideana afirma-se pela primeira vez.

2.3. O proêmio de Heródoto

Sobre a autenticidade do proêmio das *Histórias*, David Asheri (2007: 1) adverte-nos, em sua introdução ao comentário dos livros I-IV de Heródoto, de certa incerteza. Asheri refere uma passagem da *Biblioteca* de Fócio (*c.* 820-893), na qual o filólogo bizantino menciona a atribuição do proêmio de Heródoto por Ptolomeu

σπονδὰς ἐς τὸν πόλεμον κατέστησαν. ‘4. Atenienses e peloponésios começaram a guerra, após terem rompido o tratado de trinta anos que lhes ocorreu depois da tomada da Eubéia. 5. Por que o romperam, dantes escrevi primeiro os motivos e as divergências, para que ninguém, um dia, pergunte de onde surgiu tamanha guerra para os gregos. 6. A alegação mais verdadeira, mas menos aparente em palavras, penso ser o fato de os atenienses se tornarem poderosos e inspirarem medo aos lacedemônios, tendo-os forçado a entrar em guerra. Mas os motivos ditos abertamente de cada um dos dois lados, pelos quais romperam o tratado e estabeleceram a guerra, foram os seguintes.

[47] Loraux, 1986, p.161.

Heféstion a um hinógrafo, Plesirro da Tessália[48]; embora isso seja desconsiderado pela tradição filológica. Asheri entende o comentário de Ptolomeu como uma tentativa de solucionar a questão da autenticidade do proêmio[49], questão esta discutida, pelo menos, desde então. Testemunhos anteriores, no entanto, parecem indiciar certa autenticidade do proêmio, visto que no *De elocutione*, do Pseudo-Demétrio de Falero (*c.* 350 a.C), há referência a um Ἡροδότου Ἁλικαρνασῆος (17, 4), e nos anônimos da *Retórica* aristotélica, à maneira de exemplo da *léxis eiroméne* antiga, <'Ηροδότου Θουρίου'>. Silvana Cagnazzi (1975:414) acredita que o proêmio, muito provavelmente, foi composto após o término da obra, e não em princípio, visto que nas palavras iniciais Heródoto sumariza o conteúdo da obra, indicando, na frase final (καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι), a "reviravolta historiográfica"[50]. De fato, essa frase final resume, se não o propósito da *apódexis*, seu conteúdo temático.

Como foi dito, é no proêmio que um texto se define, explicitando o gênero a que pertence e esclarecendo sua finalidade. Conforme pontua Brandão (2009:217), "desde as chamadas 'invocação à Musa' de Homero e Hesíodo, criou-se uma tradição preambular, de que os modelos historiográficos mais famosos são os de Hecateu, Heródoto e Tucídides, em que título e prefácio se encontram, de certo modo,

---

48 Fócio, *Bibliotheca*, 190, 148b12. Καὶ ὡς Πλησίρροος ὁ Θεσσαλὸς ὁ ὑμνογράφος, ἐρώμενος γεγονὼς Ἡροδότου καὶ κληρονόμος τῶν αὐτοῦ, οὗτος ποιήσειε τὸ προοίμιον τῆς πρώτης ἱστορίας Ἡροδότου Ἁλικαρνασσέως· τὴν γὰρ κατὰ φύσιν εἶναι τῶν Ἡροδότου ἱστοριῶν ἀρχήν· «Περσέων οἱ λόγιοι Φοίνικας αἰτίους γενέσθαι φασὶ τῆς διαφορῆς». "E assim Plesirro da Tessália, autor de hinos, que foi amado por Heródoto e seu herdeiro, foi quem compôs o proêmio do (livro) primeiro das *Histórias* de Heródoto de Halicarnasso; naturalmente, o princípio das *Histórias* é: "Dentre os persas, os doutos afirmam serem os fenícios os responsáveis pelo conflito"."

49 Lattimore (1958:20, n.1) refuta radicalmente a atribuição da redação do proêmio, bem como de toda a obra, a um "redator" outro que não o próprio Heródoto (Scholars seem pretty well agreed that, if there has been any redaction, the redactor was Herodotus himself. 'Estudiosos parecem estar bem de acordo de que, se tiver havido uma redação, o redator foi o próprio Heródoto').

50 Cf. *Idem*, p.421 "La prima parte, descrittiva, converge verso una narrazione in cui Greci e barbari sono contemporaneamente attori (ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι): *lo schema che il proemio riflette è quello dell'opera erodotea quale è diventata dopo la svolta storiografica determinata dall'incontro con Atene*: >>aus dem Reisenden wurde der Historiker des Perserkrieges << ((JACOBY, col. 355, 2I -22)". 'A primeira parte, descritiva, converge para uma narração na qual gregos e bárbaros são contemporaneamente atores (ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι): *o modelo que o proêmio reflete é aquele que se tornou a obra herodotiana após a reviravolta historiográfica determinada pelo encontro com Atenas:* >>de viajante tornou-se o historiador das Guerras Pérsicas<<.

imbricados”. Esses proêmios, prefácios, constituem formas-modelo na enunciação dos tópicos que definem cada modalidade de narração em sua singularidade, como bem assinala Pires (2003: 73). No caso dos prefácios historiográficos, ressalta-se ainda a construção de uma autoridade, e demarca-se uma subjetividade, que distancia a palavra inspirada das Musas daquela autoral do historiador (Calame, 2005: *passim*). As palavras primeiras de Heródoto, de acordo com Bakker (In VAN WESS, 2002: 30), tornam-se uma versão implícita da *sphragís* do corpus da elegia teognídea, que menciona seus ouvintes ou leitores no ato de reconhecimento da autenticidade do texto[51]:

Κύρνε, σοφιζομένωι μὲν ἐμοὶ σφρηγὶς ἐπικείσθω
    τοῖσδ' ἔπεσιν, λήσει δ' οὔποτε κλεπτόμενα,
οὐδέ τις ἀλλάξει κάκιον τοὐσθλοῦ παρεόντος,
    ὧδε δὲ πᾶς τις ἐρεῖ· ‘Θεύγνιδός ἐστιν ἔπη
τοῦ Μεγαρέως· πάντας δὲ κατ' ἀνθρώπους ὀνομαστός.

Cirno, que se coloque meu selo de poeta sobre esses versos
    e mesmo que roubados jamais serão esquecidos
ninguém trocará por pior este bem que aí está;
    e assim todos dirão: são versos de Teógnis
de Mégara; renomado entre todos os homens.

[51] Sobre a relação entre autor e audiência, ou possíveis destinatários, cf. Porciani (1997:136): L’io del poeta si pone sempre di fronte a un tu, e si specifica all’ocasione di fronte a un tu specifico (Teognide dice il proprio nome di fronte a Cirno): perciò solo nella poesia non epica, ma legata a occasioni particolari – simposi o feste o tiasi etc. – e non adattabile a tutte le altre, viene a imporsi la presenza dell’ individuo. L’io lirico è rese possibile dall’ assenza di una destinazione panellenica e ‘universale’ come quella dell’epos. La storia e la filosofia ioniche continuano la lirica nell’espresione dell’io; nel loro caso, tuttavia, l’assenza di un pubblico pangreco è um dato non pacificamente acquisito, ma una semplice condizione originaria cui l’intellettuale si ribella per comunicare a tutti le propie scoperte, e rivaleggiare con un epos diffuso ed efficace. ‘O *eu* do poeta se coloca sempre diante de um *tu*, e se especifica a ocasião diante de um *tu* específico (Teógnis diz o próprio nome à frente de Cirno): portanto, somente na poesia grega não épica, mas ligada a ocasiões particulares – simpósios, festas ou *thíasoi* etc – e não adaptável a todas as outras, vem a impor-se a presença do indivíduo. O *eu* lírico torna-se possível pela ausência de uma destinação pan-helênica e ‘universal’ como aquela do *epos*. A história e a filosofia jônica seguem a lírica na expressão do *eu*; nesse caso, todavia, a ausência de um público pan-grego é um dado não incontestavelmente adquirido, mas uma simples condição originária na qual o intelectual se rebela para comunicar a todos as próprias descobertas, e rivalizar com um *epos* difuso e eficaz.’

Consoante essa afirmação de Bakker, tem-se a colocação de Marie-Laurence Desclos (2003: 26), que destaca que o signatário das *Histórias*, em princípio distanciado, por meio da *apódexis héde* se coloca em cena, afirmando logo adiante, pela presença de um ἐγώ, seu posicionamento. Dessa forma Desclos entende a importância da primeira pessoa herodotiana, por conservar ao mesmo tempo os preceitos da "performance" pública e as exigências de seu gesto inovador.

A proposta de leitura de Trilman Krischer (1965:159-167) para as linhas 1-5 de abertura das *Histórias* ensejou importantes discussões sobre o caráter programático do proêmio e sua relação com o todo da obra[52]. Krischer, ao pensar em uma tipologia adotada por Heródoto na elaboração de seu proêmio, considera-o não uma alusão à épica, mas uma construção consciente a partir de um modelo épico, e também, em certa medida, uma retomada da proposta de Hecateu. De acordo com Krischer (*id.*:167), Heródoto rivalizaria com Homero quanto à consciência de que traz uma verdade revisitada e verificável; com Hecateu, no que tange à habilidade narrativa e à proposta da investigação. Tomo aqui como 'proêmio', as cinco linhas iniciais de abertura das *Histórias*. Seguindo a proposta de Krischer, tem-se o seguinte esquema na divisão do proêmio:

1. Ἡροδότου Ἁλικαρνασσέος[53] ἱστορίης ἀπόδεξις ἥδε,

[52] Cf. Nagy (1987; 1990); Lateiner (1989); Bakker (2002).

[53] Na edição de Hude a lição adotada é Ἁλικαρνασσέος e na de Legrand, Θουρίου. Em seu comentário do livro I, Asheri (2007:72) adota a lição Ἁλικαρνασσέος por ser leitura unânime na tradição manuscrita. Asheri atenta para o fato de a lição Θουρίου ser conhecida no século IV e sobretudo difundida a partir de Aristóteles (*Retórica* 1409a34), e a de Ἁλικαρνασσέος, com suas variantes fonéticas, ter sido prevalente somente a partir do século I d.C (Plutarco, *De exilio*, 604 F 4; Estrabão XIV 2,16; Dionísio de Halicarnasso, *De Thucydide*, 5; Luciano de Samósata, *Herodotus uel Aetion*, 1; Pseudo-Demétrio, *De elocutione*, 17; Fócio, *Biblioteca*, 148, B13). No *De exílio*, 604F4-605A1, Plutarco afirma: τὸ δ' "Ἡροδότου Ἁλικαρνασσέως ἱστορίης ἀπόδεξις ἥδε' πολλοὶ μεταγράφουσιν "Ἡροδότου Θουρίου'· μετῴκησε γὰρ εἰς Θουρίους καὶ τῆς ἀποικίας ἐκείνης μετέσχε. "O 'esta é a *apódexis* de Heródoto de Halicarnasso', muitos de outro modo escrevem 'de Heródoto de Túrios', pois emigrou para Túrios e tomou parte naquela colonização". Dillery (1992:528), ao comentar a citação da primeira linha do proêmio de Heródoto por Aristóteles, remarca a transposição que o Estagirita faz do dêitico ἥδε do final da cláusula para a parte medial (Ἡροδότου Θουρίου ἥδ' ἱστορίης ἀπόδειξις) e atenta para a mesma transposição encontrada na *Vita Homeri Herodotea*, escrito helenístico e anônimo, de um imitador de Heródoto, no qual ecoa a frase de abertura das *Histórias* (1α'), Ἡρόδοτος ὁ Ἁλικαρνασσεὺς περὶ Ὁμήρου γενέσιος καὶ ἡλικίης καὶ βιοτῆς τάδε ἱστόρηκε κτλ. " Heródoto de Halicarnasso sobre a origem,

2. ὡς a) μήτε (α) τὰ γενόμενα

(β) ἐξ ἀνθρώπων

(γ)τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται,

b) μήτε (α) ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά,

(β)τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα,

(γ)ἀκλέα γένηται,

3. τά τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.

1. Esta é a *apódexis* da investigação de Heródoto de Halicarnasso

2. para que a) nem (α) os feitos (β) dos homens (γ) se tornem evanescentes por ação do tempo,

b) nem (α) as grandes e admiráveis obras, (β) realizadas tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros, (γ) fiquem sem glória

3. e em particular por que motivo entraram em guerra uns com os outros.

Na frase 1, tem-se nomeados o autor e a forma de organização, senão de apresentação, do produto de sua investigação, trata-se de uma *apódexis*. 'De Heródoto de Halicarnasso' como primeiro elemento da frase inicial do proêmio, longe de referir tão somente o narrador dos vários *lógoi* que compõem o trabalho de *apódexis*, demarca uma autoria do trabalho a ser apresentado. É possível pensar nessa colocação do 'ele' herodotiano sob duas perspectivas: uma, na qual o autor pode ser o próprio narrador ou locutor da *apódexis*; outra, que permite um afastamento do autor da narração do relato. Tal disposição em terceira pessoa, ainda que marque uma identidade autoral, e o uso do dêitico conferem, em certa medida, uma independência ao material, e, sob esta ótica, poder-se-ia pensar a apresentação da obra como uma inscrição[54], dado que se reforça pelo caráter memorialista

desenvolvimento e vida de Homero historiou o seguinte...

[54] Sugestivamente, embora não aponte para essa possibilidade, Myres (1999[1953]: 67) dispõe o proêmio à maneira de uma inscrição em página inteira, destacando, em caracteres maiúsculos, o nome e a pátria de Heródoto.

evidenciado na seção 2, que trata da finalidade da *apódexis*. Esse ponto de vista é defendido por estudiosos como Moles (1999:12-18), que conclui que Heródoto faz de sua obra uma "inscrição", à semelhança de um memorial fúnebre, mas um memorial tanto de gregos quanto de bárbaros, combinando a qualidade inscritível de seu trabalho com a ilusão da recitação oral, marcada pelo termo *apódexis*. Moles apoia-se na leitura de Jesper Svenbro (1993[1988]:150), que acredita que a obra de Heródoto, assim como a de Hecateu e a de Tucídides, sustentam "inscrições monumentais, no sentido de que, vistas 'de fora', elas referem seus autores em terceira pessoa, como se estivessem ausentes", e só então, após o enunciado introdutório, essas obras assumem a forma de uma transcrição de uma voz viva, como se existissem primeiro oralmente e somente *a posteriori* fossem transcritas. Também Luce (*apud* Moles, 1999:16) defende a noção de inscrição, ao conceber "ὡς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται" como uma sorte de metáfora para a inscrição em pedra, cujas letras, por ação do tempo, desvanecem, sugerindo que, à diferença da inscrição em um só local e sujeita à decadência física, a obra de Heródoto, como texto escrito e amplamente difundido, alcança sua permanência no instante de cada leitura.

Heródoto apresenta sua obra como uma ἱστορίης ἀπόδεξις. Para o significado de ἱστορίη no início das *Histórias*, os estudiosos desenvolvem interpretações diversas, associando-a aos tópicos dispostos no proêmio. Nagy (1999: 250-262) acredita que a 'investigação' diria respeito à αἰτίη, à causa, da guerra entre gregos e bárbaros, tendo assim o Historiador a função de *hístor* como árbitro[55], e a *historíe,* contornos judiciários. Thomas (2000:161-7), talvez com o intuito de distanciar da obra de Heródoto as influências da épica homérica, entende por

[55] "In mode of a **histōr,** the **historiā** 'inquiry' of Herodotus likewise takes a position on who is **aitios.** (p.258) 'À maneira de um **histōr**, a **historiā** 'investigação' de Heródoto também toma uma posição sobre quem é **aitios**; "The very word **historiā**, as used in Herodotus in his prooemium, indicates the juridical aspect of what Herodotus has to say. In finding Croesus guilty or **aitios** 'responsible' for the ultimate conflict between Hellenes and barbarians, Herodotus is taking a stance similar to that of the **histōr** on the Shield of Achilles." (p.262) 'A própria palavra **historiā**, como é usada por Heródoto em seu proêmio, indica o aspecto jurídico do que Heródoto tem a dizer. Ao declarar Creso como culpado ou **aitios** 'responsável' pelo conflito principal entre gregos e bárbaros, Heródoto assume uma postura semelhante à do **histōr** no escudo de Aquiles.'

historíe a observação dos fenômenos do presente, a crítica geográfica e etnográfica, aproximando-a, senão de uma prática, de uma disposição intelectual própria de seu tempo[56]. Bakker (2002:19) aventa outra hipótese, ao considerar que a *historíe* herodotiana se referiria também a uma série de λεγόμενα, de ditos existentes, parte dos τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων. Das ocorrências do termo *historíe* e do verbo *historéo* na obra de Heródoto duas se mostram bastante elucidativas:

> II. 99.1. Μέχρι μὲν τούτου ὄψις τε ἐμὴ καὶ γνώμη καὶ ἱστορίη ταῦτα λέγουσά ἐστι, τὸ δὲ ἀπὸ τοῦδε αἰγυπτίους ἔρχομαι λόγους ἐρέων κατὰ [τὰ] ἤκουον· προσέσται δέ τι αὐτοῖσι καὶ τῆς ἐμῆς ὄψιος.
>
> Até aqui o que foi dito é fruto de minha visão, de meu juízo e minha investigação, a partir de então, vou falar dos relatos egípcios conforme o que ouvi; e a eles acrescentarei algo proveniente de minha própria visão.

Nessa passagem, Heródoto apoia seu dito nas operações de *historíe*, *ópsis* e *gnóme*. É interessante notar que os capítulos do livro II precedentes a esse,

---

[56] À guisa de exemplo, cf. *Da medicina antiga*, XX, 2. (11-15) Τοῦτο δὲ, οἷόν τε καταμαθεῖν, ὅταν αὐτέην τις τὴν ἰητρικὴν ὀρθῶς πᾶσαν περιλάβῃ· μέχρι δὲ τουτέου πολλοῦ μοι δοκέει δεῖν· λέγω δὲ τὴν ἱστορίην ταύτην εἰδέναι ἄνθρωπος τί ἐστι, καὶ δι' οἵας αἰτίας γίνεται, καὶ τἄλλα ἀκριβέως. "E é possível adquirir esse conhecimento, ao englobar-se toda a medicina, corretamente; até então, parece-me ser necessário muito. Falo dessa investigação que consiste em saber, acuradamente, o que é o homem, e por que sorte de causas existe, e o demais". Também fr. 299DK atribuído a Demócrito, citado por Clemente de Alexandria, *Strom.* I 15, 69 [II 43, 13 St]: <'τάδε λέγει Δημόκριτος'> ... ναὶ μὴν καὶ περὶ αὑτοῦ [γράφει], ἧι σεμνυνόμενός φησί που ἐπὶ πολυμαθίαι. <'ἐγὼ δὲ τῶν κατ' ἐμαυτὸν ἀνθρώπων γῆν πλείστην ἐπεπλανησάμην ἱστορέων τὰ μήκιστα καὶ ἀέρας τε καὶ γέας πλείστας εἶδον καὶ λογίων ἀνδρῶν πλείστων ἐπήκουσα καὶ γραμμέων συνθέσιος μετὰ ἀποδείξεως οὐδείς κώ με παρήλλαξεν οὐδ' οἱ Αἰγυπτίων καλεόμενοι Ἀρπεδονάπται· σὺν τοῖς δ' ἐπὶ πᾶσιν ἐπ' ἔτεα † ὀγδώκοντα ἐπὶ ξείνης ἐγενήθην'>. ἐπῆλθε γὰρ Βαβυλῶνά τε καὶ Περσίδα καὶ Αἴγυπτον τοῖς τε μάγοις καὶ τοῖς ἱερεῦσι μαθητεύων. "<'Demócrito diz o seguinte'>... certamente [escreve] sobre si mesmo, onde fala em algum lugar, gabando-se de sua polimatia. "Eu, dos homens do meu tempo, viajei por vastíssima terra, investigando o mais longe possível e vastos ares e terras vi, homens muitíssimo doutos ouvi e da composição de escritos com demonstração ninguém ainda ultrapassou-me, nem os, dentre os egípcios, chamados arpedonatas, com os quais por oitenta anos no total estive no estrangeiro". Pois ele foi à Babilônia, à Pérsia e ao Egito para ser discípulo dos magos e sacerdotes."

especificamente a partir do 5, são relatos sobre a geografia física e humana do Egito (5-34) e sobre os *nómoi* egípcios (35-98). *Historíe* aqui parece indicar uma investigação *in loco*, baseada na *ópsis*[57], elaborada por meio da *gnóme*. Note-se ainda que, para adiante, o Historiador declara a intenção de contar os *lógoi* egípcios segundo o que ouviu, buscando, com o olhar, o respaldo para o que ouviu, o que é ao mesmo tempo uma visão conduzida pelo *légetai* e também uma audição subalterna à *ópsis*. Anteriormente, em II. 29, Heródoto já estabelecera a relação entre o testemunho ocular e a escuta na tarefa de investigação:

> II. 29.1. Ἄλλου δὲ οὐδενὸς οὐδὲν ἐδυνάμην πυθέσθαι, ἀλλὰ τοσόνδε μὲν ἄλλο ἐπὶ μακρότατον ἐπυθόμην, μέχρι μὲν Ἐλεφαντίνης πόλιος αὐτόπτης ἐλθών, τὸ δ' ἀπὸ τούτου ἀκοῇ ἤδη ἱστορέων.
>
> De alguns não pude obter qualquer informação, mas de outro tanto me informei nos lugares mais distantes, tendo ido, como testemunha ocular, até a cidade de Elefantina, e a partir dali então investigado pelos relatos orais[58].

Ver, buscar testemunhos, expor as diferentes versões com base nos graus e modalidades de crença, refletir sobre elas, são ações que conformam a operação de *historíe*, que chega à sua completude no ato da própria exposição.

O sentido de *historíe* na obra herodotiana faz reunirem-se as idéias de narração e de descrição, em que o olhar e o ouvir colocam-se a serviço do projeto expresso pelo proêmio, sem nunca perdê-lo de vista. A figura de um homem demiurgo desponta como alvo dessa *historíe*, e é sobreposta às questões étnicas, que,

---

[57] Sobre a estreita relação entre *ópsis* e *pístis* na tradição historiográfica, cf. *FGrHist* 688 F45 (51), Fócio *Bibl.* 72: <ταῦτα γράφων καὶ μυθολογῶν Κτησίας λέγει τἀληθέστατα γράφειν, ἐπάγων ὡς τὰ μὲν αὐτὸς ἰδὼν γράφειν, τὰ δὲ παρ' αὐτῶν μαθὼν τῶν ἰδόντων· πολλὰ δὲ τούτων καὶ ἄλλα θαυμασιώτερα παραλιπεῖν διὰ τὸ μὴ δόξαι τοῖς μὴ τεθεαμένοις ἄπιστα συγγράφειν.> [ἐν οἷς καὶ ταῦτα.] ao escrever e fabular essas coisas, Ctésias diz que escreve o que há de mais verdadeiro, juntando que escreve aquilo que ele próprio viu, e o que aprendeu por aqueles que viram; e que deixou de lado muitas outras coisas mais admiráveis por não parecer conveniente aos que não viram escrever coisas incrédulas.

[58] i.e, 'pela tradição'.

de resto, são apresentadas na tradicional dualidade que marca uma construção identitária que busca referenciais homéricos, sendo gregos como aqueus e bárbaros como troianos, conforme se nota desde o livro primeiro, com a história do rapto de Helena. O ponto de partida da *historíe* está assinalado pelo sintagma τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων, que Heródoto parece esmerar-se por livrar de uma suspeita de conduta etnocêntica, advertindo e especificando que esses τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων devem ser identificados como τὰ ἔργα μεγάλα καὶ θωμαστά, desde que sejam realizados tantos pelos gregos quanto pelos bárbaros.

Dessa forma, Heródoto parece criar uma categoria de *historíe* que, para além do sentido usual do termo, que o associa ao campo de visão[59], adquire caráter e compromissos epistemológicos, constituindo, assim, certo campo de saber que tem a investigação sobre o homem sujeito como horizonte e norte, mas não como objeto primeiro. Este último é circunstancial, e, no caso da obra de Heródoto, é constituído pela guerra que o próprio autor vivenciou em parte. Com o humano por horizonte e alicerce e a guerra como objeto, era preciso definir a via pela qual caminharia a *historíe*, algo que não se consolida necessariamente em metodologia, mas que dá rumo ao enredo e foco ao olhar. Nesse instante, desponta o conceito de αἰτίη, que vai dar acesso a digressões que remontam a Troia, à Lídia e a todo tipo de distância temporal e espacial. A via da αἰτίη, contudo, era de mão única. Heródoto não constrói uma história teleológica em que se veja invertida a relação entre causa e efeito. A ordem é sempre essa, e é claro que é o efeito que ilumina a causa, e nunca o contrário. A *historíe* não brinca de profeta.

Mostrar publicamente, fazer ouvir e ver a partir das imagens construídas, todo esse material recolhido, organizado e pensado por Heródoto, tem um porquê também expresso nas cláusulas que dão continuidade ao proêmio: "para que nem os feitos dos homens se tornem evanescentes por ação do tempo, nem as grandes e admiráveis obras, realizadas tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros, fiquem sem glória". Especificamente este trecho da abertura aproxima o discurso herodotiano

[59] Como se pode depreender da própria raiz ιδ-, cf. οἶδα.

daquele da épica e da poesia laudatória de Píndaro. Como afirma Calame (2000:115), essas proposições parecem se inscrever na visão do aedo homérico em sua função de celebrar os *kléa andrôn* ou, mais precisamente, parece retomar a visão da poesia de intenção laudativa dos grandes feitos do presente. No entanto, processa-se uma substituição dos grandes feitos dos heróis e das vitórias dos atletas nos jogos pelos grandes feitos dos gregos e dos persas. Essa leitura é também a de Nagy (2000: *passim*), que entende a *apódexis historíes* como uma espécie de *aînos*. Sob essa perspectiva, pode-se aproximar a *apódexis*[60] de Heródoto da modalidade discursiva que Aristóteles, em sua *Retórica*, classifica como *epidítica*, que tem por objetivo o elogio ou a reprovação. Mas, como lembra Immerwarh (1960:272), a concepção de *kléos* em Heródoto difere daquela que se apresenta em Homero em muitos aspectos, e especialmente em suas referências concretas "a um grupo social estável". Immerwarh não define claramente o conceito de "grupo social estável", mas creio que se pode inferir do texto de seu artigo tratar-se de um grupo em que há um reconhecimento de identidade comum e que, por isso, demarca com certa clareza suas fronteiras culturais com outros povos, guarnecendo-as com certo brio consciente ou inconscientemente defensivo. Immerwarh assinala, no entanto, que a diferença entre a concepção de *kléos* em Heródoto e em Homero pode ser mais bem delimitada pela observação de sua declaração, no proêmio, de que tratará dos "grandes e admiráveis feitos". Μεγάλα τε καὶ θωμαστά circunscrevem a referencialidade dos ἔργα.

Um tanto distante da figura do aedo, que através de um canto inspirado pode conferir *kléos* – e mesmo um *kléos áphthiton* – aos heróis integrantes do grupo dos *áristoi*, o Historiador, por meio da apresentação ou demonstração pública, pretende não deixar que as 'grandes e admiráveis' obras, tanto de gregos quanto de bárbaros, venham a estar *akleâ*. Tais obras não se tornam *akleâ* somente pelo fato de serem anunciadas e pormenorizadas publicamente, mas sobretudo por serem

[60] Discutirei mais adiante, no capítulo 4 desta tese, a significação do termo ἀπόδεξις nas *Histórias*.

monumentalizadas[61] em um discurso que não encontra fixação em um único espaço e tempo. Sejam ações ou construções materiais, esses *érga* que Heródoto apresenta estarão presentes aos ouvidos, e aos olhos, de todos a cada momento de *apódexis*, ou de leitura de um escrito que se constituíra outrora como *apódexis*. Essa *apódexis* é também uma forma de tornar o próprio trabalho de investigação de Heródoto, com todas as posturas epistemológicas que o fundamentam, algo preservado do olvido, algo que não pode ser esquecido nem mesmo pela ação inexorável do tempo, um tempo que Heródoto soube tão bem instrumentalizar narrativamente.

Da noção de *kléos* referida no proêmio, e sua possível alusão à épica homérica, Bakker (*in* VAN WESS 2002:27) retoma a sugestão apresentada por Pelliccia (1992: 74, n.23) de se observar a passagem da *Ilíada*, canto XXII, 304-5, em que Heitor, diante da iminência de morte pelas mãos de Aquiles, diz:

> μὴ μὰν ἀσπουδί γε καὶ ἀκλειῶς ἀπολοίμην,
> ἀλλὰ μέγα ῥέξας τι καὶ ἐσσομένοισι πυθέσθαι.
>
> que eu não pereça de modo indolente e inglório,
> mas, tendo realizado um grande feito, seja conhecido pelos vindouros.

A fala de Heitor deixa claro que o *kléos* depende fundamentalmente do herói que realiza um grande feito no presente e que pode vir a se tornar conhecido no futuro. O conhecimento desse ἔργον[62], e a propagação do *kléos* dele advindo, se dá também por intermédio do canto do aedo. Seguindo os passos de Heródoto, o tempo é capaz de tornar os feitos *akleâ*; a figura de seus realizadores não basta *per se* para que o projeto de preservação se cumpra. Para tanto, é imprescindível a ação do historiador. Como afirma Marie-Laurence Desclos (2003:26), esse *kléos*, à diferença

[61] Assinalo aqui que é preciso diferir uma recepção em que o texto de Heródoto é monumento de uma outra, a nossa própria, em que esse mesmo texto é documento. A passagem do monumento para o documento dá-se pelo grau de afastamento identitário, e, portanto, não se pode negar que, mesmo na recepção hodierna, se preservam certos traços dessa monumentalização, que se torna, para nós, um importante marco civilizatório.

[62] O emprego de ῥέζω faz evocar o cognato ἔργον por sua raiz. Cf. Chantraine, *v.* ἔργον: "II. De **werg-* a été également tiré um thème verbal représenté en grec hom. par ([illegible])[illegible]έρδω et par ῥέζω. (...) Sens: ἔρδω (et ῥέζω) <<avoir une activité importante, productive, qui engage>>.

de Homero e de Hesíodo, não é ditado pelas Musas, mas é a própria publicação da *historíe* que conferirá a glória àqueles que a merecem. A proposta de atribuição de *kléos* por parte do Historiador, que faz uma *apódexis* dos 'grandes feitos' dos homens, pode ser comparada, guardadas as diferenças de gênero e ocasião, àquela de Píndaro, que em sua lírica louva os grandes feitos dos vencedores.

Sobre as finalidades alegadas da *apódexis historíes*, é preciso pensar no que seriam os γενόμενα e os ἔργα. Por 'feitos', ou 'acontecimentos', que o Historiador restringe à esfera dos homens, poder-se-ia compreender não somente o conjunto de ações de naturezas diversas, e não somente as que dizem respeito à guerra entre gregos e bárbaros, incluindo-se aí os ditos, os testemunhos e toda a tradição que Heródoto revisita, e com a qual dialoga na extensão de sua obra. Sobre essa questão, Bakker (in VAN WESS 2000: 19) atenta para a passagem das *Histórias*, na qual o Historiador nos diz: Ἐγὼ δὲ ὀφείλω λέγειν τὰ λεγόμενα, πείθεσθαί γε μὲν οὐ παντάπασιν ὀφείλω (καί μοι τοῦτο τὸ ἔπος ἐχέτω ἐς πάντα τὸν λόγον)· VII.172.11, "Eu tenho por obrigação dizer o que é dito, mas não acreditar em tudo completamente (e que se tenha esta sentença para todo o meu discurso [i.e., para toda a minha obra])". Acrescento também a passagem de II. 123.1., onde se tem afirmado: Τοῖσι μέν νυν ὑπ' Αἰγυπτίων λεγομένοισι χράσθω ὅτεῳ τὰ τοιαῦτα πιθανά ἐστι· ἐμοὶ δὲ παρὰ πάντα τὸν λόγον ὑπόκειται ὅτι τὰ λεγόμενα ὑπ' ἑκάστων ἀκοῇ γράφω. "Faça bom uso do que é dito pelos egípcios aquele para quem tais (ditos) são confiáveis. Quanto a mim, ao longo de todo o meu discurso, figura como preceito que escrevo o que é dito por cada um, conforme ouvi". A partir de tais observações, é possível estender o sentido de 'τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων' para além do que é 'feito', implicando-se nesta frase também 'os ditos'.

Pelliccia (1992:75) e Moles (1999: *passim*) atentam ainda para o fato de Heródoto afirmar, no proêmio, que os γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων são passíveis de se tornar ἐξίτηλα. E a motivação primeira da *apódexis* é justamente não permitir que esse possível apagamento, ou desaparecimento, venha a acontecer por ação do tempo. Nas *Histórias* são encontradas apenas duas ocorrências do termo ἐξίτηλος,

uma no proêmio, e outra no livro V.39, na qual o Historiador faz menção à preocupação dos éforos espartanos com o desaparecimento da raça de Euristenes (γένος τὸ Εὐρυσθένεος γενέσθαι ἐξίτηλον). A conexão entre γένος e ἐξίτηλος, como afirma Pelliccia, parece evocar o caráter genealógico de algumas narrativas bastante conhecidas da audiência de Heródoto, sobretudo, no lastro genérico das *Histórias*, as *Genealogias* de Hecateu. Heródoto, no proêmio, associa ἐξίτηλος aos γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων, podendo-se ali incluir também os γένη ἀνδρῶν. Mas à diferença da logografia de Hecateu, não são esses a tópica dominante do projeto das *Histórias*, mas sim os vários discursos que contam diferentemente sobre as 'raças dos homens' e seus feitos, com suas múltiplas variantes e seus diversos níveis de crença. Níveis esses que o próprio Heródoto demarca, e sobre os quais argumenta, na disposição das várias versões de uma mesma história. Assim, se por um lado o proêmio das Histórias guarda alguma similaridade com a introdução que faz Hecateu em suas *Genealogias* (fr.1), por outro, Heródoto parece assumir uma nova postura no tratamento do material colhido em sua investigação.

A segunda motivação da *apódexis historíes* no proêmio é dita "para que as grandes e admiráveis obras, realizadas tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros, não fiquem sem glória" (μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, ἀκλέα γένηται). O termo ἔργον nas *Histórias*, alvo de escopo de estudiosos como Immerwarh (1960) e Licciardi (1991), pode ter seu sentido expandido do particular para o mais geral. Em seu artigo, Immerwarh considera sobretudo sua contiguidade semântica com μνημόσυνον e aproxima seu significado na obra de Heródoto ao de 'monumento'. Immerwarh (1960:267) ressalta a dupla conotação que podem assumir os termos ἔργον e μνημόσυνον, uma concreta, outra, mais abstrata. Em I, 14. Heródoto, ao mencionar as oferendas de Giges a Delfos e também suas campanhas, diz que o deixará, pois nenhum outro feito foi por ele realizado em trinta e oito anos de reinado (Ἀλλ' οὐδὲν γὰρ μέγα ἀπ' αὐτοῦ ἄλλο ἔργον ἐγένετο βασιλεύσαντος δυῶν δέοντα τεσσεράκοντα ἔτεα, τοῦτον μὲν παρήσομεν τοσαῦτα ἐπιμνησθέντες "mas, como não houve nenhum

outro grande feito dele advindo, que reinou por trinta e oito anos, o deixaremos de lado, após ter mencionado esse tanto"). *Érga*, nessa passagem, refere-se não só às campanhas bem sucedidas de Giges como às oferendas a Delfos, realizações dignas de lembrança. Logo em seguida, em I.15, o Historiador diz que fará menção (μνήμην ποιήσομαι) a Árdis, e relata suas exitosas campanhas.

Também os feitos, as ações, em Salamina são ditos *érga* por Heródoto. E, dessa forma, pode-se relacionar a proposição do proêmio que refere os *érga* com aquela última que trata, mais especificamente, das causas da guerra entre gregos e bárbaros. Em VIII, 75, Sícino, a mando de Temístocles, diz aos estrategos dos bárbaros que, se não deixarem os atenienses escapar, poderão realizar o mais belo feito em Salamina (καὶ νῦν παρέχει κάλλιστον ὑμέας ἔργον ἁπάντων ἐξεργάσασθαι "e agora é o momento de vós realizardes o mais belo feito de todos"). Em VIII,89, ao referir os bárbaros que morrem no mar, é dito que os persas que estavam na retaguarda, ao avançarem a fim de demonstrar ao rei também uma ação[63] (ὡς ἀποδεξόμενοί τι καὶ αὐτοὶ ἔργον βασιλέϊ), entrechocam-se com os navios da dianteira que se põem em fuga. Heródoto não só faz menção aos feitos individuais, mas também aos coletivos, e uma passagem significativa sobre a importância dos ἔργα nas disposições de guerra é a do debate entre tegeatas e atenienses, que disputam um lugar na ala não ocupada pelos lacedemônios em Plateia (IX, 26-27). A disputa travada entre tegeatas e atenienses tem por medida a quantidade e qualidades dos ἔργα realizados por ambos, no presente e no passado. Os tegeatas declaram ser parte dos γέρεα μεγάλα, dos grandes prêmios obtidos por seus feitos, o comando constante de uma das alas do exército no caso de expedições conjuntas. Os tegeatas concluem então afirmando que os atenisenses não realizaram jamais nenhum feito à altura dos seus (οὐ γάρ σφί ἐστι ἔργα οἷά περ ἡμῖν κατεργασμένα, οὔτ' ὦν καινὰ οὔτε παλαιά "não há para eles feitos como os realizados por nós, nem novos nem antigos"), ao que os atenienses argumentam

[63] Das ocorrências de ἔργων ἀπόδεξις e ἔργα ἀποδείκνυσθαι, tratarei no capítulo seguinte.

elencando uma série de ἔργα, realizados no Peloponeso, em Tróia e, ora, em Maratona. A concessão do posto é então dada aos atenienses.

Os ἔργα são também construções monumentais que podem mesmo ser mensuradas pelo θῶμα que despertam. Assim, em I.93, Heródoto descreve o túmulo de Aliates após apresentá-lo como um ἔργον πολλὸν μέγιστον, à exceção dos ἔργα, dos monumentos, dos egípcios e babilônios (χωρὶς τῶν τε Αἰγυπτίων ἔργων καὶ τῶν Βαβυλωνίων). Em II.148, do labirinto dos egípcios, diz-se que é capaz de produzir um θῶμα μυρίον, uma admiração infinita. Apresentado como um monumento, o labirinto é superior à soma de todas as muralhas e demais *érga* dos gregos (Εἰ γάρ τις τὰ ἐξ Ἑλλήνων τείχεά τε καὶ ἔργων ἀπόδεξιν συλλογίσαιτο, ἐλάσσονος πόνου τε ἂν καὶ δαπάνης φανείη ἐόντα τοῦ λαβυρίνθου τούτου “ Pois se alguém somasse as muralhas e a *apódexis* das obras dos gregos, pareceriam ser de menor trabalho e despesa do que esse labirinto”), superior às próprias pirâmides, que estão para além do *lógos* (Ἦσαν μέν νυν καὶ αἱ πυραμίδες λόγου μέζονες καὶ πολλῶν ἑκάστη αὐτέων ἑλληνικῶν ἔργων καὶ μεγάλων ἀνταξίη· ὁ δὲ δὴ λαβύρινθος καὶ τὰς πυραμίδας ὑπερβάλλει.“As pirâmides eram maiores do que se possa dizer e cada uma delas é equivalente ou equiparável a muitas das grandes obras gregas; mas o labirinto ultrapassa também as pirâmides.”), superior às construções humanas (Οὕτω τῶν μὲν κάτω πέρι οἰκημάτων ἀκοῇ παραλαβόντες λέγομεν, τὰ δὲ ἄνω μέζονα ἀνθρωπηίων ἔργων αὐτοὶ ὡρῶμεν. “Assim, falamos das câmaras inferiores por ouvir dizer, mas as superiores nós mesmos as víamos, maiores do que as obras humanas”)

Como assinala Immerwarh (1960:268), os ἔργα são grandes (μεγάλα), capazes de produzir admiração (θῶμα), são dignos de menção ou de memória (λόγου, μνήμης ἄξια), ‘publicamente demonstrados’ (ἀποδείκνυσθαι), deixados (λείπεσθαι) para a posteridade. Com a realização de grandes feitos os homens podem obter um *kléos*, como é o caso de Leônidas, rei e general espartano das Termópilas (VII.220) e também o de Pausânias, que, por ter operado um feito de amplitude e beleza extraordinárias em Plateia (IX. 78. ἔργον ἔργασταί τοι ὑπερφυὲς

μέγαθός τε καὶ κάλλος), conquista a mais alta glória dentre os gregos (καί τοι θεὸς παρέδωκε...κλέος καταθέσθαι μέγιστον Ἑλλήνων). Em VII.24, Heródoto nos diz que Xerxes ordena a escavação de um canal no monte Atos a fim de demonstrar seu poder e de deixar uma lembrança do feito (αὐτὸ Ξέρξης ὀρύσσειν ἐκέλευε, ἐθέλων τε δύναμιν ἀποδείκνυσθαι καὶ μνημόσυνα λιπέσθαι).

Não só os feitos, mas também os ditos constituem-se como dignos de memória para Heródoto. Em VII. 226, o Historiador nos diz que as palavras de Dieneces, o general de Leônidas, são consideradas μνημόσυνα (incluindo-se sobretudo o famoso dito εἰ ἀποκρυπτόντων τῶν Μήδων τὸν ἥλιον ὑπὸ σκιῇ ἔσοιτο πρὸς αὐτοὺς ἡ μάχη καὶ οὐκ ἐν ἡλίῳ, 'se os medos ocultam o sol, o combate com eles seria à sombra e não ao sol', depois parafraseado em 'combateremos à sombra'), lembranças de seus feitos em Termópilas: Ταῦτα μὲν καὶ ἄλλα τοιουτότροπα ἔπεά φασι Διηνέκεα τὸν Λακεδαιμόνιον λιπέσθαι μνημόσυνα "Afirmam que Dieneces deixou como monumento essas palavras e outras de mesma espécie". Quer se trate de ações ou construções, os *érga* são monumentalizados nas *Histórias* pela visibilidade que o Historiador lhes confere por meio das descrições minuciosas, pelo detalhamento dos traços e caracteres que afirmam sua grandeza. E, por meio da *apódexis*, Heródoto assegura a perenidade desses ἔργα ἀποδεχθέντα, parte dos γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων, e lhes garante a manutenção do *kléos*.

O sintagma τά τε ἄλλα καί, na última frase do proêmio, tem suscitado discussões que apontam para diferentes posturas quanto à sua interpretação[64]. Nagy

[64] Cf. Marek Węcowski (2004:147 n.24), 'And in particular' or rather 'among other things'? This alternative obviously opens the true Pandora's box of Herodotean scholarship, i.e the problem of the relationship of what is (allegedly) stated in the proem on the one hand and the contents of *Histories* on the other. 'E em particular' ou melhor 'entre outras coisas'? Essa alternativa obviamente abre a verdadeira caixa de Pandora dos estudos herodotianos, ou seja, o problema da relação entre o que é, por um lado, (supostamente) declarado no proêmio, e o conteúdo das *Histórias*, por outro'. Também Porciani (1997: 162) discutira a questão, apontando os diferentes pontos de vista sobre a frase final τά τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι. Legrand (1946:13 n.1) acredita que a frase está ligada às primeiras palavras do proêmio ἱστορίης ἀπόδεξις ἥδε, e em particular à ἀπόδεξις. Erbse (1956: *apud* Porciani 1997), seguido por Sauge (1992:256), entende ἱστορίης ἀπόδεξις ἥδε como um ἱστορήσας ἀπεδέξατο τάδε, deslocando a ênfase para a idéia de ἱστορεῖν, que teria por acusativos τὰ ἄλλα e δι' ἣν αἰτίην.

(1990: 218) o entende como uma pergunta indireta[65], com o efeito de deslocar a ênfase do mais geral para o específico, movimento semelhante ao operado nas cláusulas negativas introduzidas por μήτε, em que a segunda delimitaria a esfera dos γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων. Cagnazzi (1975: 420), no entanto, atentara para uma passagem das *Histórias* que, em confronto com a frase final do proêmio, traria luzes para sua interpretação. No livro III.155, ao apresentar a Dario seu plano de como tomar a Babilônia, Zópiro conclui: Ὡς γὰρ ἐγὼ δοκέω, ἐμέο μεγάλα ἔργα ἀποδεξαμένου τά τε ἄλλα ἐπιτρέψονται ἐμοὶ Βαβυλώνιοι καὶ δὴ καὶ τῶν πυλέων τὰς βαλανάγρας. "Pois, como eu penso, tendo eu dado prova de um grande feito, os babilônios confiar-me-ão outras coisas e ainda as chaves das portas". Também no livro II. 65, ao tratar das práticas religiosas dos egípcios, Heródoto diz: Αἰγύπτιοι δὲ θρησκεύουσι περισσῶς τά τε ἄλλα περὶ τὰ ἱρὰ καὶ δὴ καὶ τάδε. "Os egípcios observam de modo singular, entre outras coisas acerca das práticas religiosas, principalmente esta". Em I.180, na descrição da cidade da Babilônia, tem-se: Τὸ δὲ ἄστυ αὐτὸ ἐὸν πλῆρες οἰκιέων τριορόφων καὶ τετρορόφων κατατέτμηται τὰς ὁδοὺς ἰθέας, τάς τε ἄλλας καὶ τὰς ἐπικαρσίας τὰς ἐπὶ τὸν ποταμὸν ἐχούσας. "A cidade propriamente, cheia de casas de três e quatro pavimentos, é cortada por vias retas, tanto as outras quanto as transversais que dão para o rio." Em duas outras passagens das *Histórias*, tem-se τά τε ἄλλα em contraste com καὶ μάλιστα (I.174. τά τε ἄλλα τοῦ σώματος καὶ μάλιστα τὰ περὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς "as outras partes do corpo, e sobretudo as que dizem respeito aos olhos") e καὶ δὴ καὶ (II. 131. Ταῦτα δὲ λέγουσι φλυηρέοντες, ὡς ἐγὼ δοκέω, τά τε ἄλλα καὶ δὴ καὶ τὰ περὶ τὰς χεῖρας τῶν κολοσσῶν. "Mas dizem isso frivolamente, como me parece, e as outras coisas, principalmente as que dizem respeito às mãos das estátuas.")

Τά τε ἄλλα diria respeito aos demais *érga* que não só os *megála kaì thomastá*? Essa é uma leitura possível, se considerarmos a proposição final do dito 'proêmio estendido', em que Heródoto afirma que fará menção às pequenas (μικρά)

[65] Na tradução proposta por Nagy teríamos na frase final do proêmio: "em particular [essa *apódexis* dessa *historíe* diz respeito] ao porquê (= por que causa) eles entraram em conflito uns com os outros."

e às grandes (μεγάλα) cidades dos homens indistintamente, ciente da mutabilidade da fortuna. Cagnazzi acredita que, se τά τε ἄλλα for equivalente a τὰ ἄλλα ἔργα, ficariam de fora as próprias narrativas do conflito. Seria referente às demais narrativas, geográficas e etnográficas, ou mesmo às ditas 'digressões', presentes nas *Histórias*? Ou às demais ações da guerra, as forças que se destacam em ambos os lados, o jogo de alianças, as consequências da guerra, para além de sua *aitíe*? Tratar-se-ia de "outras coisas e também o porquê de terem entrado em guerra", se tomarmos a passagem de III.155 por analogia? Se pensarmos na afirmativa de Van Wess (2000:321) de que a guerra entre gregos e bárbaros era o fim, mas não o todo, das *Histórias*, que incluem uma série de registros sobre a humanidade e o passado, τά τε ἄλλα poderia ser entendido como uma retomada dos γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων, e assim Heródoto faria uma "história universal da raça humana". Um passo importante talvez seja a consideração da narrativa que se segue, ou mesmo dá continuidade ao proêmio: Περσέων μέν νυν οἱ λόγιοι Φοίνικας αἰτίους φασὶ γενέσθαι τῆς διαφορῆς, "entre os persas, os doutos afirmam que os fenícios foram os causadores do desacordo". O foco primeiro do relato repousaria na *aitíe*, e τά τε ἄλλα, poderia ser interpretado, nesse contexto, como um sintagma adverbial, "em particular"[66], o que é reforçado pela escolha de Creso como personagem do primeiro *lógos* das *Histórias*, por repousar nele o princípio da dissensão, ele é τὸν πρῶτον

[66] Como argumenta Lateiner (1989: 232), "The principal effect of τά τε ἄλλα is clearly to throw the chief weight on αἰτίην ἐπολέμησαν, on the desire to supply circunstances (all great and wonderful deeds) from which one (the cause for which they went to war) is to receive concentrated attention, as in the adverbial phrase τά τε ἄλλα καί. Here τά τε ἄλλα compactly suggests a comprehensive account of greek and barbarians actions. 'O efeito principal de τά τε ἄλλα é claramente lançar o peso essencial sobre αἰτίην ἐπολέμησαν, a fim de fornecer circunstâncias (todos os grandes e maravilhosos feitos), dos quais um deve receber especial atenção, como na frase adverbial τά τε ἄλλα καί. Aqui, τά τε ἄλλα sugere, concisamente, um relato abrangente das ações de gregos e bárbaros. Cf. também Nagy (1990:218): "The adverbial τά τε ἄλλα καὶ... that precedes the relative construction... δι' ἣν αἰτίην... has the effect of throwing the emphasis forward from the general to the specific, to parallel the movement from general to specific in the negative purposes clauses (μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται) and (μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, ἀκλέα γένηται)." 'O adverbial τά τε ἄλλα καὶ... que precede a construção relativa δι' ἣν αἰτίην... tem o efeito de lançar ênfase do geral para o específico, para comparar o movimento do geral para o específico nas cláusulas negativas (μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται) e (μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, ἀκλέα γένηται).'

ὑπάρξαντα ἀδίκων ἔργων ἐς τοὺς Ἕλληνας, "o primeiro a empreender atos injustos contra os gregos".

Sob esta perspectiva de 'princípio' e 'causalidade', Krischer (1965:160-161) e Nagy (1987:180; 1990:222) veem o recurso de passagem do proêmio para o início da narrativa em Heródoto como semelhante àquele presente na épica homérica[67]. Krischer estabelece um paralelo entre ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε (*Il.*I,v.6) "desde que, primeiro, tendo entrado em discórdia separam-se os dois" e Τίς τάρ σφωε θεῶν ἔριδι ξυνέηκε μάχεσθαι; (*Il.*I,v.8) "Qual dos deuses os levou a combater por discórdia?", na *Ilíada*, e δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι "por que motivo entraram em guerra uns contra os outros" e αἰτίους τῆς διαφορῆς "os causadores do desacordo", no texto de Heródoto. Na *Ilíada*, a ἔρις figura como ponto de partida para o canto da Deusa; nas *Histórias*, a αἰτίη τῆς διαφορῆς (ou αἰτίη τοῦ πολέμου), figura como marco inicial da *apódexis* herodotiana. Race (1992:21) atenta também para o fato de τὰ πρῶτα indiciar a ἀρχή da narrativa no proêmio da *Ilíada* e de, a partir desta, o poeta buscar definir uma αἰτία por meio da interrogativa "Τίς τάρ σφωε θεῶν ἔριδι ξυνέηκε μάχεσθαι;". Em contraste, o proêmio da *Odisseia* não dispõe de uma ἀρχή explícita, τῶν ἁμόθεν γε, θεά, θύγατερ Διός, εἰπὲ καὶ ἡμῖν (v.10) "disso, então, de algum ponto, Deusa, filha de Zeus, conta-nos também", longe de demarcar um princípio, poderia abarcar a pluralidade de experiências vivenciadas por Ulisses e a "complexidade da situação em Ítaca", como afirma Race. Nas *Histórias*, se considerarmos a composição circular, ou a 'pedimental composition' como conceitua Myres (1953:81*ss.*)[68], no final do dito

[67] Race (1992:23) aponta também a similaridade entre a épica e a poesia hesiódica. Na *Teogonia*, como destaca o classicista, a forma πρῶτον aparece quatro vezes no proêmio para indicar pontos de partida (versos 34, 44, 108, 113), e nos versos que encerram o proêmio, e no que marca o início da narrativa da cosmogonia tem-se: ταῦτά μοι ἔσπετε Μοῦσαι Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι / ἐξ ἀρχῆς, καὶ εἴπαθ', ὅτι πρῶτον γένετ' αὐτῶν. / ἤτοι μὲν πρώτιστα Χάος γένετ'· (vv.114-116) "Dizei-me isso, Musas, que tendes Olímpias moradas / desde a origem, e dize o que primeiro deles surgiu./ Primeiramente surgiu o Caos."

[68] Como sublinha Immerwahr (1986 [1966]:54), a composição anelar (ring composition) não deve ser confundida com composição circular, ou 'pedimental composition' como denomina Myres, que é mais regular e não fundamentada somente em repetições verbais. Para 'ring composition', cf. Immerwahr, *ibidem*, 54-58. Cf. também Waterfield (Herodotus *The Histories*, 1998: xxii), 'the three narratives habits I have just described – parataxis, the integrity of the individual narrative unit, and associative thinking – all contribute to an overall narrative pattern that is often called ring

'proêmio estendido', Heródoto parece definir uma αἰτίη e delimitar o ponto de partida de seu relato, que consiste precisamente no *lógos* de Creso: Ταῦτα μέν νυν Πέρσαι τε καὶ Φοίνικες λέγουσι. Ἐγὼ δὲ περὶ μὲν τούτων οὐκ ἔρχομαι ἐρέων ὡς οὕτως ἢ ἄλλως κως ταῦτα ἐγένετο, τὸν δὲ οἶδα αὐτὸς πρῶτον ὑπάρξαντα ἀδίκων ἔργων ἐς τοὺς Ἕλληνας, τοῦτον σημήνας προβήσομαι ἐς τὸ πρόσω τοῦ λόγου, (I. 5, 9-13), "Isso, precisamente, dizem persas e fenícios. Eu, sobre tais acontecimentos, não vou dizer que ocorreram assim ou de outro modo, mas, após indicar o que eu próprio sei ter sido o primeiro a iniciar atos injustos contra os gregos, prosseguirei no meu relato".

Quer tenham sido compostas posteriomente à redação final da obra, quer desde o princípio de sua elaboração, as linhas 1-5 de abertura das *Histórias* dão conta do vasto projeto do Historiador, e se assentam perfeitamente na pluralidade de *lógoi* que constituem sua obra[69]. O dito 'proêmio em sentido estrito', de "caráter vago e enigmático" como qualificou Darbo-Peschanski (1998:223), encaixa-se, como proposição introdutória, nas diversas narrativas que compõem a obra de Heródoto,

composition. The name comes from the fact (...) that the beginning and the end of each narrative unit repeat the same information, more or less, and by this repetition they show us that a new topic is being introduced and then that it is being concluded. If a unit is interrupted, the beginning and end of the digression mark their own presence in the same way. An *a-b-a* pattern results that is often repeated, sometimes in elaborate interlocking forms, throughout the *Histories*, since the units themselves often display the same sandwiching formation: *a* (main narrative)/ *b* (digression)/ *a* (main narrative resumed)."

[69] Sobre a composição das *Histórias*, são longos os debates que dividiram "analistas" e "unitaristas", influenciados pela dita "questão homérica" acerca da gênese e natureza das epopéias de Homero. Muito se discutiu se as *Histórias* seriam fruto de um plano unificado ou de uma reunião de relatos, escritos em momentos diversos e posteriormente costurados em um todo. Como pontua Caballero López (2005:67), o problema reside no fato de que Heródoto dedica seis livros inteiros às narrativas de formação do império persa e às descrições dos povos que o integram até chegar aos conflitos das cidades gregas da Ásia Menor. Só nos últimos três livros o Historiador trata propriamente do propósito anunciado no proêmio, a guerra entre gregos e bárbaros. Um dos mais importantes estudiosos da historiografia grega, Felix Jacoby, acreditou que Heródoto começara sua obra com os relatos geográficos e etnográficos, aos quais aos poucos ia incluindo as histórias locais de seus territórios (in *Atthis: The Local Chronicles of Ancient Athens,* 1949, *passim*). Os estudos recentes tendem para a visão unitarista da obra, baseados, sobretudo, nos trabalhos de Henry Immerwahr, em especial *Form and thought in Herodotus*, no qual o helenista examina a estrutura dos episódios das *Histórias* e o modo como se integram em um todo orgânico na obra. Carolyn Dewald e John Marincola, em sua introdução ao *The Cambridge Companion to Herodotus*, resumem as diversas posturas teóricas e os pontos de vista defendidos por estudiosos da obra de Heródoto desde inícios do séc. XX (2006: 1-12).

sobretudo, por seu fundo axiológico. Considerando-se essa possibilidade, e levando em conta as possíveis apresentações públicas das *Histórias*, seria plausível pensar na composição de um 'proêmio' que permitisse certa mobilidade no conjunto da obra, cabendo como introdução a quaisquer das passagens que fossem apresentadas a uma audiência. Se por um lado a etiologia das guerras entre gregos e bárbaros figura como temática primeira da *apódexis historíes* que se anuncia com o proêmio, por outro, as finalidades apresentadas em seu ato performativo fazem expandir todo o conteúdo a ser apresentado, podendo ir além da noção de *aitíe* perquirida pelo Historiador. O livro II, que trata do Egito, que Heródoto, pesquisador viajante, conheceu por meio da *ópsis* e da *akoé*, evidencia, em sua longa descrição etnográfica e geográfica, os *erga mégala kaì thomastá*, sobretudo em sua primeira parte (II.2-98), mas também os *genómena ex anthrópon,* nas narrativas das dinastias faraônicas (II.99-182).

As traduções do proêmio herodotiano são bons índices para a apreciação das suas diversas leituras. Nelas, as interpretações semânticas e mesmo sintáticas se colocam com bastante clareza, expondo ênfases e tendências. Por essa razão, comento algumas dessas traduções, selecionadas pelo critério de relevância em relação à circulação.

José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva, ambos Professores Catedráticos da Universidade de Coimbra, em suas traduções costumam primar pela proximidade com o original. Assim, pois, traduzem o proêmio:

> Esta é a exposição das investigações de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não desvaneçam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas, realizadas quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros; e sobretudo a razão por que entraram em guerra uns com os outros. (Tradução de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva, 1994, p.53)

As opções dos helenistas portugueses são: ἀπόδεξις por "exposição"; γενόμενα por "feitos"; ἐξ ἀνθρώπων é entendido como um adjunto nominal em

genitivo (omitindo-se, assim, o peso da preposição ἐξ); ἔργα é traduzido por "empresas" (em detrimento da tradicional interpretação por "obras"); κλέος é compreendido como "renome". O mais curioso, contudo, é a opção para a problemática expressão τά τε ἄλλα, entendida como equivalente de algo como μάλιστα.

Mais livre e, portanto, distante do texto grego é a tradução indireta de Brito Broca, que até pouco tempo era a tradução em língua portuguesa mais difundida. Brito Broca, cronista e contista da Belle Époque carioca, criou uma *persona* autoral, Alceste, baseado no personagem misantropo de Moliére e por essa *persona*, assinava suas crônicas diárias nos jornais, nas quais primava por exibir uma erudição que pretensamente o destacaria de seus rivais literários. Sua tradução de Heródoto muito provavelmente fazia parte desse projeto de *persona* erudita, e, conquanto indireta, marcou profundamente não só a apreciação do "Pai da História", como também todo o ensino de História Antiga nos colégios e universidades. Das várias edições que teve essa tradução, foi pela Coleção Clássicos Jackson que ela mais circulou, ao lado das traduções dos épicos por Odorico Mendes, autor pré-romântico. Eis a sua tradução do proêmio:

> Ao escrever sua História, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas; desejava ainda, sobretudo, expor os motivos que os levaram a fazer guerra uns aos outros." (Tradução de J.Brito Broca, 1950, p.5)

Brito Broca, como se vê, ousa uma distância do texto que chega mesmo a eliminar por completo qualquer ideia que lembre a ἀπόδεξις. Em lugar disso, propõe uma inversão dos costumes relativos à tradução de Heródoto que procuram evitar a opção por termos relacionados à escrita, preferindo-os nas traduções de Tucídides[70]. Τὰ γενόμενα foram traduzidos por "ações realizadas", e o ἐξ

[70] Sobre esse tema, há o trabalho de Sandra Rocha, 'Interferências da tradução: percepções sobre a oralidade e escrita no século V a.C.', apresentado no III Seminário do Núcleo de Estudos Clássicos da

ἀνθρώπων, por um agente da passiva. Ἔργα foram traduzidos por "explorações"; ἀκλεᾶ, por "ignorados". A expressão τά τε ἄλλα também é traduzida por "sobretudo".

Jaime Berenguer Amenós, na prestigiosa edição da *Alma mater*, com texto bem estabelecido com tradução espelhada, oferece a seguinte interpretação:

> He aquí la exposición de las investigaciones de Heródoto de Halicarnasso, para que ni los hechos de los hombres com el tiempo queden olvidados, ni las grandes y maravillosas hazañas realizadas así por griegos como por bárbaros queden sin gloria; y entre otras cosas, las causas por las cuales guerrearon entre si. (Tradução de Jaime Berenguer Amenós, 1960, p.8)

Sua tradução exemplar e paradigmática é bem ancorada no texto e destaca-se das demais por não atribuir valor adverbial à expressão τά τε ἄλλα, mas associá-la à αἰτίη, sem, contudo, deixar claro sua interpretação sintática acerca do verbo que regeria αἰτίη. Parece que o tradutor tentou passar à língua de chegada um certo anacoluto que, no entanto, sugere que tanto o τά τε ἄλλα quanto o αἰτίην estejam ligados idealmente a ambos os " ὡς μὴ γένηται".

UnB (jun.2010), ainda inédito, mas no prelo. Nesse trabalho, a partir de um estudo das traduções da obra de Heródoto e Tucídides, a autora mostra como o vocabulário referente ao campo da escrita (συγγράφω, γράφω, συγγραφή) recebe tratamento diversificado por parte dos tradutores, que tendem a traduzi-lo, no caso das *Histórias*, por 'descrever, dizer, declarar, mencionar'. Assim, nota-se uma inclinação à oralidade em Heródoto, em contraste com a 'escrita' tucidideana. Cf. ainda Rocha (2008:65-66): After all these examples, one should not feel surprised when Herodotus takes a more straightforward step to reveal himself within a process of writing, as in I.93.1 (Θώματα δὲ γῆ [ἡ] Λυδίη ἐς συγγραφὴν οὐ μάλα ἔχει). Doubtless, Herodotus is engaged into writing a *logos* (συγγραφή) and taking part in a tradition of people who know meaningful events that should be left for posterity. Since they have access to all this supply of knowledge, they are entitled to select what is worthy of being kept. Here more than anywhere else, Herodotus shows himself very conscious of the nature of his account as far as a mode of communication is at play. Although this is not too important for him, the *Histories* are a συγγραφή. Diante de todos esses exemplos, ninguém deve se surpreender quando Heródoto dá um passo mais direto para se mostrar inserido em um processo de escrita, como em I.93.1 (Θώματα δὲ γῆ [ἡ] Λυδίη ἐς συγγραφὴν οὐ μάλα ἔχει). Sem dúvida, Heródoto se compromete a escrever um *lógos*, integrando uma tradição de pessoas conhecedoras de eventos significativos que devem ser deixados à posteridade. Uma vez que eles têm acesso a toda esta oferta de conhecimento, eles estao autorizados a selecionar o que vale à pena ser conservado. Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, Heródoto se mostra bastante consciente da natureza de seu relato, na medida em que um modo de comunicação está em questão. Embora isso no seja tão importante para ele, as *Histórias* são uma συγγραφή.

Em tradução mais recente, também para o espanhol, Arturo Ramírez Trejo parece entender τά τε ἄλλα como uma extensão quantitativa de ἔργα, como, de resto, faz Amenós:

> Es ésta uma exposición de la investigación de Heródoto de Halicarnasso, a fin de que ni lo realizado por los hombres se desvanezca con el tiempo, ni queden sin gloria las obras grandiosas y admirables, recogidas unas por los griegos y otras por los bárbaros; y también outra cosa por qué causa guerrearan unos contra otros. (Tradução de Arturo Ramírez Trejo, 2008:1)

A célebre tradução publicada pela Association Guillaume Budé, das Edições *Les Belles Lettres*, é assinada por Philippe-Ernest Legrand, também responsável pelo estabelecimento do texto. Eis sua tradução:

> Hérodote de Thourioi expose ici ses recherches, pour empêcher que ce qu'ont fait les hommes, avec le temps, ne s'efface de la mémoire et que de grands et merveilleux exploits, accomplis tant par les Barbares que par les Grecs, ne cessent d'être renommés; en particulier, ce qui fut cause que Grecs et Barbares entrèrent en guerre les uns contre les autres." (Tradução de Ph.-E. Legrand, 1946:13)

Legrand interpreta os γένομενα como "feitos" e mais uma vez o sintagma ἐξ ἀνθρώπων é tomado por complemento verbal (traduzido pelo sujeito ideal do sintagma *ce qu' ont fait*). A expressão τά τε ἄλλα é traduzida por "en particulier", o que lhe dá evidente contorno adverbial.

A tradução que Godley propõe em 1975 traz uma interpretação sintática inovadora para ἐξ ἀνθρώπων, ligando o sintagma a ἐξίτηλα:

> WHAT Herodotus the Halicarnassian has learnt by inquiry is here set forth: in order that so the memory of the past may not be blotted out from among men by time, and that great and marvellous deeds done by Greeks and foreigners and especially the reason why they warred against each other maynot lack renown." (Tradução de A.D. Godley, 1975: 3)

A construção "*in order thar so the memory of the past may not be blotted out from among men*" sugere uma subtração da memória humana comum. De todas as traduções analisadas, esta é a única que desvincula ἐξ ἀνθρώπων de γενόμενα.

O tradutor também anglófono Andrea Purvis, em 2009, tem uma postura mais tradicional na leitura do proêmio:

> Herodotus of Halicarnassus here presents his research so that human events do not fade with time. May the great and wonderful deeds – some brought forth by the Hellenes, others by the barbarians – not go unsung; as well as the causes that led them to make war on each other. (Tradução de Andrea Purvis, 2009, p.3)

O que se pode notar em destaque nessa tradução é o uso do termo "unsung" (não cantado/celebrado) como proposta de leitura para ἀκλεᾶ, que aproxima, de certa forma, a historiografia de Heródoto da poesia. Sua interpretação de τὰ τε ἄλλα é adverbial: "as well".

No século XIX, Larcher publicara uma tradução das *Histórias* que teve grande circulação, presente em todas as bibliotecas que já existiam então. Nela, Larcher dissolve o problema sintático que ronda o termo αἰτίη, acrescentando o verbo "développer":

> En présentant au public ces recherches, Hérodote d'Halicarnasse se propose de préserver de l'oubli les actions des hommes, de célébrer les grandes et merveilleuses actions des Grecs et des Barbares, et, indépendamment de toutes ces choses, de développer les motifs qui les portèrent à se faire la guerre. (Tradução de Larcher, 1850)

Para a tradução de τὰ τε ἄλλα, Larcher propõe a locução adverbial "indépendamment de toutes ces choses", conquanto pese a dificuldade que se possa ter para compreender, no texto grego, esse "indépendamment".

Uma tradução indireta que teve e tem larga utilização acadêmica e vasta circulação literária no Brasil é a de Mário da Gama Kury. Sua tradução parece acompanhar as opções de Godley, sobretudo em relação à associação entre ἐξ

ἀνθρώπων e ἐξίτηλα. Nota-se claramente ali uma insistência na ideia de memória, à qual é reduzido o conceito de κλέος:

> Os resultados das investigações de Herôdotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para a que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam. (Tradução de Mário da Gama Kury, 1985, p.19)

Essa tradução parece também desconsiderar o sentido de μεγάλα, preferindo uma equivalência que poderia ser relativa a θωμαστά, como é, de fato, no termo "admiráveis". Parece, por fim, não atender aos ditames sintáticos vernáculos a construção "guerrear-se".

Para uma apreciação sumária das traduções até agora apresentadas, pode-se observar o quadro abaixo:

Tradutor	ἀπόδεξις	ἱστορίη	τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων	ἔργα	ἀκλεᾶ	τά τε ἄλλα
J.R.Ferreira & Ma.de Fátima Silva	exposição	investigações	feitos dos homens	empresas	sem renome	sobretudo
Brito Broca	"ao escrever"	História	ações realizadas pelos homens	explorações	ignorados	sobretudo
Jaime Berenguer Amenós	exposición	investigaciones	hechos de los hombres	hazañas	sin gloria	entre otras cosas
Legrand	"expose"	recherches	ce qu'ont fait les hommes	exploits	[pas] renommés	en particulier
Arturo Ramírez Trejo	exposición	investigación	lo realizado por los hombres	obras	sin gloria	y también outra cosa
A.D. Godley	"set forth"	(what has learnt by) inquiry	[propõe que ἐξ ἀνθρώπων seja ligado a ἐξίτηλα]	deeds	lack renown	especially
Andrea Purvis	"presents"	research	human events	deeds	unsung	as well
Larcher	"En présentant au public"	recheches	actions des hommes	actions	de célébrer [por μὴ γέηεται ἀκλεᾶ]	indépen-damment de toutes ces choses

Mário da Gama Kury	resultados apresentados	investigações	acontecimentos [segue a proposta de Godley e associa ἐξ ἀνθρώπων a ἐξίτηλα]	feitos	(não deixem) de ser lembrados	inclusive

De todas as traduções que foram analisadas, a mais ousada é a de André Sauge (1992), ausente do quadro acima por não caber ali sua proposta.

Sauge, em sua tese de Doutorado intitulada *De l'épopée à l'histoire: Fondement de la notion d'histoiré*, ao citar o proêmio de Heródoto, propõe a seguinte leitura:

> Par l'exposé que voici, Hérodote d'Halicarnasse fait attester, entre autres choses, pour quelle demande de satisfaction Grecs et non-Grecs sont entrés en guerre; ainsi fait-il cet exposé dans des conditions où l'on peut attendre que sera préservé des effets du temps ce qui est né des hommes et que les grandes oeuvres et actions, étonnantes, par lesquels Grecs et non-Grecs se sont illustrés, ne tomberont pas dans l'oubli" (Tradução de André Sauge, In: ----- . De l'épopée à l'histoire. Fondement de la notion d'historié, 1992, p.287)

Sauge subordina todas as motivações alegadas da ἀπόδεξις à αἰτίη (traduzida por "demande de satisfaction", e secundariza a expressão τά τε ἄλλα, traduzida por "entre autres choses". Sua proposta obriga o texto em língua de chegada a posicionar a αἰτίη no início do proêmio. A ideia de Sauge consiste em supor que αἰτίη é regida por um suposto verbo que, em sua tradução, figura como "attester".

A tradução de Waterfield apresenta algumas peculiaridades, não inserindo-se também no quadro:

> Here are presented the results of the enquiry carried out by Herodotus of Halicarnassus. The purpose is to the prevent the traces of human events from being erased by time, and to preserve the fame of the important and remarkable achievement produced by both Greeks and non-Greeks; among the matters covered is, in particular, the cause of the hostilities between Greeks and non-Greeks.

A noção de finalidade da *apódexis*, expressa pela conjunção ὡς com subjuntivo(s), parece mais assinalada na tradução "the purpose is". Em comparação às demais propostas aqui apontadas, a de Waterfield traz, diferentemente, μεγάλα e θωμαστά traduzidos por 'important' e 'remarkable' e βάρβαροι, por 'non-Greeks'. Mas o que mais se destaca é a expressão "among the matters covered is, in particular", que parece ampliar o sentido de τά τε ἄλλα καί.

É inegável que o proêmio de Heródoto faz ecoar a épica homérica no que tange, sobretudo, à intenção de preservação da memória e de atribuição de *kléos*. O propósito anunciado da apresentação da *historíe* parece ainda dialogar com outras formas proemiais da poesia e da história. Na exposição do porquê da guerra, na narrativa seguinte ao proêmio, o Historiador refaz um percurso bem conhecido de seu público, ouvinte ou leitor, que o aproxima dos relatos tão conhecidos, desde a épica, dos raptos de mulheres, mas logo em seguida distancia-se dele, ao referir Creso como o primeiro 'responsável' pela guerra.

Essa herança homérica tem sido ressaltada por diversos autores desde a Antiguidade. Uma inscrição de Salmacis, datada do séc. II a.C, em um de seus dísticos elegíacos apresenta-nos Heródoto, no catálogo dos famosos autores de Halicarnasso, como a prosa de Homero no campo da História (Ἡρόδοτον τὸν πεζὸν ἐν ἱστορίασιν Ὅμηρον/ ἤροσεν,... vv.43-44, '[Halicarnasso] semeou Heródoto, o Homero da prosa na História); Pseudo-Longino, no *De sublimitate,* ao tratar da imitação, diz-nos que Heródoto, e antes dele Estesícoro e Arquíloco, foi "o mais homérico" (μόνος Ἡρόδοτος Ὁμηρικώτατος ἐγένετο; Στησίχορος ἔτι πρότερον ὅ τε Ἀρχίλοχος, πάντων δὲ τούτων μάλιστα ὁ Πλάτων, XIII, 3. 1-3 "Somente Heródoto foi o mais homérico? Estesícoro ainda antes dele e Arquíloco, e mais do que estes todos Platão,); Dionisio de Halicarnasso, na *Epistola Ad Pompeium Geminum*, nos diz que Heródoto fora um ávido admirador de Homero (ποικίλην ἐβουλήθη ποιῆσαι τὴν γραφὴν Ὁμήρου ζηλωτὴς γενόμενος, III, 11, 'ele desejou tornar sua escrita variada, tendo sido um admirador de Homero).

No entanto, como tratarei no capítulo seguinte, a *apódexis* herodotiana parece não dever sua dicção somente a Homero, mas também dialogar com escritos sofísticos e hipocráticos de seu tempo. Sobre a significação desta *apódexis*, caberá examinar alguns contextos em que o termo se apresenta, a fim de definir seus contornos, e observar em que medida ela pode ser tomada como um modo de apresentação e organização de um saber, que se constrói, no caso de Heródoto, a partir de uma *historíe.*

3. *Apóde(i)xis* e *epíde(i)xis* em contraste

O termo *apódeixis*, na sua forma jônica *apódexis*, traz à lembrança quase que instantaneamente o proêmio de Heródoto, no qual figura como um instrumento específico de organização e divulgação do trabalho de investigação do passado que, à diferença da tradição poética, se fundamenta na pesquisa pessoal, como afirma Zambrini, no *Lexicon Historiographicum Graecum et Latinum* (2007:66). Tal noção, apontada por Zambrini, parece ter sido entendida já pelos antigos, como se pode depreender da leitura do fragmento 299DK de Demócrito, no qual o filósofo Abderita afirma que, *investigando o mais longe possível* (ἱστορέων τὰ μήκιστα), e valendo-se da *ópsis* e da *akoé*, dos relatos de λόγιοι, compôs um escrito μετὰ ἀποδείξεως[71]. Também Tucídides, em uma passagem da *História da Guerra do Peloponeso*, afirma que seu registro sobre a formação do império ateniense (ἔγραψα δὲ αὐτά 'registrei esses fatos'), diferentemente da ξυγγραφή de Helânico de Mitilene, breve e imprecisa quanto ao tempo (βραχέως τε καὶ τοῖς χρόνοις οὐκ ἀκριβῶς), propicia a ἀπόδειξις de como o domínio ateniense se estabeleceu (I.97.2). Segundo Hornblower (1997:148), o emprego do termo nessa passagem de Tucídides seria certamente uma tentativa de evocar o proêmio de Heródoto.

O verbete da *Suda* parece restringir o termo a uma conceituação de cunho aristotélico, afirmando logo no princípio que '*apódeixis* difere de definição' (ἀπόδειξις ὅρου διαφέρει), e terminando por concluir que '*apódeixis* é um método dedutivo por meio de argumentos dedutíveis, quando o argumento dedutível surge de coisas verdadeiras e primárias' (ἀπόδειξίς ἐστι μέθοδος διὰ συλλογισμῶν συλλογιστική, ὅταν ἐξ ἀληθῶν καὶ πρώτων ὁ συλλογισμὸς γίνεται)[72]. Os termos da *Suda* remontam mais precisamente à noção de 'demonstração' exposta nos *Segundos Analíticos* (71b-72a; 90a 35-90b). Mas o termo *apódeixis* em Aristóteles

---

[71] Cf. p.57, n. 54.

[72] Cf. Peters (1983 [1974]:35): **apódexis**: acção de evidenciar, demonstração, prova. Na metodologia técnica aristotélica *apodeixis* é uma demonstração silogística que, se as premissas forem verdadeiras e essenciais, conduzirá à *episteme* (Aristóteles, *Anal. post* I, 71b-72a).

não se restringe ao campo da lógica; ele figura também como conceito fundamental do regime retórico. Em sua *Retórica* 1414a (13), o Estagirita afirma que 'são duas as partes do discurso' e assevera que 'é necessário dizer sobre o que é o assunto, e demonstrá-lo. Porque é impossível não demonstrar, tendo dito, ou demonstrar, não tendo dito anteriormente'. Pois quem demonstra algo demonstra, e quem diz de antemão, a fim de demonstrar, diz anteriormente. E dessas partes, uma é a proposição, outra a persuasão, como se se tivesse distinguido que uma coisa é o problema; outra, a demonstração' (ἔστι δὲ τοῦ λόγου δύο μέρη· ἀναγκαῖον γὰρ τό τε πρᾶγμα εἰπεῖν περὶ οὗ, καὶ τοῦτ' ἀποδεῖξαι. διὸ εἰπόντα μὴ ἀποδεῖξαι ἢ ἀποδεῖξαι μὴ προειπόντα ἀδύνατον· ὅ τε γὰρ ἀποδεικνύων τι ἀποδείκνυσι, καὶ ὁ προλέγων ἕνεκα τοῦ ἀποδεῖξαι προλέγει. τούτων δὲ τὸ μὲν πρόθεσίς ἐστι τὸ δὲ πίστις, ὥσπερ ἂν εἴ τις διέλοι ὅτι τὸ μὲν πρόβλημα τὸ δὲ ἀπόδειξις.)

Em Heródoto, o conceito de '*apódexis*' encerra também a noção de 'demonstração', inerente, inclusive, à própria etimologia do termo, cognato do verbo ἀποδείκνυμι, este com a raiz δεικ- 'mostrar, expor' e acrescido do prefixo ἀπο-, que lhe precisa o significado, adicionando-lhe uma 'dimensão contextual complementar' (Bakker: in VAN WESS 2002:21) que lhe atribui uma ideia de completude ou intensidade da ação ('mostrar por completo, provando'). Mas não é somente a noção de 'demonstração argumentada' que se faz presente nos contextos em que surge nas *Histórias*. Quatro das cinco ocorrências do 'nome de ação' *apódexis* parecem indiciar, desde o proêmio, o significado de 'feito, realização'.

Rosén (1993:149ss) considera a possibilidade de *apódexis* ser cognato de ἀποδέχομαι (ἀποδέκομαι em jôn.), relacionando o termo à noção de 'recepção, aceite, acolhimento' da tradição nas *Histórias*[73]. Tal hipótese parece-me, no entanto, falível, por se tratarem de raízes distintas e pelas relações claras entre ἀπόδεξις e ἀποδείκνυμι que exploro ao longo desta pesquisa. Segundo Rosén, Heródoto se apresentaria ao leitor como um colecionador de tradições, de testemunhos

[73] Rosén também traduz o particípio passivo ἀποδεχθέντα (predicativo de ἔργα) como aquilo que é transmitido historicamente, sem, no entanto, excluir sua leitura a partir de ἀποδεικνύναι, no sentido de 'ações realizadas'. Rosén aproxima ainda a noção contida em ἀποδεχθέντα daquela latente no 'κτῆμα εἰς ἀεί' tucidideano (1993:152)

recolhidos; ao que Erbse objeta que a noção de 'tradição' acentuada por Rosén estaria, na verdade, contida no termo *historíe.* Erbse (1995:67) defende que tal ponto de vista implicaria, em certa medida, em uma perda de autoridade de Heródoto, no que diz respeito ao trabalho de investigação. Nagy (1990: 217 n.18) aponta para outra consideração, mais plausível, sobre a proximidade entre o termo *apódexis* e as formas ἀποδείκνυμι 'apresentar publicamente' e ἀποδέκομαι 'aceitar, aprovar uma tradição', ressaltando assim a perspectiva comum da preocupação com a tradição por parte de Heródoto. Segundo o helenista, haveria uma confluência entre o vocábulo e o verbo, através do qual, o trabalho de Heródoto não só implicaria em uma 'apresentação pública', mas também em um 'aceite da tradição'. O Historiador, nessa perspectiva, seria um *lógios*, um 'mestre da prosa narrativa', aproximando sua prática, pelo viés da prosa, daquela dos velhos aedos; Heródoto seria um receptor e divulgador de tradições orais estabelecidas, dando-lhes nova roupagem.

A leitura de Nagy, que tenta aproximar a prática de Heródoto daquela dos antigos aedos, ou ainda dos *lógioi*, parece, no entanto, não enfatizar um dado tão importante enunciado logo na primeira linha de abertura das *Histórias*: o trabalho de *historíe*, de investigação pessoal. Immerwahr (1986 [1966]:6) acredita que "o conhecimento histórico em Heródoto se dá em três níveis: os eventos, as tradições sobre os eventos e o trabalho histórico que interpreta essas tradições"[74]. Mais do que um simples recolhedor de tradições orais, Heródoto é um crítico dessas tradições, que não só ouviu de aedos e outros *lógioi*, mas também viu registros escritos sobre elas em suas viagens, e as reformulou sob a égide da *apódexis*. Heródoto parece fundar uma nova forma de recordar, na qual toda tradição que revisita o passado, e o constrói de alguma forma, seja ela aédica ou logográfica, cumpre papel importante na obra. As narrativas, de feições épicas ou de caráter logográfico, são revistas nas *Histórias* e a elas cabem determinados lugares estabelecidos pela crítica historiográfica de Heródoto. Como afirma Lateiner (1989:50), ἀπόδεξις ἱστορίης implica "na própria configuração criativa do passado por parte do Historiador,

[74] Historical knowledge in Herodotus moves on three levels: events, traditions about events, and the historical work which interprets these traditions.

daquilo que ele próprio descobriu sobre os homens, seus feitos do passado, suas crenças e costumes de outros tempos e lugares"[75].

Uma passagem do livro II das *Histórias* se mostra bastante sugestiva sobre a postura de Heródoto diante das tradições orais. De sua viagem ao Egito, Heródoto afirma que em Mênfis há um santuário que é dito de Afrodite Estrangeira (II.112), ao que ele conjetura tratar-se de Helena, após ter ouvido o relato de que ela lá estivera sob os cuidados do rei Proteu. Heródoto diz ter tomado conhecimento desse *lógos* por meio da investigação ("Ἔλεγον δέ μοι οἱ ἱρέες ἱστορέοντι τὰ περὶ Ἑλένην γενέσθαι ὧδε 'Os sacerdotes diziam-me, enquanto eu investigava, o seguinte acerca do que ocorrera a Helena' II.113). Ventos contrários levam Alexandre e Helena ao Egito e lá os servos do príncipe troiano denunciam a ἀδικία que ele cometera contra Menelau. Alexandre é então levado ao rei Proteu, que o castiga por aquilo que considera ser um ἔργον ἀνοσιώτατον. Proteu então retira-lhe os bens e retém Helena, obrigando-o a partir com os seus imediatamente.

O *lógos* dos sacerdotes egípcios é confrontado com a narrativa de Homero, que, segundo Heródoto, era conhecedor dessa errância de Alexandre pelo Egito, e da permanência de Helena por lá. Interessante nesta passagem é a conclusão de Heródoto de que tal *lógos* não se mostra εὐπρεπής, conveniente, à epopéia de Homero (Δοκέει δέ μοι καὶ Ὅμηρος τὸν λόγον τοῦτον πυθέσθαι· ἀλλ', οὐ γὰρ ὁμοίως ἐς τὴν ἐποποιίην εὐπρεπὴς ἦν τῷ ἑτέρῳ τῷ περ ἐχρήσατο, [ἐς ὃ] μετῆκε αὐτόν 'Parece-me que Homero também tomou conhecimento desse relato; mas, como não era igualmente conveniente à sua epopéia, fez uso de outro, pela qual negligenciou aquele II.116). Heródoto parece aqui, ao mencionar a importância do λόγος ser εὐπρεπής, estar consciente das exigências de um propósito narrativo de Homero, que o faz escolher entre uma ou outra versão. E, sem desconsiderar a posição de Desclos (2003: 37-38), que crê tratar-se de uma 'atitude crítica do

[75] Ἀπόδεξις ἱστορίης 'the presentation of [the results] of research, in this text has been found to mean the author's own creative shaping of the past, what he has discovered of men, their past deeds, their beliefs and habits in other times and places.

historiador', consciente da 'especificidade do gênero poético'[76], ou ainda a de Marincola (2006:22), que acredita em um Heródoto ciente dos 'diferentes critérios dos outros gêneros', penso que tal passagem, em certa medida, ilustra a própria postura do Historiador em seu trabalho de investigação das tradições orais, das quais elege a versão que se mostra mais adequada ao projeto de sua exposição. Heródoto constrói sua hipótese acerca da guerra de Troia apoiado nos *lógoi* dos sacerdotes egípcios que, como ele, realizam um trabalho de investigação (Εἰρομένου δέ μεο τοὺς ἱρέας εἰ μάταιον λόγον λέγουσι οἱ Ἕλληνες τὰ περὶ Ἴλιον γενέσθαι ἢ οὔ, ἔφασαν πρὸς ταῦτα τάδε, ἱστορίῃσι φάμενοι εἰδέναι παρ' αὐτοῦ Μενέλεω 'Tendo eu perguntado aos sacerdotes se os gregos dizem ou não um vão relato acerca do que ocorreu em Troia, em relação a isso disseram o seguinte, afirmando saber do próprio Menelau por investigações:' II.118)[77].

Toda a narrativa do rapto de Helena e da Guerra de Troia no livro II, com seu revisitar das tradições orais dos sacerdotes egípcios e da poesia homérica, parecem ilustrar o método herodotiano de investigação e de construção de um saber. Como defende Darbo-Peschanski (1998:101), o *lógos* poético fornece o mesmo tipo de informações que qualquer outro *lógos*, não requerendo nenhuma precaução de tratamento particular, e menos ainda de exclusão. "Na obra de Heródoto, Homero mantém seu *status* de fonte de toda a sabedoria (...). Quando, por exemplo, o investigador explica por que motivo, na Cítia, não crescem chifres nos bois da espécie mocha, Homero é chamado a dar seu testemunho, emprestando

[76] *Contra* Declos e Marincola, cf. Bouvier (2008: 80): Homère dépendrait ici, non des lois du genre, mais d'une version qui constituerait sa *thèse* des faits. Hérodote lui-même avait employé plus haut l'adjectif *euprepês* à propos d'une explication sur un cas à part de sacrifice des porcs en Égypte qu'il connaît mais qu'il ne juge pas "très convenable"(*euprepesteros*) à rapporter: un choix d'ordre éthique; une version qu'il ne veut pas accréditer. Hérodote n'est pas le lointain précurseur d'Aristote. 'Homero dependeria aqui, não das leis do gênero, mas de uma versão que constituiria sua *tese* sobre os fatos. O próprio Heródoto utilizara anteriormente o adjetivo *euprepês* a propósito de uma explicação de um caso particular de sacrifício dos porcos no Egito que ele conhece, mas não julga "muito conveniente" (*euprepesteros*) relatar: uma escolha de ordem ética; uma versão na qual não quer acreditar. Heródoto não é o precursor remoto de Aristóteles'.

[77] A frase final de II.119, que encerra o relato dos sacerdotes egípcios, retoma de forma anelar o enunciado inicial de II.118: Τούτων δὲ τὰ μὲν ἱστορίῃσι ἔφασαν ἐπίστασθαι, τὰ δὲ παρ' ἑωυτοῖσι γενόμενα ἀτρεκέως ἐπιστάμενοι λέγειν. 'dessas coisas, afirmaram saber umas por investigações; outras, ocorridas entre eles próprios, afirmaram dizer, conhecendo-as com exatidão'.

toda a força do seu nome ao *lógos* do investigador (IV,29)". No caso da passagem que trata da Guerra de Troia, no livro II (113-120), a referência a Homero é quase um imperativo. Afinal como um trabalho de acurada investigação poderia prescindir de fonte tão autorizada pela tradição, ainda que venha a constestá-la?

Boa parte dos estudos acerca da noção de *apódexis* na obra de Heródoto atribui a ela um caráter oralizante, porquanto a entendem como uma 'exposição pública', ou uma 'performance oral'[78]. Sob esta ótica, o trabalho de Heródoto seria, na concepção de Bakker (In VAN WESS, 2002:10) um 'produto de convenções em prosa oral tradicional' e, nesse sentido, *apódexis* não designaria 'prova', nem somente exposição de um evento passado, através de uma leitura pública, mas uma ligação em uma cadeia de transmissão iniciada com eventos no passado, encerrando-se com a exposição pública da *historíe*, ela própria atribuidora de *kléos*. *Apódexis* de acordo com Nagy é a proclamação do *kléos* em uma tradição oral contínua. Segundo o helenista inglês, para o historiador, escrever, assim como dizer, consiste, na verdade, em um ato de fala em público; tomada como veículo de preservação, como instrumento, a escrita é um meio de fazer circular sua *historíe*, marcadamente apresentada através da *apódexis*, de uma 'performance oral'[79].

[78] Cf. Asheri (2007:72) e *apódexis*, no proêmio, com sentido de 'publication', ou 'performance', ao invés de testemunho ou prova. Cf. ainda Gould (2000:17) Only one thing is relatively clear about Herodotus' original audience: that is was an audience rather than readership. (...) The word Herodotus uses (apodexis) is the same word he uses for heroic actions 'displayed' by greeks and non-greeks in the war of which he is write: both are put on show. We have almost certainly to imagine Herodotus reading aloud his text, in whole or part, to an audience gathered to hear him perform: to translate Herodotus' word as 'publication' is to accomodate what he takes for granted to our own assumptions about how a literary work reaches those for whom it is written. 'Somente uma coisa é relativamente clara acerca da audiência original de Heródoto: ela foi uma audiência, ao invés de um público leitor. A palavra que Heródoto usa (apodexis) é a mesma usada para ações heroicas 'expostas' por gregos e não-gregos na guerra sobre a qual ele escreve: ambas são postas a mostra. Nós estamos praticamente certos ao imaginar Heródoto lendo em voz alta seu texto, inteiro ou em parte, diante de um público reunido para ouvi-lo recitar: traduzir o termo de Heródoto como 'publicação' é adaptar o que ele toma por certo às nossas próprias suposições sobre como uma obra literária chega a seu destinatário.

[79] Acerca da forma de apresentação das *Histórias*, Hartog (1999:285) arrola algumas anedotas que evidenciam seu caráter oral, dentre as quais: a de que Heródoto, segundo o historiador Díilo (e ainda Eusébio, em sua *Crônica*) recebera dos atenienses um prêmio de dez talentos pela leitura pública de sua obra; a de que, certa feita, o historiador recitara sua obra em Olímpia por ocasião dos Jogos, justificando assim, inclusive, seu proêmio. Outra anedota, referida no verbete Θουκιδίδης da *Suda*, diz que Tucídides, ainda criança, ao ouvir Heródoto é levado às lágrimas (θ 414).

Contrariamente, Thomas (2002: *passim*) insiste na noção de 'exibição' e 'prova' para a compreensão do termo, e elege como fundamento algumas ocorrências do verbo ἀποδείκνυμι nas *Histórias*, em comparação com outros textos da sofística, mormente a de Górgias e Antifonte, e com tratados hipocráticos, nos quais as nuances de persuasão e de demonstração se assemelham às presentes no texto de Heródoto. Thomas também aproxima o sentido de *apódexis* da noção de *epídeixis*, de uma 'peça de exposição' como gênero definido, que se caracteriza por uma performance oral, por vezes competitiva, que parte de um escrito prévio à maneira de um *aide-mémoire*. Como afirma a helenista, no séc V a.C, as *epideíxeis* mais do que simples 'leituras públicas', implicavam em uma demonstração de excelência, de *tékhne*, nas quais o amplo domínio de um saber era mostrado por meio de descrições minuciosas e imagéticas, de argumentações, de exposição de provas, de refutações de outros discursos.

A melhor compreensão do universo da *epídeixis* parece-me, assim, contribuir para a interpretação da própria descrição do trabalho de Heródoto como ἀπόδεξις ἱστορίης na primeira sentença. Sob esta ótica, a *apódexis* poderia ser entendida como um tipo de discurso que evocaria uma performance pública. *Epídeixis*, de acordo com a definição de Cole (*Apud* Bakker, 2002: 9), denota a exposição ou revelação oral do que já existe de antemão, isto é, o discurso escrito. Essa noção de 'exibição', 'exposição', é próxima da noção de apódexis, que Thomas entende como uma espécie de prova característica do meio sofístico e retórico de fins do século V. Tratar-se-ia, talvez, de uma demonstração de erudição e conhecimento que pode ser feita através de uma apresentação oral, uma *epídeixis*.

A perspectiva do projeto de Heródoto alicerça-se sobre uma identidade de campos e de práticas próprias de seu tempo. Muitos estudiosos reconhecem a existência de convergências entre o discurso do Heródoto e a produção etnográfica do V séc., o discurso da medicina hipocrática, da retórica e da filosofia jônica. A ênfase na comprovação, exposição e demonstração de raciocínios ou teorias; a presença marcante e autoral da primeira pessoa do discurso e, ainda, um apelo à

audiência – leiga ou douta – poderiam caracterizar *apódeixeis* ou *epídeixis* relacionadas a questões pertinentes a *tékhnai* de campos diversos.

Acerca de práticas de *apodeíxeis*, Ateneu de Náucratis, autor do séc. III, cita a seguinte passagem atribuída ao filósofo Clearco de Soles, no livro X 457c de seus *Deipnosofistas*: κἀν τῷ πρώτῳ δὲ περὶ παροιμιῶν γράφει (Κλέαρχος) οὕτως· τῶν γρίφων ἡ ζήτησις οὐκ ἀλλοτρία φιλοσοφίας ἐστί, καὶ οἱ παλαιοὶ τὴν τῆς παιδείας ἀπόδειξιν ἐν τούτοις ἐποιοῦντο 'e no primeiro [livro] sobre os provébios (Clearco) assim escreve: "a busca dos enigmas não é estranha à filosofia, e os antigos, neles, faziam a *apódexis* de sua formação." O uso do termo apódexis nesse contexto singular – "παιδείας ἀπόδειξις" – leva-nos a um sentido, talvez, mais coloquial do termo, no qual este designa uma 'exposição ao público', uma forma de expressão, portanto, que privilegia a recepção e a competência do autor, em detrimento de um modo de dizer. Para Clearco (e Ateneu?), um enigma pode constituir uma *apódexis.*

Em um estudo mais recente, precisamenteno verbete ἀπόδειξις do *Lexicon Historiographicum Graecum et Latinum* (LHG&L, 2007), Andrea Zambrini aproxima-se da leitura de Rosalind Thomas ao afirmar que a *apódeixis* é um instrumento específico para a organização e divulgação da *historie*; um instrumento que não encontra precedente na tradição épica e poética, mas que tem paralelo com a atividade filosófica e médica testemunhada, de Demócrito, do *Corpus Hippocraticum*, entre outros. No entanto, o estudioso italiano se distancia da visão de Thomas ao reconhecer que *apódeixis* não encontra sinonímia com *epídeixis*, e que não indica jamais somente 'exposição' ou ainda pior 'publicação' (*per contra* Thomas, p.249-69). Zambrini prefere considerar o termo *apódeixis* como 'exposição argumentada', onde são incluídas *ópsis, akoé e gnóme*, com maior evidência na idéia de ato expositivo e demonstrativo, ou simplesmente 'demonstração', como defende Lateiner (1989: 7).

Crítico da visão intensamente 'oralista' de Nagy para o entendimento do termo, Zambrini acredita que *apódeixis* indicia uma reivindicação de base argumentativa e documentária como um dos elementos fundamentais do novo

modo de recontar o passado. Nessa perspectiva, a *apódexis* herodotiana implicaria, *per se*, na própria noção de ‘documento’. Segundo Zambrini, entender a *apódeixis* como ‘divulgação pública de uma tradição aceita e aprovada’, idéia defendida por Nagy a partir, por exemplo, da confluência entre *apo-deik-nyhmai* e *apo-dekh-omai*, produz uma contradição de acordo com o que atestam os historiadores de Heródoto. Nas palavras de Zambrini:

> Heródoto era obrigado a recorrer à **ἀπόδεξις**: para fazer valer a própria reconstrução dos acontecimentos, fruto da sua ἱστορίη, devia usar argumentações o mais possível convincentes e fornecer argumentações e provas de seu próprio trabalho pessoal (LHG&L:67)[80].

Em sua defesa do entendimento do termo *apódeixis* como ‘exposição argumentada’ e ‘prova’, Zambrini (LHG&L, p.70) oferece como exemplo, segundo ele significativo, os versos 194-97 da tragédia euripidiana *Hipólito*, habitualmente datada de 428 a.C, nos quais o tragediógrafo afirma que por inexperiência (δι' ἀπειροσύνην) de outro modo de vida e por uma não *apódexis* (κοὐκ ἀπόδειξιν) do que há debaixo da terra em vão somos levados por mitos (μύθοις δ' ἄλλως φερόμεσθα). Contemporâneo de Heródoto e afetado pelas inovações sofísticas e médicas, no que tange a uma retórica discursiva, Eurípides parece aproximar aqui, em certa medida, a noção de *apódeixis* daquela prefigurada por Heródoto em suas *Histórias*, texto no qual se encontra o registro mais remoto desse termo. *Apódexis*, no verso euripidiano, parece estar relacionada à esfera de um ‘conhecimento por experiência’, contrapondo-se ao mito. No entanto, não se exclui aqui a noção de ‘dizer’, de expor um saber adquirido por vivência.

Quintiliano, importante testemunho tardio e um dos principais codificadores da disciplina da retórica, tece considerações sobre a natureza do gênero

[80] Erodoto era obbligato a ricorrere all’ **ἀπόδεξις**: per far valere la propria ricostruzione degli eventi, frutto della sua ἱστορίη, doveva usare argomentazioni il più possibile convincenti e fornire argomentazioni e prove del proprio lavoro personale.

historiográfico, associando-o mais à noção de 'narração' do que à de 'prova', como se pode notar no capítulo 31 do livro X de sua *Institutio Oratoria*[81]:

> A história, por sua vez, pode também alimentar o orador, com uma seiva ricamente nutritiva e saborosa. No entanto, ela também deve ser lida de tal modo que saibamos que muitas de suas especificidades devem ser evitadas pelo orador. É, na verdade, próxima dos poetas e, em certa medida, um poema em prosa (*Est enim proxima poetis, et quodam modo carmen solutum est*)[82]; é escrita para narrar, não para provar (*scribitur ad narrandum, non ad probandum*); é um tipo de obra que, na sua totalidade, se compõe não para a concretização de um fato (*ad actum rei*) e para um combate imediato (*pugnam praesentem*), mas para a memória da posteridade e para a fama de uma genialidade (*ad memoriam posteritatis et ingenii famam*) Por isso, tanto pelas palavras pouco usuais quanto por figuras mais livres, a história evita o tédio do narrar.

Nessa passagem de Quintiliano, como afirma Zangara (2007:147), a antítese *probatio/narratio* é construída não somente para definir a história, mas sobretudo para proibir a imitação por parte do orador. Trata-se de um discurso que delimita a utilidade da historiografia para os oradores, sendo a retórica o campo de referência na formulação de seu julgamento. No entanto, ainda que se tenha de considerar uma diferença de finalidades e de contextos, Quintiliano parece, se não excluir, ao menos secundarizar a função de 'prova' no discurso historiográfico, sendo ela própria de contextos agonísticos. A *apódexis* herodotiana se fundamenta sob

[81] Historia quoque alere oratorem quodam uberi iucundoque suco potest. Verum et ipsa sic est legenda ut sciamus plerasque eius uirtutes oratori esse uitandas. Est enim proxima poetis, et quodam modo carmen solutum est, et scribitur ad narrandum, non ad probandum, totumque opus non ad actum rei pugnamque praesentem sed ad memoriam posteritatis et ingenii famam componitur: ideoque et uerbis remotioribus et liberioribus figuris narrandi taedium euitat.

[82] Em textos metalinguísticos (codificadores da retórica), o termo *solutus* tem o sentido de "livre das amarras do ritmo" e também "escorreito", uma extensão de seu significado genérico, "solto". É usado normalmente como adjunto adnominal de termos que designam alguma expressão verbal. O dicionário de Félix Gaffiot exemplifica esse uso com uma passagem do *De oratore* (3,176), de Cícero. Para exemplificar o uso um pouco mais genérico do termo ("estilo solto"), o referido Dicionário aponta duas passagens do *Orator* (77 e, em plural neutro, 234) , do mesmo Cícero. Para diversas outras passagens de Cícero em que o adjetivo em questão é adjunto adnominal de "oratio", o dicionário de Gaffiot recomenda a tradução simplesmente por "prosa". No entanto, na passagem em questão, o substantivo determinado não é *oratio*, nem *uerba*, mas *carmen*.

critérios de convencimento e de credibilidade que conferem apoio às opiniões, e como defende Darbo-Peschanski (1998:207): ' a par da *alétheia,* à qual Heródoto reserva um emprego altamente especializado, figuram outros conceitos que designam verdades em nível da experiência e da pesquisa humanas'. E é justamente esse produto da experiência e da pesquisa humanas que figuram como objeto da 'demonstração' herodotiana. Em vários relatos e opiniões expostos por Heródoto, a idéia de uma exposição bem refletida e argumentada parece vir em primeiro plano em relação à noção de tão somente fornecer 'prova'.

3.1. Ocorrências de *apódexis* e *epídexis* em Heródoto

O léxico de Powell registra cinco ocorrências do termo *apódexis* nas *Histórias* de Heródoto, para os quais sugere as seguintes interpretações: 'realização, exposição' ('I.207,7; II.101,1; 148,2(concreto)), 'publicação' (proêmio), e 'demonstração, prova' (VIII, 101,2). Quanto à *epídexis*, registra-se uma só ocorrência, no livro II.46,4 para a qual Powell sugere a leitura 'publicidade, conhecimento público'. No que concerne aos Comentários, do livro I, Asheri (2007) discute somente a ocorrência de *apódexis* no proêmio, considerando-a como 'publicação'ou 'realização', ao invés de 'testemunho', 'prova' ou 'demonstração'. Com o sentido de 'realização', ainda que não as examine pormenorizadamente, Asheri relaciona as passagens de I.207, 7; II 101,1; 148,2 com o de 'prova' ou 'demonstração', relaciona a passagem VIII. 101,2. No comentário de How & Wells (1989 [1928]), a única ocorrência do termo comentada é a do livro VIII (101,2), a qual é atribuído o sentido de 'prova'. Já a única ocorrência de *epídexis* não consta dos comentários de How & Wells e de Allan Lloyd (2007).

Tanto o léxico de Powell quanto o comentário de Asheri consideram o sentido de 'publicação', 'tornar público' para o uso de *apódexis* no proêmio. Bakker (in VAN WESS 2002:8), no entanto, se interroga sobre o que poderia significar

'publicação' neste trecho, argumentando que tal conceito, dado seu anacronismo, não captaria a realidade da recepção da *investigação* de Heródoto por seu público original. A interrogação de Bakker remonta em certa medida à polêmica das abordagens 'analítica' *versus* 'unitarista' sobre a composição das *Histórias*. Tratar-se-ia aqui de 'tornar pública' a obra como um todo ou da 'apresentação oral' de suas partes? *Apódexis* designaria a apresentação do 'resultado'[83] da investigação ou um '*work in progress* '[84] sob a forma de leituras públicas? Se consideramos a segunda proposição, *apódexis* representa não só um modo de dizer, de performatizar – acentuado sobretudo pelo dêitico que se lhe acompanha –, mas também um modo de organizar um saber conformado pela *historíe*.

A presença da forma participial ἀποδεχθέντα no proêmio das *Histórias* é outro dado significativo para a interpretação do termo *apódexis* nesse contexto. Parte do objeto dessa *apódexis* são os ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, 'as grandes e admiráveis obras, realizadas tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros', que, como lembra Munson (2001:31), são 'termos do código de celebração do narrador', valorizados pela *apódexis*, que parece aqui atraída para este mesmo 'código de celebração'. Assim, o performativo da *apódexis* pode ser igualado às 'grandes e admiráveis obras' realizadas pela humanidade, que também constituem parte da narrativa de Heródoto. Tal aproximação possibilita não só o melhor entendimento da *apódexis*, como também uma realização[85].

Nas *Histórias*, são frequentes as referências à 'realização' de (grandes) feitos. A segunda ocorrência do termo *apódexis*, aqui com este sentido, está inserida na seguinte passagem:

---

[83] Lateiner (1989:50); Waterfield (1998:3) e sua tradução para o termo *apódexis* no proêmio.
[84] Evans (1991:89-90).
[85] Segundo André Sauge (1992:9), o prólogo de Heródoto denota uma posição original de seu enunciador. A originalidade de Heródoto repousa, sobretudo, na forma como apresenta sua obra: *historíes apódexis*. Ao longo das *Histórias*, *apodeíknysthai*, aparece com o sentido de "provar", ou ainda "manifestar o valor", "por em evidência" uma obra, um feito digno de ser narrado.

> Παρεὼν δὲ καὶ μεμφόμενος τὴν γνώμην ταύτην Κροῖσος ὁ Λυδὸς <u>ἀπεδείκνυτο</u> ἐναντίην τῇ προκειμένῃ γνώμῃ, λέγων τάδε· «Ὦ βασιλεῦ, εἶπον μὲν καὶ πρότερόν τοι ὅτι, ἐπεί με Ζεὺς ἔδωκέ τοι, τὸ ἂν ὁρέω σφάλμα ἐὸν οἴκῳ τῷ σῷ, κατὰ δύναμιν ἀποτρέψειν. Τὰ δέ μοι παθήματα ἐόντα ἀχάριτα μαθήματα γέγονε. Εἰ μὲν ἀθάνατος δοκέεις εἶναι καὶ στρατιῆς τοιαύτης ἄρχειν, οὐδὲν ἂν εἴη πρῆγμα γνώμας ἐμὲ σοὶ ἀποφαίνεσθαι· εἰ δ' ἔγνωκας ὅτι ἄνθρωπος καὶ σὺ εἶς καὶ ἑτέρων τοιῶνδε ἄρχεις, ἐκεῖνο πρῶτον μάθε ὡς κύκλος τῶν ἀνθρωπηίων ἐστὶ πρηγμάτων, περιφερόμενος δὲ οὐκ ἐᾷ αἰεὶ τοὺς αὐτοὺς εὐτυχέειν. Ἤδη ὦν ἐγὼ γνώμην ἔχω περὶ τοῦ προκειμένου πρήγματος τὰ ἔμπαλιν ἢ οὗτοι. (...)31. ποιήσαντας δὲ ταῦτα, ὑπολειπομένους τῆς στρατιῆς τὸ φλαυρότατον, τοὺς λοιποὺς αὖτις ἐξαναχωρέειν ἐπὶ τὸν ποταμόν. Ἢν γὰρ ἐγὼ γνώμης μὴ ἁμάρτω, κεῖνοι ἰδόμενοι ἀγαθὰ πολλὰ τρέψονται [τε] πρὸς αὐτὰ καὶ ἡμῖν τὸ ἐνθεῦτεν λείπεται <u>ἀπόδεξις</u> ἔργων μεγάλων.» (I. 207, 1-13; 31)

> Creso, o lídio, que estava presente, censurando essa opinão, apresentou uma opinião contrária a que fora proposta, assim falando: "Rei, já disse antes que, posto que Zeus entregou-me a ti, afastaria a ameaça que visse existir em tua casa, o quanto posso. Meus sofrimentos ou infortúnios, desgraçados, constituem lições para mim. Se pensas que és imortal e que comandas um exército também imortal, de nada seria válido eu te expor claramente ou revelar minhas opiniões. Mas se reconheces que és homem e que comandas outros homens, aprende, antes de tudo, que o ciclo é próprio do humano, e girando não permite que sempre os mesmos sejam bem afortunados. Então, eu já tenho minha opinião acerca da questão que foi colocada, contrária a essa. (...) e tendo feito isso, deixando ficar a parte mais fraca de nosso exército, imediatamente os demais se retiraram em direção ao rio. Pois, se não erro quanto à minha opinião, quando eles virem tantas coisas boas, voltar-se-ão para elas e para nós a realização de grandes feitos nos será deixada doravante.

Aqui, 'ἀπόδεξις ἔργων μεγάλων' parece retomar a ideia do proêmio, referindo-se à realização de 'grandes feitos'. Essa fala de Creso, rei lídio que foi subjugado por Ciro e então se encontra na condição de sábio conselheiro do rei

medo, diz respeito às estratégias para o combate contra os masságetas. Segundo Legrand (1944:132 n.1), em notas de sua tradução do Livro II, associada a ἀποδείκνυσθαι ou a ἀπόδεξις, a palavra ἔργον, quando acompanhada de um epíteto laudatório, significa, em Heródoto, 'feito, façanha'. Os 'érga megála' aqui designariam as 'grandes façanhas', e não propriamente 'obras', sentido este também recorrente nas *Histórias*. No entanto, no livro I, o túmulo de Aliates, pai de Creso, é considerado um 'ἔργον μέγιστον' (I.93.2), a excessão dos ἔργα egípcios e babilônios. Se pensarmos no que é enunciado no proêmio, ali os ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, a primeira vista, poderiam incluir tanto monumentos concretos, obras materiais, quanto os feitos, ambos dignos de serem relatados por meio da *apódexis*. No entanto, ao longo da observação das ocorrências de ἀπόδεξις e ἀποδείκνυμι acompanhados de ἔργα + μεγάλα, pôde-se verificar que, em sua grande maioria, dizem respeito aos feitos de campanhas. E, como assinala Immerwarh (1960:268), somente no proêmio θωμαστόν qualifica ἔργον[86].

No livro II.99-182, Heródoto enumera as dinastias egípcias, com base em um βύβλος dos sacerdotes, destacando-lhe as realizações. Nesse vasto catálogo, as obras recebem qualificações distintas: um ἔργον pode ser considerado ἀξιαπήγητον, digno de descrição (II. 99), ἀξιόλογον, digno de referência (II.148), λόγου ἄξιον, digno de relato (II.138). Em II.101, o Historiador faz menção às obras de Méris, e afirma que, antes dele, dos outros reis não havia nenhuma *apódexis* de ἔργα:

> Τῶν δὲ ἄλλων βασιλέων, οὐ γὰρ ἔλεγον οὐδεμίαν ἔργων ἀπόδεξιν, κατ' οὐδὲν εἶναι λαμπρότητος, πλὴν ἑνὸς τοῦ ἐσχάτου αὐτῶν Μοίριος· τοῦτον δὲ ἀποδέξασθαι μνημόσυνα τοῦ Ἡφαίστου τὰ πρὸς βορέην ἄνεμον τετραμμένα προπύλαια, λίμνην τε ὀρύξαι, τῆς ἡ περίοδος ὅσων ἐστὶ σταδίων ὕστερον δηλώσω, πυραμίδας τε ἐν αὐτῇ οἰκοδομῆσαι, τῶν τοῦ μεγάθεος

[86] O adjetivo θωμαστός, que, afora o proêmio, só aparece quatro vezes na obra, qualifica, por exemplo, um templo existente no santurário de Leto, no Egito (II.156.1). O templo, nessa passagem, é dito θωμαστότατος; pouco acima, em II.155.3. esse templo é reconhecido como um 'θῶμα μέγιστον τῶν φανερῶν' (Τὸ δέ μοι τῶν φανερῶν ἦν θῶμα μέγιστον παρεχόμενον φράσω. 'Explicarei o que, para mim, se apresenta como a maior maravilha das coisas visíveis').

πέρι ὁμοῦ αὐτῇ τῇ λίμνῃ ἐπιμνήσομαι. Τοῦτον μὲν τοσαῦτα ἀποδέξασθαι, τῶν δὲ ἄλλων οὐδένα οὐδέν.

> Dos outros reis, diziam, porque não havia nenhuma *apódexis* de obras, que em nada eram tão ilustres, exceto o último deles, Méris. Diziam que ele fez consagrar os propileus do templo de Hefesto, voltados para o vento norte, como monumento, e escavar um lago, cuja medida em estádios mostrarei posteriormente, e ali construiu pirâmides, sobre a grandeza delas mencionarei junto com lago. Tais coisas realizou Méris, dos demais não dizem coisa alguma.

Como se pode perceber desse trecho, os ἔργα realizados pelos homens fazem com que lhes seja atribuído o mérito da λαμπρότης. Méris é digno de menção por suas realizações, enquanto, dos outros reis, nada se tem a dizer quanto às obras. Como destaca Immerwahr[87], os efeitos dos *érga* implicam, muitas vezes, no reconhecimento de uma superioridade de seu realizador. Heródoto não só enumera as construções de Méris, por ele contempladas por meio da ὄψις, como dá a esses ἔργα uma visibilidade por meio de descrições detalhadas, indicadas nessa passagem como projeto seguinte pelo verbo δηλώσω. A ação de ἀποδέξασθαι nesse parágrafo, pode ser entendida como a realização de obras que constituem μνημόσυνα, monumentos, que Méris lega para a posteridade. Heródoto, por meio de seu discurso, também faz dos feitos de Méris um μνημόσυνον, um memorial eternizado, indelével diante da pela ação do tempo. Em II.136.1, de modo semelhante, o Historiador afirma que, a fim de superar os outros reis do Egito, Micerino deixa como monumento uma pirâmide (μνημόσυνον πυραμίδα λιπέσθαι) que se pretende superior, como se lê em sua inscrição, às demais pirâmides, igualando-se mesmo a Zeus, em relação aos outros deuses:

[87] Cf. Immerwarh (1960:269): In Herodotus, *ergon* has a tendency to mean the finished product of an activity. The effects of *erga* are not so much their historical consequences, but reputation, honors, or gifts accruing to the author of the work (*λόγος, τιμή, γέρας*). 'Em Heródoto, *ergon* tende a significar o produto final de uma atividade. Os efeitos dos *erga* não são tanto suas consequências históricas, mas a reputação, as honras ou os presentes que cabem ao autor da obra (*λόγος, τιμή, γέρας*).

Μετὰ δὲ Μυκερῖνον γενέσθαι Αἰγύπτου βασιλέα ἔλεγον οἱ ἱρέες Ἄσυχιν, τὸν τὰ πρὸς ἥλιον ἀνίσχοντα ποιῆσαι τῷ Ἡφαίστῳ προπύλαια, ἐόντα πολλῷ τε κάλλιστα καὶ πολλῷ μέγιστα. Ἔχει μὲν γὰρ καὶ τὰ πάντα προπύλαια τύπους τε ἐγγεγλυμμένους καὶ ἄλλην ὄψιν οἰκοδομημάτων μυρίην, ἐκεῖνα δὲ καὶ μακρῷ μάλιστα. Ἐπὶ τούτου βασιλεύοντος ἔλεγονἀμιξίης ἐούσης πολλῆς χρημάτων γενέσθαι νόμον Αἰγυπτίοισι, ἀποδεικνύντα ἐνέχυρον τοῦ πατρὸς τὸν νέκυν οὕτω λαμβάνειν τὸ χρέος· προστεθῆναι δὲ ἔτι τούτῳ τῷ νόμῳ τόνδε, τὸν διδόντα τὸ χρέος καὶ ἁπάσης κρατέειν τῆς τοῦ λαμβάνοντος θήκης· τῷ δὲ ὑποτιθέντι τοῦτο τὸ ἐνέχυρον τήνδε ἐπεῖναι ζημίην μὴ βουλομένῳ ἀποδοῦναι τὸ χρέος, μήτε αὐτῷ ἐκείνῳ τελευτήσαντι εἶναι ταφῆς κυρῆσαι μήτ' ἐν ἐκείνῳ τῷ πατρωΐῳ τάφῳ μήτ' ἐν ἄλλῳ μηδενί, μήτε ἄλλον μηδένα τῶν ἑωυτοῦ ἀπογενόμενον θάψαι. Ὑπερβαλέσθαι δὲ βουλόμενον τοῦτον τὸν βασιλέα τοὺς πρότερον ἑωυτοῦ βασιλέας γενομένους Αἰγύπτου μνημόσυνον πυραμίδα λιπέσθαι ἐκ πλίνθων ποιήσαντα, ἐν τῇ γράμματα ἐν λίθῳ ἐγκεκολαμμένα τάδε λέγοντά ἐστι· «Μή με κατονοσθῇς πρὸς τὰς λιθίνας πυραμίδας· προέχω γὰρ αὐτέων τοσοῦτο ὅσον ὁ Ζεὺς τῶν ἄλλων θεῶν. Κοντῷ γὰρ ὑποτύπτοντες ἐς λίμνην, ὅ τι πρόσσχοιτο τοῦ πηλοῦ τῷ κοντῷ, τοῦτο συλλέγοντες πλίνθους εἴρυσαν καί με τρόπῳ τοιούτῳ ἐξεποίησαν». Τοῦτον μὲν τοσαῦτα ἀποδέξασθαι[88].

Depois de Micerino, os sacerdotes diziam que Asique tornou-se rei do Egito, o qual construiu, voltados para o Oriente, propileus para Hefestos, que são, em muito, os mais belos e os maiores. De fato, todos propileus apresentam figuras esculpidas, e mil outros aspectos das edificações, mas aqueles o superam muitíssimo. Sob o reinado desse rei, diziam, sendo grande a escassez de dinheiro, houve uma lei para os egípcios, declarando, como condição de empréstimo, o penhor do cadáver do pai. E a essa lei se juntou ainda esta: que quem devesse o necessário era também dono da tumba que recebera. A quem oferecesse tal penhor, recusando-se a quitar a dívida, impunha-se a seguinte pena: nem a ele mesmo, depois de morto, era permitido ter sepultura, fosse na sepultura paterna, fosse em outra, nem sepultar algum de seus parentes mortos. Esse rei

[88] Note-se a estrutura análoga na frase de encerramento do discurso sobre os feitos de Méris e na do discurso sobre os feitos de Micerino, respectivamente: Τοῦτον μὲν τοσαῦτα ἀποδέξασθαι, τῶν δὲ ἄλλων οὐδένα οὐδέν/Τοῦτον μὲν τοσαῦτα ἀποδέξασθαι. Heródoto parece assim concluir a enumeração da totalidade dos feitos dos faraós, estabelecendo, entre eles, alguma relação.

desejando superar os que haviam sido antes rei do Egito, deixou como monumento uma pirâmide, tendo-a construído de tijolos, na qual estão gravadas sobre uma pedra inscrições dizendo assim: "Não me deprecieis frente às outras pirâmides de pedra, pois eu as supero tanto quanto Zeus aos outros deuses; batendo com uma vara no fundo do lago, recolhendo a lama que se prendia na vara, fabricaram os tijolos, e desse modo me construíram." Dizem que Micerino realizou tais coisas.

A quarta ocorrência de *apódexis* é encontrada também no livro II.148 e igualmente diz respeito à realização de obras que figuram como μνημόσυνα. Heródoto, ao falar das pirâmides, afirma serem elas, 'maior do que se possa dizer', mas comparáveis a muitos ἑλληνικῶν ἔργα μεγάλα; quanto ao labirinto, que ele afirma ter visto, ele é também 'maior do que se possa dizer', mas ultrapassa as pirâmides. Como na apresentação da pirâmide de Micerino (II.136), o labirinto é mensurado em termos de superioridade aos demais ἔργα:

> Καὶ δή σφι μνημόσυνα ἔδοξε λιπέσθαι κοινῇ· δόξαν δέ σφι ἐποιήσαντο λαβύρινθον, ὀλίγον ὑπὲρ τῆς λίμνης τῆς Μοίριος κατὰ Κροκοδείλων καλεομένην πόλιν μάλιστά κῃ κείμενον. Τὸν ἐγὼ ἤδη εἶδον λόγου μέζω. Εἰ γάρ τις τὰ ἐξ Ἑλλήνων τείχεά τε καὶ ἔργων ἀπόδεξιν συλλογίσαιτο, ἐλάσσονος πόνου τε ἂν καὶ δαπάνης φανείη ἐόντα τοῦ λαβυρίνθου τούτου· καίτοι ἀξιόλογός γε καὶ ὁ ἐν Ἐφέσῳ ἐστὶ νηὸς καὶ ὁ ἐν Σάμῳ. Ἦσαν μέν νυν καὶ αἱ πυραμίδες λόγου μέζονες καὶ πολλῶν ἑκάστη αὐτέων ἑλληνικῶν ἔργων καὶ μεγάλων ἀνταξίη· ὁ δὲ δὴ λαβύρινθος καὶ τὰς πυραμίδας ὑπερβάλλει. Τοῦ γὰρ δυώδεκα μέν εἰσι αὐλαὶ κατάστεγοι,ἀντίπυλοι ἀλλήλῃσι, ἓξ μὲν πρὸς βορέω, ἓξ δὲ πρὸς νότον τετραμμέναι συνεχέες· τοῖχος δὲ ἔξωθεν ὁ αὐτός σφεας περιέργει. Οἰκήματα δ' ἔνεστι διπλά, τὰ μὲν ὑπόγαια, τὰ δὲ μετέωρα ἐπ' ἐκείνοισι, τρισχίλια ἀριθμόν, πεντακοσίων καὶ χιλίων ἑκάτερα. Τὰ μέν νυν μετέωρα τῶν οἰκημάτων αὐτοί τε ὡρῶμεν διεξιόντες καὶ αὐτοὶ θεησάμενοι λέγομεν, τὰ δὲ αὐτῶν ὑπόγαια λόγοισι ἐπυνθανόμεθα· οἱ γὰρ ἐπεστεῶτες τῶν Αἰγυπτίων δεικνύναι αὐτὰ οὐδαμῶς ἤθελον, φάμενοι θήκας αὐτόθι εἶναι τῶν τε ἀρχὴν τὸν λαβύρινθον τοῦτον οἰκοδομησαμένων βασιλέων καὶ τῶν ἱρῶν κροκοδείλων. Οὕτω τῶν μὲν κάτω πέρι οἰκημάτων ἀκοῇ παραλαβόντες

λέγομεν, τὰ δὲ ἄνω μέζονα ἀνθρωπηίων ἔργων αὐτοὶ ὡρῶμεν. Αἵ τε γὰρ ἔξοδοι διὰ τῶν στεγέων καὶ οἱ είλιγμοὶ διὰ τῶν αὐλέων ἐόντες ποικιλώτατοι θῶμα μυρίον παρείχοντο ἐξ αὐλῆς τε ἐς τὰ οἰκήματα διεξιοῦσι καὶ ἐκ τῶν οἰκημάτων ἐς παστάδας, ἐς στέγας τε ἄλλας ἐκ τῶν παστάδων καὶ ἐς αὐλὰς ἄλλας ἐκ τῶν οἰκημάτων. 'Οροφὴ δὲ πάντων τούτων λιθίνη κατά περ οἱ τοῖχοι, οἱ δὲ τοῖχοι τύπων ἐγγεγλυμμένων πλέοι, αὐλὴ δὲ ἑκάστη περίστυλος λίθου λευκοῦ ἁρμοσμένου τὰ μάλιστα. Τῆς δὲ γωνίης τελευτῶντος τοῦ λαβυρίνθου ἔχεται πυραμὶς τεσσερακοντόργυιος, ἐν τῇ ζῷα μεγάλα ἐγγέγλυπται· ὁδὸς δ' ἐς αὐτὴν ὑπὸ γῆν πεποίηται.

E também eles decidiram deixar um monumento em comum, e decidido isso, fizeram um labirinto, um pouco abaixo do lago de Méris, mais perto de onde está a cidade chamada dos Crocodilos. Eu já o vi, e é maior do que se possa dizer. Pois se alguém somasse as muralhas e a *apódexis* das obras dos gregos, pareceriam ser de menor trabalho e despesa do que esse labirinto; no entanto, o templo de Éfeso e o de Samos são dignos de referência. As pirâmides eram maiores do que se possa dizer e cada uma delas é equivalente ou equiparável a muitas das grandes obras gregas; mas o labirinto ultrapassa também as pirâmides. Dele, são doze os pátios cobertos, com portas uma diante da outra, seis voltadas para o norte, e seis para o sul contíguas, e um mesmo muro exterior as circunda. Há ali duplas câmaras, umas subterrâneas, outras acima daquelas, em número de três, cada grupo de mil e quinhentos. Dessas câmaras, as superiores, nós mesmos as víamos, tendo-as atravessado, e falamos por tê-las contemplado pessoalmente; as subterrâneas, tomamos conhecimento por palavras os egípcios; pois os egípcios ali postados jamais queriam mostrá-las, afirmando que ali estavam as tumbas dos reis que primeiro construíram esse labirinto e dos crocodilos sagrados. Assim, falamos das câmaras inferiores por ouvir dizer, mas as superiores nós mesmos as víamos, maiores do que as obras humanas. As saídas através das salas e as voltas através dos pátios, muito variados, produzem admiração infinita para os que passam do pátio para as câmaras e dessas para os pórticos, dos pórticos para outras câmaras e das câmaras para outros pátios. O teto de todos eles é de pedra, como os muros; e os muros repletos de figuras esculpidas, cada pátio rodeado de uma colunata

> de pedra branca perfeitamente harmônica. Do ângulo que encerra o labirinto tem-se uma pirâmide de quarenta braças[89], na qual estão esculpidas grandes figuras. O caminho para ela foi feito por baixo da terra.

Heródoto formula seu discurso sobre o labirinto a partir de comparações sempre binárias: primeiramente, o labirinto é comparado às muralhas e à *apódexis* dos ἔργα dos gregos, mormente aos templos de Éfeso e de Samos, que são ἀξιόλογοι, dignos de referência. Dessa comparação, o Historiador conclui que as obras dos gregos são 'de menor trabalho e despesa' que o labirinto. Em seguida, as pirâmides são ditas equiparáveis aos ἔργα μεγάλα dos gregos, mas inferiores ao labirinto. Parece ser por meio dessa referência aos ἔργα μεγάλα gregos, que figuram como parâmetro comparativo, senão como elemento de inteligibilidade para uma audiência helênica, que Heródoto constrói sua descrição dos monumentos que se mostram μέζονες λόγου, maiores do que o discurso. O Historiador descreve o labirinto não só baseado na ἀκοή e no conhecimento do que é dito (λόγοισι ἐπυνθανόμεθα), mas também na própria percepção visual (ὡρῶμεν / θεησάμενοι). Poder-se-ia destacar ainda que a superioridade do labirinto, 'maior do que se possa dizer', é ressaltada pelo θῶμα μυρίον que ele desperta.

O livro II das *Histórias* é construído, fundamentalmente, a partir da noção de θῶμα, que é o que se sente diante do absolutamente diferente, do maravilhoso, do curioso, algo como o espanto, e que marca, sobretudo, a diferença entre o mundo que se descreve – nesse caso, o Egito – e o mundo onde esse é descrito – a Grécia.

Acerca de seu papel na obra de Heródoto, como assinala François Hartog (1999: 245-51), poder-se-ia dizer, que mais do que um fio condutor da digressão, o *thôma* é um produtor geral da narrativa, à medida que é ele o determinante da composição, do que deve ser dito ou escrito. É o que afirma Heródoto, em II. 35, ao apontar sua trajetória: Ἔρχομαι δὲ περὶ Αἰγύπτου μηκυνέων τὸν λόγον, ὅτι πλεῖστα θωμάσια ἔχει [ἢ ἡ ἄλλη πᾶσα χώρη] καὶ ἔργα λόγου μέζω παρέχεται

[89] Medida equivalente a 88 metros.

πρὸς πᾶσαν <ἄλλην> χώρην· τούτων εἵνεκα πλέω περὶ αὐτῆς εἰρήσεται. 'passo então ao Egito, prolongando meu discurso, pois encerra mais maravilhas do que qualquer outra região e oferece o maior número de obras que ultrapassam o que se pode dizer delas'. Destaca-se o lugar que ocupa, já nas palavras iniciais de Heródoto no proêmio de suas *Histórias*, o θῶμα no propósito da exposição de sua *historíe*, de sua investigação: "para que as grandes e maravilhosas ações (ἔργα μεγάλα καὶ θωμαστά) realizadas tanto pelos Gregos, quanto pelos Bárbaros fiquem sem glória".

Motor do relato egípcio, elemento narrativo dos *lógoi* etnográficos do historiador, procedimento retórico que busca exercer o fascínio, o θῶμα figura na obra herodotiana como recurso para construção de uma alteridade, assinalador da diferença. O conjunto de coisas maravilhosas apresentado por Heródoto dispõe-se em ordem de grandeza, em uma escala que segue do menos ao mais extraordinário, onde o interesse aumenta proporcionalmente à diferença percebida a partir de uma referência grega. Assim, ao labirinto do Egito, capaz de suscitar um θῶμα μυρίον, um θῶμα infinito, que supera até mesmo o das pirâmides, sobrepõe-se, em grau maior de maravilhamento, o lago Méris. Esse valor sustentado pelo θῶμα e submetido ao critério da percepção da diferença é estabelecido não somente a partir do aspecto qualitativo, mas também do quantitativo. Assim, dados numéricos, medidas, proporções também fazem parte na apresentação dos *thomastá*.

Ao apontar o θῶμα como um recurso tradutor da alteridade na obra herodotiana, Hartog afirma que esta tradução é operada também através de um processo de inversão, no qual, tomando-se por base uma cultura de referência – para o Historiador, a Grécia –, a cultura outra é vista como seu contrário. Assim, diz-nos Heródoto que os egípcios vivem num clima outro, à margem de um Nilo de natureza diversa da dos demais rios, e que adotaram, em quase todas as coisas, costumes e leis inversos aos de todos os outros homens (II, 35). Ou seja, no que tange aos costumes e leis, o princípio da inversão surge como demarcador da diferença máxima entre culturas, da antinomia entre elementos culturais de povos distintos. Visão, poder-se-ia dizer, etnocêntrica, que Heródoto mesmo busca

atenuar quando universaliza o outro. Por “todos os outros homens” subentende-se “todos os gregos”. Há muitos indícios textuais de que o renomado etnocentrismo de Heródoto seja, de fato, o que ouso chamar de um etnocentrismo itinerante, que toma alternadamente como centro de referência civilizatório uma determinada cultura que passe pelo crivo do θῶμα, e que, por ele, tenha sido compreendida.

Mas se a fronteira entre egípcios e gregos é traçada por Heródoto através da apresentação dos θώματα e de costumes insólitos, esta mesma fronteira em certa medida se desfaz quando o Historiador menciona os empréstimos culturais tomados dos egípcios pelos Gregos. Mais do que uma simples percepção da assimilação de traços culturais, o que se encontra na representação do Egito herodotiano é uma busca das origens em uma cultura que se nos apresenta aqui como fundadora: a egípcia. O imaginário grego acerca da antigüidade do Egito faz da viagem de Heródoto uma tentativa de retomada de um tempo no qual se possam entrever as origens, os princípios da vida civilizada. O Egito do livro II constitui um verdadeiro labirinto de memórias que o Historiador percorre; sua narrativa, um fio de Ariadne.

Conforme assinala Christian Jacob (1997: 29), no *lógos* egípcio, fundem-se dois horizontes: o espacial e o temporal. Na terra do Nilo, Heródoto mergulha em um passado bem distante, anterior mesmo à noção de unidade helênica, discursa sobre as origens que geram um discurso sobre a Grécia e sua cultura. É precisamente essa antigüidade, quiçá ancestralidade, que permite que o Egito seja visto como uma Escola da Grécia, o modelo inspirador de sua organização religiosa – de seu panteão, dos nomes dos deuses. E, ainda que esses traços do universo religioso grego encontrem sua gênese na cultura egípcia, o Historiador confere-lhes uma identidade própria assentada em discursos fundadores gregos: são os poemas de Hesíodo e Homero que firmam para os gregos uma teogonia, que atribui aos deuses seus qualificativos, seus cultos e imagens (II, 53). Heródoto diz-nos também (II, 57-58) que são os egípcios os inventores da mântica; os primeiros a celebrar grandes festas religiosas nacionais, a instituir procissões em cortejo aos deuses ou portando oferendas. Práticas essas aprendidas pelos gregos.

No que concerne às dissimetrias, à alteridade, os egípcios aparecem sob certos aspectos na narrativa herodoteana como um contraponto àquele que mais ao extremo oposto do Grego é colocado: o Persa, figura do bárbaro por excelência no imaginário grego do séc.V. No livro I (134-35), Heródoto discorre sobre os costume persas, e frisa o alto grau de permeabilidade dessa cultura aos costumes estrangeiros: dominados pelos Medos eles passam a adotar seus trajes por considera-los os mais belos; nas guerras usam a couraça egípcia, são adeptos do amor aos jovens por influência grega. A noção de outro para os Persas é proporcional ao grau de afastamento, determinada pela distância espacial. Em contraposição, os egípcios conservam seus costumes ancestrais (II, 79); recusam-se a fazer uso dos costumes dos gregos e dos demais povos (II, 91); chamam de bárbaros os que não falam sua língua (II, 158); também têm por hábito permanecerem em seu território. Ou seja, os egípcios são aqueles que, fixados no passado, melhor delimitam suas fronteiras étnicas, e que as preservam. Na narrativa de Heródoto, qualidade distintiva, afirmação de uma identidade cultural – tão essencial para os gregos de seu tempo.

O Egito de Heródoto evoca um tempo de assimilação cultural, onde os bárbaros apresentam-se, em certa medida, semelhantes; os egípcios, como civilizadores, povo primitivo da população humana. O tempo dos bárbaros civilizadores, dotados de *nómoi* suscetíveis de serem adotados por outros, é, no livro II, retomado, percorrido, mensurado. Tempo redescoberto, no qual a própria cultura grega se revê.

A última ocorrência do termo *apódexis* nas *Histórias* encontra-se no livro VIII.101, onde se lê:

> Ταῦτα ἀκούσας Ξέρξης ὡς ἐκ κακῶν ἐχάρη τε καὶ ἥσθη, πρὸς Μαρδόνιόν τε βουλευσάμενος ἔφη ὑποκρινέεσθαι ὁκότερον ποιήσει τούτων. Ὡς δὲ ἐβουλεύετο ἅμα Περσέων τοῖσι ἐπικλήτοισι, ἔδοξέ οἱ καὶ Ἀρτεμισίην ἐπὶ συμβουλὴν μεταπέμψασθαι, ὅτι πρότερον ἐφαίνετο μούνη νοέουσα τὰ ποιητέα ἦν. Ὡς δὲ ἀπίκετο ἡ Ἀρτεμισίη, μεταστησάμενος τοὺς ἄλλους, τούς τε συμβούλους Περσέων καὶ τοὺς δορυφόρους, ἔλεξε Ξέρξης τάδε· «Κελεύει με Μαρδόνιος μένοντα αὐτοῦ

> πειρᾶσθαι τῆς Πελοποννήσου, λέγων ὥς μοι Πέρσαι τε καὶ ὁ πεζὸς στρατὸς οὐδενὸς μεταίτιοι πάθεός εἰσι, ἀλλὰ βουλομένοισί σφι γένοιτ' ἂν ἀπόδεξις. Ἐμὲ ὦν ἢ ταῦτα κελεύει ποιέειν, ἢ αὐτὸς ἐθέλει τριήκοντα μυριάδας ἀπολεξάμενος τοῦ στρατοῦ παρασχεῖν μοι τὴν Ἑλλάδα δεδουλωμένην, αὐτὸν δέ με κελεύει ἀπελαύνειν σὺν τῷ λοιπῷ στρατῷ ἐς ἤθεα τὰ ἐμά. Σὺ ὦν ἐμοί (καὶ γὰρ περὶ τῆς ναυμαχίης εὖ συνεβούλευσας τῆς γενομένης οὐκ ἐῶσα ποιέεσθαι) νῦν [τε] συμβούλευσον ὁκότερα ποιέων ἐπιτύχω εὖ βουλευσάμενος.»
>
> Tendo ouvido isso, Xerxes, livre das desgraças, alegrou-se e se comprouve, e disse a Mardônio que, depois de deliberar, responderia qual das duas coisas faria. Mas, enquanto deliberava junto com persas escolhidos, pareceu-lhe conveniente fazer vir também Artemísia a conselho, porque, anteriormente, parecia ser a única a ter pensado o que se deveria fazer. Quando Artemísia chegou, Xerxes afastou os conselheiros persas e também os lanceiros e disse o seguinte: "Mardônio sugere-me que, permanecendo aqui, ataque o Peloponeso, dizendo que, para mim, os persas e a infantaria não são co-responsáveis por nenhum desastre, e que para eles, se o quiserem, poderia ser uma *apódexis*. Ordena-me, então, ou fazer isso, ou ele mesmo quer, tendo escolhido trezentos mil soldados do exército, oferecer-me a Grécia escravizada, e ordena-me que eu parta com o restante do exército para meus domínios. Assim sendo, tu (visto que, acerca da batalha naval ocorrida, bem me aconselhaste a não permitir que realizasse) aconselha-me agora qual dos dois planos, tendo bem deliberado, terei êxito ao realizar."

Segundo Powell, *apódexis* aqui significaria 'prova', 'demonstração', e How & Wells sugerem, em seu comentário, a leitura 'eles ficariam felizes em ter a oportunidade de provar sua inocência'[90] nesse contexto. Sem dúvida, uma ação exitosa dos persas e da infantaria poderia vir a ser uma 'prova' de que não foram responsáveis pelo πάθος que sobreveio a Xerxes. Mas tal 'prova' implicaria em um feito de guerra, no caso de ataque ao Peloponeso, como o propõe Mardônio. Duas

[90] How & Wells (1990 [1912]: 270) 'they would be glad to have an opportunity of proving their innocence.'

ocorrências do verbo ἀποδείκνυμι no livro VIII parecem reforçar essa hipótese. Em VIII.89.2, é dito que os soldados da retaguarda chocam-se com as naus dianteiras que se punham em fuga, ao avançaram para a frente de combate, 'para demonstrarem também eles algum feito ao rei' (ὡς ἀποδεξόμενοί τι καὶ αὐτοὶ ἔργον βασιλέϊ); em 90.4. Xerxes, do alto do monte dianteiro a Salamina, 'quando via algum dos seus demonstrar algum feito no combate naval' (Ὅκως γάρ τινα ἴδοι Ξέρξης τῶν ἑωυτοῦ ἔργον τι ἀποδεικνύμενον ἐν τῇ ναυμαχίῃ), 'informava-se de quem o havia feito' (ἀνεπυνθάνετο τὸν ποιήσαντα). Tais ocorrências dizem respeito a ações realizadas na batalha de Salamina, que resulta em um πάθος para o rei persa e seu contingente; em VIII.101, no discurso reportado de Mardônio, é aventada a possibilidade, poder-se-ia dizer, de se responder a essa situação com a *apódexis* de um feito, ou feitos. *Apódexis*, aqui, teria alguma equivalência a ' τι ἐργον ἀποδέκεσθαι'.

A única ocorrência de ἐπίδεξις nas *Histórias* encontra-se no livro II.46.4 e parece designar uma ação sem precedentes, uma ação que não é ocasionada como reação. Na descrição dos costumes religiosos egípcios, ao tratar do culto a Pã, Heródoto nos diz:

> Τὰς δὲ δὴ αἶγας καὶ τοὺς τράγους τῶνδε εἵνεκα οὐ θύουσι Αἰγυπτίων οἱ εἰρημένοι. Τὸν Πᾶνα τῶν ὀκτὼ θεῶν λογίζονται εἶναι οἱ Μενδήσιοι, τοὺς δὲ ὀκτὼ θεοὺς τούτους προτέρους τῶν δυώδεκα θεῶν φασι γενέσθαι. γράφουσί τε δὴ καὶ γλύφουσι οἱ ζωγράφοι καὶ οἱ ἀγαλματοποιοὶ τοῦ Πανὸς τὤγαλμα κατά περ Ἕλληνες αἰγοπρόσωπον καὶ τραγοσκελέα, οὔτι τοιοῦτον νομίζοντες εἶναί μιν ἀλλ' ὅμοιον τοῖσι ἄλλοισι θεοῖσι. ὅτευ δὲ εἵνεκα τοιοῦτον γράφουσι αὐτόν, οὔ μοι ἥδιόν ἐστι λέγειν. Σέβονται δὲ πάντας τοὺς αἶγας οἱ Μενδήσιοι, καὶ μᾶλλον τοὺς ἔρσενας τῶν θηλέων, καὶ τούτοισι οἱ αἰπόλοι τιμὰς μέζονας νέμουσι· ἐκ δὲ τούτων ἕνα μάλιστα, ὅστις ἐπεὰν ἀποθάνῃ, πένθος μέγα παντὶ τῷ Μενδησίῳ νομῷ τίθεται. Καλέεται δὲ ὅ τε τράγος καὶ ὁ Πὰν αἰγυπτιστὶ Μένδης. Ἐγένετο δὲ ἐν τῷ νομῷ τούτῳ ἐπ' ἐμέο τοῦτο τὸ τέρας· γυναικὶ τράγος ἐμίσγετο ἀναφανδόν· τοῦτο ἐς ἐπίδεξιν ἀνθρώπων ἀπίκετο.

> Os egípcios de que falamos não sacrificam as cabras e os bodes pelo seguinte: os mendésios calculam que Pã é um dos oitos deuses, e afirmam que estes oito deuses eram anteriores aos doze deuses. Assim, os pintores e escultores pintam e esculpem a imagem de Pã como os gregos, com cara de cabra e patas de bode, de modo algum pensando que ele seja assim, mas semelhante aos outros deuses. Para mim, não é muito agradável dizer por que motivo o pintam assim. Os mendésios veneram todas as cabras, mais os machos do que as fêmeas, e para esses os pastores atribuem maiores honras. Deles, sobretudo um, que, quando morre, é colocado grande luto a todo o nomo mendésio. O bode e Pã são chamados Mendes, em língua egípcia. Ocorreu neste nomo, no meu tempo, este fato monstruoso: um bode teve relações com uma mulher, diante de todos; esse fato chegou à *epídexis* entre os homens.

A expressão ἀπίκετο ἐς ἐπίδεξιν ἀνθρώπων, 'chegou à *epídexis* entre os homens', pode ser contrastada com o advérbio ἀναφανδόν (át. ἀμφαδόν), 'diante de todos, abertamente', para sublinhar diferentes ações: o 'ver' dos mendésios que presenciaram a relação entre o bode e a mulher, e o 'ouvir' dos demais homens, que tomam conhecimento do fato por meio da *epídexis*. Em ambos os casos, tem-se a publicidade de um ato, mas que se dá diferentemente. Nas *Histórias,* ἐπίδεξις parece designar um gesto de propagação; ἀπόδεξις, uma 'realização', uma 'concretização' que vinda a público pode ser eternalizada.

3.2. Ocorrências de *apodeíknymi* e *epideíknymi* em Heródoto

O verbo ἀποδείκνυμι, no texto de Heródoto, encerra significados distintos, em alguns casos contíguos, estendendo-se da noção de 'demonstrar', 'dar provas', 'exibir' – uma σοφίη (IV.76.2; VII.160.1), uma δύναμις (VII.24), uma ῥώμη (VII.223.4), uma ἀρετή (I.176.1; IX.40), por exemplo; realizar - ἔργα (μεγάλα, λαμπρά), εὐεργεσίαι (III.67.3); formular e declarar – uma γνώμη; a noção de 'dedicar', em sentido religioso – um τέμενος, um βωμός; 'indicar', 'designar' – como

βασιλεύς, στρατηγός, ἐπίτροπος. Tratarei aqui, no entanto, das ocorrências que apresentam sentidos mais próximos daqueles de ἀπόδεξις, vistos no subcapítulo anterior. As passagens em que ἀποδείκνυμι aparece com outros significados, como 'dedicar', 'designar', integram o anexo desta tese.

Em I. 207.7, na fala de Creso citada anteriomente[91], a expressão 'ἀπεδείκνυτο ἐναντίην τῇ προκειμένῃ γνώμῃ', traduz a noção de 'apresentar uma opinião contrária a que fora proposta'. Nas *Histórias*, são encontradas 24 ocorrências de ἀποδείκνυμι tendo por complemento γνώμη, para as quais o léxico de Powell atribui o significado verbal de 'declarar' (I.170.1, 171.1; 207.1; II.24; III.74.4, 82.3, 160.1; IV.97.2, 137.3; VI.41.3, 43.3; VII.3.1, 6.5, 10.1, 46.1, 99.3, 139; VIII. 68α1, 108.2; IX. 58; *pass.* II.146; IV.98.2, 132.2; VIII.8.3). Em I.207, no entanto, o verbo pode significar algo maior do que 'declarar', como propõe Powell, visto que no discurso de Creso se vê a formulação de todo um raciocínio sobre a atitude que Ciro deve tomar em relação a sua campanha contra os masságetas. Aqui, é possível contrastar as expressões γνώμην ἀποδείκνυσθαι e γνώμας ἀποφαίνεσθαι, 'articular uma opinião', ou 'declarar' como propõe Powell, e 'expor claramente opiniões'. O verbo ἀποδείκνυσθαι parece implicar não somente a noção de 'declaração', como entendido por Powell, mas a 'formulação' de um juízo, e sua exposição em contraponto a outro, criticado por Creso (μεμφόμενος)[92]. A γνώμη de Creso é fruto de uma reflexão de toda a sua συμφορή, na verdade, do

[91] Cf. p. 92.

[92] No livro III, capítulo 82, que integra o famoso debate sobre os regimes de governo, no qual categorias e argumentos gregos são reproduzidos nos discursos de Otanes, Megabizo e Dario, representantes da nobreza persa, também se pode notar um contraste na apresentação de γνῶμαι: Μεγάβυζος μὲν δὴ ταύτην γνώμην ἐσέφερε. Τρίτος δὲ Δαρεῖος ἀπεδείκνυτο γνώμην, λέγων· 'Megabizo propôs sua opinião. E em terceiro lugar, Dario demonstrava sua opinião, dizendo:'. Cf. também VII.10.1. Μαρδόνιος μὲν τοσαῦτα ἐπιλεήνας τὴν Ξέρξεω γνώμην ἐπέπαυτο. Σιωπώντων δὲ τῶν ἄλλων Περσέων καὶ οὐ τολμώντων γνώμην ἀποδείκνυσθαι ἀντίην τῇ προκειμένῃ, Ἀρτάβανος ὁ Ὑστάσπεος, πάτρως ἐὼν Ξέρξῃ, τῷ δὴ καὶ πίσυνος ἐών, ἔλεγε τάδε· «Ὦ βασιλεῦ, μὴ λεχθεισέων μὲν γνωμέων ἀντιέων ἀλλήλῃσι οὐκ ἔστι τὴν ἀμείνω αἱρεόμενον ἑλέσθαι, ἀλλὰ δεῖ τῇ εἰρημένῃ χρᾶσθαι· 'Mardônio, após ter tornado tão plausível a opinião de Xerxes, cessou. Enquanto os outros persas estavam em silêncio e não ousavam expor uma opinião contrária à que fora proposta, Artábano, filho de Histaspes, que era tio paterno de Xerxes, confiante nesse, disse o seguinte: "Rei, visto que não foram ditas opiniões contrárias às demais, não é possível escolher a melhor a ser tomada, é preciso valer-se da que foi dita."'

reconhecimento de seus ἀχάριτα παθήματα, que ora constituem μαθήματα não só para ele, mas também para Ciro. É curioso, nessa passagem, o fato de a opinião de Creso convergir diretamente para a própria opinião de Heródoto acerca da mutabilidade da fortuna humana. Tal visão, que se pode depreender desde a leitura do *lógos* lídio, que inicia as narrativas das *Histórias*, figura como o princípio regulador da história segundo Heródoto. A fala proverbial de Creso evoca, em certa medida, as palavras iniciais do Historiador (I.5,16-17), que sentencia que a εὐδαιμονίη humana jamais permanece estável.

Em II.23-24, Heródoto parece operar de modo semelhante ao citado anteriormente, no que diz respeito à formulação, e consequente declaração, de uma γνώμη própria, em oposição às alheias. Ao observar as explicações sobre as cheias do Nilo, o Historiador nos diz:

> II. 23. Ὁ δὲ περὶ τοῦ Ὠκεανοῦ λέξας ἐς ἀφανὲς τὸν μῦθον ἀνενείκας οὐκ ἔχει ἔλεγχον· οὐ γάρ τινα ἔγωγε οἶδα ποταμὸν Ὠκεανὸν ἐόντα, Ὅμηρον δὲ ἤ τινα τῶν πρότερον γενομένων ποιητέων δοκέω τοὔνομα εὑρόντα ἐς ποίησιν ἐσενείκασθαι. 24. Εἰ δὲ δεῖ μεμψάμενον γνώμας τὰς προκειμένας αὐτὸν περὶ τῶν ἀφανέων <u>γνώμην ἀποδέξασθαι</u>, φράσω δι' ὅ τι μοι δοκέει πληθύεσθαι ὁ Νεῖλος τοῦ θέρεος· τὴν χειμερινὴν ὥρην ἀπελαυνόμενος ὁ ἥλιος ἐκ τῆς ἀρχαίης διεξόδου ὑπὸ τῶν χειμώνων ἔρχεται τῆς Λιβύης τὰ ἄνω. Ὡς μέν νυν ἐν ἐλαχίστῳ δηλῶσαι, πᾶν εἴρηται· τῆς γὰρ ἂν ἀγχοτάτω τε ᾖ χώρης οὗτος ὁ θεὸς καὶ κατὰ ἥντινα, ταύτην οἰκὸς διψῆν τε ὑδάτων μάλιστα καὶ τὰ ἐγχώρια ῥεύματα μαραίνεσθαι τῶν ποταμῶν.
>
> Aquele que falou sobre o Oceano, tendo, obscuramente, reportado ao mito, não pode ser refutado; pois eu mesmo não sei se há um rio que seja Oceano, e penso que Homero, ou algum dos poetas que viveram antes dele, encontrou esse nome e o introduziu em sua composição. 24. Se é preciso, depois de criticar as opiniões que foram propostas, que eu mesmo demonstre uma opinião acerca dessa questão obscura, direi por que me parece que o Nilo enche no verão: o sol, durante a estação do inverno, desviado de seu antigo trajeto pela tempestade, vai para a parte superior da Líbia.

> Tudo está dito, para que agora fique evidente de modo mais breve possível; pois no território de que esse deus está mais próximo e em outro qualquer, é natural que tenha máxima sede de águas e que as correntes locais dos rios se esvaziem.

Nesta passagem, novamente ἀποδέξασθαι implica uma resposta ao que fora antes estabelecido. Para o μῦθος, Heródoto afirma não haver ἔλεγχος, um argumento, uma prova que possa refutá-lo, mas as γνῶμαι αἱ προκειμέναι, as opiniões propostas, são passíveis de serem criticadas, e a partir delas se construir uma γνώμη própria. Ἀποδέξασθαι parece aqui ser resultante de uma observação de opiniões alheias, e é ação exigida após a crítica do material observado pelo Historiador; tal ato é o passo adiante que se dá ao juízo crítico das opiniões existentes (μέμφεσθαι). Heródoto procede então à exposição de seu juízo acerca das cheias do Nilo, em um dizer curto, 'para que fique evidente em poucas palavras'. Em II.25.1 o Historiador prossegue em sua explicação sobre o Nilo, agora de modo mais amplo, enunciando assim: Ὡς δὲ ἐν πλέονι λόγῳ δηλῶσαι, ὧδε ἔχει 'Para que fique evidente, em um discurso mais amplo, é assim'.

Em duas outras passagens do livro II, Heródoto apoia sua demonstração em γνῶμαι alheias, não as contestando, mas valendo-se delas para construir seu próprio julgamento sobre os limites do território egípcio. Em II.15.1, acena com a possibilidade de valer-se das opiniões dos jônios:

> Εἰ ὦν βουλοίμεθα γνώμῃσι τῇσι Ἰώνων χρᾶσθαι τὰ περὶ Αἴγυπτον, οἵ φασι τὸ Δέλτα μοῦνον εἶναι Αἴγυπτον, ἀπὸ Περσέος καλεομένης σκοπιῆς λέγοντες τὸ παρὰ θάλασσαν εἶναι αὐτῆς μέχρι ταριχηίων τῶν Πηλουσιακῶν, τῇ δὴ τεσσεράκοντά εἰσι σχοῖνοι, τὸ δὲ ἀπὸ θαλάσσης λεγόντων ἐς μεσόγαιαν τείνειν αὐτὴν μέχρι Κερκασώρου πόλιος, κατ' ἣν σχίζεται ὁ Νεῖλος ἔς τε Πηλούσιον ῥέων καὶ ἐς Κάνωβον, τὰ δὲ ἄλλα λεγόντων τῆς Αἰγύπτου τὰ μὲν Λιβύης, τὰ δὲ Ἀραβίης εἶναι, <u>ἀποδεικνύοιμεν ἂν τούτῳ τῷ λόγῳ χρεώμενοι</u> Αἰγυπτίοισι οὐκ ἐοῦσαν πρότερον χώρην.

> Se, então, desejássemos utilizar as opiniões dos jônios acerca do Egito, que afirmam que o Egito é somente o Delta, dizendo que a orla marítima vai do chamado observatório de Perseu até as taríqueas de Pelúsio, onde há quarenta esquenos, e dizendo que do mar até o território interior se estende até a cidade de Cercasoro, onde o Nilo se divide correndo até Pelusio e até Canopo, dizendo que as demais partes do Egito, umas são da Líbia e outras da Arábia, poderíamos demonstrar, valendo-nos desse argumento, que para os egípcios não havia antes um território.

Nesse trecho, o Historiador aventa a possibilidade – marcada pelo verbo ἀποδείκνυμι no optativo – de operar a 'demonstração' tomando por base as γνῶμαι dos jônios, que assumem a forma de um λόγος. Um λόγος provavelmente bastante difundido. Já em II.16.1, Heródoto considera a γνώμη dos jônios como ὀρθή, para demonstrar que, na verdade, gregos e jônios, por falta de uma ἐπιστήμη, cometem um erro de cálculo:

> Εἰ ὦν ἡμεῖς ὀρθῶς περὶ αὐτῶν γινώσκομεν, Ἴωνες οὐκ εὖ φρονέουσι περὶ Αἰγύπτου. Εἰ δὲ ὀρθή ἐστι ἡ γνώμη τῶν Ἰώνων, Ἕλληνάς τε καὶ αὐτοὺς Ἴωνας <u>ἀποδείκνυμι</u> οὐκ ἐπισταμένους λογίζεσθαι, οἵ φασι τρία μόρια εἶναι γῆν πᾶσαν, Εὐρώπην τε καὶ Ἀσίην καὶ Λιβύην. Τέταρτον γὰρ δή σφεας δεῖ προσλογίζεσθαι Αἰγύπτου τὸ Δέλτα, εἰ μήτε γέ ἐστι τῆς Ἀσίης μήτε τῆς Λιβύης. Οὐ γὰρ δὴ ὁ Νεῖλός γέ ἐστι κατὰ τοῦτον τὸν λόγον ὁ τὴν Ἀσίην οὐρίζων τῇ Λιβύῃ· τοῦ Δέλτα δὲ τούτου κατὰ τὸ ὀξὺ περιρρήγνυται ὁ Νεῖλος, ὥστε ἐν τῷ μεταξὺ Ἀσίης τε καὶ Λιβύης γίνοιτ' ἄν.
>
> Se, então, nós pensamos corretamente sobre eles, os jônios não têm razão acerca do Egito. Se a opinião dos jônios está correta, demonstro que os gregos e os próprios jônios computam sem saber ao certo; eles afirmam que toda a terra tem três partes: Europa, Ásia e Líbia. Pois devem eles acrescentar uma quarta, o Delta do Egito, se não é da Ásia nem da Líbia. Pois o Nilo, segundo esse raciocínio, não é o que separa a Ásia da Líbia; o Nilo se divide no vértice do Delta, de sorte que poderia estar no meio da Ásia e da Líbia.

Por meio de uma *apódexis*, Heródoto parece contestar uma opinião que poderia ser considerada correta. O léxico de Powell atribui o sentido de 'provar, demonstrar' para essa ocorrência de ἀποδείκνυμι, ainda que ela esteja circunscrita ao campo da γνώμη. De fato, o sentido de 'declarar', corrente, segundo Powell, nas passagens em que aparece com o complemento γνώμη, mostrar-se-ia limitante aqui, visto tratar-se de uma contraposição a uma opinião considerada correta em alguma medida. Não se deve esquecer que Heródoto afirmou em II.12.1 que vira o Egito[93] (ἰδών τε τὴν Αἴγυπτον 'tendo visto o Egito'), e que os dados percebidos a partir da ὄψις constituem, muitas vezes, μαρτύρια, testemunhos, de sua γνώμη, como se depreende da seguinte passagem que encerra a discussão sobre a geografia egípcia:

> Μαρτυρέει δέ μοι τῇ γνώμῃ, ὅτι τοσαύτη ἐστὶ Αἴγυπτος ὅσην τινὰ ἐγὼ ἀποδείκνυμι τῷ λόγῳ, καὶ τὸ Ἄμμωνος χρηστήριον γενόμενον, τὸ ἐγὼ τῆς ἐμεωυτοῦ γνώμης ὕστερον περὶ Αἴγυπτον ἐπυθόμην. (II.18,1)
>
> Testemunha minha opinião, de que o Egito é tão grande quanto o que eu demonstro nesse relato, também o oráculo de Amón, do qual eu tomei conhecimento depois de minha própria apreciação sobre o Egito.

Heródoto formula suas opiniões a partir não só do que viu, mas também a partir da observação de opiniões alheias que ele ouviu, e que, muitas vezes, vem a contrapor-se a sua própria apreciação. A tomada de posição por parte do Historiador é sempre norteada pelo princípio do verossímil[94], e não propriamente da verdade.

[93] Darbo-Peschanski (1998: 209) elenca, em um quadro esquemático, o número de ocorrências em que Heródoto apresenta: observações em primeira pessoa; afirmações do que é verdadeiro, exato ou justo (ἀληθής, ἀτρεκής, ὀρθός); opiniões; observações sobre a organização do texto; indicações sobre a pesquisa. O número de intervenções que apresentam opiniões é bem maior do que o de afirmações do verdadeiro, justo ou exato e, de todas as categorias analíticas propostas por Darbo-Peschanski, o livro II é o que apresenta maior índice numérico.

[94] Cf. Lima (1996:158) L'*eikos* serve quindi a situare la pratica storiografica erodotea tra uma attività critica, selletiva ed escludente, e l'accettazione acritica di *ta legomena*. Nel procedere alla *historie*, all' investigazione storica in senso generale, lo storico presuppone anche la possibilità di spiegare i fatti, per mezzo di una regolarità sia degli elementi della natura, sia del comportamento umano. Questa regolarità permette di esprimere un discorso sul passato "riconoscibile" secondo parametri accetteti, ed è pertanto fattore essenziale nella costruzione della narrazione storica. 'O *eikos* serve, portanto,

Como afirma Darbo-Peschanski (1998:206), 'Heródoto, da mesma forma que resiste em considerar as suas conclusões como conformes à *alétheia,* também hesita em declarar que tenha chegado ao conhecimento *exato* do seu objeto de estudo'. Nas *Histórias*, os relatos não se conformam pela ἀκρίβεια, termo que não aparece no texto, mas pelo que se mostra potencialmente ἀληθής, ἀτρεκής, ὀρθός. Em uma passagem do livro VII, o Historiador, compromissado com a exposição de uma γνώμη que se aproxime da verdade, afirma não se furtar a demonstrá-la, embora seja odiosa para a maioria dos homens:

> Ἐνθαῦτα ἀναγκαίῃ ἐξέργομαι γνώμην ἀποδέξασθαι ἐπίφθονον μὲν πρὸς τῶν πλεόνων ἀνθρώπων, ὅμως δέ, τῇ γέ μοι φαίνεται εἶναι ἀληθές, οὐκ ἐπισχήσω. Εἰ Ἀθηναῖοι καταρρωδήσαντες τὸν ἐπιόντα κίνδυνον ἐξέλιπον τὴν σφετέρην, ἢ καὶ μὴ ἐκλιπόντες ἀλλὰ μείναντες ἔδοσαν σφέας αὐτοὺς Ξέρξῃ, κατὰ τὴν θάλασσαν οὐδαμοὶ ἂν ἐπειρῶντο ἀντιούμενοι βασιλέϊ. Εἰ τοίνυν κατὰ τὴν θάλασσαν μηδεὶς ἠντιοῦτο Ξέρξῃ, κατά γε ἂν τὴν ἤπειρον τοιάδε ἐγένετο. Εἰ καὶ πολλοὶ τειχέων κιθῶνες ἦσαν ἐληλαμένοι διὰ τοῦ Ἰσθμοῦ Πελοποννησίοισι, προδοθέντες ἂν Λακεδαιμόνιοι ὑπὸ τῶν συμμάχων, – οὐκ ἑκόντων ἀλλ' ὑπ' ἀναγκαίης, κατὰ πόλις ἁλισκομένων ὑπὸ τοῦ ναυτικοῦ στρατοῦ τοῦ βαρβάρου, – ἐμουνώθησαν· μουνωθέντες δὲ ἂν καὶ ἀποδεξάμενοι ἔργα μεγάλα ἀπέθανον γενναίως. (VII.139,1)
>
> Aqui sou obrigado, por necessidade, a mostrar uma opinião odiada pela maioria dos homens, contudo, como parece-me ser verdadeira, não me deterei: se os atenienses, tomados de pavor face ao perigo que sobrevinha, tivessem abandonado seu território, ou não o tendo deixado, mas permanecido, e tivessem entregado a si próprios a Xerxes, ninguém teria tentado opor-se ao rei pelo mar. Se ninguém se opusesse a Xerxes pelo mar, teria acontecido o

---

para situar a prática historiográfica herodotiana entre uma atividade crítica, seletiva e excludente, e a aceitação acrítica dos *ta legomena*. No proceder à *historie*, à investigação histórica no sentido geral, o histórico pressupõe também a possibilidade de explicar os fatos, por meio de uma regularidade quer dos elementos da natureza, quer do comportamento humano. Esta regularidade permite exprimir um discurso sobre o passado "reconhecível" segundo parâmetros aceitos, e por isso é fator essencial na construção da narração histórica.

> seguinte ao continente: se muitos cinturões de muralhas estivessem estendidos através do istmo pelos peloponésios, os lacedemônios, traídos por seus aliados, – não voluntariamente, mas por necessidade, e capturados pela armada naval dos bárbaros,– teriam sido isolados. Isolados, e tendo realizados grandes feitos, teriam morrido nobremente.

Nessa passagem, o verbo ἀποδείκνυμι guarda duas significações distintas. O primeiro uso aponta para um sentido declarativo de uma γνώνη que, embora não se diga a quem se lhe atribui, deve ser exposta por necessidade. Heródoto nos dá a impressão de responder aqui a um público não ateniense, se tomarmos por comparação 'πρὸς τῶν πλεόνων ἀνθρώπων' com 'τοῦτο τὸ Ἑλληνικὸν πᾶν τὸ λοιπόν', ' todo aquele restante grego' dito mais adiante, em VII.139.5. O elogio de Atenas é evidente nessa passagem, na qual o Historiador afirma: ἑλόμενοι δὲ τὴν Ἑλλάδα περιεῖναι ἐλευθέρην, τοῦτο τὸ Ἑλληνικὸν πᾶν τὸ λοιπόν, ὅσον μὴ ἐμήδισε, αὐτοὶ οὗτοι ἦσαν οἱ ἐπεγείραντες καὶ βασιλέα μετά γε θεοὺς ἀνωσάμενοι[95]. 'tendo escolhido que a Grécia se mantivesse livre, eles mesmos (os atenienses) foram os que reanimaram todo o resto do povo grego que não pactuou com medos, e que certamente, depois dos deuses, rechaçaram o rei'. No entanto, Heródoto dá a essa afirmativa um caráter anônimo, semelhante talvez ao que se pode notar da 'exposição de *uma* γνώνη' no início do capítulo, ao dizer: 'mas agora, quem dissesse que os atenienses foram os salvadores da Grécia não se distanciaria da verdade' (νῦν δὲ Ἀθηναίους ἄν τις λέγων σωτῆρας γενέσθαι τῆς Ἑλλάδος οὐκ ἂν ἁμαρτάνοι τἀληθέος). O optativo precedido de ἄν constrói a ideia de suposição (uma realidade potencial), que Heródoto aproxima da verdade, e o pronome τις, indica a indefinição do sujeito.

O segundo uso de ἀποδείκνυμι em VII.139.1 diz respeito à realização. Trata-se, no entanto, de ἔργα μεγάλα, de grandes feitos, não realizados, na verdade, como o evidencia o irreal do passado (δὲ ἂν καὶ ἀποδεξάμενοι ἔργα μεγάλα

[95] Cf. Payen (1997:189-191), que sublinha: 'derriére les Athéniens, tous les Grecs; devant eux, seuls les dieux', 'atrás dos atenienses, todos os gregos; à frente deles, só os deuses'.

ἀπέθανον γενναίως). No livro II.10, ἀποδείκνυσθαι ἔργα μεγάλα figura em um contexto singular, não se relacionando à realização, ou ainda demonstração, de ‘feitos’ ou ‘obras’, mas a ‘efeitos’ produzidos pela natureza. Assim, lê-se em II.10:

> Ταύτης ὦν τῆς χώρης τῆς εἰρημένης ἡ πολλή, κατά περ οἱ ἱρέες ἔλεγον, ἐδόκεε καὶ αὐτῷ μοι εἶναι ἐπίκτητος Αἰγυπτίοισι. Τῶν γὰρ ὀρέων τῶν εἰρημένων τῶν ὑπὲρ Μέμφιν πόλιν κειμένων τὸ μεταξὺ ἐφαίνετό μοι εἶναί κοτε κόλπος θαλάσσης, ὥσπερ τὰ περὶ Ἴλιον καὶ Τευθρανίην καὶ Ἔφεσόν τε καὶ Μαιάνδρου πεδίον, ὥς γε εἶναι σμικρὰ ταῦτα μεγάλοισι συμβαλεῖν· τῶν γὰρ ταῦτα τὰ χωρία προσχωσάντων ποταμῶν ἑνὶ τῶν στομάτων τοῦ Νείλου, ἐόντος πενταστόμου, οὐδεὶς αὐτῶν πλήθεος πέρι ἄξιος συμβληθῆναί ἐστι. Εἰσὶ δὲ καὶ ἄλλοι ποταμοί, οὐ κατὰ τὸν Νεῖλον ἐόντες μεγάθεα, οἵτινες ἔργα ἀποδεξάμενοι μεγάλα εἰσί· τῶν ἐγὼ φράσαι ἔχω οὐνόματα καὶ ἄλλων καὶ οὐκ ἥκιστα Ἀχελῴου, ὃς ῥέων δι' Ἀκαρνανίης καὶ ἐξιεὶς ἐς θάλασσαν τῶν Ἐχινάδων νήσων τὰς ἡμισέας ἤδη ἤπειρον πεποίηκε.
>
> A maior parte desse território descrito, segundo os sacerdotes diziam, parecia-me ser também uma aquisição posterior para os egípcios. Pois o intervalo entre as montanhas descritas, que se situam além da cidade de Mênfis, parecia-me ser outrora um braço de mar, como as em torno de Ílion, Teutrânia, Éfeso e também a planície de Meandro, como se comparasse regiões pequenas a grandes; dos rios que por aterramento formaram essa regiões, nenhum deles é digno de ser comparado quanto à dimensão a uma única das bocas do Nilo, que são cinco. Há ainda outros rios, que não são da grandeza do Nilo, que produziram grandes efeitos; deles, eu posso citar nomes e de outros sobretudo o Aqueloo, que flui através da Acarnânia e desaguando no mar já tornou metade das ilhas equínades continente.

Nas *Histórias,* é frequente também o uso de ἀποδείκνυμι com o sentido de ‘mostrar’. No entanto, em alguns casos, a ação verbal parece ir além de ‘mostrar’, pressupondo a ideia de ‘prova’. Mostra-se algo a fim de prová-lo. Em III.122, na carta que Oretes, governador de Sardes, envia a Polícrates de Samos, tem-se:

Ὁ δὲ ὦν Ὀροίτης ἱζόμενος ἐν Μαγνησίῃ τῇ ὑπὲρ Μαιάνδρου ποταμοῦ οἰκημένῃ ἔπεμπε Μύρσον τὸν Γύγεω ἄνδρα Λυδὸν ἐς Σάμον ἀγγελίην φέροντα, μαθὼν τοῦ Πολυκράτεος τὸν νόον. Πολυκράτης γάρ ἐστι πρῶτος τῶν ἡμεῖς ἴδμεν Ἑλλήνων ὃς θαλασσοκρατέειν ἐπενοήθη, πάρεξ Μίνω τε τοῦ Κνωσσίου καὶ εἰ δή τις ἄλλος πρότερος τούτου ἦρξε τῆς θαλάσσης· τῆς δὲ ἀνθρωπηίης λεγομένης γενεῆς Πολυκράτης πρῶτος, ἐλπίδας πολλὰς ἔχων Ἰωνίης τε καὶ νήσων ἄρξειν. Μαθὼν ὦν ταῦτά μιν διανοεύμενον ὁ Ὀροίτης πέμψας ἀγγελίην ἔλεγε τάδε· «Ὀροίτης Πολυκράτεϊ ὧδε λέγει. Πυνθάνομαι ἐπιβουλεύειν σε πρήγμασι μεγάλοισι καὶ χρήματά τοι οὐκ εἶναι κατὰ τὰ φρονήματα. Σύ νυν ὧδε ποιήσας ὀρθώσεις μὲν σεωυτόν, σώσεις δὲ καὶ ἐμέ· ἐμοὶ γὰρ βασιλεὺς Καμβύσης ἐπιβουλεύει θάνατον καί μοι τοῦτο ἐξαγγέλλεται σαφηνέως. Σύ νυν ἐμὲ ἐκκομίσας αὐτὸν καὶ χρήματα, τὰ μὲν αὐτῶν αὐτὸς ἔχε, τὰ δὲ ἐμὲ ἔα ἔχειν· εἵνεκέν τε χρημάτων ἄρξεις ἁπάσης τῆς Ἑλλάδος. Εἰ δέ μοι ἀπιστέεις τὰ περὶ τῶν χρημάτων, πέμψον ὅστις τοι πιστότατος τυγχάνει ἐών, τῷ ἐγὼ ἀποδέξω.»

Então Oretes, que estava em Magnésia, que está situada sobre o Rio Meandro, sabedor que era da intenção de Polícrates, enviava a Samos Mirso, um lídio, filho de Giges, com uma mensagem. Pois Polícrates é o primeiro dos gregos, de que nós sabemos, que planejou dominar o mar, à exceção de Minos de Cnossos e se também algum outro que antes dele tenha dominado o mar; mas, da chamada raça dos homens, Polícrates foi o primeiro, tendo muitas esperanças de dominar a Jônia e também as ilhas. Então Oretes, ciente de que ele tinha isso em mente, enviou–lhe uma mensagem que dizia o seguinte: "Assim diz Oretes a Polícrates: estou informado de que tu tramas grandes ações, e que não tens riquezas que estejam de acordo com teus pensamentos. Então, tu, tendo feito desta forma, não só te fortalecerás, como salvarás também a mim: o rei Cambises trama a minha morte e isso me está claramente anunciado. Tu então tendo levado a mim e a riquezas, com parte delas fica, e deixa-me com a outra parte; por causa das riquezas dominarás toda a Grécia. E se não acreditas em mim no que diz respeito às riquezas, envia-me a quem precisamente te é mais fiel, eu mesmo o mostrarei."

A carta de Oretes, um estratagema para persuadir o tirano de Samos, se encerra com ‘τῷ ἐγὼ ἀποδέξω’, que se promete como ato capaz de desfazer a ἀπιστία de Polícrates. Oretes afirma que ‘mostrará’ seus bens a quem Polícrates muito confia. Mais do que uma ‘mostra’, a ação parece denotar aqui a ‘prova’; ao expor suas riquezas ao olhar de um πιστότατος, Oretes pretende conquistar a confiança de Polícrates.

Em dois outros trechos das *Histórias,* a noção de ‘prova’ é demarcada por um elemento local, que vem a reforçar o ato demonstrativo. Em I.171., em uma digressão sobre a história dos povos conquistados por Hárpago, chefe do exército de Ciro, Heródoto afirma:

> Ἅρπαγος δὲ καταστρεψάμενος Ἰωνίην ἐποιέετο στρατηίην ἐπὶ Κᾶρας καὶ Καυνίους καὶ Λυκίους, ἅμα ἀγόμενος καὶ Ἴωνας καὶ Αἰολέας. Εἰσὶ δὲ τούτων Κᾶρες μὲν ἀπιγμένοι ἐς τὴν ἤπειρον ἐκ τῶν νήσων· τὸ γὰρ παλαιὸν ἐόντες Μίνω κατήκοοι καὶ καλεόμενοι Λέλεγες εἶχον τὰς νήσους, φόρον μὲν οὐδένα ὑποτελέοντες, ὅσον καὶ ἐγὼ δυνατός εἰμι <ἐπὶ> μακρότατον ἐξικέσθαι <u>ἀκοῇ</u>, οἱ δέ, ὅκως Μίνως δέοιτο, ἐπλήρουν οἱ τὰς νέας. Ἅτε δὲ Μίνω τε κατεστραμμένου γῆν πολλὴν καὶ εὐτυχέοντος τῷ πολέμῳ τὸ Καρικὸν ἦν ἔθνος λογιμώτατον τῶν ἐθνέων ἁπάντων κατὰ τοῦτον ἅμα τὸν χρόνον μακρῷ μάλιστα. Καί σφι τριξὰ ἐξευρήματα ἐγένετο τοῖσι οἱ Ἕλληνες ἐχρήσαντο· καὶ γὰρ ἐπὶ τὰ κράνεα λόφους ἐπιδέεσθαι Κᾶρές εἰσι οἱ καταδέξαντες καὶ ἐπὶ τὰς ἀσπίδας τὰ σημήια ποιέεσθαι, καὶ ὄχανα ἀσπίσι οὗτοί εἰσι οἱ ποιησάμενοι πρῶτοι· τέως δὲ ἄνευ ὀχάνων ἐφόρεον τὰς ἀσπίδας πάντες οἵ περ ἐώθεσαν ἀσπίσι χρᾶσθαι, τελαμῶσι σκυτίνοισι οἰηκίζοντες, περὶ τοῖσι αὐχέσι τε καὶ τοῖσι ἀριστεροῖσι ὤμοισι περικείμενοι. Μετὰ δὲ τοὺς Κᾶρας χρόνῳ ὕστερον πολλῷ Δωριέες τε καὶ Ἴωνες ἐξανέστησαν ἐκ τῶν νήσων, καὶ οὕτως ἐς τὴν ἤπειρον ἀπίκοντο. Κατὰ μὲν δὴ Κᾶρας οὕτω Κρῆτες λέγουσι γενέσθαι οὐ μέντοι αὐτοί γε ὁμολογέουσι τούτοισι οἱ Κᾶρες, ἀλλὰ νομίζουσι αὐτοὶ ἑωυτοὺς εἶναι αὐτόχθονας ἠπειρώτας καὶ τῷ οὐνόματι τῷ αὐτῷ αἰεὶ διαχρεωμένους τῷ περ νῦν. <u>Ἀποδεικνύουσι</u> δὲ ἐν Μυλάσοισι Διὸς Καρίου ἱρὸν ἀρχαῖον, τοῦ Μυσοῖσι μὲν καὶ Λυδοῖσι μέτεστι ὡς κασιγνήτοισι ἐοῦσι τοῖσι Καρσί· τὸν γὰρ Λυδὸν καὶ τὸν Μυσὸν λέγουσι εἶναι Καρὸς ἀδελφεούς· τούτοισι μὲν δὴ μέτεστι,

ὅσοι δὲ ἐόντες ἄλλου ἔθνεος ὁμόγλωσσοι τοῖσι Καρσὶ ἐγένοντο, τούτοισι δὲ οὐ μέτα.

Hárpago, depois de submeter a Jônia, fazia campanha contra os cários, cáunios, lícios, levando junto também jônios e eólios. Destes, os cários vieram das ilhas para o continente; pois sendo antigamente súditos de Minos e chamados léleges, ocupavam as ilhas, não pagando nenhum tributo, tanto quanto eu sou capaz de mais ou menos saber pela tradição, e estes, quando Minos necessitava, equipavam as naus. Na medida em que Minos tinha o domínio de um grande território e era afortunado na guerra, durante esse tempo o povo cário era também, de longe, o mais célebre de todos os povos. E a eles pertenceram três invenções de que os gregos desfrutaram: pois os cários foram os que ensinaram a fixar os penachos no elmo e a pôr as insígnias nos escudos, e foram os primeiros que fizeram correias para os escudos, pois aqueles que costumavam fazer uso dos escudos a princípio portavam-nos sem correias, manobrando-os com tiras de couro, que rodeavam o pescoço e o ombro esquerdo. Mas depois, muito tempo mais tarde, os dórios e os jônios expulsaram os cários das ilhas e assim chegaram ao continente. Os cretenses assim contam a respeito dos cários. Entretanto, os mesmos cários não concordam com eles; antes pensam que são eles mesmos autóctones do continente, usando também sempre o mesmo nome de hoje. E mostram como prova um antigo santuário de Zeus Cário em Mílasos, do qual os mísios e os lídios participavam, como parentes que eram dos cários; pois dizem que Lidio e Miso são irmãos de Car. Nisso estão juntos, todos os que eram de outra raça, ainda que falem a mesma língua que os cários, não estão entre eles.

A autoctonia requerida pelos cários, contestada na opinião dos cretenses, mais do que simplesmente 'demonstrada', tem por prova a existência do 'antigo santuário' de Zeus Cário, em Mílasos. Também em V.45, nota-se o emprego de ἀποδείκνυμι de modo semelhante ao visto na passagem supracitada. Sibaritas e crotoniatas apóiam-se em espaços físicos para dar provas de suas reais posições na guerra:

Μαρτύρια δὲ τούτων ἑκάτεροι ἀποδεικνύουσι τάδε· Συβαρῖται μὲν τέμενός τε καὶ νηὸν ἐόντα παρὰ τὸν ξηρὸν Κρᾶθιν, τὸν ἱδρύσασθαι συνελόντα τὴν πόλιν Δωριέα λέγουσι Ἀθηναίῃ ἐπωνύμῳ Κραθίῃ, τοῦτο δὲ αὐτοῦ Δωριέος τὸν θάνατον μαρτύριον μέγιστον ποιεῦνται, ὅτι παρὰ τὰ μεμαντευμένα ποιέων διεφθάρη· εἰ γὰρ δὴ μὴ παρέπρηξε μηδέν, ἐπ' ὃ δὲ ἐστάλη ἐποίεε, εἷλε ἂν τὴν Ἐρυκίνην χώρην καὶ ἑλὼν κατέσχε, οὐδ' ἂν αὐτός τε καὶ ἡ στρατιὴ διεφθάρη. Οἱ δ' αὖ Κροτωνιῆται ἀποδεικνύουσι Καλλίῃ μὲν τῷ Ἠλείῳ ἐξαίρετα ἐν γῇ τῇ Κροτωνιήτιδι πολλὰ δοθέντα, τὰ καὶ ἐς ἐμὲ ἔτι ἐνέμοντο οἱ Καλλίεω ἀπόγονοι, Δωριέϊ δὲ καὶ τοῖσι Δωριέος ἀπογόνοισι οὐδέν· καίτοι, εἰ συνεπελάβετό γε τοῦ Συβαριτικοῦ πολέμου Δωριεύς, δοθῆναι ἄν οἱ πολλαπλήσια ἢ Καλλίῃ. Ταῦτα μέν νυν ἑκάτεροι αὐτῶν μαρτύρια ἀποφαίνονται· καὶ πάρεστι, ὁκοτέροισί τις πείθεται αὐτῶν, τούτοισι προσχωρέειν.

Cada um deles apresenta como prova estes testemunhos: os sibaritas contam que, havendo um recinto e um templo junto ao seco Cratis, Dorieu, após ter tomado a cidade, o consagrou a Atena de epíteto Cratia, e, por outro lado, dão como maior testemunho da morte desse Dorieu, porque, atuando à margem do que foi vaticinado, foi morto: se não tivesse feito nada, e fizesse aquilo para o que tinha partido, ter-se-ia apoderado do país de Erix, tê-lo-ia mantido sob seu domínio, nem ele nem o exército teriam perecido. Os crotoniatas, por sua vez, apresentam como prova os muitos lugares escolhidos que foram dados no território crotoniata a Cálias de Eleia, os quais também, em meu tempo, ocupavam os descendentes de Cálias, e nada foi dado a Dorieu e a seus descendentes; se Dorieu tivesse participado da guerra sibarita, lhe teriam concedido muito mais do que a Cálias. Assim, cada um deles revela isso como testemunho, e é permitido a cada um deixar-se persuadir por aqueles em quem confiam.

Contrastam aqui as expressões 'Μαρτύρια δὲ τούτων ἑκάτεροι ἀποδεικνύουσι' e 'τάδε Ταῦτα μέν νυν ἑκάτεροι αὐτῶν μαρτύρια ἀποφαίνονται'. Pode-se, então, entrever que, enquanto o verbo ἀποδείκνυμι sugere uma certeza, um saber sabido, – digamos – uma ἐπιστήμη, o verbo ἀποφαίνομαι está ligado à persuasão (expressa pelo verbo πείθομαι) e a uma espécie de δόξα.

No livro II.143-144.1, a proximidade no texto entre as formas δείκνυμι e ἀποδείκνυμι indicia diferentes matizes de duas expressões de 'mostrar':

> Πρότερον δὲ Ἑκαταίῳ τῷ λογοποιῷ ἐν Θήβῃσι γενεηλογήσαντί [τε] ἑωυτὸν καὶ ἀναδήσαντι τὴν πατριὴν ἐς ἑκκαιδέκατον θεὸν ἐποίησαν οἱ ἱρέες τοῦ Διὸς οἷόν τι καὶ ἐμοὶ οὐ γενεηλογήσαντι ἐμεωυτόν. Ἐσαγαγόντες ἐς τὸ μέγαρον ἔσω ἐὸν μέγα ἐξηρίθμεον δεικνύντες κολοσσοὺς ξυλίνους τοσούτους ὅσους περ εἶπον· ἀρχιερεὺς γὰρ ἕκαστος αὐτόθι ἱστᾷ ἐπὶ τῆς ἑωυτοῦ ζόης εἰκόνα ἑωυτοῦ· ἀριθμέοντες ὦν καὶ δεικνύντες οἱ ἱρέες ἐμοὶ ἀπεδείκνυσαν παῖδα πατρὸς ἑωυτῶν ἕκαστον ἐόντα, ἐκ τοῦ ἄγχιστα ἀπο- θανόντος τῆς εἰκόνος διεξιόντες διὰ πασέων, ἐς ὃ ἀπέδεξαν ἁπάσας αὐτάς. Ἑκαταίῳ δὲ γενεηλογήσαντι ἑωυτὸν καὶ ἀναδήσαντι ἐς ἑκκαιδέκατον θεὸν ἀντεγενεηλόγησαν ἐπὶ τῇ ἀριθμήσι, οὐ δεκόμενοι παρ' αὐτοῦ ἀπὸ θεοῦ γενέσθαι ἄνθρωπον. Ἀντεγενεηλόγησαν δὲ ὧδε, φάμενοι ἕκαστον τῶν κολοσσῶν πίρωμιν ἐκ πιρώμιος γεγονέναι, ἐς ὃ τοὺς πέντε καὶ τεσσεράκοντα καὶ τριηκοσίους ἀπέδεξαν κολοσσοὺς [πίρωμιν ἐκ πιρώμιος γενόμενον], καὶ οὔτε ἐς θεὸν οὔτε ἐς ἥρωα ἀνέδησαν αὐτούς. Πίρωμις δέ ἐστι κατ' Ἑλλάδα γλῶσσαν καλὸς κἀγαθός. 144.1 ἤδη ὦν τῶν αἱ εἰκόνες ἦσαν, τοιούτους σφεας πάντας ἐόντας, θεῶν δὲ πολλὸν ἀπαλλαγμένους.
>
> Primeiramente, quando o logógrafo Hecateu fez em Tebas sua genealogia e vinculou seus antepassados a um deus, como décimo sexto ancestral, os sacerdotes de Zeus fizeram o mesmo que haviam feito comigo, embora eu não tivesse feito minha própria genealogia. Tendo-me introduzido ao interior do templo, que é amplo, enumeravam, mostrando-me colossos de madeira, tantos quantos eu disse, pois cada sumo-sacerdote coloca ali, em vida, uma estátua sua. Então os sacerdotes, contando e mostrando, fizeram-me ver que cada um deles era filho de um pai, partindo da estátua do morto mais recentemente passando por todas, até que me fizeram ver todas elas. A Hecateu que fez sua genealogia e se vinculou à décima sexta geração dos deuses, pelas contas, atribuíram outra genealogia, não aceitando que um homem descenda de um deus. Atribuíram-lhe outra genealogia, afirmando que cada um dos colossos era um Piromis nascido de um Piromis, até que me fizeram ver trezentos e quarenta e cinco colossos [um

> piromis nascido de outro], e não os associaram nem a um deus nem a um herói. Piromis significa, na língua grega, 'belo e bom'. 144.1. Então fizeram-me ver que tais eram as estátuas deles todos, diferenciando-se muito dos deuses.

A primeira ocorrência de ἀποδείκνυμι, nesse trecho, é precedida de duas formas participiais (ἀριθμέοντες 'contando' e δεικνύντες 'mostrando') que dão conta do modo como os sacerdotes 'demonstram', 'fazem ver' as genealogias egípcias. Duas ações complementares acompanham ἀποδείκνυμι, verbo que se repete ainda em 144.1, à maneira de encerramento da narrativa anterior.

Das 12 ocorrências do verbo ἐπιδείκνυμι nas *Histórias*, três apresentam variantes entre as formas ἐπι-δείκνυμι e ἀπο-δείκνυμι na tradição manuscrita, apontada pelo aparato crítico, embora as lições adotadas nas edições de Legrand e de Hude mantenham sempre ἐπιδείκνυμι (II.42.4; VII. 223.4; VIII.108.2), o que parece indiciar certo grau de sinonímia entre essas formas, nessas passagens. Aliás, em todas as ocorrências, o sentido de ἐπιδείκνυμι aproxima-se de 'exibir', 'expor', 'mostrar'. No livro I, por exemplo, a mulher de Candaules, ao ordenar a Giges que mate o rei lídio, planeja que sua morte ocorra no mesmo lugar onde ele a expusera nua (11.5 ὅθεν περ καὶ ἐκεῖνος ἐμὲ ἐπεδέξατο γυμνήν 'precisamente onde ele mostrou-me nua'); também Creso, rei da Lídia e quarto ancestral de Giges, ordena aos seus súditos que exponham a Sólon, o sábio de Atenas, a opulência de seus tesouros (30.1. μετὰ δέ, ἡμέρῃ τρίτῃ ἢ τετάρτῃ, κελεύσαντος Κροίσου τὸν Σόλωνα θεράποντες περιῆγον κατὰ τοὺς θησαυροὺς καὶ ἐπεδείκνυσαν πάντα ἐόντα μεγάλα τε καὶ ὄλβια. 'depois, no terceiro ou quarto dia, tendo Creso ordenado, os súditos conduziram Sólon aos tesouros e mostraram-lhe tudo o que havia de grandioso e opulento).

Duas outras passagens das *Histórias* são bastante ilustrativas da estreita proximidade de significados existente entre as duas formas verbais aqui estudadas. No livro I.112 e 113, lê-se:

112. Ἅμα τε ταῦτα ἔλεγε ὁ βουκόλος καὶ ἐκκαλύψας ἀπεδείκνυε. Ἡ δὲ ὡς εἶδε τὸ παιδίον μέγα τε καὶ εὐειδὲς ἐόν, δακρύσασα καὶ λαβομένη τῶν γουνάτων τοῦ ἀνδρὸς ἐχρήιζε μηδεμιῇ τέχνῃ ἐκθεῖναί μιν. Ὁ δὲ οὐκ ἔφη οἷός τε εἶναι ἄλλως αὐτὰ ποιέειν· ἐπιφοιτήσειν γὰρ κατασκόπους ἐξ Ἁρπάγου ἐποψομένους, ἀπολέεσθαί τε κάκιστα ἢν μή σφεα ποιήσῃ. Ὡς δὲ οὐκ ἔπειθε ἄρα τὸν ἄνδρα, δεύτερα λέγει ἡ γυνὴ τάδε· «Ἐπεὶ τοίνυν οὐ δύναμαί σε πείθειν μὴ ἐκθεῖναι, σὺ δὲ ὧδε ποίησον· εἰ δὴ πᾶσά [γε] ἀνάγκη ὀφθῆναι ἐκκείμενον, – τέτοκα γὰρ καὶ ἐγώ, τέτοκα δὲ τεθνεός, – τοῦτο μὲν φέρων πρόθες, τὸν δὲ τῆς Ἀστυάγεος θυγατρὸς παῖδα ὡς ἐξ ἡμέων ἐόντα τρέφωμεν. Καὶ οὕτω οὔτε σὺ ἁλώσεαι ἀδικέων τοὺς δεσπότας, οὔτε ἡμῖν κακῶς βεβουλευμένα ἔσται· ὅ τε γὰρ τεθνεὼς βασιληίης ταφῆς κυρήσει καὶ ὁ περιεὼν οὐκ ἀπολέει τὴν ψυχήν.» 113. Κάρτα τε ἔδοξε τῷ βουκόλῳ πρὸς τὰ παρεόντα εὖ λέγειν ἡ γυνή, καὶ αὐτίκα ἐποίεεταῦτα· τὸν μὲν ἔφερε θανατώσων παῖδα, τοῦτον μὲν παραδιδοῖ τῇ ἑωυτοῦ γυναικί, τὸν δὲ ἑωυτοῦ ἐόντα νεκρὸν λαβὼν ἔθηκε ἐς τὸ ἄγγος ἐν τῷ ἔφερε τὸν ἕτερον· κοσμήσας δὲ τῷ κόσμῳ παντὶ τοῦ ἑτέρου παιδός, φέρων ἐς τὸ ἐρημότατον τῶν ὀρέων τιθεῖ. Ὡς δὲ τρίτη ἡμέρη τῷ παιδίῳ ἐκκειμένῳ ἐγένετο, ἤιε ἐς πόλιν ὁ βουκόλος, τῶν τινα προβοσκῶν φύλακον αὐτοῦ καταλιπών, ἐλθὼν δὲ ἐς τοῦ Ἁρπάγου ἀποδεικνύναι ἔφη ἕτοιμος εἶναι τοῦ παιδίου τὸν νέκυν. Πέμψας δὲ ὁ Ἅρπαγος τῶν ἑωυτοῦ δορυφόρων τοὺς πιστοτάτους εἶδέ τε διὰ τούτων καὶ ἔθαψε τοῦ βουκόλου τὸ παιδίον. Καὶ τὸ μὲν ἐτέθαπτο, τὸν δὲ ὕστερον τούτων Κῦρον ὀνομασθέντα παραλαβοῦσα ἔτρεφε ἡ γυνὴ τοῦ βουκόλου, οὔνομα ἄλλο κού τι καὶ οὐ Κῦρον θεμένη.

Enquanto dizia isso, o boiadeiro tendo-a descoberto, mostrava-a. E sua mulher, assim que viu a criança, forte e de bela aparência, pôs-se a chorar e, agarrada aos joelhos do marido, clamava que não o expusesse de modo algum. Ele afirmava que não era possível fazer de outro modo; pois viriam espiões da parte de Hárpago e haveriam de inspecionar, e que teria um fim terrível caso não fizesse aquilo. E como não conseguisse convencer o marido, diz a mulher o seguinte, como segunda tentativa: “Visto que não posso convencer-te a não expô-lo, faz então o seguinte: se é necessário que seja vista uma criança exposta – eu também tive um filho, mas

> um filho morto -, leva-o e o expõe, e a criança da filha de Astíages, como se nossa fosse, criemos. Assim, tu não serás considerado culpado de violar o mando de teu senhor, nem teremos nós tomado uma má decisão; pois a criança morta receberá um sepulcro real e o que vive não morrerá". E pareceu ao boiadeiro que, face ao que se apresentava, sua mulher realmente falava apropriadamente, e de imediato faz aquilo; a criança que trazia para matar, entrega-a à mulher, e, tendo pegado seu filho morto, coloca-o no cesto no qual trazia o outro; arrumou-o com todos os ornamentos da outra criança, e levando-o para o ponto mais distante das montanhas, ali o coloca. Quando chegou o terceiro dia em que a criança foi exposta, o boiadeiro vai à cidade, tendo deixado como guarda um de seus pastores, foi à casa de Hárpago e disse estar pronto para mostrar o corpo da criança. E Hárpago, tendo enviado os mais fiéis de seus guarda-costas, tomou conhecimento, por meio deles, e sepultou o filho do boiadeiro. Fez-se o sepultamento da criança e o que depois disso recebeu o nome de Ciro, a mulher do boiadeiro adotou-o e o criou. Ela colocou-lhe outro nome qualquer, não o de Ciro.

No livro VI.61, observa-se um contexto, *mutatis mutandis*, semelhante ao encontrado na passagem acima:

> Τούτῳ τῷ ἀνδρὶ ἐτύγχανε ἐοῦσα γυνὴ καλλίστη μακρῷ τῶν ἐν Σπάρτῃ γυναικῶν, καὶ ταῦτα μέντοι καλλίστη ἐξ αἰσχίστης γενομένη. Ἐοῦσαν γάρ μιν τὸ εἶδος φλαύρην ἡ τροφὸς αὐτῆς, οἷα ἀνθρώπων τε ὀλβίων θυγατέρα καὶ δυσειδέα ἐοῦσαν, πρὸς δὲ καὶ ὁρῶσα τοὺς γονέας συμφορὴν τὸ εἶδος αὐτῆς ποιευμένους, ταῦτα ἕκαστα μαθοῦσα ἐπιφράζεται τοιάδε· ἐφόρεε αὐτὴν ἀνὰ πᾶσαν ἡμέρην ἐς τὸ τῆς Ἑλένης ἱρόν· τὸ δ' ἐστὶ ἐν τῇ Θεράπνῃ καλεομένῃ, ὕπερθε τοῦ Φοιβηίου ἱροῦ· ὅκως δὲ ἐνείκειε ἡ τροφός, πρός τε τὤγαλμα ἵστα καὶ ἐλίσσετο τὴν θεὸν ἀπαλλάξαι τῆς δυσμορφίης τὸ παιδίον. Καὶ δή κοτε ἀπιούσῃ ἐκ τοῦ ἱροῦ τῇ τροφῷ γυναῖκα λέγεται ἐπιφανῆναι, ἐπιφανεῖσαν δὲ ἐπειρέσθαι μιν ὅ τι φορέει ἐν τῇ ἀγκάλῃ, καὶ τὴν φράσαι ὡς παιδίον φορέει· τὴν δὲ κελεῦσαί οἱ δεῖξαι, τὴν δὲ οὐ φάναι· ἀπειρῆσθαι γάρ οἱ ἐκ τῶν γειναμένων μηδενὶ <u>ἐπιδεικνύναι</u>. Τὴν

δὲ πάντως ἑωυτῇ κελεύειν ἐπιδέξαι· ὁρῶσαν δὲ τὴν γυναῖκα περὶ πολλοῦ ποιευμένην ἰδέσθαι, οὕτω δὴ τὴν τροφὸν δεῖξαι τὸ παιδίον. Τὴν δὲ καταψῶσαν τοῦ παιδίου τὴν κεφαλὴν εἶπαι ὡς καλλιστεύσει πασέων τῶν ἐν Σπάρτῃ γυναικῶν. Ἀπὸ μὲν δὴ ταύτης τῆς ἡμέρης μεταπεσεῖν τὸ εἶδος·

Ocorria que este homem tinha uma mulher que era, em muito, a mais bela das mulheres de Esparta, e isso após ter passado de muito feia a muito bela. Sua ama, vendo que ela possuía um aspecto desagradável, e como era disforme e filha de homens prósperos, e vendo que seus pais consideravam seu aspecto um azar, tendo-se apercebido de cada uma dessas coisas, medita o seguinte: todo dia a levava ao templo de Helena, na chamada Terapne, acima do templo de Febo. Sempre que a ama a levava, punha-se diante da estátua e suplicava à deusa que livrasse a criança da deformidade. E, de fato, dizem que, certa vez, uma mulher apareceu diante da ama, que saía do templo; apareceu e perguntou-lhe o que levava nos braços, e ela disse que levava uma criança. Ela ordenou que a mostrasse, mas a ama disse não. Pois lhe fora proibido, da parte dos pais, expô-la a quem quer que fosse. Mas a mulher ordenava insistentemente que a pusesse à mostra. Vendo que a mulher fazia de tudo para vê-la, a ama então mostrou a criança. Ela acariciou a cabeça da criança e disse que se tornaria a mais bela de todas as mulheres de Esparta. A partir daquele dia, seu aspecto mudou.

Em ambas as passagens, nota-se a contiguidade de significados entre as formas ἀποδείκνυμι e ἐπιδείκνυμι. No entanto, se retomamos a ocorrência do substantivo ἐπίδεξις, no livro II.46.4, percebe-se que é mais tênue a proximidade semântica com ἀπόδεξις.

3.3. *Apóde(i)xis* e *epíde(i)xis* em outros discursos de prosa

No léxico de Hesíquio, o verbete ἐπίδειξις relaciona o termo a ἐπιδεικτικός[96], que pode ser entendido como ‘o que é relativo à exibição, o que se

[96] Hesíquio ε4704.1 <ἐπίδειξις>· ἐπιδεικτικός.

pode mostrar', ou ainda referir-se ao próprio 'discurso de gênero demonstrativo', ou 'discurso de aparato'[97]. No verbete ἐπιδείκνυται, tem-se φανεροποιεῖ[98], implicando a noção de 'explicar', 'revelar'. De fato, já em Tucídides, o termo ἐπίδειξις aparece com dois significados: o de 'exposição' e o de 'discurso de aparto', ambos pressupondo uma 'exibição'. No Livro III.16, Tucídides afirma que os atenienses, ao perceberem que os inimigos notavam certa ἀσθένεια de sua parte, equipam cem naus, 'querendo tornar evidente que não pensavam corretamente' (δηλῶσαι βουλόμενοι ὅτι οὐκ ὀρθῶς ἐγνώκασιν), e, 'conduzidos ao mar, ao longo do Istmo, fizeram uma *epídeixis* (καὶ παρὰ τὸν Ἰσθμὸν ἀναγαγόντες ἐπίδειξίν τε ἐποιοῦντο). O termo, nessa passagem, parece denotar uma 'performance', realizada à guisa de uma δήλωσις[99]. No livro III.42.2-3., trecho que integra o famoso debate sobre a revolta de Mitilene (III.37-42), Diodoto, para rebater as palavras de Cléon sobre a ação dos oradores perante a assembleia, diz:

> τούς τε λόγους ὅστις διαμάχεται μὴ διδασκάλους τῶν πραγμάτων γίγνεσθαι, ἢ ἀξύνετός ἐστιν ἢ ἰδίᾳ τι αὐτῷ διαφέρει· ἀξύνετος μέν, εἰ ἄλλῳ τινὶ ἡγεῖται περὶ τοῦ μέλλοντος δυνατὸν εἶναι καὶ μὴ ἐμφανοῦς φράσαι, διαφέρει δ' αὐτῷ, εἰ βουλόμενός τι αἰσχρὸν πεῖσαι εὖ μὲν εἰπεῖν οὐκ ἂν ἡγεῖται περὶ τοῦ μὴ καλοῦ δύνασθαι, εὖ δὲ διαβαλὼν ἐκπλῆξαι ἂν τούς τε ἀντεροῦντας καὶ τοὺς ἀκουσομένους. χαλεπώτατοι δὲ καὶ οἱ ἐπὶ χρήμασι προσκατηγοροῦντες ἐπίδειξίν τινα.
>
> Aquele que obstinadamente sustenta que as palavras não são mestres das ações, ou é ininteligente ou tem algum interesse pessoal; ininteligente, se pensa ser possível explicar o que está por vir e que não é aparente, por outro meio; interesseiro, se, querendo convencer de algo vergonhoso, pensa que não poder falar bem do

[97] Zangara (2007:138) lembra que o adjetivo ἐπιδεικτικός designa uma exibição oratória caracterizada, como afirma Laurent Pernot (*apud* Zangara), por ser "desprovida de finalidade prática, contrariamente aos discursos que põem em jogo interesses reais e se empenham em uma ação".
[98] Hesíquio ε4702.1 <ἐπιδείκνυται>· φανεροποιεῖ.
[99] O termo *epídeixis* é empregado de modo semelhante em VI. 31.4 ξυνέβη δὲ πρός τε σφᾶς αὐτοὺς ἅμα ἔριν γενέσθαι, ᾧ τις ἕκαστος προσετάχθη, καὶ ἐς τοὺς ἄλλους Ἕλληνας ἐπίδειξιν μᾶλλον εἰκασθῆναι τῆς δυνάμεως καὶ ἐξουσίας ἢ ἐπὶ πολεμίους παρασκευήν. 'Ocorre que, ao mesmo tempo que havia uma discórdia entre eles mesmos, na qual cada um tinha um lugar, parecia mais uma *epídeixis* de força e poder para os outros gregos do que uma preparação de guerra contra inimigos'.

> que não é bom, mas, caluniando, pensa poder intimidar bem seus contraditores e ouvintes. Perigosíssimos são também os que acusam de antemão um outro orador de, por dinheiro, fazer uma *epídeixis*.

Na resposta de Diodoto, é clara a referência a um tipo de apresentação oratória. *Epídeixis* parece designar aqui uma prática discursiva de alguns oradores. Cleón, em seu discurso, havia dito: 'ἁπλῶς τε ἀκοῆς ἡδονῇ ἡσσώμενοι καὶ σοφιστῶν θεαταῖς ἐοικότες καθημένοις μᾶλλον ἢ περὶ πόλεως βουλευομένοις' (III.38,7) 'em uma palavra, seduzidos pelo prazer de ouvir, e parecendo mais um público cativo dos sofistas do que quem delibera sobre a cidade'. O substantivo, nesse trecho da *História da Guerra do Peloponeso,* evoca uma prática própria de certos retores, que Platão, posteriormente, irá atribuir à discursividade sofística. Como pontua Zangara (2007:137), "antes que Aristóteles 'invente' o gênero epidítico como gênero oratório que tem por objeto o elogio e a censura, a noção de *epídeixis* designava propriamente a 'conferência' pública, a improvisação brilhante ou a leitura de um texto cuidadosamente preparado"[100]. Essa noção de *epídeixis*, não limitada pelo sentido aristotélico, poderia ser entendida como a própria atividade de Heródoto, que, no entanto, a denomina *apódexis*.

No verbete *ἐπίδειξις* da *Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft* de 1907, Schmid afirma que *epídeixis* é uma demonstração de habilidade, para um público seleto ou mais vasto, que pode, muitas vezes, ser parte de um *agôn*, uma competição. Schmid lista diferentes tipos de *epideíxeis* – sofísticas, médicas, poéticas – e, entre essas, as realizadas por historiadores, como Heródoto e, posteriormente, Teopompo. Uma versão mais antiga desta mesma Enciclopédia, de 1844, traz, no verbete *ἐπιδείξεις*, que tais 'recitações', ou 'palestras' eram proferidas, geralmente, em grandes assembleias, por ocasião das festas panegíricas, como por exemplo as Grandes Olímpicas, e que eram o meio mais eficaz de tornar um feito,

[100] Avant qu' Aristote n' "invente" le genre épidictique comme genre oratoire ayant pour objet l'éloge et le blâme, la notion d'*epideixis* désignait proprement la "conférence" publique, l' improvisation brillante ou la lecture d'un texte soigneusement préparé.

ou um autor, conhecido de imediato. No entanto, ambos os verbetes relativos à *epídeixis*, o da *RE* de 1844 e de 1907, não deixam de referir *epídeixis* como um *genus dicendi,* como um dos três gêneros retóricos classificados por Aristóteles em sua *Retórica.* Esse conceito de *epídeixis* como gênero de demonstração, no qual a audiência é colocada no papel de um θεωρός que aprecia a δεινότης do autor, é o que se vê no verbete da *Brill's New Pauly*, que, todavia, não deixa de mencionar que se pode encontrar elementos epidíticos em outros gêneros[101], remetendo então ao verbete 'poesia epidítica'[102]. O verbete ressalta a equivalência entre poesia e prosa epidíticas.

Como exemplo de prosa epidítica próxima às *Histórias*, pode-se citar alguns tratados do *Corpus Hippocraticum* que, segundo Jouanna (1983: *passim*; 1990:9), eram obras destinadas a ser pronunciadas em público, como o *Da arte,* o *Dos flatos* e o *Da medicina antiga.* Este último, que data de fins do V séc. aproximadamente, parece demarcar, no que tange aos discursos, duas práticas distintas daqueles que se

[101] Burgess (1902:105 n.4) assinala que o mais antigo grupo de temas epidíticos que tratam da história ateniense é encontrado em Heródoto, no famoso debate entre tegeatas e atenienses (IX.27). Neste trecho das *Histórias* uma série de temas familiares aos discursos epidíticos é apresentada: os heraclidas e Euristeu; a glória dos mortos em Tebas; a guerra com as amazonas; a participação de Atenas na Guerra de Troia; os feitos atenienses em Maratona e nas Guerras Pérsicas.

[102] Cf. Rüpke (*New Pauly*): there is no documentation of epideictic poetry (EP) as an independent genre until the Hellenistic period. The public performance was almost always the origin of Greek lyric and classical poetry and its primary vehicle for circulation, which resulted from the fact that poetry was communicated orally: at least in the classical period, epideíknysthai often denotes this public performance of EP and of dramatic works (e.g. Pl. La. 183a; Leg. 658b; Aristoph. Ran. 771-776). The archaic poets show a distinct tendency to polarize their opinion into the alternative possibilities of praise (ἔπαινος; épainos) or reprimand (ψόγος; psógos), (e.g. Tyrtaeus fr. 6f. Gentil-Prado). Thus, the decision for one of the two becomes a characteristic element of lyric poetry. Already in Pindar we find a theoretical treatment of the dichotomy between praise and reprimand, esp. in Pind. Pyth. 2,54ff.. Later, Aristotle (Poet. 1448b24-27) even made a plausible case for the idea that Attic tragedy and comedy were derived from this dichotomy. 'Não há documentação sobre poesia epidítica como um gênero independente até o período helenístico. A performance pública era quase sempre a origem da lírica grega e da poesia clássica, e de seu principal veículo de circulação, resultante do fato de que a poesia foi comunicada oralmente: ao menos no período clássico, *epideíknysthai* denota frequentemente esta performance pública de poesia epidítica e de obras dramáticas (por exemplo, Platão *La.* 183a; *Leis* 658b; Arist. *Rãs*, vv.771-776.). Os poetas arcaicos mostram uma tendência diversa para polarizar a sua opinião sobre as possibilidades alternativas de louvor (ἔπαινος) ou censura (ψόγος), (por ex. Tirteu fr.6f Gentili-Prado). Assim, a decisão por um dos dois se torna um elemento característico da poesia lírica. Já em Píndaro encontramos um tratamento teórico da dicotomia entre o elogio e censura, esp. em Pind.,*Pítica* II,54 ss. Posteriormente, Aristóteles (*Poet.* 1448b24-27) considerou plausível a ideia de que a tragédia e a comédia ática derivaram dessa dicotomia.'

ocupam da medicina (I. 1. Ὁκόσοι ἐπεχείρησαν περὶ ἰητρικῆς λέγειν ἢ γράφειν; 'Todos aqueles que intentaram falar ou escrever sobre a medicina' XX.2. Ἐγὼ δὲ τοῦτο μὲν ὅσα τινὶ εἴρηται σοφιστῇ ἢ ἰητρῷ, ἢ γέγραπται περὶ φύσιος, ἧσσον νομίζω τῇ ἰητρικῇ τέχνῃ προσήκειν ἢ τῇ γραφικῇ. 'Eu penso que tudo quanto foi dito ou escrito sobre a natureza, por um sábio ou um médico, convém menos à arte médica do que à da pintura).

Nos três tratados pode-se notar a diferença de público alvo: trata-se de uma exposição pública para doutos ou leigos quanto à *ietrikè tékhne*. Termos como δημιουργός, χειροτέχνης e ἰητρός designam os especialistas; δημότης e ἰδιώτης, os leigos. No caso do *Dos flatos*, há uma referência direta aos ouvintes (XIV. 1): δοκεῖ δέ μοι καὶ τὴν ἱρὴν καλεομένην νοῦσον τοῦτ' εἶναι τὸ παρεχόμενον· Οἷσι δὲ λόγοισιν ἐμαυτὸν ἔπεισα, τοῖσιν αὐτοῖσι καὶ τοὺς ἀκούοντας πείθειν πειρήσομαι. 'Parece-me que também é isso o que produz a chamada doença sagrada. Com tais argumentos convenci a mim mesmo, e com os mesmos argumentos tentarei convencer os que me escutam [i.e, a audiência]'. No *Da arte*, nomeado um 'λόγος' em algumas partes do tratado, a referência ao público é indicada textualmente, ao fim do discurso (XIII. τῷ πλήθει)

O tratado *Da arte*, como afirma Jouanna (1988: 169), apresenta características retóricas análogas ao *Dos flatos*, com fórmulas de introdução da tese a ser apresentada e a conclusão que podem ser comparadas, dado seu grau de convergência estrutural. Ambos os tratados, segundo Jouanna, datam aproximadamente do último quartel do século V, e são discursos compostos com uma técnica sofística próxima àquela de Górgias. No *Da arte*, o tratadista se propõe a demonstrar que a medicina existe como *tékhne*, podendo salvar e atenuar os males. Definindo os limites da *ietrikè tékhne,* o discurso é uma resposta aos detratores dessa *tékhne*. No *Dos flatos*, o tratadista se propõe a demonstrar que o ar é a causa única de todas as doenças, em todas as suas diversidades; é por meio de um discurso epidítico que o autor do tratado busca provar uma tese diante de seus 'ouvintes'.

Jouanna (1988:13ss.) destaca no estudo introdutório a sua tradução do *Dos flatos* uma série de características convergentes entre o tratado e a prosa sofística de Górgias, precisamente do *Elogio a Helena* e da *Defesa de Palamedes*, a saber: a afirmação enfática da primeira pessoa do discurso; uso constante de interrogativas diretas para atrair a atenção da audiência; esquemas frasais quase idênticos; jogo de sonoridade de palavras acentuado sobretudo por poliptotos e aliterações; presença de verbos de declaração e de opinião em primeira pessoa. Uma das figuras de estilo característica da prosa epidítica, apontada por Jouanna, é o emprego da antítese que coloca em oposição dois termos de mesma extensão, terminados por mesma sonoridade, e por vezes comparáveis quanto ao sentido. À guisa de exemplo, o helenista destaca: ἁμαρτία καὶ ἀμαθία, encontrado no *Elogio de Helena* (B 11) e ἀφανεστάτων καὶ χαλεπωτάτων, do tratado hipocrático (I.3). Tal recurso estilístico pode ser visto também no proêmio de Heródoto, na expressão τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι (ἀποδεχθέντα), onde cada uma das partes, opostas por μὲν e δέ, possuem extensão comparável, formando duas espécies de *cólon*.

Nos três tratados mencionados acima, o emprego da primeira pessoa é recorrente, seja pela desinência verbal, seja pelo uso do pronome pessoal ἐγώ/ ἔγωγε, situação esta mais frequente no *Da medicina antiga*. Os verbos declarativos e de opinião são constantes ao longo dos três tratados, assim como os termos que significam 'mostrar', 'demonstrar' (φημί VIII.5 no *Da arte*; XIV.4 no *Dos flatos*; XI.3; XII.1,2; XVIII.4 no *Da medicina antiga*; δοκεῖ μοι/ δοκέω, II.3; III.4; V.1,4; IX.4; X.4; XX.2,3; XXII.1, no *Da medicina antiga*; II.1; XIV,1 no *Dos flatos*; I.1, 3; III.2; VIII.2; IX.4; XII.2 no *Da arte* ; δηλόω, VIII.4.; XII. 3; XIII.1; XVI no *Da arte* ; X.1; XIII.3 no *Dos flatos* ; ἀποδείκνυμι XIX.7 no *Da medicina antiga;* ἀπόδειξις III.1,3 no *Da arte*; ἐπιδείκνυμι II.2; XX.1 no *Da medicina antiga*; XIII.1 no *Da arte*; V.2; XV.1,2 no *Dos flatos*; ἐπίδειξις I.1; XIII.1 no *Da arte*).

Jouanna (2003:x) agrupa ainda, entre os discursos epidíticos do *Corpus hippocraticum*, o *Da doença sagrada*, no qual não se encontra o verbo γράφειν, mas somente λέγειν. Nesse tratado, como assinala o helenista, é frequente o emprego de

formas verbais na primeira pessoa do singular, mas também do plural, como uma tentativa de incitar a participação da audiência (alunos?). O caráter expositivo e didático do discurso é marcado por expressões como: ὡς ἐγὼ δείξω/ ἀποδείξω (I.3) e ὡς ἐγὼ διδάξω (I.8)

A ênfase na ideia de demonstração, comprovação e exposição de raciocínios ou teorias; a presença marcante e autoral da primeira pessoa do discurso, o apelo à audiência – leiga ou douta – poderiam caracterizar *apodeíxeis* ou *epideíxeis* relacionadas a questões pertinentes a *tékhnai* de campos diversos. À guisa de exemplo, pode-se apontar algumas semelhanças que Rosalind Thomas (2002) estabelece entre a estrutura *historíes apódexis héde*, assente nas primeiras palavras de Heródoto, e a *historíes oikeíes epídeixis*, que introduz o *Da arte*. Na abertura do referido tratado, lê-se:

> Εἰσί τινες οἳ τέχνην πεποίηνται τὸ τὰς τέχνας αἰσχροεπεῖν, ὡς μὲν οἴονται οἱ τοῦτο διαπρησσόμενοι, οὐχ ὃ ἐγὼ λέγω, ἀλλ' ἱστορίης οἰκείης ἐπίδειξιν ποιεύμενοι. 2.Ἐμοὶ δὲ τὸ μέν τι τῶν μὴ εὑρημένων ἐξευρίσκειν, ὅ τι καὶ εὑρεθὲν κρέσσον ἢ ἀνεξεύρετον, ξυνέσιος δοκέει ἐπιθύμημά τε καὶ ἔργον εἶναι, καὶ τὸ τὰ ἡμίεργα ἐς τέλος ἐξεργάζεσθαι ὡσαύτως· τὸ δὲ λόγων οὐ καλῶν τέχνῃ τὰ τοῖς ἄλλοις εὑρημένα αἰσχύνειν προθυμέεσθαι, ἐπανορθοῦντα μὲν μηδὲν, διαβάλλοντα δὲ τὰ τῶν εἰδότων πρὸς τοὺς μὴ εἰδότας ἐξευρήματα, οὐκέτι δοκέει ξυνέσιος ἐπιθύμημά τε καὶ ἔργον εἶναι, ἀλλὰ κακαγγελίη μᾶλλον φύσιος ἢ ἀτεχνίη. (I. 1-2)
>
> Há alguns que têm produzido uma *tékhne* de vilipendiar as *tékhnai*, porque consideram que estão a concluir isso, não o que eu digo, mas fazem uma apresentação pública ou a demonstração (*epídeixin*) de sua própria investigação (*historíes oikeíes*). Mas, para mim, explorar algo dentre o que não foi descoberto, algo que, descoberto, seja maior do que o não explorado, parece-me anseio e tarefa próprios da inteligência, e de igual modo cumprir até o fim o que está pela metade; esforçar-se para desprestigiar o que foi descoberto por outros, por meio de uma *tékhne* de maus discursos, não corrigindo nada, mas atacando as descobertas daqueles que sabem diante dos

> que não sabem, não me parece jamais anseio e tarefa próprios da inteligência, mas, tanto mais, mau indício de natureza ou ausência de *tékhne*.

Na aproximação entre *historíes oikeíes epídeixis* e a *historíes apódexis héde* herodotiana, Thomas (2000:263) reconhece na sentença de abertura das *Histórias* traços de contemporaneidade, no que concerne à questão das estratégias de conhecimento do séc.V. Poder-se-ia pensar ainda, não só em termos de estratégias de conhecimento, mas também em termos de nova forma, quiçá novo gênero discursivo, que se instaura a partir deste século. Considerando-se a perspectiva da performance, e tomando por base a definição de gênero proposta por Richard Bauman (2004: 3) "um modo de dizer, como uma constelação de traços e estruturas formais recorrentes, sistemicamente apresentados, que servem como base convencionada que se volta para a produção e recepção do discurso", pode-se-pensar mesmo a *apódexis* como um gênero discursivo.

Examinando outro trecho do *Da arte* (III.1 -2), percebe-se uma flutuação entre as noções de 'demonstração ou 'prova' e 'exposição', e parece se evidenciar uma distinção entre *epídeixis* e *apódeixis*. Em I.1-2, o tratadista opõe seu dizer à *epídeixis historíes* de outros, que desprestigiam o que já foi descoberto por meio de maus discursos (λόγων οὐ καλῶν τέχνῃ). A isso que é fruto de uma ἀτεχνίη, como refere o texto, o tratadista contraporá em III.1-2, uma prática outra, que ele denominará *apódeixis*, a qual associa duas outras ações:, 'definir', 'delimitar' (διορίζω) o que é a medicina e 'refutar' (ἀναιρέω) os discursos daqueles que fazem, na verdade, uma 'ἱστορίης οἰκείης ἐπίδειξις'. Assim lê-se em III.1-2:

> 1. Περὶ μὲν οὖν τούτων εἴ γέ τις μὴ ἱκανῶς ἐκ τῶν εἰρημένων συνίησιν, ἐν ἄλλοισιν ἂν λόγοισι σαφέστερον διδαχθείη. Περὶ δὲ ἰητρικῆς – ἐς ταύτην γὰρ ὁ λόγος –, ταύτης οὖν <u>τὴν ἀπόδειξιν ποιήσομαι.</u> 2. Καὶ πρῶτόν γε διοριεῦμαι ὃ νομίζω ἰητρικὴν εἶναι· τὸ δὴ πάμπαν ἀπαλλάσσειν τῶν νοσεόντων τοὺς καμάτους, καὶ τῶν νοσημάτων τὰς σφοδρότητας ἀμβλύνειν, καὶ

τὸ μὴ ἐγχειρεῖν τοῖσι κεκρατημένοισιν ὑπὸ τῶν νοσημάτων, εἰδότας ὅτι πάντα ταῦτα δύναται ἰητρική[103]. 3. Ὡς οὖν ποιεῖ τε ταῦτα καὶ οἵη τέ ἐστι διὰ παντὸς ποιεῖν, περὶ τούτου μοι ὁ λοιπὸς ἤδη ἔσται λόγος. Ἐν δὲ τῇ τῆς τέχνης ἀποδείξει ἅμα καὶ τοὺς λόγους τῶν αἰσχύνειν αὐτὴν οἰομένων ἀναιρήσω, ᾗ ἂν ἕκαστος αὐτῶν πρήσσειν τι οἰόμενος τυγχάνῃ.

Então, sobre isso, se alguém não compreende suficientemente a partir do que foi dito, poderia ser instruído mais claramente em outros discursos. Sobre a medicina – pois esse discurso é para ela –, dessa farei então a exposição (*apódeixin poiésomai*). 2. E primeiramente definirei [i.e., delimitarei] o que julgo ser a medicina: afastar completamente os sofrimentos dos enfermos, aplacar as gravidades das doenças e não tratar dos que já foram dominados pelas doenças, sabendo que tudo isso pode a medicina. 3. Como então ela opera isso [i.e., realiza isso] e de que modo é capaz de realizar continuamente, sobre isso doravante será o restante do meu discurso. Na exposição dessa *tékhne,* refutarei ao mesmo tempo os argumentos [i.e., discursos] dos que julgam depreciá-la, no ponto em que cada um deles julga obter, por acaso, algum êxito.

No entanto, ao final do *Da arte*, em XIII.1, o tratadista retoma a *epídeixis* como uma prática que pode ser, em certa medida, igualada a seu *lógos*, quando se trata de uma 'exposição' de quem domina uma *tékhne*:

1. Ὅτι μὲν οὖν καὶ λόγους ἐν ἑωυτῇ εὐπόρους ἐς τὰς ἐπικουρίας ἔχει ἡ ἰητρικὴ καὶ οὐκ εὐδιορθώτοισι δικαίως οὐκ ἂν ἐγχειρέοι τῇσι νούσοισιν ἢ ἐγχειρευμένας ἀναμαρτήτους ἂν παρέχοι, οἵ τε νῦν λεγόμενοι λόγοι δηλοῦσιν αἵ τε τῶν εἰδότων τὴν τέχνην ἐπιδείξιες, ἃς ἐκ τῶν ἔργων ἥδιον ἢ ἐκ τῶν λόγων ἐπιδεικνύουσιν, οὐ τὸ λέγειν καταμελετήσαντες, ἀλλὰ τὴν πίστιν τῷ πλήθει, ἐξ ὧν ἂν ἴδωσιν, οἰκειοτέρην ἡγεύμενοι ἢ ἐξ ὧν ἂν ἀκούσωσιν.

Então, que a medicina tem, em si mesma, hábeis argumentos para (prestar) assistência e que, com justiça, não poderia tratar das

[103] Littré: ταῦτα οὐ δύναται ἰητρική "isso não pode a medicina".

doenças que não podem ser curadas ou que poderia livrar as que são tratadas do erro, as palavras ora ditas o revelam, e também as apresentações públicas [i.e., demonstrações (*epideíxies*)][104] dos que conhecem essa *tékhne*, as quais apresentam [ou demonstram] mais prazerosamente com ações do que com palavras [ou discursos], não tendo sido aprendidas por uma prática do dizer, mas pensando que, para o público, é mais natural a convicção a partir do que vêem do que a partir do que ouvem.

A importância do domínio da *tékhne* já fora destacada anteriormente no *Da arte*, em IX.1-2:

1. Τὰ μὲν οὖν κατὰ τὰς ἄλλας τέχνας ἄλλος <u>χρόνος μετ' ἄλλου λόγου δείξει</u>[105]· τὰ δὲ κατὰ τὴν ἰητρικὴν οἷά τέ ἐστιν ὥς τε κριτέα, τὰ μὲν ὁ παροιχόμενος, τὰ δὲ ὁ παρεὼν διδάξει λόγος. 2. Ἐστὶ γὰρ τοῖσι ταύτην τὴν τέχνην ἱκανῶς εἰδόσι τὰ μὲν τῶν νοσημάτων οὐκ ἐν δυσόπτῳ κείμενα - καὶ οὐ πολλὰ - τὰ δ' οὐκ ἐν εὐδήλῳ, καὶ πολλά ἐστι·

1. Outro momento, com outro discurso, mostrará o que é relativo às demais *tékhnai*; mas as coisas relativas à medicina, como são e de que modo devem ser julgadas, umas, o discurso passado ensinou; outras, o presente discurso ensinará. 2. Pois para os que conhecem suficientemente tal *tékhne*, dentre as enfermidades, as que estão situadas em lugar visível não são muitas, enquanto as que não estão em evidência são muitas.

O tratado *Dos flatos*, à diferença do *Da arte*, não se constitui como resposta direta a outros discursos, mas como persuasório, como se pode depreender da frase final do tratado, que indica a intenção do autor de apresentar um λόγος

[104] ἐπιδείξιες, na tradução de García Gual: actuaciones públicas; na de Jouanna: démonstrations.

[105] Segundo Jouanna (1988:180), essa passagem é apontada por muitos estudiosos como prova de que o *De arte* é obra de um sofista (Protágoras ou um de seus discípulos; Hípias ou ainda o médico e sofista Heródico de Selímbria), e não de um médico. No entanto, o helenista ressalta que a expressão "ἄλλος χρόνος μετ' ἄλλου λόγου δείξει" é um helenismo bastante conhecido e significa literalmente: 'um momento o mostrará com um discurso, um outro, com outro', ou seja, 'diferentes momentos com diferentes discursos o mostrarão', 'diferentes discursos em diferentes momentos'" (p.182).

ἀτρεκέστερος καὶ πιστότερος (XV.2). Todavia sua abertura guarda traços semelhantes ao *Da arte*[106], embora não tenha ele um caráter agonístico:

> I.1. Εἰσί τινες τῶν τεχνέων, αἳ τοῖσι μὲν κεκτημένοισίν εἰσιν ἐπίπονοι, τοῖσι δὲ χρεομένοισιν ὀνήιστοι, καὶ τοῖσι μὲν δημότῃσιν ξυνὸν ἀγαθὸν, τοῖσι δὲ μεταχειριζομένοισι σφᾶς λυπηραί. 2. Τῶν δὴ τοιουτέων ἐστὶ τεχνέων, καὶ ἣν οἱ Ἕλληνες καλέουσιν ἰητρικήν·
>
> I.1. Entre as *tékhnai* há algumas que são penosas para os que as detém, mas mais proveitosas para os que as utilizam, um bem comum para a gente do povo, mas causa de aflição para os que as praticam. 2. Dentre tais espécies de *tékhnai* está também aquela que os gregos chamam de medicina.

O tratadista ocupa-se da demonstração de uma tese, sem precisar confrontá-la com qualquer outra: Περὶ μὲν οὖν ὅλου τοῦ πρήγματος ἀρκεῖ μοι ταῦτα· μετὰ δὲ ταῦτα πρὸς αὐτὰ τὰ ἔργα τῷ λόγῳ πορευθεὶς <u>ἐπιδείξω</u> τὰ νοσήματα τούτου. (V.2) 'Então sobre todo o assunto [i.e., sobre toda a questão] isso me basta [i.e., me é suficiente]; depois disso, tendo passado às próprias ações [ou aos próprios feitos], com o discurso demonstrarei que as enfermidades são todas provindas e originadas disso.' Não há, nesse caso, uma *apódeixis* que se contraste com *epideíxeis* alheias, e, ao final do tratado, declara ter levado a cabo sua proposta de 'demonstração':

> *De flatibus,* XV. 1. Φαίνονται τοίνυν αἱ φῦσαι διὰ πάντων τούτων μάλιστα πολυπρηγμονέουσαι· τὰ δ' ἄλλα πάντα

[106] Como sublinha Jouanna (1983:35), a frase de abertura do tratado *Dos flatos*, assim como a do *Da arte*, é seguida de uma proposição relativa. No *Da arte*, o relativo introduz uma denúncia de pessoas que vilipendiam a arte médica, conformando assim, um preâmbulo que apresenta uma polêmica. Segundo os especialistas de retórica, como assinala Jouanna, esse 'preâmbulo polêmico', é um procedimento retórico corrente usado desde o século V, como se pode perceber da abertura de dois discursos de Isócrates, a saber, o *Elogio de Helena* (Εἰσί τινες οἳ μέγα φρονοῦσιν, ἢν ὑπόθεσιν ἄτοπον καὶ παράδοξον ποιησάμενοι περὶ ταύτης ἀνεκτῶς εἰπεῖν δυνηθῶσι· 'Há alguns que pensam presunçosamente, se, após colocar um tema insólito e paradoxal, podem falar sobre esse de modo tolerável') e *Nícocles* (Εἰσί τινες οἳ δυσκόλως ἔχουσι πρὸς τοὺς λόγους καὶ διαμέμφονται τοὺς φιλοσοφοῦντας καί φασιν αὐτοὺς οὐκ ἀρετῆς, ἀλλὰ πλεονεξίας ἕνεκα ποιεῖσθαι τὰς τοιαύτας διατριβάς. 'Há alguns que têm má vontade para com os discursos e que censuram os que se dedicam à filosofia, afirmando que eles se ocupam de tais passatempos, não pela excelência, mas por pleonexia.').

συναίτια καὶ μεταίτια. Τὸ δὲ αἴτιον τῶν νούσων ἐὸν τοῦτο ἐπιδέδεικταί μοι. 2. Ὑπεσχόμην δὲ τῶν νούσων τὸ αἴτιον φράσειν. Ἐπέδειξα δὲ τὸ πνεῦμα καὶ ἐν τοῖσιν ὅλοισι πρήγμασι δυναστεῦον καὶ ἐν τοῖσι σώμασι τῶν ζώων. Ἤγαγον δὲ τὸν λόγον ἐπὶ τὰ γνώριμα καὶ τῶν νοσημάτων καὶ τῶν ἀρρωστημάτων, ἐν οἷσιν ἀληθὴς ἡ ὑπόθεσις ἐφάνη. Εἰ γὰρ ἀμφὶ πάντων τῶν ἀρρωστημάτων λέγοιμι, μακρότερος μὲν ὁ λόγος ἂν γένοιτο, ἀτρεκέστερος δ'οὐδαμῶς οὐδὲ πιστότερος.

XV. 1. Portanto, os flatos [ou os ventos], por tudo isso, são manifestamente agente de muitas coisas; tudo o demais são causas concomitantes e secundárias. E que isso é a causa das doenças foi demonstrado por mim. 2. Prometi explicar a causa das doenças. E demonstrei que o ar é que domina [i.e., exerce] o poder em todas as ações e nos corpos dos seres vivos. Conduzi meu discurso para aquilo que se conhece das enfermidades e afecções, nas quais meu postulado mostrou-se verdadeiro. Pois, se falasse a respeito de todas as afecções, meu discurso tornar-se-ia mais longo, mas de modo algum mais preciso nem mais convincente.

No *Da medicina antiga* (II. 2), o tratadista se propõe, inicialmente, a fazer uma 'demonstração' sobre a arte médica, criticando inovadores que partem do postulado de que o frio, o quente, o seco e o úmido consistem nas raízes etiológicas das doenças. Antes de dar início a uma 'arqueologia' da medicina, o tratadista anuncia:

Ὅστις δὲ ταῦτα ἀποβαλὼν καὶ ἀποδοκιμάσας πάντα ἑτέρῃ ὁδῷ καὶ ἑτέρῳ σχήματι ἐπιχειρεῖ ζητεῖν καὶ φησί τι ἐξευρηκέναι, ἐξηπάτηται καὶ ἐξαπατᾶται· ἀδύνατον γάρ. Δι' ἃς δὲ ἀνάγκας ἀδύνατον, ἐγὼ πειρήσομαι ἐπιδεῖξαι, λέγων καὶ ἐπιδεικνύων τὴν τέχνην ὅτι ἐστίν.

Aquele que, tendo rechaçado e recusado tudo isso, por outra via e outro esquema intenta buscar e afirma ter encontrado algo, enganou-se e ainda se engana completamente; pois isso não é possível. Por aquelas coisas necessárias não é possível, eu tentarei demonstrar, falando e demonstrando que a arte existe.

A conclusão de sua argumentação é dada em XX.1: Περὶ μὲν οὖν τούτων ἱκανῶς μοι ἡγεῦμαι ἐπιδεδεῖχθαι. 'Assim, quanto a isso julgo ter sido suficientemente demonstrado por mim.'.

No que concerne às *epideíxeis* sofísticas, Platão nos fornece testemunho da existência de uma prática de apresentações de discursos, em ocasiões e lugares diversos. No *Hípias Maior*, diz-se que Górgias de Leontino e Pródico de Ceos faziam *epideíxeis* de sua sabedoria[107] (ἐπιδείξεις ποιήσασθαι... τῆς ἑαυτοῦ σοφίας):

> {ΣΩ.} Γοργίας τε γὰρ οὗτος ὁ Λεοντῖνος σοφιστὴς δεῦρο ἀφίκετο δημοσίᾳ οἴκοθεν πρεσβεύων, ὡς ἱκανώτατος ὢν Λεοντίνων τὰ κοινὰ πράττειν, καὶ ἔν τε τῷ δήμῳ ἔδοξεν ἄριστα εἰπεῖν, καὶ ἰδίᾳ ἐπιδείξεις ποιούμενος καὶ συνὼν τοῖς νέοις χρήματα πολλὰ εἰργάσατο καὶ ἔλαβεν ἐκ τῆσδε τῆς πόλεως· εἰ δὲ βούλει, ὁ ἡμέτερος ἑταῖρος Πρόδικος οὗτος πολλάκις μὲν καὶ ἄλλοτε δημοσίᾳ ἀφίκετο, ἀτὰρ τὰ τελευταῖα ἔναγχος ἀφικόμενος δημοσίᾳ ἐκ Κέω λέγων τ' ἐν τῇ βουλῇ πάνυ ηὐδοκίμησεν καὶ ἰδίᾳ ἐπιδείξεις ποιούμενος καὶ τοῖς νέοις συνὼν χρήματα ἔλαβεν θαυμαστὰ ὅσα. Τῶν δὲ παλαιῶν ἐκείνων οὐδεὶς πώποτε ἠξίωσεν ἀργύριον μισθὸν πράξασθαι οὐδ' ἐπιδείξεις ποιήσασθαι ἐν παντοδαποῖς ἀνθρώποις τῆς ἑαυτοῦ σοφίας· (Platão, Hípias maior, 282b-c)
>
> Sócrates – O ilustre Górgias, o sofista de Leontinos, veio de casa até aqui, a serviço do Estado, como embaixador, como o mais capaz de ocupar-se dos interesses comuns e entre o povo pareceu falar

[107] Sobre *epídeixis* de sabedoria, cf. Crítias DK a 1 (Filóstrato, *Vida dos Sofistas*, I.16, 18-21. ἀλλ' ὅμως οὐδὲ Θετταλοὶ σοφίας ἠμέλουν, ἀλλ' ἐγοργίαζον ἐν Θετταλίαι μικραὶ καὶ μείζους πόλεις ἐς Γοργίαν ὁρῶσαι τὸν Λεοντῖνον, μετέβαλον δ' ἂν καὶ ἐς τὸ κριτιάζειν, εἴ τινα τῆς ἑαυτοῦ σοφίας ἐπίδειξιν ὁ Κριτίας παρ' αὐτοῖς ἐποιεῖτο. 'Mas, entretanto, nem os Tessálios negligenciavam sua sabedoria, pois na Tessália pequenas e grandes cidades imitavam Górgias, olhando para o Leontino, e teriam passado a imitar Crítias, se ele fizesse alguma exposição de sua sabedoria para eles.'). Sobre *epídeixis* de uma habilidade, cf. Platão, *Górgias* 447c. {ΣΩ.} βούλομαι γὰρ πυθέσθαι παρ' αὐτοῦ, τίς ἡ δύναμις τῆς τέχνης τοῦ ἀνδρός, καὶ τί ἐστιν ὃ ἐπαγγέλλεταί τε καὶ διδάσκει· τὴν δὲ ἄλλην ἐπίδειξιν εἰς αὖθις, 'ὥσπερ σὺ λέγεις, ποιησάσθω. {ΚΑΛ.}– Οὐδὲν οἷον τὸ αὐτὸν ἐρωτᾶν, ὦ Σώκρατες· καὶ γὰρ αὐτῶι ἓν τοῦτ' ἦν τῆς ἐπιδείξεως· ἐκέλευε γοῦν νυνδὴ ἐρωτᾶν ὅ τι τις βούλοιτο τῶν ἔνδον ὄντων, καὶ πρὸς ἅπαντα ἔφη ἀποκρινεῖσθαι. 'Sócrates – Pois quero tomar conhecimento a partir dele, qual é a habilidade da arte do homem, e o que é que professa e ensina; a outra exposição, como tu dizes, que a faça mais tarde. Cálicles - Não é possível perguntar-lhe isso, Sócrates, pois era parte de sua exposição. Ao menos naquele momento ordenava perguntar o que quisessem dentre os que estavam lá dentro, e afirmava responder a todas as questões.'

> muitíssimo bem, e fazendo exposições privadas e reunindo-se com os jovens, obteve [i.e., conquistou] muito dinheiro e tomou-o desta cidade. Se queres outro, nosso ilustre companheiro Pródico frequentemente e em várias ocasiões veio a serviço do Estado, e ainda por fim, tendo vindo há pouco de Ceos, adquiriu grande renome, falando na assembleia e fazendo exposições privadas, e, reunindo-se com os jovens, ganhou admirável soma de dinheiro. Dentre aqueles de outrora, ninguém jamais considerou digno fazer do dinheiro pagamento, nem exposições públicas de sua sabedoria entre homens de todo tipo.

As *epideíxeis* dos sofistas referidas por Platão nessa passagem do *Hípias Maior* dizem respeito às preleções orais em âmbito privado, conforme se pode entender do termo ἰδίᾳ, que se contrapõe a δημοσίᾳ. Já no *Hípias Menor*, em 363 c-d, Platão nos diz algo sobre a ocasião da apresentação dessas preleções:

> {ΙΠ.} Καὶ γὰρ ἂν δεινὰ ποιοίην, ὦ Εὔδικε, εἰ Ὀλυμπίαζε μὲν εἰς τὴν τῶν Ἑλλήνων πανήγυριν, ὅταν τὰ Ὀλύμπια ᾖ, ἀεὶ ἐπανιὼν οἴκοθεν ἐξ Ἤλιδος εἰς τὸ ἱερὸν παρέχω ἐμαυτὸν καὶ λέγοντα ὅ τι ἄν τις βούληται ὧν ἄν μοι <u>εἰς ἐπίδειξιν</u> παρεσκευασμένον ᾖ, καὶ ἀποκρινόμενον τῷ βουλομένῳ ὅ τι ἄν τις ἐρωτᾷ, νῦν δὲ τὴν Σωκράτους ἐρώτησιν φύγοιμι.
>
> Hípias – Certamente, pois eu faria de modo terrível, Êudico, se a Olímpia para a panegíria dos gregos, sempre que ocorrem os jogos olímpicos, vindo de casa, de Élis, sempre me disponho no santuário a dizer o que querem dentre aquilo já preparado por mim para a exposição, e também a responder aos que querem aquilo que me perguntam, e agora fugisse da pergunta de Sócrates.

A *epídeixis* de Hípias em Olímpia, por ocasião da panegíria, tem por público uma multidão, como afirma o Sócrates platônico (364b-c), e não deve ser interrompida com perguntas que comprometam o desempenho discursivo do

sofista. Os questionamentos de Sócrates sobre o conteúdo da *epídeixis* de Hípias terão lugar então em âmbito privado[108], e, curiosamente, a resposta do filósofo de Élis se dará sob a forma de *apódeixis* :

> Ὦ Σώκρατες, ἀεὶ σύ τινας τοιούτους πλέκεις λόγους, καὶ ἀπολαμβάνων ὃ ἂν ᾖ δυσχερέστατον τοῦ λόγου, τούτου ἔχῃ κατὰ σμικρὸν ἐφαπτόμενος, καὶ οὐχ ὅλῳ ἀγωνίζῃ τῷ πράγματι περὶ ὅτου ἂν ὁ λόγος ᾖ· ἐπεὶ καὶ νῦν, ἐὰν βούλῃ, ἐπὶ πολλῶν τεκμηρίων ἀποδείξω σοι ἱκανῷ λόγῳ Ὅμηρον Ἀχιλλέα πεποιηκέναι ἀμείνω Ὀδυσσέως καὶ ἀψευδῆ, τὸν δὲ δολερόν τε καὶ πολλὰ ψευδόμενον καὶ χείρω Ἀχιλλέως.
>
> Sócrates, tu sempre compões essa sorte de discursos, e, tomando o que é mais contraditório no discurso, te aténs a isso, prendendo-te à filigrana, e não combates toda a questão sobre a qual versa o discurso. Se queres, agora mesmo demonstrarei a ti, por muitas provas e com um discurso conveniente, que Homero compôs Aquiles melhor do que Ulisses e não mentiroso, enquanto este, doloso, muito mentiroso e inferior a Aquiles.

As *epideíxeis*, nos discursos dos sofistas apresentados por Platão, parecem designar 'exposições' nas quais a eloquência figura como dado primordial, sendo a capacidade, a δύναμις, do orador o que está em questão. O Hípias de Platão, em suas explanações sobre temas diversos da poesia[109], afirma nunca ter encontrado alguém

---

108 {ΣΩ.} Καλόν γε λέγεις, ὦ Ἱππία, καὶ τῇ Ἠλείων πόλει τῆς σοφίας ἀνάθημα τὴν δόξαν εἶναι τὴν σὴν καὶ τοῖς γονεῦσι τοῖς σοῖς. ἀτὰρ τί δὴ λέγεις ἡμῖν περὶ τοῦ Ἀχιλλέως τε καὶ τοῦ Ὀδυσσέως; πότερον ἀμείνω καὶ κατὰ τί φῂς εἶναι; ἡνίκα μὲν γὰρ πολλοὶ ἔνδον ἦμεν καὶ σὺ <u>τὴν ἐπίδειξιν ἐποιοῦ</u>, ἀπελείφθην σου τῶν λεγομένων – ὤκνουν γὰρ ἐπανερέσθαι, διότι ὄχλος τε πολὺς ἔνδον ἦν, καὶ μή σοι ἐμποδὼν εἴην ἐρωτῶν τῇ <u>ἐπιδείξει</u> – νυνὶ δὲ ἐπειδὴ ἐλάττους τέ ἐσμεν καὶ Εὔδικος ὅδε κελεύει ἐρέσθαι, εἰπέ τε καὶ δίδαξον ἡμᾶς σαφῶς, τί ἔλεγες περὶ τούτοιν τοῖν ἀνδροῖν; πῶς διέκρινες αὐτούς; 'Sócrates – Dizes, Hípias, ser a tua reputação belo monumento de sabedoria para a cidade dos eleus e também para os teus pais. Aliás, o que nos diz acerca de Aquiles e de Odisseu? Qual dos dois afirmas ser melhor e quanto ao quê? Pois lá dentro, quando éramos muitos, e fazias exposições, fiquei longe de ti quando falavas – pois hesitava em perguntar novamente, porque, lá dentro, a multidão era grande, e também para que não fosse, perguntando, obstáculo para tua exposição – mas agora que somos menos numerosos e que este Êudico ordena perguntar, diz e ensina-nos claramente: o que dizias sobre esses dois homens? Como os distinguia?'.

109 ἐπειδὴ καὶ ἄλλα πολλὰ καὶ παντοδαπὰ ἡμῖν ἐπιδέδεικται καὶ περὶ ποιητῶν τε ἄλλων καὶ περὶ Ὁμήρου 'visto que expôs para nós muitas outras coisas, de naturezas diversas, não só sobre outros poetas, mas também sobre Homero' (*Hípias Menor* 363c).

superior a ele nos *agônes* de Olímpia[110]. A *epídeixis* do orador pode mesmo vir a se constituir como um modelo discursivo, como se pode notar do fragmento DK a 1 de Crítias, pelos verbos γοργιάζω e κριτιάζω, 'falar como Górgias', 'falar como Crítias'[111]. Assim, a *epídeixis* parece estar associada intimamente à noção de performance.

Um escrito do século III a.C parece bem sugerir o que teriam significado essas *epideíxeis* no imaginário dos gregos. Arquestrato de Gela, em sua *Hedypatheia*, poema em hexâmetros, com uma mescla de dialetos, e com um vocabulário que evoca as composições em prosa dos logógrafos, dos escritos médicos da escola hipocrática, e ainda o próprio texto de Heródoto, nos diz em seu verso inicial: "Ἱστορίης ἐπίδειγμα ποιούμενος Ἑλλάδι πάσῃ" 'Fazendo um *epídeigma* dos resultados da investigação por toda a Grécia'. Esse verso, que introduz o escrito gastronômico e geográfico de Arquestrato, no qual um catálogo de alimentos, lugares onde encontrá-los e modos de preparação são formulados a partir de sua periegese, parece evocar um certo tipo de discurso e um modo de dizer que, em muito, lembra aquele de Heródoto.

110 ἐξ οὗ γὰρ ἦργμαι 'Ολυμπίασιν ἀγωνίζεσθαι, οὐδενὶ πώποτε κρείττονι εἰς οὐδὲν ἐμαυτοῦ ἐνέτυχον. 'pois desde que comecei a concorrer em Olímpia, jamais encontrei alguém superior a mim em coisa alguma' (*Hípias Menor* 364a).

111 Cf. nota 102.

4. Performance e gênero: uma proposta interpretativa para as *Histórias* de Heródoto

Há muito os estudiosos da obra de Heródoto discutem e formulam hipóteses acerca de que audiência teriam tido as *Histórias*, e de como teriam sido apresentados os diversos *lógoi* que compõem essa obra[112]. Narrativas que se refazem a cada apresentação, narrativas que buscam se aproximar do contexto de um determinado público[113], recitações em *agônes* são algumas das tantas sugestões apresentadas por vários estudos, considerando-se suas motivações particulares, e seus diferentes focos.

Philip Stadter (1997: *passim*), em um estudo comparativo entre as *Histórias* e a tradição narrativa oral da Carolina do Norte, aventa, com certa ousadia, uma hipótese sobre a composição e a apresentação da *historíe* herodotiana, apoiando-se na perspectiva da história oral de Jan Vansina, que já servira de suporte metodológico aos estudos de Oswin Murray sobre as tradições orais dos *lógoi* como fonte para Heródoto[114]. Stadter considera o texto das *Histórias* não uma transcrição de possíveis leituras, ou mesmo performances orais, mas sim uma construção que recria em certa medida os vários *lógoi* apresentados oralmente. As adições de listas, de catálogos e a criação de uma inter-relação entre os *lógoi* resultariam, na concepção do helenista, na criação de um novo gênero.

---

[112] Momigliano (2001[1978]); Flory (1980); Evans (1991); Munson (1993); Johnson (1994); Stadter (1997); Thomas (2005 [1999]); Evans (*in* Pigoń, 2008); Waterfiled (2009).

[113] Uma diversidade de público poderia ser inferida não somente da pluralidade temática da obra do Historiador, como também do tratamento dado por Heródoto a alguns de seus *lógoi* ou mesmo a alguns pequenos discursos. Como exemplo, poderia citar aqui o famoso debate acerca da melhor forma de governo, assente no livro III (80-82), no qual o Historiador se vale de uma série de formas áticas e poéticas, aproximando os discursos dos chefes persas daqueles bem característicos da sofística ática de Protágoras, Hípias ou Antifonte. Os três discursos, que formam um *agón* de tese e antítese, com três possibilidades, contêm vários esquemas retóricos, como destaca Asheri (2007:472) em seu comentário ao livro III: questões retóricas, frases ritmicamente tripartites, aliterações, coloquialismos e *climax*. Por outro lado, Asheri contra argumenta assinalando os traços estilísticos da prosa jônica do V séc, a ausência de reais antinomias e de argumentos simétricos tipicamente sofísticos, e a presença de doutrinas políticas não especificamente áticas. Em todo caso, diante de uma audiência ateniense, os discursos sobre os três regimes de governo (democracia, oligarquia e monarquia) poderiam soar como uma historicização dos regimes nas *póleis* áticas.

[114] Murray (1987; *in* Luraghi 2007).

Stadter acredita que o texto que temos não é uma transcrição de uma performance oral, ou performances, mas é baseado em histórias concebidas e desenvolvidas por performances orais e em uma tradição de performance oral. Opinião essa que, embora não completamente convergente, se aproxima um tanto daquela outrora formulada por Stewart Flory, em um primeiro momento[115]. As narrativas episódicas poderiam, segundo Stadter, ser divididas, apresentadas em partes, tomadas independentemente, como ocorre nos 'folk tales' da Carolina do Norte. Muitas histórias poderiam ser tomadas independentemente, fora de um contexto global, em ocasiões diversas, e assim a própria *historíe* poderia se reconfigurar a cada viagem, a cada contar de histórias[116].

Algumas marcas de oralidade do texto herodotiano, observadas por estudiosos como Mabel Lang (1984: *passim*) e Simon Slings (in VAN WESS 2006:53-77), por exemplo, parecem apontar para um contexto de apresentação oral das *Histórias*. A regressão épica, as versões variantes, a parataxe, as digressões, a composição em anel são algumas das características apontadas por esses estudos, que podem ser entendidas como recurso retórico para evocar performances orais. Como sugere Jonhson (1994:231), as leituras públicas, como 'modelo de publicação', poderiam ter influenciado em muito a escrita de Heródoto.

Mais do que uma apresentação, pode-se até mesmo pensar em uma 'representação mimética' de certas narrativas, seja no ato de leitura ou mesmo de recitação[117], dada a sua intensidade discursiva e riqueza de detalhes. Se pensarmos no que diz J. Myres (1953:76*ss*) acerca das estruturas trágicas presentes no *lógos* lídio (I,

---

115 Flory (1980:12-28) acredita que Heródoto lera as *Histórias* com o material em mãos, devido à dificuldade de memorização de uma obra tão extensa. O helenista defende que, na verdade, o Historiador lera excertos do que, posteriormente, viria a constituir seu livro.

116 Flory, em seu *The Archaic Smile of Herodotus* (1987:15-16), rejeita a concepção de que as *Histórias* se constituiram como um amálgama de escritos separados, no qual as várias camadas de composição podem ser distinguidas e classificadas por ordem de importância. O helenista parece desacreditar aqui na influência que as leituras públicas podem ter tido para a conformação das *Histórias*. *Contra* Munson (1993: *passim*) defende que as apresentações públicas das *Histórias* teriam, consecutivamente, contribuído para a conformação do texto que ora temos.

117 Waterfield (2009:493-94) declara que, a partir de sua experiência de tradução das *Histórias*, pôde perceber não só os aspectos formais de oralidade, mas também outros de natureza não verbal indiciados pelo texto, que implicariam assim um caráter performático das *Histórias*.

6-94), ou do reconhecimento de um ritmo iâmbico em frases do diálogo entre Sólon e Creso, na minúcia da descrição da morte de Átis, podemos pensar nos efeitos imediatos que teriam tido tais narrativas diante de um público ouvinte, espectador. Stadter (1997:5-6), pensando em uma audiência pan-helênica das *Histórias*, ressalta alguns aspectos extra-textuais que confeririam certo grau de exotismo às 'apresentações', como, por exemplo, o uso de trajes jônicos, a saber pelas descrições dos ditos 'vasos anacreônticos', que mostram homens com guarda-sóis e pingentes. Quanto à dimensão textual propriamente, Stadter considera a diferença dialetal para certos públicos, assim como a dramaticidade de alguns trechos das *Histórias*, para a apresentação de alguns trechos em hexâmetros –sobretudo os oráculos – e possíveis inflexões de voz, que enriqueceriam sua performance oral.

Embora não se tenha nenhum testemunho contemporâneo a Heródoto que faça referência explícita a suas leituras públicas, não é implausível pensar que essa prática já fosse corrente entre historiadores no V século[118], visto que se pode notar uma influência imediata de suas *Histórias* em obras de autores coevos. Estudiosos como Johnson (1994:242), Saïd (in VAN WESS 2002: 120) e Porciani (2005: 9ss) atentam, por exemplo, para a alusão a uma narrativa de Heródoto nos versos 905-912 da *Antígona* [119], o que parece indiciar seu conhecimento por Sófocles, fosse por

[118] Momigliano (2001: 28 [1978:364]): We have much more abundant and reliable information about public readings of historical works (by the historians themselves or by somebody else) in Hellenistic and Roman times -that is from the third century B.C to the fourth century A.D. - than in the fifth and fourth centuries B.C. This does invalidate the probability that Herodotus read his work in public: our information on ancient intellectual life is too haphazard and badly distributed to allow inferences of this kind. But what little we know suggests that throughout classical antiquity it was customary to announce or to celebrate the publication of a work of history with a public reading: in other words, public readings preceded or accompanied the diffusion of individual historical works in manuscript copies. 'Temos muito mais informações abundantes e confiáveis sobre leituras públicas de obras de história (por parte dos próprios historiadores ou por outros) nos períodos helenístico e romano – i.e., partir do século III a.C ao século IV d.C – do que nos séculos V e IV a.C. Isso não invalida a probabilidade de que Heródoto leu sua obra em público: nossa informação sobre a vida intelectual dos antigos é demasiado aleatória e mal classificada para permitir inferências desta espécie. Mas o pouco que sabemos sugere que, em toda a antiguidade clássica, era costume anunciar ou comemorar a publicação de uma obra de história com uma leitura pública: em outras palavras, leituras públicas precederam ou acompanharam a difusão de obras históricas em cópias manuscritas.'

[119] Trata-se da história de Intrafénes, condenado à morte por Dario junto com os filhos e todos os homens de sua casa (III.119). Diante das lamentações constantes da mulher de Intrafénes, o rei persa concede a ela o favor de salvar um dos seus familiares, e ela elege então o irmão, argumentando que, mortos seus pais, não mais poderia ter outro irmão. Dario, impressionado com o raciocínio da

ouvi-la ou lê-la. Todavia, mais significativa é a alusão ao proêmio, ou paródia como propõem alguns, que Aristófanes faz n'*Os acarnenses* (vv.523-29). Nesses versos, Dicéopolis, protagonista da comédia, explica a guerra por um rapto de mulheres: 'uns rapazes' roubam, em Mégara, uma cortesã e, como resposta, os megarenses roubam de Aspásia duas cortesãs; ao que Dicéopolis conclui que, 'de três prostitutas irrompe o começo da guerra para todos os gregos' (κἀντεῦθεν ἀρχὴ τοῦ πολέμου κατερράγη/ Ἕλλησι πᾶσιν ἐκ τριῶν λαικαστριῶν, vv.528-29). Como assinala Porciani (2005:5), tanto em Heródoto quanto em Aristófanes o rapto de *uma* mulher (Io em Heródoto; Simeta em Aristófanes) é seguido do rapto de *duas*, (Europa e Medeia, em Heródoto; πόρνα δύο, em Aristófanes) acarretando assim uma quebra de equilíbrio no princípio 'ofensa – punição-reparação'[120]. Se se trata de uma alusão, é evidente que o comediógrafo contava com o reconhecimento por parte do público, para alcançar seu efeito. No entanto, Fornara (1971:28) já aventara a possibilidade de se tratar não de uma alusão às *Histórias*, mas ao *Télefo* de Eurípides, que, todavia, remontaria a Heródoto.

Uma passagem do *Hípias Maior* também nos fornece um dado acerca de possíveis *epideíxeis* de logógrafos, podendo-se incluir aí o próprio Heródoto. Em 285a, Sócrates indaga Hípias sobre os assuntos que costuma levar a público, ao que esse lhe responde se tratarem 'das raças dos heróis e dos homens, e de fundações de colônias, de como as cidades foram, outrora, instituídas, em suma, de todas as narrativas do passado' (Περὶ τῶν γενῶν, ὦ Σώκρατες, τῶν τε ἡρώων καὶ τῶν ἀνθρώπων, καὶ τῶν κατοικίσεων, ὡς τὸ ἀρχαῖον ἐκτίσθησαν αἱ πόλεις, καὶ συλλήβδην πάσης τῆς ἀρχαιολογίας).

mulher, livra-lhe o irmão e também o filho mais velho. A edição da *Antígona* de Dain e Mazon, revista por Irigoin e publicada pela Belles Lettres, notifica o modelo herodotiano nos versos 905-912.

[120] Cf. Darbo-Peschanski (1998:48-9): 'A sociedade dos homens, tal como a vê Heródoto, é um vasto conjunto no qual se rompe, e na maior parte do tempo se restabelece, o equilíbrio da "justiça" (*díke*).' (...) 'Nas *Histórias*, a justiça consiste em restabelecer, por meio da punição ou de uma reparação correspondente à falta cometida, uma ordem anterior, na qual cada um teria o seu lugar e o seu destino, determinados por um acerto de contas.'

Ainda que não se possa deixar de reconhecer ou supor uma prática historiográfica na obra dos antigos logógrafos, foi Heródoto de Halicarnasso aquele que recebeu de Cícero (*De legibus* I 1,5) o título de "*pater historiae*", de "pai da História", que iniciou, na Grécia, o que, sob diversos aspectos, mais identificamos com o ofício do historiador, fundando e circunscrevendo um campo que hoje nos é crucial. Mas Heródoto ainda mereceria outra paternidade, a da "historiografia", porquanto sua obra comenta, argumenta, e muitas vezes refuta o dito daqueles primeiros "cronistas" das tradições locais e regionais das cidades e populações gregas. O espírito agonístico se faz presente em várias passagens das *Histórias*, e, em alguns casos, parece deliberadamente evidente, como por exemplo no comentário que o Historiador tece, em IV.36.2, sobre a descrição da *oikoumene*:

> γελῶ δὲ ὁρέων γῆς περιόδους γράψαντας πολλοὺς ἤδη καὶ οὐδένα νόον ἐχόντως ἐξηγησάμενον. οἳ Ὠκεανόν τε ῥέοντα γράφουσι πέριξ τὴν γῆν, ἐοῦσαν κυκλοτερέα ὡς ἀπὸ τόρνου, καὶ τὴν Ἀσίην τῇ Εὐρώπῃ ποιεῦνται ἴσην. ἐν ὀλίγοισι γὰρ ἐγὼ δηλώσω μέγαθός τε ἑκάστης αὐτέων καὶ οἵη τίς ἐστι ἐς γραφὴν ἑκάστη.
>
> Rio ao ver que muitos já desenharam mapas da terra[121] e que ninguém os explicou inteligentemente/ racionalmente. Uns desenham o Oceano correndo ao redor da terra, redonda como se oriunda de um torno, e fazem a Ásia igual à Europa. Eu mostrarei, em poucas palavras, a dimensão de cada uma delas e o que é cada uma no desenho.

Segundo o comentário de Corcella (2007), a expressão γῆς περίοδοι parece dizer respeito aqui aos mapas de Anaximandro (12 A2 DK), Escílax de Carianda (*Suda*, s.v. σ 710A) e Hecateu (*FGrHist* 1 F 125), dos quais Heródoto diverge. No

[121] Sigo aqui a tradução proposta por Powell em seu léxico de Heródoto (1977[1937]:302). Legrand (1945:69) traduz γῆς περιόδους γράψαντας por 'desenharam imagens do conjunto da terra'.

entanto, se pensarmos no fr. 1 de Hecateu (*FGrHist* 1F1)[122], a crítica parece dirigir-se mais evidentemente a ele, autor de uma obra denominada *Períodos gês*. Assim como os λόγοι dos gregos são ditos πολλοί e γελοῖοι por Hecateu, os γῆς περίοδοι desenhados (ou escritos) por muitos (πολλοὺς) levam Heródoto ao riso (γελῶ), por não serem detalhados de modo inteligente. Mais adiante, em IV.53.5, Heródoto parece novamente referir-se ao trabalho de Hecateu (1 fr.302a1 Jacoby)[123], e, de algum modo, criticá-lo: μούνου δὲ τούτου τοῦ ποταμοῦ καὶ Νείλου οὐκ ἔχω φράσαι τὰς πηγάς, δοκέω δέ, οὐδὲ οὐδεὶς Ἑλλήνων. 'Somente deste rio e do Nilo não sei explicar as fontes, e penso que nenhum grego também o sabe'.

No que tange a uma escrita sobre o "ato de escrever a história", Diógenes Laércio, em suas "Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres", atribui a Teofrasto, discípulo de Aristóteles, um tratado intitulado *Perì historías* (V.47), de que infelizmente não dispomos, e do qual conhecemos tão-somente o título. No entanto, Aristóteles, em sua *Poética*, nos diz algo sobre sua apreciação do texto historiográfico. Em 1451b, o filósofo estagirita afirma que o que diferencia a tarefa do historiador da do poeta não é a presença da métrica, do verso, na composição, mas o conteúdo desta. Se ao historiador cabe narrar "o que aconteceu" (τὸ τὰ γενόμενα λέγειν), ao poeta cabe narrar "o que poderia acontecer e o que é possível segundo a verossimilhança ou o necessário" (τὸ λέγειν οἷα ἂν γένοιτο καὶ τὰ δυνατὰ κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον). O historiador referido pelo Estagirita nesta passagem é justamente Heródoto[124]. No entanto, nas *Histórias*, encontra-se uma série de narrativas que aproximam o ofício do historiador daquele do poeta.

Nas *Histórias*, o 'λέγειν τὰ γενόμενα' é fundamentado sobretudo nos 'λεγόμενα', nos ditos que Heródoto recolhe, nos dados da tradição que ele organiza

---

[122] Cf. p. 35.

[123] Citado por Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, I, 37.1.

[124] Em outro momento, em sua *Retórica*, Aristóteles afirma que as ἱστορίαι são úteis à política e não à oratória, mas que através das 'τῆς γῆς περίοδοι' se pode aprender as leis dos povos (1360a 33-37. ὥστε δῆλον ὅτι πρὸς μὲν τὴν νομοθεσίαν αἱ τῆς γῆς περίοδοι χρήσιμοι (ἐντεῦθεν γὰρ λαβεῖν ἔστιν τοὺς τῶν ἐθνῶν νόμους), πρὸς δὲ τὰς πολιτικὰς συμβουλὰς αἱ τῶν περὶ τὰς πράξεις γραφόντων ἱστορίαι· ἅπαντα δὲ ταῦτα πολιτικῆς ἀλλ' οὐ ῥητορικῆς ἔργον ἐστίν.).

à maneira de um grande mosaico[125]. Seu escrito parece ressoar as εὔνοιαι e as μνῆμαι, a parcialidade e as lembranças das testemunhas, algo que Tucídides apontara como obstáculo na busca dos τεκμήρια que levam ao julgamento dos fatos (XXII.3). Em busca de uma 'factualidade objetiva', Tucídides procura excluir de sua narrativa tudo aquilo que tenha a aparência de mito, que seja *mythôdes*; algo de que muitas vezes Heródoto não somente se vale, como o elabora de modo a torná-lo digno de crença, verossímil. Os vários *lógoi* apresentados em sua obra, fruto de uma escuta dos *poietaí*, dos *lógioi*, dos *logopoioí*, parecem figurar ali como um universo de saberes que constituem as próprias experiências. Ao reuni-las, Heródoto também as historiciza. Koselleck, ao propor a relação fundamental entre a história e a experiência (relatada), conclui que o conhecimento da experiência alheia – essência da própria história – não é necessariamente um conhecimento do conhecimento alheio, porquanto as experiências estão frequentemente – embora nem sempre – incorporadas como práticas sociais num patamar inconsciente. No dizer do próprio Koselleck (2006 [1979]:309):

> A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias.

[125] Sob esta ótica, pode-se pensar em 'λέγειν τὸν ἐόντα λόγον' como 'dizer o *lógos* pré-existente, que há por tradição', e não como 'dizer os fatos' ou 'dizer a verdade', traduções mais correntes para essa expressão. Em *Histórias*, II.95.1. Ἐπιδίζηται δὲ δὴ τὸ ἐνθεῦτεν ἡμῖν ὁ λόγος τόν τε Κῦρον ὅστις ἐὼν τὴν Κροίσου ἀρχὴν κατεῖλε, καὶ τοὺς Πέρσας ὅτεῳ τρόπῳ ἡγήσαντο τῆς Ἀσίης. Ὡς ὦν Περσέων μετεξέτεροι λέγουσι, οἱ μὴ βουλόμενοι σεμνοῦν τὰ περὶ Κῦρον ἀλλὰ τὸν ἐόντα λέγειν λόγον, κατὰ ταῦτα γράψω, ἐπιστάμενος περὶ Κύρου καὶ τριφασίας ἄλλας λόγων ὁδοὺς φῆναι. 'Doravante meu relato investiga quem era Ciro, que destruiu o império de Creso, e os persas, de que modo dominaram a Ásia. Escreverei com base no que dizem alguns persas, que não querem enfeitar o que há de referente a Ciro, mas dizer o relato existente, sendo capaz de mostrar três outros modos de falar sobre Ciro'

O espaço de experiência, como categoria meta-histórica proposta por Koselleck, implica uma elaboração dos acontecimentos passados, tornando-os presentes. Heródoto, com a pluralidade de formas e conteúdos incluídos em sua obra – onde se encontra, para usar expressões deliberadamente anacrônicas, a etnografia, a genealogia, a história local, a geografia – dá a seu público uma mostra não só de como os antigos, e mesmo os seus contemporâneos, olham o passado, mas também de como uma série de abordagens se integram na conformação de um novo modo de ver e construir a memória cultural.

Se, por um lado, a obra de Heródoto guarda semelhanças com a épica homérica, no que tange à função de construção e preservação da memória cultural - assemelhando, em certa medida, o papel do historiador ao do aedo como construtor de um universo reconhecido como herança por parte da sua audiência; por outro, instaura uma nova prática, ao buscar não somente preservar a memória dos feitos do passado, mas também apresentar tais feitos como meio de entendimento (ou inteligibilidade) do próprio presente. O diálogo com as tradições está presente em todas as suas *Histórias*, mas é esse novo *modus operandi* das relações entre as formas de expressão, entre o passado e o presente, que imprimirão o caráter peculiar da prática herodotiana. Muitas narrativas das *Histórias* apresentam claras relações com outros gêneros discursivos, e tais relações são de ordens diversas, como tento demonstrar, cada qual com suas motivações particulares e seus lugares de regularidade mais ou menos observáveis. Assim, frequentam a obra herodotiana, em referências explícitas ou não, desde a poesia homérica até os tratados médicos da Escola de Cós, como marcos de lugares de fala que, em circunstâncias diversas e muito dessemelhantes, legitimam conteúdos discursivos igualmente diversos e dessemelhantes.

4.2. *Apódexis héde*: a construção da história de um performativo

A *apódexis* constitui-se num ato de fala, ou, no dizer de Austin, um *speech act*[126], teoria esta que questiona a concepção descritiva da linguagem, que passa a ser vista não somente como um modo de transmitir informações, mas sobretudo como um modo de agir sobre os interlocutores e o mundo circundante. Sua constituição é, portanto, complexa. As referências a esse ato de fala como *apódexis* inserem todo um longo discurso numa moldura performativa, ainda que seu interior seja constativo, declarativo. A própria enunciação ἀπόδεξις ἥδε coloca toda essa moldura, uma moldura que, como tentarei demonstrar, não se limita à margem.

John Langshaw Austin desdobra o conceito de performativo já no título de sua obra póstuma de 1962 '*How to do things with words*', que, em francês ganhou tradução ainda mais esclarecedora: *Quand dire c'est faire*. Nessa obra, composta a partir das anotações de Austin e dos participantes de seus seminários e conferências ocorridos entre 1952 e 1955, é explicada com impressionante profundidade filosófica não só a oposição entre o performativo e o constativo, mas também as suas interseções e seus entrecruzamentos.

Performativo, sumariamente, é o enunciado que expressa a própria ação da enunciação. Como em uma cerimônia em que o apresentador dissesse: "gostaria de convidar para compor a mesa o doutor...". Em casos assim, de puro performativo, o enunciado não só expressa o convite, como ele próprio é o convite mesmo. No entanto, Austin não deixa de perceber que, como sublinha Ottoni (2002:129), muitas vezes, na afirmação há uma forma não explícita de um performativo, há um 'performativo mascarado', não demarcado em uma forma modelo de expressão performativa, que é geralmente o uso de primeira pessoa do singular e do verbo na

[126] Austin considera que o 'ato de fala' se realiza em três dimensões simultâneas: no *ato locucionário*, que consiste no próprio dizer, na articulação entre a sintaxe e a semântica, na produção de sentido; no *ato ilocucionário*, que é o ato de realização de uma ação por meio de um enunciado, o ato realizado na própria fala; no *ato perlocucionário*, que implica na produção de um efeito sobre o interlocutor, como um ato de intenção-efeito.

primeira pessoa do indicativo. "Esta é a *apódexis*" é uma afirmativa que não somente descreve uma ação, mas que também a põe em prática.

Austin parece seguir os passos do Περὶ ἑρμηνείας aristotélico no que tange a centrar sua observação do discurso no critério de verdade. Assim como Aristóteles exclui a εὐχή da categoria dos ἀποφαντικοὶ λόγοι, posto que ela não porta nem a possibilidade da verdade nem a da mentira[127], da mesma forma Austin define o performativo: ele não está sob o jugo do critério da ἀλήθεια.

O dêitico ἥδε, no enunciado ἀπόδεξις ἥδε, traz todo o discurso herodotiano para uma realidade performativa, em que todo o constativo estará inserido, e, quando se pode supor que haja um perigoso afastamento dessa realidade, o texto parece trazê-la à lembrança[128]. Como lembra Calame (2004:20), o gesto dêitico inaugural e autoral nas *Histórias* substitui também de certa forma a autoridade da voz do aedo, afirmando-se o lugar do historiador:

> Com o dêitico *héde*, Heródoto completa a indicação inaugural de sua identidade cívica e a denominação de seu trabalho como 'demonstração da investigação' (*historíes apódexis héde*). Por este viés enunciativo, são dados o objeto e a finalidade da investigação: trata-se de uma investigação sobre as causas da guerra travada entre gregos e bárbaros para evitar que, conforme o alvo da poesia épica,

[127] 17a1-8 ἔστι δὲ λόγος ἅπας μὲν σημαντικός, οὐχ ὡς ὄργανον δέ, ἀλλ' ὥσπερ εἴρηται κατὰ συνθήκην· ἀποφαντικὸς δὲ οὐ πᾶς, ἀλλ' ἐν ᾧ τὸ ἀληθεύειν ἢ ψεύδεσθαι ὑπάρχει· οὐκ ἐν ἅπασι δὲ ὑπάρχει, οἷον ἡ εὐχὴ λόγος μέν, ἀλλ' οὔτ' ἀληθὴς οὔτε ψευδής. οἱ μὲν οὖν ἄλλοι ἀφείσθωσαν, – ῥητορικῆς γὰρ ἢ ποιητικῆς οἰκειοτέρα ἡ σκέψις, – ὁ δὲ ἀποφαντικὸς τῆς νῦν θεωρίας. Todo enunciado é indicativo, não como um instrumento, mas, como foi dito, por convenção; e nem todo enunciado é assertivo, mas reside naquele em que há a verdade ou falsidade; não em todos. Por exemplo, a prece é um enunciado, mas não é verdadeiro, nem falso. Então, que os outros sejam deixados de lado – pois seu escopo é mais próprio da retórica ou da poética – ora o assertivo é objeto da observação.

[128] Hérodote assortit du déictique héde l'indication inaugurale de son identité civique et la dénomination de son travail en tant que "démonstration de l'enquête" (*historíes apódexis héde*). Par ce bias énonciatif, objet et visée de l'enquête sont donnés: il s'agit d'une investigation sur les causes de la guerre que se livrèrent Grecs et barbares pour empêcher, conformément à la visée de la poésie épique, que la mémoire de ces hauts faits ne disparaisse. Objet et programme discursifs sont d'emblée presentes hic et nunc, aux oreilles et sous les yeux d'un public dont le profil n'est d'ailleurs jamais indique. Le geste autorial de la *sphragis* se combine ici avec la double référence que permet l'usage du déictique: l'exposition de la recherche qui correspond aux *logoi* rapportés dans la suite est atribué à un nom d'auteur en même temps qu'elle est présentée comme l'acte de parole qui est en train d'être inauguré.

> a memória desses grandes feitos desapareça. Objeto e programa discursivos são imediatamente apresentados no *hic et nunc*, aos ouvidos e sob os olhos de um público cujo perfil jamais é indicado. O gesto autoral da *sphragis* se combina aqui com a dupla referência que permite o uso do dêitico: a exposição da pesquisa, que corresponde aos *lógoi* relatados em seguida, é atribuída a um nome de autor ao mesmo tempo em que ela é apresentada como o ato de fala que está sendo inaugurado.

Tudo que for dito em *apódexis* pode ser contestado em algum nível de crença, mas não a *apódexis* em si. A *apódexis* parece, contudo, alimentar-se da tensão entre o performativo e o constativo. Performativa em si mesma é, ao mesmo tempo, toda ela vazada em discurso constativo, e essa urdidura consiste na própria essência da *apódexis*. A atividade de Heródoto traz em si um colocar-se diante; um por-se em exposição, e essa exposição parece dar sentido a toda sua produção, a *apódexis* diz ao mesmo tempo a publicação da investigação e a demonstração da sua validade, como pontua Desclos (2003:26).

Pensando como Austin, o caráter performativo interfere diretamente na apreciação da obra herodotiana, porque, entre outras coisas, traz a cena enunciativa à tona e, com ela, a necessidade de conhecer-se as circunstâncias e o modo da enunciação que desencadeia o conjunto de fatores que definem o gênero.

Os elementos que definem o gênero e que partem de uma perspectiva performativa do discurso são mais evidentes para a recepção hodierna no caso da poesia e da oratória, porquanto, no primeiro caso, dispomos da métrica para evocar esse universo enunciativo – que incluía a música e os índices que à época da enunciação primeira eram reconhecidos como parte de um todo enunciativo –, e, no segundo caso, podemos contar com uma intenção declarada pela natureza própria dos chamados gêneros retóricos: o judiciário, o deliberativo e o epidítico.

A *apódexis*, ao contrário, conquanto seja toda ela performativa, não traz claras marcas de sua cena enunciativa e das circunstâncias formais de sua enunciação. O que é natural, posto que os ouvintes dessa *apódexis* já tinham clara ideia do que significa esse termo, tanto no que concerne ao seu aspecto de *ópsis* quanto no que

tange a sua face de *léxis,* entendidas, *léxis* e *ópsis,* como figuram na *Poética* de Aristóteles.

No caso da *apódeixis*, o performativo imiscui-se na performance. Evidenciam esse fato as ocorrências textuais, em Heródoto, onde ou *apódexis* ou alguma forma do verbo ἀποδείκνυμι tem o sentido de "realização" ou "realizar". Pode-se exemplificar tal assertiva – com todos os riscos que implica –, para não citar o ἀποδεχθέντα do proêmio, com a seguinte passagem:

> Τῶν δὲ ἄλλων βασιλέων, οὐ γὰρ ἔλεγον οὐδεμίαν ἔργων ἀπόδεξιν, κατ' οὐδὲν εἶναι λαμπρότητος, πλὴν ἑνὸς τοῦ ἐσχάτου αὐτῶν Μοίριος· τοῦτον δὲ ἀποδέξασθαι μνημόσυνα τοῦ Ἡφαίστου τὰ πρὸς βορέην ἄνεμον τετραμμένα προπύλαια, λίμνην τε ὀρύξαι, τῆς ἡ περίοδος ὅσων ἐστὶ σταδίων ὕστερον δηλώσω, πυραμίδας τε ἐν αὐτῇ οἰκοδομῆσαι, τῶν τοῦ μεγάθεος πέρι ὁμοῦ αὐτῇ τῇ λίμνῃ ἐπιμνήσομαι. Τοῦτον μὲν τοσαῦτα ἀποδέξασθαι, τῶν δὲ ἄλλων οὐδένα οὐδέν.
>
> Dos outros reis, diziam, porque não havia nenhuma *apódexis* (**realização**) de obras, que em nada eram tão ilustres, exceto o último deles, Méris. Diziam que ele **fez** consagrar os propileus do templo de Hefesto, voltados para o vento norte, como monumento, e escavar um lago, cuja medida em estádios mostrarei posteriormente, e ali construiu pirâmides, sobre a grandeza delas mencionarei junto com lago. Tais coisas **realizou** Méris, dos demais não dizem coisa alguma.

Como mostrei anteriormente, as ocorrências desses termos com esse sentido são abundantes em Heródoto, e esclarecem a natureza da própria *apódexis* como ato de produção – ou produção de si mesma ou produção de qualquer outra coisa, como no exemplo acima. Mas o que me parece importar aqui é sobretudo a presença de uma matiz semântica que o termo *apódexis* não pode deixar de evocar: a do ato criador.

O ato criador, especialmente quando se trata de um patrimônio cultural cujo suporte mais importante seja oral e que consista em texto memorizado ou escrito, parece ser, na cultura grega antiga, inerente à performance. É assim que imaginamos os aedos e rapsodos, capazes de portar e moldar o dito no canto e o canto no dito. Heródoto não faz menos: sua *apódexis,* como gesto, inclui o performativo, a performance e o ato criador.

Segundo Paul Zumthor (2007 [1990]: p.30), as regras da perfomance, que regem simultaneamente o tempo, o lugar, o objetivo da transmissão, a atividade do locutor e também a resposta do público, importam tanto, e até mais, do que as regras textuais dispostas na obra, que engendram o contexto real e determinam seus alcances. Isso porque, como afirma Zumthor, estamos habituados, nos estudos literários, a tratar, de modo geral, unicamente da dimensão escrita, excluindo-a da forma performatizada, algo tão recorrente, e caracterizador, da produção grega do período arcaico e do clássico. Nessa perspectiva, Zumthor reafirma a importância da noção de performance, que nos obriga "a reintegrar o texto no conjunto dos elementos formais, para cuja finalidade ela contribui".

De acordo com Richard Bauman (2004: 8), a performance é um modo de prática discursiva no qual se operam processos de descontextualizações e recontextualizações de discursos intertextualmente associados. Em amplo aspecto, como um modo de exibição comunicativa, a performance na concepção baumaniana dependeria também de uma premissa de responsabilidade para com um público, no intuito de apresentar uma virtuosidade comunicativa, destacando o modo com o qual o ato de produção discursiva é realizado, para além das múltiplas funções para as quais o ato comunicativo pode servir. Nesse sentido, o próprio ato de expressão seria modelado como apresentação, materializado e aberto ao exame interpretativo e valorativo de uma audiência, com suas qualidades intrínsecas e suas ressonâncias associativas. Bauman põe em evidência, assim, o ativo processo de negociação no qual a audiência examina reflexivamente o discurso na forma como ele se concretiza, e ressalta que o processo interpretativo de avaliação invoca um

campo intertextual por si mesmo, formado por experiências de performances anteriores, de naturezas várias, que se oferecem como critério para uma avaliação comparativa da performance em questão. A performance, de algum modo, reitera e modifica algo previamente conhecido, reafirmando-o ou ainda elegendo o novo em detrimento de uma antiga forma.

A ideia de Bauman compromete, de certa forma, Heródoto com uma tradição com a qual ele necessariamente dialoga no processo de negociação com a audiência. E os dados levantados nesta pesquisa corroboram essa ideia.

A compreensão da ἀπόδεξις como performance (performativa), direção na qual caminha esta pesquisa, parece em desarmonia com a proposta de Nagy (1990:220), segundo quem a ἱστορίης ἀπόδεξις não consiste propriamente em uma performance, mas em "*public demonstration of a performance*". O que parece sugerir uma aproximação entre ἱστορίη e performance, posto que, como já foi explicitado acima, Nagy concebe ἀπόδεξις como demonstração pública.

Essa proposição de Nagy é glosada minuciosamente por Rosaria Vignolo Munson, em artigo intitulado *Herodotus' use of prospective sentences and the story of Rhampsinitus and the thief in the* Histories, de 1993. Munson, partindo das taxonomias dos discursos performativos propostas por Austin e por Searle, lança luzes à uma condição de performatividade dos atos de fala (constativos, segundo Austin; representativos, segundo Searle) frequentemente secundarizada no discurso de Heródoto, a saber, a eficácia discursiva na atribuição (ou na recusa à atribuição) do *kléos*, anunciada desde o proêmio. Munson nota, em Heródoto, um tipo de discurso que, por meio de estratégias específicas (entre as quais, ela destaca as sentenças prospectivas em articulação com retrospectivas), engaja o receptor em um projeto, envolvendo-o, muitas vezes, por meio de perguntas "retóricas" (prospectivas) que não servem senão para introduzir uma retrospectiva, mas a partir de um lugar de fala municiado de um aparato de autoridade. Mas essas estratégias, típicas – e talvez exclusivas – das apresentações orais, só podem ser eficientes na ação performativa, da qual, segundo Munson, Heródoto tem consciência. Para ilustrar a

consciência dessa estratégia, a helenista cita o trabalho de Mabel Lang (1984: 1-69), em que se demonstra que o *hístor* "trata seu próprio discurso como performance". Isso é depreendido tanto por Lang quanto por Munson, que o cita, pela forma com que Heródoto reporta as narrativas alheias.

Embora as ideias de Munson sejam, a meu ver, arriscadas, creio que é frutuoso seu esforço para demonstrar uma sofisticada engrenagem discursiva que concorra para a iteração entre a audiência e o próprio discurso.

4.3. Performance das *Histórias* : testemunhos tardios

Os testemunhos tardios já foram supervalorizados – por uma proximidade maior com a época do autor, que mais tarde pareceu sem nenhum sentido – e também há foram menosprezados – por não poderem mesmo acrescentar dados a uma perspectiva histórica que visa a "reconstituição". Eles são, para esta pesquisa, não somente um importante depoimento de recepção a partir de autores que usavam habitualmente a língua de Heródoto e que conheciam ao menos vestígios do que poderiam ter sido suas apresentações, mas também uma abordagem que conta com o cruzamento de dados escritos de que não dispomos mais.

Apesar de não haver nenhum escrito datado do século V que nos sirva de documento acerca de leituras públicas das *Histórias*, a imagem de um Heródoto recitador, quiçá cantor, de suas narrativas nos é apresentada por um autor distante alguns séculos do Historiador: Luciano de Samósata, um dos principais representantes da Segunda Sofística (séc. II d.C). Em uma de suas *prolaliaí* [129], Luciano compõe um Heródoto que se faz digno de imitação não somente pela

[129] *Prolaliá* era, nos textos da segunda sofística, uma breve peça de retórica epidítica, introdutória às declamações. As *prolaliaí* nem sempre mantinham estreita afinidade temática com o tema do discurso a que antecediam, sendo, antes, um exercício retórico, no qual se revelava a habilidade do orador, que deste modo preparava os ouvidos de sua audiência. *Heródoto ou Écion* é uma introdução apresentada diante de uma audiência macedônica.

beleza de seus discursos e a grandeza de suas *gnômai*, mas sobretudo por sua capacidade estratégica de, em tão pouco tempo, em um instante bastante específico, ter levado ao conhecimento de todos os gregos o seu vasto escrito. Em *Heródoto ou Écion*, Heródoto é apresentado como um recitador nos Festivais Olímpicos. Eis o texto de Luciano e a minha proposta de tradução:

ΗΡΟΔΟΤΟΣ Η ΑΕΤΙΟΝ

Heródoto ou Écion

1. Ἡροδότου εἴθε μὲν καὶ τὰ ἄλλα μιμήσασθαι δυνατὸν ἦν. οὐ πάντα φημὶ ὅσα προσῆν αὐτῷ (μεῖζον γὰρ εὐχῆς τοῦτό γε) ἀλλὰ κἂν ἓν ἐκ τῶν ἁπάντων – οἷον ἢ κάλλος τῶν λόγων ἢ ἁρμονίαν αὐτῶν ἢ τὸ οἰκεῖον τῇ Ἰωνίᾳ καὶ προσφυὲς ἢ τῆς γνώμης τὸ περιττὸν ἢ ὅσα μυρία καλὰ ἐκεῖνος ἅμα πάντα συλλαβὼν ἔχει πέρα τῆς εἰς μίμησιν ἐλπίδος. ἃ δὲ ἐποίησεν ἐπὶ τοῖς συγγράμμασιν καὶ ὡς πολλοῦ ἄξιος τοῖς Ἕλλησιν ἅπασιν ἐν βραχεῖ κατέστη, καὶ ἐγὼ καὶ σὺ καὶ ἄλλος ἂν μιμησαίμεθα.

Πλεύσας γὰρ οἴκοθεν ἐκ τῆς Καρίας εὐθὺ τῆς Ἑλλάδος ἐσκοπεῖτο πρὸς ἑαυτὸν ὅπως ἂν τάχιστα καὶ ἀπραγμονέστατα ἐπίσημος καὶ περιβόητος γένοιτο καὶ αὐτὸς καὶ τὰ συγγραμάτια. τὸ μὲν οὖν περινοστοῦντα νῦν μὲν Ἀθηναίοις, νῦν δὲ Κορινθίοις ἀναγινώσκειν ἢ Ἀργείοις ἢ Λακεδαιμονίοις ἐν τῷ μέρει, ἐργῶδες καὶ μακρὸν ἡγεῖτο εἶναι καὶ τριβὴν οὐ μικρὰν ἐν τῷ τοιούτῳ ἔσεσθαι. οὔκουν ἠξίου διασπᾶν τὸ πρᾶγμα οὐδὲ κατὰ διαίρεσιν οὕτω κατ' ὀλίγον ἀγείρειν καὶ συλλέγειν τὴν γνῶσιν, ἐπεβούλευε δέ, εἰ δυνατὸν εἴη, ἀθρόους που λαβεῖν τοὺς Ἕλληνας ἅπαντας. ἐνίσταται οὖν Ὀλύμπια τὰ μεγάλα, καὶ ὁ Ἡρόδοτος τοῦτ' ἐκεῖνο ἥκειν οἱ νομίσας τὸν καιρόν, οὗ μάλιστα ἐγλίχετο, πλήθουσαν τηρήσας τὴν πανήγυριν, ἁπανταχόθεν ἤδη τῶν ἀρίστων συνειλεγμένων, παρελθὼν ἐς τὸν ὀπισθόδομον οὐ θεατήν, ἀλλ' ἀγωνιστὴν Ὀλυμπίων παρεῖχεν ἑαυτὸν ᾄδων τὰς ἱστορίας καὶ κηλῶν τοὺς παρόντας, ἄχρι τοῦ καὶ Μούσας κληθῆναι τὰς βίβλους αὐτοῦ, ἐννέα καὶ αὐτὰς οὔσας.

1. Quisera fosse possível imitar também as outras características de Heródoto. Não falo de todas as que lhe são próprias (pois isso é ainda mais do que um desejo), mas de todas elas uma única: a beleza dos discursos ou arranjo desses, ou o que é próprio e natural da Jônia, a grandiosidade de seu pensamento ou ainda todas as miríades de

belezas que ele, em um todo, combina, para além da esperança da imitação. Mas o que ele fez com seus escritos e como, em pouco tempo, se tornou muito valoroso para todos os gregos, isso eu, tu e outros poderíamos imitar.

Tendo navegado, de sua casa, da Cária, rumo à Grécia, pensava consigo mesmo como poderia, mais rápido e facilmente, tornar-se insigne e reconhecido, ele e também sua obra. Ler, viajando de um lugar a outro, ora para atenienses, ora para coríntios, argivos ou lacedemônios separadamente, julgava ser trabalhoso e demorado e que o tempo despendido nisso não seria pouco. Certamente não lhe parecia conveniente dividir a ação nem acumular e reunir aos poucos o reconhecimento de acordo com sua distinção, mas planejava, se fosse possível, tomar todos os gregos conjuntamente. Realizam-se então os grandes jogos Olímpicos, e Heródoto, considerando que lhe chegara a oportunidade por que tanto ansiava, observando a panegíria lotada, de todas as partes os mais distintos homens já reunidos, tendo-se aproximado da parte de trás do templo, não como espectador, mas como competidor dos Jogos Olímpicos, apresentava-se cantando suas histórias e encantando os presentes, a ponto de seus livros terem recebido o nomes das Musas, sendo eles também nove.

2. Ἤδη οὖν ἅπαντες αὐτὸν ᾔδεσαν πολλῷ μᾶλλον ἢ τοὺς Ὀλυμπιονίκας αὐτούς. καὶ οὐκ ἔστιν ὅστις ἀνήκοος ἦν τοῦ Ἡροδότου ὀνόματος – οἱ μὲν αὐτοὶ ἀκούσαντες ἐν Ὀλυμπίᾳ, οἱ δὲ τῶν ἐκ τῆς πανηγύρεως ἡκόντων πυνθανόμενοι· καὶ εἴ πού γε φανείη μόνον, ἐδείκνυτο ἂν τῷ δακτύλῳ, Οὗτος ἐκεῖνος Ἡρόδοτός ἐστιν ὁ τὰς μάχας τὰς Περσικὰς Ἰαστὶ συγγεγραφώς, ὁ τὰς νίκας ἡμῶν ὑμνήσας. τοιαῦτα ἐκεῖνος ἀπέλαυσε τῶν ἱστοριῶν, ἐν μιᾷ συνόδῳ πάνδημόν τινα καὶ κοινὴν ψῆφον τῆς Ἑλλάδος λαβὼν καὶ ἀνακηρυχθεὶς οὐχ ὑφ' ἑνὸς μὰ Δία κήρυκος, ἀλλ' ἐν ἁπάσῃ πόλει, ὅθεν ἕκαστος ἦν τῶν πανηγυριστῶν.

2. Então todos já o conheciam muito mais do que os próprios vencedores olímpicos. E não há quem não tenha ouvido o nome de Heródoto – uns o ouviram, eles próprios, em Olímpia; outros tomaram conhecimento pelos que vieram do festival. E, se ele simplesmente aparecesse, apontavam com o dedo: “Esse é aquele Heródoto

que escreveu acerca dos combates persas em jônico, o que celebrou nossas vitórias". De suas Histórias ele aproveitou isso, tendo alcançado em um único encontro todos os povos e o voto unânime da Grécia e tendo sido aclamado não por um único arauto, por Zeus!, mas em toda a cidade, de onde cada um era espectador dos festivais.

3. Ὅπερ ὕστερον κατανοήσαντες, ἐπίτομόν τινα ταύτην ὁδὸν ἐς γνῶσιν, Ἱππίας τε ὁ ἐπιχώριος αὐτῶν σοφιστὴς καὶ Πρόδικος ὁ Κεῖος καὶ Ἀναξιμένης ὁ Χῖος καὶ Πῶλος ὁ Ἀκραγαντῖνος καὶ ἄλλοι συχνοὶ λόγους ἔλεγον ἀεὶ καὶ αὐτοὶ πρὸς τὴν πανήγυριν, ἀφ' ὧν γνώριμοι ἐν βραχεῖ ἐγίγνοντο.

Tendo apreendido mais tarde que esse era um curto caminho para o reconhecimento, Hípias, o sofista da cidade deles, Pródico de Céos, Anaxímenes de Quios, Polo de Agrigento e outros faziam sempre, eles próprios, longos discursos diante da panegíria, por isso tornaram-se conhecidos em pouco tempo.

4. Καὶ τί σοι τοὺς παλαιοὺς ἐκείνους λέγω σοφιστὰς καὶ συγγραφέας καὶ λογογράφους ὅπου τὰ τελευταῖα ταῦτα καὶ Ἀετίωνά φασι τὸν ζωγράφον συγγράψαντα τὸν Ῥωξάνης καὶ Ἀλεξάνδρου γάμον εἰς Ὀλυμπίαν καὶ αὐτὸν ἀγαγόντα τὴν εἰκόνα ἐπιδείξασθαι, ὥστε Προξενίδαν Ἑλλανοδίκην τότε ὄντα ἡσθέντα τῇ τέχνῃ γαμβρὸν ποιήσασθαι τὸν Ἀετίωνα;

4. E por que te falo daqueles antigos sofistas, historiadores, logógrafos, quando enfim dizem isso de Écion, o pintor que representou as bodas de Roxana e Alexandre tendo ele próprio levado a imagem a Olímpia para apresentá-la, de sorte que Proxênides, então juiz dos jogos olímpicos, tendo-se deleitado com a arte de Écion, fez dele seu genro?

5. Καὶ τί τὸ θαῦμα ἐνῆν τῇ γραφῇ αὐτοῦ, ἤρετό τις, ὡς τὸν Ἑλλανοδίκην δι' αὐτὸ οὐκ ἐπιχωρίῳ τῷ Ἀετίωνι συνάψασθαι τῆς θυγατρὸς τὸν γάμον; ἔστιν ἡ εἰκὼν ἐν Ἰταλίᾳ, κἀγὼ εἶδον ὥστε καὶ σοὶ ἂν εἰπεῖν ἔχοιμι. θάλαμός ἐστι περικαλλὴς καὶ κλίνη νυμφική, καὶ ἡ Ῥωξάνη κάθηται πάγκαλόν τι χρῆμα παρθένου ἐς γῆν ὁρῶσα, αἰδουμένη ἑστῶτα τὸν Ἀλέξανδρον. Ἔρωτες δέ τινες μειδιῶντες· ὁ μὲν

κατόπιν ἐφεστὼς ἀπάγει τῆς κεφαλῆς τὴν καλύπτραν καὶ δείκνυσι τῷ νυμφίῳ τὴν Ῥωξάνην, ὁ δέ τις μάλα δουλικῶς ἀφαιρεῖ τὸ σανδάλιον ἐκ τοῦ ποδὸς ὡς κατακλίνοιτο ἤδη, ἄλλος τῆς χλανίδος τοῦ Ἀλεξάνδρου ἐπειλημμένος, Ἔρως καὶ οὗτος, ἕλκει αὐτὸν πρὸς τὴν Ῥωξάνην πάνυ βιαίως ἐπισπώμενος. ὁ βασιλεὺς δὲ αὐτὸς μὲν στέφανόν τινα ὀρέγει τῇ παιδί, πάροχος δὲ καὶ νυμφαγωγὸς Ἡφαιστίων συμπάρεστι δᾷδα καιομένην ἔχων, μειρακίῳ πάνυ ὡραίῳ ἐπερεδόμενος – Ὑμέναιος οἶμαί ἐστιν (οὐ γὰρ ἐπεγέγραπτο τοὔνομα). ἑτέρωθι δὲ τῆς εἰκόνος ἄλλοι Ἔρωτες παίζουσιν ἐν τοῖς ὅπλοις τοῦ Ἀλεξάνδρου, δύο μὲν τὴν λόγχην αὐτοῦ φέροντες, μιμούμενοι τοὺς ἀχθοφόρους ὁπότε δοκὸν φέροντες βαροῖντο· ἄλλοι δὲ δύο ἕνα τινὰ ἐπὶ τῆς ἀσπίδος κατακείμενον, βασιλέα δῆθεν καὶ αὐτόν, σύρουσιν τῶν ὀχάνων τῆς ἀσπίδος ἐπειλημμένοι· εἷς δὲ δὴ ἐς τὸν θώρακα ἐσελθὼν ὕπτιον κείμενον λοχῶντι ἔοικεν, ὡς φοβήσειεν αὐτούς, ὁπότε κατ' αὐτὸν γένοιντο σύροντες.

5. Mas o que de admirável havia em sua pintura, perguntou alguém, para que o juiz dos jogos, por isso, desse a filha em casamento a um estranho como Écion? A imagem está na Itália, e eu a vi, de sorte que também poderia lhe falar dela. Há um aposento muito belo e um leito nupcial, e Roxana está sentada, uma preciosa donzela, de olhos baixos, acanhada diante de Alexandre, que está de pé. Há alguns Cupidos sorrindo; o que está colocado acima, por trás, retira o véu da cabeça e mostra ao noivo Roxana, enquanto outro, mui servilmente, tira a sandália do pé, como se ela já se deitasse; um outro, que toma o manto de Alexandre, este também Cupido, puxa-o para Roxana com muita força, esticando-o. O próprio rei dá uma coroa à filha, e Hefestion, padrinho e ninfagogo, também está presente, com uma tocha de pinho incandescente, apoiando-se em um jovem bem na flor da idade – suponho que é Himeneu (pois o nome não está inscrito). No outro lado da imagem, outros Cupidos brincam com as armas de Alexandre, dois com sua lança, imitando os carregadores quando sobre eles pesa uma viga; outros dois arrastam um terceiro deitado sobre o escudo, o próprio rei eu suponho, segurando as alças do escudo. E um outro, dentro de uma couraça colocada na parte inferior, parece estar de tocaia, quando estão arrastando contra ele.

6. Οὐ παιδιὰ δὲ ἄλλως ταῦτά ἐστιν οὐδὲ περιείργασται ἐν αὐτοῖς ὁ Ἀετίων, ἀλλὰ δηλοῖ τοῦ Ἀλεξάνδρου καὶ τὸν ἐς τὰ πολεμικὰ ἔρωτα, καὶ ὅτι ἅμα καὶ Ῥωξάνης ἤρα καὶ τῶν ὅπλων οὐκ ἐπελέληστο. πλὴν ἀλλ' ἥ γε εἰκὼν αὐτὴ καὶ ἄλλως γαμήλιόν τι ἐπὶ τῆς ἀληθείας διεφάνη ἔχουσα, προμνησαμένη τῷ Ἀετίωνι τὴν τοῦ Προξενίδου θυγατέρα. καὶ ἀπῆλθε γήμας καὶ αὐτός, πάρεργον τῶν Ἀλεξάνδρου γάμων, ὑπὸ νυμφαγωγῷ τῷ βασιλεῖ, μισθὸν εἰκασμένου γάμου προσλαβὼν ἀληθῆ γάμον.

6. Isso não se trata de simples brincadeira, nem Écion empregou esforço vão nisso, ele evidencia também o amor de Alexandre pelas coisas de guerra, e que, ao mesmo tempo, amava Roxana, e não se esquecia das armas. Aliás, esta imagem tem claramente algo que diz respeito às núpcias na verdade, tendo despertado os amores da filha de Proxênides por Écion. E partiu, após ter ele próprio se casado, algo secundário em relação às núpcias do próprio Alexandre, sob a proteção do rei ninfagogo, e ter recebido o pagamento pelas bodas que representam um casamento verdadeiro.

7. Ἡρόδοτος μὲν οὖν (ἐπάνειμι γὰρ ἐπ' ἐκεῖνον) ἱκανὴν τῶν Ὀλυμπίων τὴν πανήγυριν ἡγεῖτο καὶ συγγραφέα θαυμαστὸν δεῖξαι τοῖς Ἕλλησι τὰς Ἑλληνικὰς νίκας διεξιόντα, ὡς ἐκεῖνος διεξῆλθεν. ἐγὼ δὲ – καὶ πρὸς Φιλίου μή με κορυβαντιᾶν ὑπολάβητε μηδὲ τἀμὰ εἰκάζειν τοῖς ἐκείνου, ἵλεως ὁ ἀνήρ – ἀλλὰ τοῦτό γε ὅμοιον παθεῖν φημι αὐτῷ. ὅτε γὰρ τὸ πρῶτον ἐπεδήμησα τῇ Μακεδονίᾳ, πρὸς ἐμαυτὸν ἐσκόπουν ὅ τι μοι χρηστέον τῷ πράγματι. καὶ ὁ μὲν ἔρως οὗτος ἦν ἅπασιν ὑμῖν γνωσθῆναι καὶ ὅτι πλείστοις Μακεδόνων δεῖξαι τἀμά· τὸ δὲ αὐτὸν περιιόντα τηνικαῦτα τοῦ ἔτους συγγίγνεσθαι τῇ πόλει ἑκάστῃ οὐκ εὐμαρὲς ἐφαίνετο, εἰ δὲ τηρήσαιμι τήνδε ὑμῶν τὴν σύνοδον, εἶτα παρελθὼν ἐς μέσον δείξαιμι τὸν λόγον, ἐς δέον οὕτως ἀποβήσεσθαί μοι τὰ τῆς εὐχῆς.

7. Então, Heródoto (volto a ele) considerou adequada a panegíria dos jogos olímpicos para mostrar aos gregos sua admirável obra, que relata suas vitórias, conforme ele desenvolveu. Eu – pelo deus da amizade [i.e., por Zeus] protetor! Não penseis que deliro como um coribante nem que comparo minha obra às dele, o homem é especial! – afirmo que se passa algo semelhante com ele. Pois quando

estive na Macedônia pela primeira vez, no que me diz respeito, observava o que na circunstância me haveria de ser proveitoso. E esse desejo era ser conhecido por todos vós e também mostrar minha obra ao maior número possível de macedônios. Mas estar em cada cidade, visitando-as pessoalmente nessa época do ano, não parecia fácil, e se eu tivesse atentado para esse vosso encontro, e então, vindo para o meio, tivesse mostrado meu discurso, como deve ser, assim minhas preces se cumpririam.

8. Αὐτοί τε οὖν ἤδη συνεληλύθατε, ὅ τι περ ὄφελος ἐξ ἑκάστης πόλεως, αὐτὸ δὴ τὸ κεφάλαιον ἁπάντων Μακεδόνων, καὶ ὑποδέχεται πόλις ἡ ἀρίστη οὖσα οὐ κατὰ Πίσαν μὰ Δί' οὐδὲ τὴν κεῖθι στενοχωρίαν καὶ σκηνὰς καὶ καλύβας καὶ πνῖγος· οἵ τε αὖ πανηγυρισταὶ οὐ συρφετώδης ὄχλος, ἀθλητῶν μᾶλλον φιλοθεάμονες, ἐν παρέργῳ οἱ πολλοὶ τὸν Ἡρόδοτον τιθέμενοι, ἀλλὰ ῥητόρων τε καὶ συγγραφέων καὶ σοφιστῶν οἱ δοκιμώτατοι – ὅσον οὐ μικρὸν ἤδη, μὴ τοὐμὸν παρὰ πολὺ ἐνδεέστερον φαίνηται τῶν Ὀλυμπίων. ἀλλ' ἢν μὲν ὑμεῖς Πολυδάμαντι ἢ Γλαύκῳ ἢ Μίλωνι παραθεωρῆτέ με, κομιδῇ ὑμῖν δόξω θρασὺς ἄνθρωπος εἶναι. ἢν δὲ πολὺ ἐκείνων ἀπαγαγόντες τὴν μνήμην ἐπ' ἐμαυτοῦ μόνου ἀποδύσαντες ἴδητε, τάχ' ἂν οὐ πάνυ μαστιγώσιμος ὑμῖν δόξαιμι. ὡς ἔν γε τηλικούτῳ σταδίῳ ἱκανὸν ἐμοὶ γοῦν καὶ τοῦτο.

8. E então agora já estais reunidos, a nata de cada uma das cidades, a própria cabeça de todos os macedônios, e a cidade que é a melhor (vos) acolhe, não como Pisa, por Zeus!, nem seu espaço apertado, e tendas, choupanas, e seu calor sufocante. No entanto, o público desta panegíria não é a turba ignara, que adora contemplar o espetáculo dos atletas, a maioria colocando Heródoto em segundo plano, mas as figuras mais insignes entre oradores, historiadores, prosadores e mestres de retórica ou sofistas – o que já não é pouco, e o meu não parece muito mais inferior ao dos jogos olímpicos. Mas se vós me comparardes a Polidamas, a Glauco ou a Mílon, vos parecerei por completo um homem arrogante. Mas se olhardes, voltando a memória para mim somente, despojando-se ao máximo daqueles ditos, prontamente vos pareceria pouco merecedor da chibata! Assim nesse estádio tão amplo certamente isso é suficiente para mim.

O primeiro dado que salta aos olhos nesse escrito é a afirmativa de que esse Heródoto elege a panegíria dos Jogos Olímpicos como ocasião ideal para a divulgação plena de sua obra. 'Ler viajando' (τὸ περινοστοῦντα ἀναγινώσκειν), hipótese que a audiência poderia conceber como bastante plausível dada a própria natureza do trabalho de Heródoto, pesquisador-viajante, é descartado por Luciano, que tem a apresentação do Historiador nos Jogos Olímpicos como um modelo comparativo para sua própria apresentação diante da assembleia macedônia. A apresentação pública de Heródoto, como diz Luciano, isso, sobretudo, é possível imitar.

Luciano também apresenta aqui um Heródoto que, ao invés de ler (ἀναγινώσκειν) suas *Histórias*, as faz conhecer cantando-as (ᾄδων). O Heródoto de Luciano não é um espectador, mas um ἀγωνιστής, que canta para uma audiência plural, formada por gregos de todas as regiões. Ele vai a Olímpia não para 'ver' o festival, mas para 'fazer', como competidor[130], o que, poder-se-ia dizer, Tucídides qualificava como um ἀγώνισμα[131] ἐς τὸ παραχρῆμα ἀκούειν! Ἄιδω, e mais adiante ὑμνέω, caracterizam a forma dessa apresentação das *Histórias* proposta por Luciano.

Mas esse canto de Heródoto, longe de ser um canto de improviso, é de alguma forma uma recitação de um conteúdo presente nos seus nove livros. As cadências iâmbicas identificadas em alguns estudos e os nomeados 'ditos em hexâmetros' encontrados sobretudo no *lógos* lídio assentar-se-iam perfeitamente nesta perspectiva do "canto das histórias", por exemplo. O Heródoto luciânico, unanimidade entre os gregos, à maneira dos aedos também 'hineia' as vitórias helênicas.

Outro dado relevante nesse texto é a menção que Luciano faz a uma posterior prática dos sofistas de, assim como Heródoto, levar suas obras à panegíria; a prática de Hípias, Pródico de Céos, Anaxímenes de Quios, Polo de Agrigento é

[130] Johnson (1994:238) atenta para a possibilidade de ἀγωνιστής significar não somente um competidor nos jogos, mas sobretudo um 'crowd-pleaser', uma pessoa com grande apelo popular.
[131] Cf. Hesíquio, alpha 959 <ἀγωνισμάτων>· ὀχλικῶν ἐπιδείξεων.

semelhante àquela do Historiador de Halicarnasso (3). O ato de apresentar-se diante de grande público em busca de um reconhecimento, segundo Luciano, passa a ser comum entre antigos sofistas, historiadores e logógrafos, aos quais não precisa remeter-se, à guisa de exemplo, uma vez que recentemente Écion, o pintor das bodas de Alexandre e Roxana, realizara uma ἐπίδειξις da imagem em Olímpia. E esse é mais um elemento significativo no texto de Luciano: o discurso/canto de Heródoto é equiparado à pintura de Écion, que também a leva a Olímpia e recebe, como prêmio pela perfeição de sua obra, a filha do juiz dos jogos, como esposa. Luciano faz então uma écfrase da pintura de Écion, que é parte de sua própria demonstração de habilidade, uma ἐπίδειξις τῆς δυνάμεως.

A écfrase, uma das modalidades do discurso epidítico praticada como exercício de eloquência, é definida por Hermógenes nos *Progymnasmata* como 'um enunciado que apresenta em detalhe, como dizem os teóricos, que tem a vividez e que põe sob os olhos o que mostra' (*apud* Hansen 2006: 103). Esse 'apresentar a coisa quase como se o ouvido a visse em detalhe', de acordo com a metáfrase de Hansen, é uma experiência que também faz evocar um caráter do discurso herodotiano. Como já assinalara Burguess (1902:200), a *écfrase* é um dos *tópoi* da literatura epidítica que está presente também em Heródoto, na descrição dos animais do Egito, da Babilônia. E essa parece ter sido uma percepção comum entre os antigos, se pensarmos no que diz o Pseudo-Longino em seu tratado *De sublimitate* (XXVI.2):

> ὧδέ που καὶ ὁ Ἡρόδοτος· "ἀπὸ δὲ Ἐλεφαντίνης πόλεως ἄνω πλεύσεαι, καὶ ἔπειτα ἀφίξῃ ἐς πεδίον λεῖον· διεξελθὼν δὲ τοῦτο τὸ χωρίον αὖθις εἰς ἕτερον πλοῖον ἐμβὰς πλεύσεαι δύ' ἡμέρας, ἔπειτα ἥξεις ἐς πόλιν μεγάλην, ᾗ ὄνομα Μερόη." ὁρᾷς, ὦ ἑταῖρε, ὡς παραλαβών σου τὴν ψυχὴν διὰ τῶν τόπων ἄγει τὴν ἀκοὴν ὄψιν ποιῶν; πάντα δὲ τὰ τοιαῦτα πρὸς αὐτὰ ἀπερειδόμενα τὰ πρόσωπα ἐπ' αὐτῶν ἵστησι τὸν ἀκροατὴν τῶν ἐνεργουμένων.
>
> E Heródoto, mais ou menos, assim:
> "A partir da cidade de Elefantina, navegarás rio acima e, em seguida, chegarás a uma planície lisa; após ter atravessado essa região, de novo pegarás uma outra embarcação e navegarás dois

> dias; em seguida chegarás a uma grande cidade, cujo nome é Méroe."[132]
> Vês, meu amigo, como ele pega tua alma e a leva através dos lugares, fazendo da audição a visão? Todas as coisas dessa espécie, quando se dirigem às próprias pessoas, conduzem o ouvinte diante dos próprios acontecimentos[133].

Como assinala Hartog (1999[1980]:285), ajunta-se a essa tradição de um Heródoto meio sofista, meio rapsodo, ao mesmo tempo declamador e expositor, um provérbio que diz: 'à sombra de Heródoto: sobre os que não concluíram o que propuseram'. Esse provérbio, que integra o *Corpus Paroemiographorum Graecorum*, diz que Heródoto, logógrafo, adiava sua apresentação das *Histórias* nos jogos olímpicos, pois esperava o instante em que houvesse uma sombra no santuário de Zeus. Como o santuário ficava em pleno sol, passado o tempo, 'a panegíria então se desfez, sem que ele mesmo percebesse que não apresentou suas *Histórias'* (ἔλαθεν οὖν αὐτὸν διαλυθεῖσα ἡ πανήγυρις οὐκ ἐπιδειξάμενον τὰς ἱστορίας). Outra anedota, contada pelo historiador Diílio e reportada por Plutarco em seu *De Herodoti malignitate* (*Moralia,* 862a), diz que Heródoto recebera um prêmio de dez talentos pela leitura pública de sua obra.

Em relação aos testemunhos tardios, o que interessa mais especificamente para esta Tese é que, à imagem que os antigos tinham de Heródoto ajuntava-se um ato que ora reconheciam como ἀπόδειξις, ora como ἐπίδειξις, mas que, de uma forma ou de outra, imiscuía-se na figura deste que serve de marco fundador tanto da história como campo quanto daquilo que, à época de Luciano e seus coentâneos, já se constituía como gênero.

---

132 Heródoto, II.29.

133 Tradução de Filomena Hirata.

5. Conclusão

As *Histórias* de Heródoto, mais do que um conjunto de narrativas sobre as guerras pérsicas, sobre identidade e alteridade tanto dos gregos quanto dos bárbaros, sobre a relação dos homens com seu espaço físico e social, são um mosaico do universo cultural que chamamos de Grécia Antiga. Seu vasto escrito se nos afigura hoje como inventário de um passado construído a partir de um olhar e de uma escuta singulares, que souberam conjugar o real e o imaginário que permeiam as experiências humanas. O passado, Heródoto não só o investiga, como também a ele dá forma por meio de um ato que ele denomina *apódexis*, logo em seu proêmio, que, neste caso, para além de demarcar o início do discurso, é princípio de promessa, de não deixar que a memória dos homens se apague com o tempo, não deixar que os grandes feitos fiquem sem glória.

No proêmio, Ἡρόδοτος ἱστορίην ἀποδείκνυται não é um equivalente à Ἡροδότου ἱστορίης ἀπόδεξις ἥδε, como propõe Legrand. E não o é, porquanto o Historiador de Halicarnasso tenha certeza de que seu projeto é fazer de seu dito algo que figure também como uma inscrição, algo indelével na memória dos homens. A *apódexis*, como ato de entrega, está para além da simples demonstração, é um fazer que reconfigura mesmo toda a operação da ἱστορίη. Ela é um 'dizer-fazer', e também um ato que se refaz a cada vez que se realiza, e que por si já é um lugar de memória. Memória de narrativas épicas, de poetas que por vezes aparecem referidos textualmente em sua obra, memória de *epideíxeis* outras, de poetas, logógrafos, filósofos, médicos, que têm seus ditos também presentes de algum modo no vasto dito herodotiano.

Do material analisado ao longo desta Tese, deixou-se entrever que, por vezes, a *apódeixis* se colocava como um discurso que se sobrepunha a outros, denominados *epideíxeis*, como ato que se pretendia mais preciso em relação aos propósitos de exposição, como se verificou no tratado hipocrático *Da arte* e no *Hípias menor* de

Platão, este último, de certa maneira, uma tentativa de retrato do que teriam sido as exibições sofísticas. Constatou-se também que o termo *apódeixis* foi assumindo contornos diversos em função de propósitos e circunstâncias distintas de conceitualização. Nos escritos aristotélicos que buscavam estabelecer os preceitos da lógica e do regime retórico, o termo *apódeixis* associava-se mais estreitamente à noção de demonstração que objetiva a prova. Nas *Histórias*, o conceito de *apódexis* também encerrava esse matiz da demonstração, e mesmo da prova. No entanto, a *apódexis* se mostrou muitas vezes circunscrita a um campo de realizações, fosse material ou discursiva: são freqüentes, no texto de Heródoto, as ocorrências de *apódexis* e também do verbo *apodeíknysthai* com *érgon* (*mégalon*) / *érga* (*megála*), respectivamente. *Apodeíknysthai*, frequentemente ligado a *gnóme*, surgia como um ato não só declarativo, mas subentendendo a formulação de um juízo em resposta a outro(s) já apresentado(s).

Sobre o uso de *epídexis*, em Heródoto, notou-se que, à diferença da *apódexis*, só designava uma exposição discursiva. Em outros discursos de prosa epidítica ela obviamente implicava um discurso expositivo, ao qual, por vezes, sobrepunha-se uma *apódexis*. Nesses casos, parecia figurar ali, *avant la lettre*, o conceito aristotélico formulado da *Retórica*. Os tratados hipocráticos estudados nesta Tese forneceram uma mostra significativa de como o discurso de Heródoto se aproximava do que se convencionou chamar de prosa epidítica. Esses textos, assim como os escritos gorgianos aos quais Jouanna faz menção em suas análises, em muito se aproximavam da prosa de Heródoto desde suas formas de apresentação, seus quase 'proêmios', o que me fez pensar nas possíveis ἐπιδείξεις de Heródoto, se não em toda ela, ao menos em boa parte das narrativas.

Dos diálogos platônicos referidos nesta Tese, algumas passagens se mostram bastante ilustrativas sobre o quê teriam sido as *epideíxeis* sofísticas. O lugar, a ambiência e o público sugeridos por Platão, para este trabalho um testemunho não tão tardio, assim como a matéria daquelas exposições do seu Hípias de Élis, sugeriram-me também a possibilidade de pensar numa audiência e ocasião de

apresentação das *Histórias*. A perspectiva de uma prática corrente, que chegava mesmo a ser imitada como insinua Filóstrato ao dizer que se falava como Górgias e Crítias (γοργιάζω e κριτιάζω), foi estendida aos trabalhos de Heródoto, que, como sugere o testemunho tardio de Luciano, também poderia ser imitada. Senão os aspectos estilísticos herodotianos, como se afirma em *Heródoto ou Écion*, ao menos a prática de leituras públicas de Heródoto era passível de imitação. E o contexto dessas apresentações sugerido por Luciano coincide com aquele que Platão afirma ser um dos contextos das *epideíxeis* dos sofistas. Tal como Heródoto construiu, no *lógos* de Creso, um Sólon verossímil e conforme ao imaginário e expectativa de seu público, Luciano conforma seu Heródoto nas mesmas bases de verossimilhança e de expectativa daqueles que liam, ou ouviam, seus textos.

Para além das questões relativas a uma taxonomia de gênero e dos estudos de performance – de qualquer forma, pertinentes a esta pesquisa - a *apódexis* herodotiana se afigura como um modo de dizer em que a tradição se coloca a serviço de uma inovação que a incorpora em e durante sua enunciação. Esse ‘modo de dizer’ conjuga o novo e o antigo para dar conta de um passado, sem deixar de referir também um presente.

"APODEIXIS". *Suda On Line*. Tr. Marcelo BOERI. 9 June 2001. 15 August 2008. <http://www.stoa.org/sol-entries/alpha/3289>

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. S.P: Ed. Perspectiva, 1993.

ARISTOTLE. *Poetics.* Edited and translated by Stephen HALLIWELL. Loeb Classical Library. London: Harvard University Press, 1995.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tadução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

ARISTOTELIS *Ars Rhetorica*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W.D. ROSS. Oxford: Oxford University Press, 1986 [1959].

ASHERI, David, LLOYD, Alan, CORCELLA, Aldo. *A Commentary on Herodotus Books I-IV.* Edited by Oswyn MURRAY & Alfonso MORENO. With a Contribution by Maria BROSIUS. New York: Oxford University Press, 2007.

AUSTIN, J.L. *How to Do Things with Words*. London: Oxford Univ. Press, 1962 (tradução francesa: *Quand Dire c'est Faire*, Paris. Paris: Ed du Seuil, 1971).

AVERY, Harry A. A poetic word in Herodotus. In: *Hermes*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH. Vol 107, n1, 1979.

BARAGWANATH, Emily & de BAKKER, Mathieu. *Herodotus. Oxford Bibliographies Online Research Guide.* Oxford: Oxford University Press, 2010.

BAUMAN, Richard, *A world of other´s words. Cross-cultural Perspective on Intertextuality.* UK: Blackwell Publishing, 2004.

BEALY, Walter H. Rhetorical Performative Discourse: A New Theory of Epideictic. In: NAGY, Gregory (ed.) *Greek Literature. Volume 5: Greek Literature in the Classical Period: the Prose of Historiography and Oratory.* New York/London: Routledge, 2001.

BOEDEKER, Deborah & PERADOTTO (eds). *Herodotus and the Invention of History*. Arethusa 20, 1987.

BOUVIER, David. L' *Iliade* d' Hérodote. In: *Europe* 945-6: *Historiens de l'Antiquité*, 2008.

BRANDÃO, Jacyntho J. Lins. *A poética do Hipocentauro: literature, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BURGESS, Theodore C. *Epideictic Literature.* Chicago: University Chigado Press, 1902.

CAIRUS, Henrique & RIBEIRO Jr, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o medico e a doença.* Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

CALAME, Claude. *Le récit en Grèce ancienne*. Paris: Ed. Belin, 2000.

_________. Identités d' auteur à l'exemple de la Grèce classique: signatures, énonciations, citations. In: CALAME, Claude et CHARTIER, Roger (ed.) *Identités d' auteur dans l'Antiquité et la tradition européenne*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2004.

_________. *Masques d'autorité. Fiction et pragmatique dans la poétique grecque antique.* Paris: Les Belles Lettres, 2005.

CANFORA, Luciano. Il "ciclo" storico. In: *Belfagor. Rassegna di varia umanità.* Anno XXVI. n.6. Firenze, 1971.

CAGNAZZI, Silvana. Tavola dei 28 Logoi di Erodoto. In: *Hermes.* vol.103, n.4, 1975. PP.385-423.

CARLSON, Marvin. *Performance: A critical introduction.* New York, Oxon: Routledge, 2004 [1996].

CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico.* Tradução dos ensaios por Ana Lúcia de Oliveira e Maria Cristina Franco Ferraz. Tradução dos documentos por Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005 [1995].

_________, LORAUX, Nicole, DARBO-PESCHANSKI,C. *Gregos, bárbaros e estrangeiros. A cidade e seus outros.* Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Cláudia Leão. R.J: Editora 34, 1993.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. R.J: Paz e Terra, 1996.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots.* Paris: Éditions Klincksieck, 1968.

CLAY, Jenny Strauss. The Homeric Hymns. In: MORIS, Ian & POWELL, Barry. *A New Companion to Homer.* Leiden, New York, Köln: Brill, 1997.

__________. The Beginning of the *Odyssey*. In: *American Journal of Philology.* Vol 97, n.4, 1976. PP.313-326.

DARBO-PESCHANSKI, C. *Historia* et historiographie grecque: "les temps des hommes". In: *Constructions du temps dans le monde grec ancien*. Paris:CNRS Editions, 2000.

__________. L'historicien grec ou le passé jugé. In: LORAUX, N & MIRALLES, C. (org). *Figures de l'intellectuel en Grèce ancienne*. Paris: Ed Belin, 2000 [1998].

_________. *O discurso do particular. Ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Brasília: Ed. da UnB, 1998.

__________. *L'Historia. Commencements grecs.* Paris: Gallimard, 2007.

DESCLOS, Marie-Laurence. *Aux marges des dialogues de Platon: essai d'histoire anthropologique de la philosophie ancienne*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2003.

DE HOZ, María Paz. Los himnos homéricos cortos y las plegarías cultuales. *Emerita. Revista de lingüística e filología clásica.* vol. 66, n.1, 1998. pp. 49-66.

DE JONG, Irene J.F. Herodotus. In: DE JONG, Irene. NÜNLIST, René. BOWIE, August (eds.) *Narrators, Narratees, and Narratives in Ancient Greek Literature: Studies in Ancient Greek.* Vol.1. Leiden/Boston: Brill, 2004.

DEROW, Peter & PARKER, Robert (eds.). *Herodotus and his World. Essays from a Conference in Memory of George Forrest*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DEWALD, Carolyn. Narrative Surface and Authorial Voice in Herodotus' *Histories*. In: NAGY, Gregory (ed.) *Greek Literature. Volume 5: Greek*

Literature in the Classical Period: the Prose of Historiography and Oratory. New York/London: Routledge, 2001.

________. The Figured Stage: Focalizing the Initial narratives of Herodotus and Thucydides. In: FALKNER, Thomas M. FELSON, Nancy KONSTAN, David. *Contextualizing Classics. Ideology, Performance, Dialogue. Essays in Honour of John J. Peradotto.* New York: Rowman & Littfield Publishers, 1999.

DEWALD, Carolyn & MARINCOLA, John (eds). *The Cambridge Companion to Herodotus.* Cambridge: CUP, 2006.

DILLERY, John. Herodotus'Proem and Aristotle, Rhetorica 1409a. In: *The Classical Quartely* , Vol.42. n.2, 1992, pp.525-528

DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *Critical Essays. Vol II. On literary composition. Dinarchus. First letter to Ammaeus. Letter to Gnaeus Pompeius. Second letter to Ammaeus.* Loeb Classical Library. London: Harvard University Press, 1985.

__________. *Critical Essays. Vol I. The ancient orators. Lysias. Isocrates. Isaeus. On the style of Demosthenes. Thucydides.* Loeb Classical Library. London: Harvard University Press, 1974.

"EPIDEIXEIS". In: PAULY, August. *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft.* Dritter Band. Stuttgart: J.B Metzlerche, 1844. http://www.archive.org/stream/realencyclopdi03paul#page/185/mode/1up

ERBSE, Hartmut. Ἱστορίης ἀπόδεξις bei Herodot. In: *Glotta* 73, Bonn, 1995, pp.64-7.

EVANS, J. A. S. *Herodotus, explorer of the past: three essays.* New Jersey: Princeton University Press, 1991.

FANTUZZI, Marco (Florenz). "Epideictic poetry." *Brill's New Pauly.* Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and ; Helmuth Schneider. Brill, 2010. Brill Online. UNIVERSITE DE PARIS 1 Sorbonne. 09 September 2010.
<http://www.brillonline.nl.janus.biu.sorbonne.fr/subscriber/entry?entry=bnp_e331890>

FINLEY, M. *História Antiga. Testemunhos e modelos.* S.P: Martins Fontes, 1994.

_________. *Uso e abuso da História.* S.P: Martins Fontes, 1989.

FLORY, Stewart. Who read Herodotus' Histories? In: *American Journal of Philology*, vol.101, n.1, 1980. pp.12-28.

___________. *The Archaic Smile of Herodotus*. Detroit: Wayne State University Press, 1987.

FORNARA, Charles W. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley, California: University California Press, 1988 [1983].

___________. Evidence for the Date of Herodotus' Publication. In: *The Journal of Hellenic Studies* 91, 1971, pp.25-34.

FOX, Matthew and LIVINGSTONE, Niall. Rhetoric and Historiography. In: WORTHINGTON, Ian. *A Companion to Greek Rhetoric.* Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

GAGNEBIN, J.M. O início da história e as lágrimas de Tucídides. In: *Margem*. São Paulo: I, 1992.

GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni. *History and Biography in Ancient Thought.* Amsterdam: J.C. Gieben, 1988.

___________. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed.34, 2006.

GINZBURG, C. *Relações de força*. História, retórica e prova. S.P: Cia das Letras, 2002.

GOLDHILL, Simon. *The invention of prose.* Oxford: OUP, 2002.

GOULD, John. *Herodotus*. London: Bristol Classical Press, 2000.

HANSEN, João Adolfo. Categorias epidíticas da *ekphrasis*. In: Revista USP, n.71, setembro/outubro/novembro 2006. pp.85- 105.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro.* Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999 [1980].

___________. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Ed. da UnB, 2003.

___________. *Memória de Ulisses. Narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga.* Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004 [1996].

___________. Premières figures de l'historien en Grèce: historicité et histoire. In: LORAUX, N & MIRALLES, C. (org). *Figures de l'intellectuel en Grèce ancienne.* Paris: Ed. Belin, 2000[1998].

___________. *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

___________. *Évidence de l'histoire. Ce que voient les historiens.* Paris: Éditions de l' EHESS, 2005.

___________. (org.) *A história de Homero a Santo Agostinho.* Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

HAWHEE, Debra. The Visible Spoken. Rethoric, Athletics, and the Circulation of Honor. In: ______. *Bodily Arts. Rhetoric and Athletics in Ancient Greece.* Austin: University of Texas Press, 2004.

HAVELOCK, E. *Prefácio a Platão.* Tradução de Enid Abreu Dobránzsky. Campinas:Papirus, 1996 [1963].

HERINGTON, John. The Poem of Herodotus. In: *Arion*, Third Series, Vol.1, n.3, 1991. pp.5-16.

HERODOTE. *Histoires.* Texte établi et traduit par Ph.–E. LEGRAND. Paris: Les Belles Lettres, 1956. 11 vols.

___________. *L´Égypte. Histoires, II.* Texte établi et traduit par Ph.–E. LEGRAND. Introduction et notes par Christian JACOB. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

HERODOTI *Historiae.* Recognivit brevique adnotatione critica instruxit C. HUDE. Oxford, Oxford University Press, 1988. Tomus Prior.

HERÓDOTO. *Historias.* Libro I. Texto revisado y traducido por Jaime Berenguer Amenós. Barcelona: Ediciones Alma Mater, 1960.

___________. *Historias.* Introducción, versión, notas y comentarios de Arturo Ramírez TREJO. BIBLIOTHECA SCRIPTORIVM GRAECORVM ET

ROMANORVM MEXICANA. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2008. Tomos I e II.

____________. *Histórias.* Tradução de J. Brito Broca. Clássicos Jackson. Vols. XXIII e XXIV. São Paulo: Gráfica Editôra Brasileira, 1950.

____________. *Histórias.* Livro 1º. Versão do grego e notas de José Ribeiro FERREIRA e Maria de Fátima SILVA. Lisboa: Edições 70, 1994.

____________. *Histórias.* Livro 3º. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima SILVA e Cristina ABRANCHES. Lisboa: Edições 70, 1997.

____________. *Histórias.* Livro 4º. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima SILVA e Cristina Abranches GUERREIRO. Lisboa: Edições 70, 2000.

____________. *Histórias.* Livro 6º. Introdução, versão do grego e notas de José Ribeiro FERREIRA e Delfim Ferreira LEÃO. Lisboa: Edições 70, 2000.

____________. *Histórias.* Livro 8º. Introdução de Carmem Leal SOARES. Versão do grego e notas de José Ribeiro FERREIRA e Carmem Leal SOARES. Lisboa: Edições 70, 2002.

HERODOTUS. *The Histories.* With an English translation by A.D. Godley. Cambridge: Harvard University Press. Vol. I (1975). Vol. II (1921). Vol.III (1922). Vol. IV (1969).

__________. *The Histories.* Translated by G.C. Macaulay and Revised throughout by Donald LATEINER. With an Introduction and Notes by Donald LATEINER. New York: Barnes & Nobles, 2004.

__________. *Herodotus The Persian Wars.* Translated by George RAWLINSON. New York: Randon House, 1942.

__________. *The Histories.* Translated by David GRENE. Chicago & London: University Chicago Press, 1987.

HESIOD. *Works and Days.* Edited with prolegomena and commentary by M. L. WEST. Oxford: Oxford University Press, 1996.

HESÍODO. *Los trabajos y los días.* Introduccíon, versión rítmica y notas de Paola VINALLO DE CÓRCOVA. BIBLIOTHECA SCRIPTORIVM

GRAECORVM ET ROMANORVM MEXICANA. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

___________. *Teogonía*. Estudio general, introduccíon, versión rítmica y notas de Paola VINALLO DE CÓRCOVA. BIBLIOTHECA SCRIPTORIVM GRAECORVM ET ROMANORVM MEXICANA. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

HESYCHII ALEXANDRINI LEXICON. (ed) K. LATTE. vols. 1-2. In: *THESAURUS LINGUAE GRAECAE* (TLG-E). Canon of Greek Authors and Works. Luci Berkowitz et alii. Irvine: University of Carolina, 2000.

HIPPOCRATE. *La maladie sacrée*. Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 2003. Tome II. 2re partie.

___________. *Des Vents. De l'art*. Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 1988. Tome V.

___________. *De l'ancienne medicine*. Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 1990. Tome II. 1re partie.

HOW, W.W. and WELLS, J. *A commentary on Herodotus*. Oxford: Clarendon Press, 1989 [1912]. Vol. I (Books I-IV).

___________. *A commentary on Herodotus*. Oxford: Clarendon Press, 1990 [1912]. Vol. II (Books V-IX).

HORNBLOWER, Simon. Thucydides' Use of Herodotus. In: NAGY, Gregory (ed.) *Greek Literature. Volume 5: Greek Literature in the Classical Period: the Prose of Historiography and Oratory*. New York/London: Routledge, 2001.

___________. *A commentary on Thucydides. Volume I: Books I-III.* New York: Oxford University Press Inc., 1991.

___________. *A commentary on Thucydides. Volume II: Books IV-V.24.* New York: Oxford University Press Inc., 2004 [1996].

HUNT, L. *A nova história cultural.* Tradução de Jefferson Luiz Camargo. S.P: Martins Fontes, 2001 [1992].

IMMERWAHR, H. *Form and thought in Herodotus*. Cleveland: Press of Western Reserve University, 1986 [1966].

_________. Ergon: History as a Monument in Herodotus and Thucydides. In: *The American Journal of Philology*. vol.81, No.3, 1960. pp.261-90.

IRWIN, Elizabeth & GREENWOOD, Emily. *Reading Herodotus. A Study of the* Logoi *in Book 5 of Herodotus' Histories.* New York: Cambridge University Press, 2007.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker.* CD-Rom Edition. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2005.

JOHNSON, William A. Oral Performance and the Composition of Herodotus' *Histories.* In: *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 35:3, 1994. p.229-254.

JOUANNA, Jacques. Rhétorique et medicine dans la Collection Hippocratique. Contribuition à l' histoire de la Rhétorique au V[e] siècle. In: *Revue des Études Grecques*, Vol. 97, 1984. pp.26-44.

KOSELLECK, R. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos.* Rio de Janeiro: Contraponto/PUC, 2006.

KRISCHER, Tilman. Herodots Prooimion. In: *Hermes* 93, n. 2, Berlin, 1965, pp.159-67.

LACHENAUD, Guy. *Promettre et écrire. Essais sur l'historiographie des Anciens.* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2004.

LALLOT, Jean & CONSTANTINI, Michel. Le προοίμιον est-il un proème? In: LALLOT, Jean; LE BOULLUEC, Alain; HOFFMANN, Philippe. (ed.). *Les textes et ses représentations. Études de Littérature Ancienne. Tome 3.* Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1987.

LANG, Mabel L. *Herodotean narrative and discourse*. London: Harvard University Press, 1984.

___________. Herodotus: Oral History with a Difference. In: *Proceedings of the American Philosophical Society* 128, n.2, 1984, pp.93-103.

LATEINER, Donald. *The Historical Method of Herodotus.* Toronto: University of Toronto Press, 1989.

LATTIMORE, Richmond. The Composition of the *History* of Herodotus. *Classical Philology*, vol.53, No.1, 1958. pp.9-21.

LE GOFF, J. *História e memória.* Lisboa:Ed.70, 2000.vols. I e II.

LÉVY, E. *Nouvelle Histoire de l'Antiquité.* 2. La Grèce au Ve siècle : De Clisthène à Socrate. Paris: Seuil, 1995.

LEXICON HISTORIOGRAPHICUM GRAECUM ET LATINUM (LHG&L). Leone Porciani (cord.). Pisa: Edizioni della Normale, 2007. v.2 (αλ-αφ)

LICCIARDI, Catarina. Valori di *ergon* in Erodoto. In: *Quaderni Urbinati di cultura Classica,* New Series, Vol.37, n.1, 1991, pp.71-80.

LIMA, Paulo Butti de. *L'inchiesta e la prova: imagine storiografica, pratica giuridica e retorica nella Grecia classica.* Torino: Einaudi, 1996.

LONG, T. *Repetition and variation in the short stories of Herodotus*. Beitrage zür Klassischen Philologie, vol.179. Frankfurt am Main, 1987.

LONGINO. *Do sublime.* Tradução Filomena Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LONGINUS. *On the sublime.* Translated by W.H. FYFE. Revised by Donald RUSSELL. Loeb Classical Library. London: Harvard University Press, 1995.

LÓPEZ, José Antonio Caballero. *Inicios y desarrollo de la historiografía griega: mito, política y propaganda.* Madrid: Editorial Sínteses, 2005.

LORAUX, Nicole. Thucydide a écrit la Guerre du Peloponnèse. In: *Mètis. Anthropologie des mondes anciens*, vol.1, n.1, 1986. pp.139-61

LURAGHI, Nino (ed). *The Historian's craft in the Age of Herodotus.* Oxford:OUP, 2001.

_________. The Importance of Being λόγιος. In: *Classical World,* 102.4, 2009.

LLOYD, Allan B. *Herodotus Book II. Introduction.* Leiden: Brill, 1994.

_________. Author and Audience in Thucydides' "Archaeology". Some Reflections. In: *Harvard Studies in Classical Philology* 100, 2000, pp.227-39 .

LUCIAN. *How to write history. The Dipsads. saturnalia. Herodotus or Aëtion. Zeuxis or Antiochus. A slip of the tongue in greeting. Apology for the*

salaried posts in great houses. Loeb Classical Library. London: Harvard University Press, 1999. Vol.VI.

LUCIANO DE SAMÓSATA. *Como se deve escrever a história*. Edição Bilíngue. Tradução e ensaio de Jacyntho Lins Brandão. Minas Gerais: Tessitura, 2009.

MEISTER, Klaus (Berlin); DORANDI, Tiziano (Paris); TOUWAIDE, Alain (Madrid); NEUDECKER, Richard (Rom). "Herodotus." *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and ; Helmuth Schneider . Brill, 2010. Brill Online. UNIVERSITE DE PARIS 1 Sorbonne. 09 September 2010.
<http://www.brillonline.nl.janus.biu.sorbonne.fr/subscriber/entry?entry=bnp_e511320>

MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: CUP, 1997.

___________. (ed.) *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Volume I. Oxford: Blackwell, 2007.

MOLES, John. Anathema and ktema: the Inscriptional Inheritance of Ancient Historiography. In: *Histos* 3, 1999.
(http://www.dur.ac.uk/classics/histos/1999/moles.html)

MOMIGLIANO, A. *La historiografia griega.* Barcelona: Grijalbo, 1984.

___________. *Problèmes d'historiographie ancienne et moderne.* Paris: Gallimard, 1985.

___________. The Historians of the Classical World and Their Audiences [1978]. In: NAGY, Gregory (ed.) *Greek Literature. Volume 5: Greek Literature in the Classical Period: the Prose of Historiography and Oratory.* New York/London: Routledge, 2001.

MUNSON, Rosaria Vignolo. *Telling Wonders. Ethnographic and Political Discourse in the Work of Herodotus.* Ann Arbor: University of Michigan Press, 2001.

___________. Herodotus' Use of Prospective Sentences and the Story of Rhampsinitus and the Thief in the *Histories*. In: *The American Journal of Philology*, Vol.114. n.1, 1993, pp.27-44

MYRES, John L. *Herodotus. Father of History*. Oxford: Clarendon Press, 1999 [1953].

___________. História e biografia. In: FINLEY, M. (org). *O legado da Grécia. Uma nova avaliação.* Brasília: Ed. da UnB, 1998.

NAGY, G. Herodotus the *Logios*. In: *Arethusa* 20, 1987.

_________. *Pindar'Homer: the lyric possession of an epic past*. Baltimore and London: 1990.

NORDEN, Eduard. *La prosa artistíca griega: de los orígenes a la edad augustea.* México D.F: Universidad Nacional Autónoma de México, 2000.

OLSON, S. Douglas, SENS, Alexander. *Archestratos of Gela. Greek Culture and Cuisine in the Fourth Century BCE*. New York: Oxford University Press Inc., 2003.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem. *DELTA*, São Paulo, v. 18, n. 1, 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102445020020001000058&l=en&nrm=iso>. access on 10 Oct. 2010. doi: 10.1590/S0102-44502002000100005.

PAYEN, Pascal. Discours historique et structures narratives chez Hérodote. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales* 3 (1990). Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.

__________. Les Îles Nomades: Conquérir et résister dans l'*Enquête* d'Hérodote. Paris: Éditions de l'EHESS, 1997.

___________. Les citations des historiens dans les traités rhétoriques de Denys d'Halicarnasse. In: DARBO-PESCHANSKI,Catherine (dir.).*La citation dans l' antiquité*. Grenoble : Éditions Jérôme Millon, 2004.

___________. Histoire et intrigue dans l'*Enquête* d'Hérodote. In: Vox Poetica, 2006. (http://www.vox-poetica.com/t/payen.html)

PELLICCIA, Hayden. Sappho 16, Gorgias' *Helen*, and the preface to Herodotus' *Histories*. In: DUNN, Francis M. and COLE, Thomas. *Yale Classical Studies. Vol. XXIX. Beginnins in Classical Literature.* New York: Cambridge University Press, 1992.

PELLING, Christopher. Homer and Herodotus. In: CLARKE, M.J. CURRIE, B.G.F. LYNE, R.O.M. *Epic Interactions. Perspectives on Homer, Virgil, and the Epic Tradition Presented to Jasper Griffin by Former Pupils.* New York: Oxford Universiy Press, 2006.

PERNOT, Laurent. « Le plus panégyrique des historiens ». In : *Ktema*, 20, 1995. pp.125-36.

PETERS, F.E. *Termos filosóficos gregos. Um léxico histórico.* Tradução de Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983 [1974].

PIGOŃ, Jakub (ed.). *The Children of Herodotus : Greek and Roman Historiography and Related Genres.* Newcastle : Cambridge Scholars Publishing, 2008.

PINDARE. *Pythiques.* Tome II. Texte établi et traduit par Aimé PUECH. Paris: Belles Lettres, 1955.

PIRES, Francisco Murari. Prologue historiographique et proème épique : les principes de la narration en Grèce ancienne. In : *Quaderni di Storia.* n.58. Bari: Edizioni Dedalo, 2003.

PLATON. *Oeuvres Complètes. Tome I. Introduction. Hippias Mineur. Alcibiade. Apologie de Socrate. Euthufron. Criton.* Texte établi et traduit par Maurice CROISET. Paris : Les Belles Lettres, 1925.

________. *Oeuvres Complètes. Tome II. Hippias Majeur. Charmide. Lachès. Lysis.* Texte établi et traduit par Alfred CROISET. Paris : Les Belles Lettres, 1949.

PORCIANI, Leone. *La forma proemiale. Storiografia e pubblico nel mondo antico.* Pisa: Scuola Normale Superiore, 1997.

________. *Prime forme della storiografia greca. Prospettiva locale e generale nella narrazione storica.* Sttutgart: Steiner, 2001.

________. Allusioni Erodotee. A proposito della 'pubblicazione' delle *Storie*. In : GIANGIULIO, Maurizio (a cura di). *Erodoto e il 'modello erodoteo'. Formazione e trasmissione delle tradizioni storiche in Grecia*. Trento : Editrice Università degli Studi di Trento, 2005.

POWELL, J.E. *A lexicon to Herodotus.* Hildesheim: Georg Olms, 1977.

"PROOIMION" *Suda On Line*. Tr. David WHITEHEAD. 3 March 2004. 9 September 2008. <http://stoa.org/sol-entries/pi/2899>

QUINTILIANUS, M. Fabius. *Institutio Oratoria* (*M. Fabi Quintiliani Institutionis Oratoriae Libri Duodecim*. Vols. 1–2, ed. M. Winterbottom, 1970). In: PHI CD-ROM #5.3. California: Packard Humanities Institute, 1991.

RACE, William H. How Greek poems begin. In: DUNN, Francis M. and COLE, Thomas. *Yale Classical Studies. Vol. XXIX. Beginnins in Classical Literature.* New York: Cambridge University Press, 1992.

RIBEIRO, Tatiana O. Ὄλβος: *uma discussão axiológica nas* Histórias *de Heródoto*. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGLC, 2005. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas.

ROCHA, Sandra Lúcia R. da. *Logos, Writing and Persuasion in Thucydides' History.* Thesis submitted to the University of London for the Degree of Doctor of Philosophy, 2008.

ROOM, James. *Herodotus.* New Haven and London: Yale University Press, 1998.

ROSÉN, Von Haiim B. Ιστορίης ἀπόδεξις. Ein Problem der herodotischen Textkritik. In *Glotta* LXXI, 146-153, 1993.

RÖSLER, Wolfgang. La genèse des *Histoires* d'Hérodote. In: *Europe* 945-6: *Historiens de l'Antiquité*, 2008.

ROUSSEAU, Philippe. 'L'intrigue de Zeus'. In: *Europe*, n.865, 2001. pp.120-158.

RÜPKE, Jörg (Efurt). "Epideixis." *Brill's New Pauly.* Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and ; Helmuth Schneider . Brill, 2010. Brill Online. UNIVERSITE DE PARIS 1 Sorbonne. 09 September 2010. <http://www.brillonline.nl.janus.biu.sorbonne.fr/subscriber/entry?entry=bnp_e331900>

SAUGE, André. *De l'épopée à l'histoire. Fondement de la notion d'historié.* Frannkfurt am Main: Verlag Peter Lang, 1992 (Publications universitaires européennes: ser.XV; Philologie et literature Classiques: vol.57).

SCHIMD, W. s.v. Epídeixis in WISSOVA, G. (Her.) *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, band VI,1. Stuttgart: J.B Metzlerche, 1907. col.53-56.

SCHINKEL, A. Imagination as a category of History: an essay concerning Koselleck' s concepts of *Erfahrungsraum* and *Erwartungshorizont*. In: *History and Theory* 44, February, 2005.

SHEETS, George A. *Herodotus Book I.* Bryn Mawr Commentaries. Pennsylvania: Bryn Mawr College, 1993.

SNELL, B. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu.* S.P: Perspectiva, 2001 [1955].

STADTER, Philip. Herodotus and The North Carolina Oral Narrative Tradition. In: *Histos* 1, 1997. pp.1-23.

STRASSLER, Robert B (ed.). *The Landmark Herodotus : The Histories.* A New Translation by Andrea L. PURVIS with Maps, Annotations, Appendices, and Encyclopedic Index. With an Introduction by Rosalind THOMAS. New York: Anchor Books, 2009 [2007].

SVENBRO, Jesper. *Phrasikleia. An Anthropology of Reading in Ancient Greece.* Translated by Janet Lloyd. Ithaca and London : Cornell University Press, 1993 [1988].

THESAURUS LINGUAE GRAECAE (TLG-E). Canon of Greek Authors and Works. Luci Berkowitz et alii. Irvine: University of Carolina, 2000.

THOMAS, Rosalind. *Herodotus in context. Ethnography, Science and The Art of Persuasion.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

__________. *Letramento e Oralidade na Grécia Antiga.* Trad. Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005. [Literacy and Orality in Ancient Greece, 1999]

THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponèse.* Livre I. Texte établi et traduit par Jacqueline de ROMILLY. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

__________. *La Guerre du Péloponèse.* Livres VI et V. Texte établi et traduit par Louis BODIN et Jacqueline de ROMILLY. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

__________. *La Guerre du du Péloponnèse.* Livres VI et V. Texte établi et traduit par Jacqueline de ROMILLY. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

"THUCYDIDES". *Suda On Line*. Tr. Ross SCAIFE. 6 October 1999. 15 August 2008. <http://www.stoa.org/sol-entries/theta/414>

TUCÍDIDES. *História da História da Guerra do Peloponeso*. Livro I. Tradução e apresentação de Anna Lia A. de Almeida PRADO. Texto grego estabelecido por Jacqueline de ROMILLY. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TRATADOS HIPOCRÁTICOS. *Juramento. Ley. La ciencia médica. Sobre la medicina Antigua. Sobre el médico. Sobre la decencia. Aforismos. Preceptos. El prognóstico. Sobre la dieta en las enfermidades agudas. Sobre la enfermedad sagrada.* Intoruciones, traducciones y notas por Carlos GARCÍA GUAL, Ma. D. Lara NAVA, J.A. LÓPEZ FEREZ, B. CABELLOS ÁLVAREZ. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

VAN WESS, Hans et alii (eds.) *Brill's companion to Herodotus.* Leiden, Boston, Köln: Brill, 2002.

VEYNE, P. *Como se escreve história.* Tradução de António José da Silva Moreira. Lisboa: Ed 70. s/d.

VIDAL-NAQUET, P. *Os gregos, os historiadores, a democracia. O grande desvio.* Tradução de Jônatas Batista Neto. S.P: Cia das Letras, 2002 [2000].

WALKER, Jeffrey. *Rhetoric and Poetics in Antiquity.* New York: Oxford University Press, 2000.

WATERS, K.H. *Heródoto el historiador. Sus problemas, métodos y originalidad.* México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

WATERFIELD, Robin. On "Fussy Authorial Nudges" in Herodotus. In: *Classical World*, 102.4, 2009.

WĘCOWSKI, Marek. The Hedgehog and The Fox Form and Meaning in the Prologue of Herodotus. In: *Journal of Hellenic Studies*, vol. 124, 2004. pp.143-64.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso. Ensaio sobre a crítica da cultura*. S.P: Editora da USP, 1994.

WOODMAN, A.J. Preconceptions and Practicalities: Thucydides. In: _______. *Rethoric in Classical Historiography. Four Studies.* London and New York: Routledge, 2004 [1998].

ZANGARA, Adriana. *Voir l' histoire. Théories anciennes du récit historique.* Paris: Vrin/ Éditions de l'EHESS, 2007.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007 [1990]

I.160, 1-4

Ταῦτα ὡς ἀπενειχθέντα ἤκουσαν οἱ Κυμαῖοι, οὐ βουλόμενοι οὔτε ἐκδόντες ἀπολέσθαι οὔτε παρ' ἑωυτοῖσι ἔχοντες πολιορκέεσθαι, ἐκπέμπουσι αὐτὸν ἐς Μυτιλήνην. Οἱ δὲ Μυτιληναῖοι ἐπιπέμποντος τοῦ Μαζάρεος ἀγγελίας ἐκδιδόναι τὸν Πακτύην παρεσκευάζοντο ἐπὶ μισθῷ ὅσῳ δή· οὐ γὰρ ἔχω τοῦτό γε εἰπεῖν ἀτρεκέως· οὐ γὰρ ἐτελεώθη· Κυμαῖοι γὰρ ὡς ἔμαθον ταῦτα πρησσόμενα ἐκ τῶν Μυτιληναίων, πέμψαντες πλοῖον ἐς Λέσβον ἐκκομίζουσι Πακτύην ἐς Χίον. Ἐνθεῦτεν δὲ ἐξ ἱροῦ Ἀθηναίης Πολιούχου ἀποσπασθεὶς ὑπὸ Χίων ἐξεδόθη. Ἐξέδοσαν δὲ οἱ Χῖοι ἐπὶ τῷ Ἀταρνέϊ μισθῷ. Τοῦ δὲ Ἀταρνέος τούτου ἐστὶ χῶρος τῆς Μυσίης, Λέσβου ἀντίος. Πακτύην μέν νυν παραδεξάμενοι οἱ Πέρσαι εἶχον ἐν φυλακῇ, θέλοντες Κύρῳ ἀποδέξαι.

Quando os cimeus ouviram o que lhe fora relatado, não querendo perecer por tê-lo entregado (Páctias), nem serem sitiados por o terem junto a eles, enviaram-no a Mitilene. Os mitilenenses, como Mazares, enviando mensagens, os pressionava a entregar Páctias, preparavam-se para fazê-lo por certo soldo, não posso dizer isso com precisão, pois não se cumpriu; os cimeus, quando souberam que os mitilenenses preparavam esste negócio, enviaram um navio a Lesbos e transportaram Páctias para Quios. E ali foi arrancado do templo de Atena, patrona da cidade, e foi entregue pelos de Quios. Os de Quios o entregaram em troca de Artanéa. Este Artanéa é um território da Mísia, em frente de Lesbos. Os persas então receberam Páctias e o tinham sob custódia, pois queriam mostrá-lo a Ciro.

VI. 86 β-γ 1

Ὁ μὲν δὴ ἀπὸ Μιλήτου ἥκων ξεῖνος τοσαῦτα ἔλεξε, Γλαῦκος δὲ ἐδέξατο τὴν παρακαταθήκην ἐπὶ τῷ εἰρημένῳ λόγῳ. Χρόνου δὲ πολλοῦ διελθόντος ἦλθον ἐς Σπάρτην τούτου τοῦ παραθεμένου τὰ χρήματα οἱ παῖδες, ἐλθόντες δὲ ἐς λόγους τῷ Γλαύκῳ καὶ ἀποδεικνύντες τὰ σύμβολα ἀπαίτεον τὰ χρήματα. Ὁ δὲ διωθέετο ἀντυποκρινόμενος τοιάδε· «Οὔτε μέμνημαι τὸ πρῆγμα οὔτε με περιφέρει οὐδὲν εἰδέναι τούτων τῶν ὑμεῖς λέγετε· βούλομαι δὲ ἀναμνησθεὶς ποιέειν πᾶν τὸ δίκαιον, καὶ γὰρ εἰ ἔλαβον, ὀρθῶς ἀποδοῦναι, καὶ εἴ γε ἀρχὴν μὴ ἔλαβον, νόμοισι τοῖσι Ἑλλήνων χρήσομαι ἐς ὑμέας. Ταῦτα ὦν ὑμῖν ἀναβάλλομαι κυρώσειν ἐς τέταρτον μῆνα ἀπὸ τοῦδε.»

O estrangeiro chegado de Mileto disse tantas coisas, e Glauco recebeu o depósito na condição que fora dita. Transcorrido muito tempo, chegaram a Esparta os filhos do que proveu as riquezas, e, tendo conversado com Glauco e lhe mostrado as marcas, reclamavam as riquezas. Ele se recusou respondendo o seguinte: Não me lembro desse fato nem me lembro saber nada do que vós dizeis; Mas, se me recordar, quero fazer tudo o que é justo, com retidão, devolver, caso tenha recebido, e se não recebi absolutamente, valerei das leis dos gregos para convosco. Então vos adio a confirmação disso para o quarto mês a partir deste.

IX, 80, 1-3
Παυσανίης δὲ κήρυγμα ποιησάμενος μηδένα ἅπτεσθαι τῆς ληίης, συγκομίζειν ἐκέλευσε τοὺς εἵλωτας τὰ χρήματα. Οἱ δὲ ἀνὰ τὸ στρατόπεδον σκιδνάμενοι εὕρισκον σκηνὰς κατεσκευασμένας χρυσῷ καὶ ἀργύρῳ, κλίνας τε ἐπιχρύσους καὶ ἐπαργύρους, κρητῆράς τε χρυσέους καὶ φιάλας τε καὶ ἄλλα ἐκπώματα· σάκκους τε ἐπ' ἁμαξέων εὕρισκον, ἐν τοῖσι λέβητες ἐφαίνοντο ἐνεόντες χρύσεοί τε καὶ ἀργύρεοι· ἀπό τε τῶν κειμένων νεκρῶν ἐσκύλευον ψέλιά τε καὶ στρεπτοὺς καὶ τοὺς ἀκινάκας, ἐόντας χρυσέους, ἐπεὶ ἐσθῆτός γε ποικίλης λόγος ἐγίνετο οὐδείς. Ἐνθαῦτα πολλὰ μὲν κλέπτοντες ἐπώλεον πρὸς τοὺς Αἰγινήτας οἱ εἵλωτες, πολλὰ δὲ καὶ ἀπεδείκνυσαν, ὅσα αὐτῶν οὐκ οἷά τε ἦν κρύψαι·

Pausânias, tendo sancionado um decreto de que ninguém tocasse no butim, ordenou que os ilotas recolhessem os bens. Os que estavam dispersos pelo acampamento encontravam tendas ornamentadas de ouro e prata, leitos laminados em ouro e prata, crateras de ouro e também taças e outros vasos; encontravam sobre os carros bolsas, nas quais caldeiras refulgiam em ouro e prata; dos cadáraveres jazentes despojavam braceletes, os colares e ossabres, que eram de ouro, já que nenhum interesse havia pela veste bordada. Tendo então muitas coisas roubado, os ilotas as vendiam aos eginetas, e também muitas coisas mostraram, tantas quantas não era possível ocultar.

VII, 50, 1-2
Ἀμείβεται Ξέρξης τοῖσδε· «Ἀρτάβανε, οἰκότως μὲν σύ γε τούτων ἕκαστα διαιρέαι, ἀτὰρ μήτε πάντα φοβέο μήτε πᾶν ὁμοίως ἐπιλέγεο. Εἰ γὰρ δὴ βούλοιο ἐπὶ τῷ αἰεὶ ἐπεσφερομένῳ πρήγματι τὸ πᾶν ὁμοίως ἐπιλέγεσθαι, ποιήσειας ἂν οὐδαμὰ οὐδέν· κρέσσον δὲ πάντα θαρσέοντα ἥμισυ τῶν δεινῶν πάσχειν μᾶλλον

ἢ πᾶν χρῆμα προδειμαίνοντα μηδαμὰ μηδὲν ποιέειν. Εἰ δὲ ἐρίζων πρὸς πᾶν τὸ λεγόμενον μὴ τὸ βέβαιον ἀποδέξεις, σφάλλεσθαι ὀφείλεις ἐν αὐτοῖσι ὁμοίως καὶ ὁ ὑπεναντία τούτοισι λέξας· τοῦτο μέν νυν ἐπ' ἴσης ἔχει. Εἰδέναι δὲ ἄνθρωπον ἐόντα κῶς χρὴ τὸ βέβαιον; Δοκέω μὲν οὐδαμῶς. Τοῖσι τοίνυν βουλομένοισι ποιέειν ὡς τὸ ἐπίπαν φιλέει γίνεσθαι τὰ κέρδεα, τοῖσι δὲ ἐπιλεγομένοισί τε πάντα καὶ ὀκνέουσι οὐ μάλα ἐθέλει.

Xerxes respondeu o seguinte: "Aratábano, convenientemente tu explicas cada uma dessas coisas, entretanto, não temas tudo isto nem consideres igualmente tudo. Se tu quisesses considerar igualmente tudo pelo fato de que sempre acontece, jamais farias nada; é melhor, tomando confiadamente tudo, sofrer metade dos males do que, temendo de antemão todo acontecimento, jamais fazer nada. Se, pondo em disputa tudo o que é dito, não deres como prova o que é seguro, falharás em tudo assim como o que disse o contrário a isso; mas, sendo homem, como se deve saber o que é seguro? Parece-me que de modo algum. Para os que querem fazer, em geral os logros costumam acontecer, mas para os que tudo analisam e diferem e temem, não o querem absolutamente.

II. 177

Ἐπ' Ἀμάσιος δὲ βασιλέος λέγεται Αἴγυπτος μάλιστα δὴ τότε εὐδαιμονῆσαι καὶ τὰ ἀπὸ τοῦ ποταμοῦ τῇ χώρῃ γινόμενα καὶ τὰ ἀπὸ τῆς χώρης τοῖσι ἀνθρώποισι, καὶ πόλις ἐν αὐτῇ γενέσθαι τὰς ἁπάσας τότε δισμυρίας τὰς οἰκεομένας. Νόμον δὲ Αἰγυπτίοισι τόνδε Ἄμασίς ἐστι ὁ καταστήσας, ἀποδεικνύναι ἔτεος ἑκάστου τῷ νομάρχῃ πάντα τινὰ Αἰγυπτίων ὅθεν βιοῦται· μὴ δὲ ποιεῦντα ταῦτα μηδὲ ἀποφαίνοντα δικαίην ζόην ἰθύνεσθαι θανάτῳ. Σόλων δὲ ὁ Ἀθηναῖος λαβὼν ἐξ Αἰγύπτου τοῦτον τὸν νόμον Ἀθηναίοισι ἔθετο· τῷ ἐκεῖνοι ἐς αἰεὶ χρέωνται, ἐόντι ἀμώμῳ νόμῳ.

Diz-se que, no tempo do rei Amásis, o Egito foi ainda muitíssimo próspero e também o que se originou do rio para o território e deste para os homens, havia um total de vinte mil cidades habitadas no território. E Amásis foi quem estabeleceu a seguinte lei para os egípcios: a cada ano cada um dos egípcios deveria mostrar ao monarca de onde vinha sua subsistência; se não fizesse isso nem manifestasse com clareza uma vida honesta, era punido com a morte. Sólon, o ateniense, tendo

tomado do Egito esta lei, adotou-a para os atenienses; eles sempre fazem uso dela, que é uma lei irrepreensível.

VII. 118-119,1
Οἱ δὲ ὑποδεκόμενοι Ἑλλήνων τὴν στρατιὴν καὶ δειπνίζοντες Ξέρξην ἐς πᾶν κακοῦ ἀπίκατο οὕτω ὥστε ἀνάστατοι ἐκ τῶν οἴκων ἐγίνοντο· ὅκου γε Θασίοισι ὑπὲρ τῶν ἐν τῇ ἠπείρῳ πολίων τῶν σφετέρων δεξαμένοισι τὴν Ξέρξεω στρατιὴν καὶ δειπνίσασι Ἀντίπατρος ὁ Ὀργέος ἀραιρημένος, τῶν ἀστῶν ἀνὴρ δόκιμος ὅμοια τῷ μάλιστα, ἀπέδεξε ἐς τὸ δεῖπνον τετρακόσια τάλαντα ἀργυρίου τετελεσμένα. 119. Ὣς δὲ παραπλησίως καὶ ἐν τῇσι ἄλλῃσι πόλισι οἱ ἐπεστεῶτες ἀπεδείκνυσαν τὸν λόγον. Τὸ γὰρ δεῖπνον τοιόνδε τι ἐγίνετο, οἷα ἐκ πολλοῦ χρόνου προειρημένον καὶ περὶ πολλοῦ ποιευμένων.

Os gregos que acolhiam o exército e ofereciam um banquete a Ciro chegaram à total desgraça; de modo que foram afastados de suas casas, quando Antípatro, filho de Orges, um homem estimado ao máximo dentre os da cidade, tendo sido eleito, deu provas aos tásios de que, em prol das suas cidades que estavam no continente haviam acolhido ao exército de Xerxes e oferecido-lhe um banquete, para o banquete haviam gastado quatrocentos talentos de prata. 119. De modo semelhante também nas outras cidades, os chefes apresentaram esse discurso, pois tal banquete aconteceu, como há muito tempo havia sido dito e por muito estimado.

II.133, 4-5
Ταῦτα ἀκούσαντα τὸν Μυκερῖνον, ὡς κατακεκριμένων ἤδη οἱ τούτων, λύχνα ποιησάμενον πολλά, ὅκως γίνοιτο νύξ, ἀνάψαντα αὐτὰ πίνειν τε καὶ εὐπαθέειν, οὔτε ἡμέρης οὔτε νυκτὸς ἀνιέντα, ἔς τε τὰ ἕλεα καὶ τὰ ἄλσεα πλανώμενον καὶ ἵνα πυνθάνοιτο εἶναι ἐνηβητήρια ἐπιτηδεότατα. Ταῦτα δὲ ἐμηχανᾶτο θέλων τὸ μαντήιον ψευδόμενον ἀποδέξαι, ἵνα οἱ δυώδεκα ἔτεα ἀντὶ ἓξ ἐτέων γένηται, αἱ νύκτες ἡμέραι ποιεύμεναι.

Tendo Micerino escutado que isso já lhe estava decretado, tendo feito muitas tochas, quando fez-se noite, tendo-as acendido, bebia e entregava-se aos prazeres, não parando nem de dia nem de noite, vagando pelos pântanos e bosques e por onde sabia haver os melhores lugares de diversão. Planejou essas coisas querendo demonstrar que o oráculo mentira, para que, em vez de seis anos, tornassem-se doze para ele, as noites tornando-se dias.

II.142, 1
Ἐς μὲν τοσόνδε τοῦ λόγου Αἰγύπτιοί τε καὶ οἱ ἱρέες ἔλεγον, <u>ἀποδεικνύντες</u> ἀπὸ τοῦ πρώτου βασιλέος ἐς τοῦ Ἡφαίστου τὸν ἱρέα τοῦτον τὸν τελευταῖον βασιλεύσαντα μίαν τε καὶ τεσσεράκοντα καὶ τριηκοσίας ἀνθρώπων γενεὰς γενομένας καὶ ἐν ταύτῃσι ἀρχιερέας καὶ βασιλέας ἑκατέρους τοσούτους γενομένους.

Até esse ponto do relato, os egípcios e os sacerdotes diziam, demonstrando que do primeiro rei até o sacerdote de Hefestos, o que por último reinou, houve trezentas e quarenta e uma gerações de homens, e entre elas houve sumo sacerdotes e reis em igual número.

II.144, 1
Ἤδη ὧν τῶν αἱ εἰκόνες ἦσαν, τοιούτους <u>ἀπεδείκνυσάν</u> σφεας πάντας ἐόντας, θεῶν δὲ πολλὸν ἀπαλλαγμένους. Τὸ δὲ πρότερον τῶν ἀνδρῶν τούτων θεοὺς εἶναι τοὺς ἐν Αἰγύπτῳ ἄρχοντας οἰκέοντας ἅμα τοῖσι ἀνθρώποισι, καὶ τούτων αἰεὶ ἕνα τὸν κρατέοντα εἶναι.

Então havia estátuas deles, e demonstraram ser de tais espécies todas elas, e muito diferentes dos deuses. Antes desses homens, deuses governavam o Egito, habitando junto com os homens, e desses sempre um único era o que detinha o poder.

VII. 17
Τοσαῦτα εἴπας Ἀρτάβανος, ἐλπίζων Ξέρξην <u>ἀποδέξειν</u> λέγοντα οὐδέν, ἐποίεε τὸ κελευόμενον· ἐνδὺς δὲ τὴν Ξέρξεω ἐσθῆτα καὶ ἱζόμενος ἐς τὸν βασιλήιον θρόνον ὡς μετὰ ταῦτα κοῖτον ἐποιέετο, ἦλθέ οἱ κατυπνωμένῳ τὠυτὸ ὄνειρον τὸ καὶ παρὰ Ξέρξην ἐφοίτα, ὑπερστὰν δὲ τοῦ Ἀρταβάνου εἶπε ἄρα τάδε· «Σὺ δὴ κεῖνος εἶς ὁ ἀποσπεύδων Ξέρξην στρατεύεσθαι ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα ὡς δὴ κηδόμενος αὐτοῦ; Ἀλλ' οὔτε ἐς τὸ μετέπειτα οὔτε ἐς τὸ παραυτίκα νῦν καταπροΐξεαι ἀποτρέπων τὸ χρεὸν γενέσθαι· Ξέρξην δὲ τὰ δεῖ ἀνηκουστέοντα παθεῖν, αὐτῷ ἐκείνῳ δεδήλωται.»

Tendo dito tais coisas Artábano, na esperança de demonstrar que Xerxes nada dizia, fazia o que era ordenado; tendo vestido os trajes de Xerxes e sentando-se no trono real como depois disso se deitava, veio a ele que estava profundamente adormecido o mesmo sonho que vinha frequentemente a Xerxes, e postado atrás de Artábano disse então isso: “Tu és o que dissuade a Xerxes de marchar contra a Grécia, por que

te preocupas com ele? Mas, nem depois nem agora mesmo ficarás impune, afastando o que deve ser; Xerxes, por que desobedece, deve sofrer, a ele isso foi evidenciado.

V.94

Οὕτω μὲν ταῦτα ἐπαύσθη. Ἱππίῃ δὲ ἐνθεῦτεν ἀπελαυνομένῳ ἐδίδου μὲν Ἀμύντης ὁ Μακεδὼν Ἀνθεμοῦντα, ἐδίδοσαν δὲ Θεσσαλοὶ Ἰωλκόν· ὁ δὲ τούτων μὲν οὐδέτερα αἱρέετο, ἀνεχώρεε δὲ ὀπίσω ἐς Σίγειον, τὸ εἷλε Πεισίστρατος αἰχμῇ παρὰ Μυτιληναίων, κρατήσας δὲ αὐτοῦ κατέστησε τύραννον εἶναι παῖδα τὸν ἑωυτοῦ νόθον Ἡγησίστρατον, γεγονότα ἐξ Ἀργείης γυναικός, ὃς οὐκ ἀμαχητὶ εἶχε τὰ παρέλαβε παρὰ Πεισιστράτου. Ἐπολέμεον γὰρ ἔκ τε Ἀχιλληίου πόλιος ὁρμώμενοι καὶ Σιγείου ἐπὶ χρόνον συχνὸν Μυτιληναῖοί τε καὶ Ἀθηναῖοι, οἱ μὲν ἀπαιτέοντες τὴν χώρην, Ἀθηναῖοι δὲ οὔτε συγγινωσκόμενοι ἀποδεικνύντες τε λόγῳ οὐδὲν μᾶλλον Αἰολεῦσι μετεὸν τῆς Ἰλιάδος χώρης ἢ οὐ καὶ σφίσι καὶ τοῖσι ἄλλοισι, ὅσοι Ἑλλήνων συνεπρήξαντο Μενέλεῳ τὰς Ἑλένης ἁρπαγάς.

Assim então terminou. E a Hípias, que dali partia, o macedônio Amintas dava Antemunte, e os tessálios davam-lhe Iolco; coisa alguma exigia deles, mas marchava de regresso a Sigeia, que Pisístrato tomou, pelas armas, dos mitilenos, e tendo-se apoderado dele, estabeleceu que o próprio filho bastardo, Hegesístrato, nascido de uma mulher argiva, fosse tirano. Ele que, não sem combate, tinha o que recebeu de Pisístrato. Guerreavam por longo tempo, marchando da cidade de Aquileio e Sigeo, mitilenos e atenienses, aqueles que exigiam seu território, os atenienses não reconhecendo e demonstrando com argumentos que os eólios não tinham mais direito sobre o territótio de Tróia que eles e os demais, todos os gregos que vingaram com Menelau o rapto de Helena.

V.22

Ἕλληνας δὲ εἶναι τούτους τοὺς ἀπὸ Περδίκκεω γεγονότας, κατά περ αὐτοὶ λέγουσι, αὐτός τε οὕτω τυγχάνω ἐπιστάμενος καὶ δὴ καὶ ἐν τοῖσι ὄπισθε λόγοισι ἀποδέξω ὡς εἰσὶ Ἕλληνες, πρὸς δὲ καὶ οἱ τὸν ἐν Ὀλυμπίῃ διέποντες ἀγῶνα Ἑλληνοδίκαι οὕτω ἔγνωσαν εἶναι. Ἀλεξάνδρου γὰρ ἀεθλεύειν ἑλομένου καὶ καταβάντος ἐπ' αὐτὸ τοῦτο οἱ ἀντιθευσόμενοι Ἑλλήνων ἐξεῖργόν μιν, φάμενοι οὐ βαρβάρων ἀγωνιστέων εἶναι τὸν ἀγῶνα ἀλλὰ Ἑλλήνων. Ἀλέξανδρος δὲ ἐπειδὴ ἀπέδεξε ὡς εἴη Ἀργεῖος, ἐκρίθη τε εἶναι Ἕλλην καὶ ἀγωνιζόμενος στάδιον συνεξέπιπτε τῷ πρώτῳ.

São gregos esses descendentes de Pérdicas, conforme eles mesmos dizem, eu mesmo assim o sei por acaso e também demostrarei em relatos posteriores que são gregos, além disso, os juízes dos jogos em Olímpia reconheceram ser assim. Pois tendo sido Alexandre escolhido para competir e tendo descido, os gregos que competiram na corrida o excluíam da prova, mostrando que o combate não devia ser dos lutadores bárbaros, mas dos gregos. E quando Alexandre provou que era argivo, foi considerado grego e competindo no estádio, foi sorteado o primeiro.

VI. 53
Ταῦτα μὲν Λακεδαιμόνιοι λέγουσι μοῦνοι Ἑλλήνων, τάδε δὲ κατὰ τὰ λεγόμενα ὑπ' Ἑλλήνων ἐγὼ γράφω, τούτους γὰρ δὴ τοὺς Δωριέων βασιλέας μέχρι μὲν δὴ Περσέος τοῦ Δανάης, τοῦ θεοῦ ἀπεόντος, καταλεγομένους ὀρθῶς ὑπ' Ἑλλήνων καὶ <u>ἀποδεικνυμένους</u> ὡς εἰσὶ Ἕλληνες· ἤδη γὰρ τηνικαῦτα ἐς Ἕλληνας οὗτοι ἐτέλεον. Ἔλεξα δὲ μέχρι Περσέος τοῦδε εἵνεκα, ἀλλ' οὐκ ἀνέκαθεν ἔτι ἔλαβον, ὅτι οὐκ ἔπεστι ἐπωνυμίη Περσέϊ οὐδεμία πατρὸς θνητοῦ, ὥσπερ Ἡρακλέϊ Ἀμφιτρύων· ἤδη ὦν ὀρθῷ λόγῳ χρεωμένῳ μέχρι Περσέος ὀρθῶς εἴρηταί μοι. Ἀπὸ δὲ Δανάης τῆς Ἀκρισίου καταλέγοντι τοὺς ἄνω αἰεὶ πατέρας αὐτῶν φαινοίατο ἂν ἐόντες οἱ τῶν Δωριέων ἡγεμόνες Αἰγύπτιοι ἰθαγενέες.

Dentre os gregos, somente os lacedemônios dizem isso, e as outras coisas segundo o que é dito pelos gregos eu escrevo que estes reis dórios são enumerados corretamente pelos gregos até Perseu, filho de Dânae, excluindo a divindade, e provam que são gregos: estes já nessa altura eram considerados gregos. Disse até Perseus por isso, mas não tomei ainda desde as origens, porque a Perseu nenhum sobrenome de pai mortal é atribuído, como Anfitrão em relação a Héracles; então, eu disse isso corretamente, utilizando uma correta expressão, até Perseu. Quem reconstituísse a ascendência a partir de Dânae, filha de Acrísio, mostraria que os chefes dos dórios são egípcios genuínos.

IV. 8, 1-2
Σκύθαι μὲν ὧδε ὑπὲρ σφέων τε αὐτῶν καὶ τῆς χώρης τῆς κατύπερθε λέγουσι, Ἑλλήνων δὲ οἱ τὸν Πόντον οἰκέοντες ὧδε. Ἡρακλέα ἐλαύνοντα τὰς Γηρυόνεω βοῦς ἀπικέσθαι ἐς γῆν ταύτην ἐοῦσαν ἐρήμην, ἥντινα νῦν Σκύθαι νέμονται. Γηρυόνην δὲ οἰκέειν ἔξω τοῦ Πόντου, κατοικημένον τὴν Ἕλληνες λέγουσι Ἐρύθειαν νῆσον, τὴν πρὸς Γηδείροισι τοῖσι ἔξω Ἡρακλέων στηλέων ἐπὶ τῷ

Ὠκεανῷ· τὸν δὲ Ὠκεανὸν λόγῳ μὲν λέγουσι ἀπὸ ἡλίου ἀνατολέων ἀρξάμενον γῆν περὶ πᾶσαν ῥέειν, ἔργῳ δὲ οὐκ ἀποδεικνύουσι.

Assim, então, falam os citas sobre si mesmos e sobre seu território a norte, mas deste modo os gregos que habitam o Ponto: Héracles, guiando as vacas de Gerião, chegou a esta terra deserta, que agora habitam os citas. Gerião morava além do Ponto, habitando a ilha que os gregos chamam Eriteia, que está no Oceano, perto de Gadira, fora das colunas de Héracles. Em verdade, dizem que o Oceano, iniciando-se nas nascentes do sol, flui em torno de toda a terra, mas não o provam de fato.

I.153, 1-2

Ταῦτα εἰπόντος τοῦ κήρυκος λέγεται Κῦρον ἐπειρέσθαι τοὺς παρεόντας οἱ Ἑλλήνων τίνες ἐόντες ἄνθρωποι Λακεδαιμόνιοι καὶ κόσοι πλῆθος ταῦτα ἑωυτῷ προαγορεύουσι. Πυνθανόμενον δέ μιν εἰπεῖν πρὸς τὸν κήρυκα τὸν Σπαρτιήτην· «Οὐκ ἔδεισά κω ἄνδρας τοιούτους, τοῖσί ἐστι χῶρος ἐν μέσῃ τῇ πόλι ἀποδεδεγμένος ἐς τὸν συλλεγόμενοι ἀλλήλους ὀμνύντες ἐξαπατῶσι. Τοῖσι, ἢν ἐγὼ ὑγιαίνω, οὐ τὰ Ἰώνων πάθεα ἔσται ἔλλεσχα ἀλλὰ τὰ οἰκήια.» Ταῦτα ἐς τοὺς πάντας Ἕλληνας ἀπέρριψε ὁ Κῦρος τὰ ἔπεα, ὅτι ἀγορὰς στησάμενοι ὠνῇ τε καὶ πρήσι χρέωνται·

Dizem que, tendo o arauto dito isso, Ciro perguntou aos gregos que estavam presentes quem eram os lacedemônios e quantos eram que se declaravam assim. Informando-se, disse ao arauto espartano: “Jamais temi tais homens, que têm, no centro da cidade, um lugar indicado, onde, reunidos, jurando, enganam-se uns aos outros. Para eles, se penso de modo são, serão objeto de conversa não os males dos jônios, mas os seus próprios.” Ciro lançou contra todos os gregos essas palavras, porque, tendo estabelecido mercados, praticavam compra e venda.

IV. 92

Δαρεῖος δὲ ἐνθεῦτεν ὁρμηθεὶς ἀπίκετο ἐπ' ἄλλον ποταμὸν τῷ οὔνομα Ἀρτησκός ἐστι, ὃς διὰ Ὀδρυσέων ῥέει. Ἐπὶ τοῦτον δὴ τὸν ποταμὸν ἀπικόμενος ἐποίησε τοιόνδε· ἀποδέξας χωρίον τῇ στρατιῇ ἐκέλευε πάντα ἄνδρα λίθον ἕνα παρεξιόντα τιθέναι ἐς τὸ ἀποδεδεγμένον τοῦτο χωρίον. Ὡς δὲ ταῦτα ἡ στρατιὴ ἐπετέλεσε, ἐνθαῦτα κολωνοὺς μεγάλους τῶν λίθων καταλιπὼν ἀπήλαυνε τὴν στρατιήν.

Dario, tendo partido dali, chegou ao outro rio denominado Artesco, que corre através dos Odrises. Tendo chegado a esse rio, fez o seguinte: após ter mostrado um lugar à tropa, ordenou que cada homem, ao passar ali, colocasse uma pedra nesse lugar indicado. Após ter o exército realizado essa tarefa, tendo deixado ali grandes montes de pedras, pôs em marcha o exército.

V.67

Ταῦτα δέ, δοκέειν ἐμοί, ἐμιμέετο ὁ Κλεισθένης οὗτος τὸν ἑωυτοῦ μητροπάτορα Κλεισθένεα τὸν Σικυῶνος τύραννον. Κλεισθένης γὰρ Ἀργείοισι πολεμήσας τοῦτο μὲν ῥαψῳδοὺς ἔπαυσε ἐν Σικυῶνι ἀγωνίζεσθαι τῶν Ὁμηρείων ἐπέων εἵνεκα, ὅτι Ἀργεῖοί τε καὶ Ἄργος τὰ πολλὰ πάντα ὑμνέαται· τοῦτο δέ, ἡρώιον γὰρ ἦν καὶ ἔστι ἐν αὐτῇ τῇ ἀγορῇ τῶν Σικυωνίων Ἀδρήστου τοῦ Ταλαοῦ, τοῦτον ἐπεθύμησε ὁ Κλεισθένης ἐόντα Ἀργεῖον ἐκβαλεῖν ἐκ τῆς χώρης. Ἐλθὼν δὲ ἐς Δελφοὺς ἐχρηστηριάζετο εἰ ἐκβάλοι τὸν Ἄδρηστον· ἡ δὲ Πυθίη οἱ χρᾷ φᾶσα Ἄδρηστον μὲν εἶναι Σικυωνίων βασιλέα, ἐκεῖνον δὲ λευστῆρα. Ἐπεὶ δὲ ὁ θεὸς τοῦτό γε οὐ παρεδίδου, ἀπελθὼν ὀπίσω ἐφρόντιζε μηχανὴν τῇ αὐτὸς ὁ Ἄδρηστος ἀπαλλάξεται. Ὡς δέ οἱ ἐξευρῆσθαι ἐδόκεε, πέμψας ἐς Θήβας τὰς Βοιωτίας ἔφη θέλειν ἐπαγαγέσθαι Μελάνιππον τὸν Ἀστακοῦ· οἱ δὲ Θηβαῖοι ἔδοσαν. Ἐπαγαγόμενος δὲ ὁ Κλεισθένης τὸν Μελάνιππον τέμενός οἱ <u>ἀπέδεξε</u> ἐν αὐτῷ τῷ πρυτανηίῳ καί μιν ἵδρυσε ἐνθαῦτα ἐν τῷ ἰσχυροτάτῳ. Ἐπηγάγετο δὲ τὸν Μελάνιππον ὁ Κλεισθένης (καὶ γὰρ τοῦτο δεῖ ἀπηγήσασθαι) ὡς ἔχθιστον ἐόντα Ἀδρήστῳ, ὃς τόν τε ἀδελφεόν οἱ Μηκιστέα ἀπεκτόνεε καὶ τὸν γαμβρὸν Τυδέα. Ἐπείτε δέ οἱ τὸ τέμενος <u>ἀπέδεξε</u>, θυσίας τε καὶ ὁρτὰς Ἀδρήστου ἀπελόμενος ἔδωκε τῷ Μελανίππῳ. Οἱ δὲ Σικυώνιοι ἐώθεσαν μεγαλωστὶ κάρτα τιμᾶν τὸν Ἄδρηστον· ἡ γὰρ χώρη ἦν αὕτη Πολύβου, ὁ δὲ Ἄδρηστος ἦν Πολύβου θυγατριδέος, ἄπαις δὲ Πόλυβος τελευτῶν διδοῖ Ἀδρήστῳ τὴν ἀρχήν. Τά τε δὴ ἄλλα οἱ Σικυώνιοι ἐτίμων τὸν Ἄδρηστον καὶ δὴ πρὸς τὰ πάθεα αὐτοῦ τραγικοῖσι χοροῖσι ἐγέραιρον, τὸν μὲν Διόνυσον οὐ τιμῶντες, τὸν δὲ Ἄδρηστον. Κλεισθένης δὲ χοροὺς μὲν τῷ Διονύσῳ ἀπέδωκε, τὴν δὲ ἄλλην θυσίην Μελανίππῳ.

Parece-me que esse Clístenes imitava seu avô materno, Clístenes, tirano de Sición. Pois Clístenes, tendo feito guerra contra os argivos, proibiu os rapsodos de competir em Sición por causa dos poemas homéricos, porque em sua totalidade eram celebrados os argivos e Argos; porque existia e existe, nessa mesma praça dos sicionios, um templo de Adrasto, filho de Talao, Clístenes desejou expulsá-lo do território, porque era argivo. Tendo chegado a Delfos, consultou se expulsaria Adrasto; mas a Pítia lhe vaticinou que Adrastro era rei dos sicionios, e ele, um

usurpador. E como o deus não concedia isso, tendo regressado, maquinou um expediente com que o próprio Adrasto se afastaria. Quando lhe pareceu tê-lo encontrado, após enviar a Tebas da Beócia, disse que queria ser levado a Melanipo, filho de Astaco. Os tebanos lhe entregaram. Clístenes, tendo levado a Melanipo, lhe dedicou um recinto sagrado no pritaneu e o instalou ali, no lugar mais poderoso. Então Clístenes conduziu Melanipo (pois também se deve relatar isso), porque era o pior inimigo de Adrasto, que havia matado seu irmão Macistes e seu genro Tideu. Após ter-lhe dedicado o recinto sagrado, tendo privado Adrasto de sacrifícios e festas, ofereceu a Melanipo. Os sicionios habituaram-se a honrar imensamente Adrasto; pois essa região pertencia a Pólibo, e Adrasto era neto de Pólibo pelo lado materno; morrendo Pólibo sem filhos, o poder passou a Adrasto. Além disso, os sicionios honravam Adrasto e celebravam com coros trágicos seus sofrimentos, não honrando Dioniso, mas Adrasto. Clístenes restabeleceu os coros a Dioniso, e o sacrifício restante a Melanipo.

V.89
Τῆς δὲ ἔχθρης τῆς πρὸς Αἰγινητέων Ἀθηναίοισι γενομένης ἀρχὴ κατὰ [τὰ] εἴρηται ἐγένετο. Τότε δὴ Θηβαίων ἐπικαλεομένων προθύμως τῶν περὶ τὰ ἀγάλματα γενομένων ἀναμιμνησκόμενοι οἱ Αἰγινῆται ἐβοήθεον τοῖσι Βοιωτοῖσι. Αἰγινῆταί τε δὴ ἐδηίουν τῆς Ἀττικῆς τὰ παραθαλάσσια, καὶ Ἀθηναίοισι ὁρμημένοισι ἐπ' Αἰγινήτας στρατεύεσθαι ἦλθε μαντήιον ἐκ Δελφῶν ἐπισχόντας ἀπὸ τοῦ Αἰγινητέων ἀδικίου τριήκοντα ἔτεα τῷ ἑνὶ καὶ τριηκοστῷ Αἰακῷ τέμενος <u>ἀποδέξαντας</u> ἄρχεσθαι τοῦ πρὸς Αἰγινήτας πολέμου, καί σφι χωρήσειν τὰ βούλονται· ἢν δὲ αὐτίκα ἐπιστρατεύωνται, πολλὰ μέν σφεας ἐν τῷ μεταξὺ τοῦ χρόνου πείσεσθαι, πολλὰ δὲ καὶ ποιήσειν, τέλος μέντοι καταστρέψεσθαι. Ταῦτα ὡς ἀπενειχθέντα ἤκουσαν οἱ Ἀθηναῖοι, τῷ μὲν Αἰακῷ τέμενος <u>ἀπέδεξαν</u> τοῦτο τὸ νῦν ἐπὶ τῆς ἀγορῆς ἵδρυται, τριήκοντα δὲ ἔτεα οὐκ ἀνέσχοντο ἀκούσαντες ὅκως χρεὸν εἴη ἐπισχεῖν πεπονθότας πρὸς Αἰγινητέων ἀνάρσια.

O início da inimizade dos eginetas com os atenienses ocorreu conforme o que foi dito. Tendo os tebanos pedido auxílio, prontamente os eginetas, recordando-se do ocorrido com as estátuas, ajudaram os beócios. Os eginetas, no entanto, devastaram o litoral da Ática; e para os atenienses, que marchavam contra os eginetas, veio de

Delfos um vaticínio de que, após esperarem trinta anos a partir da injustiça dos eginetas, no trigésimo primeiro, tendo dedicado um recinto sagrado a Éaco, começariam a guerra contra os eginetas e que lhes aconteceria o que queriam. Mas, se de imediato marchassem contra eles, muitas desgraças se abateriam sobre eles nesse meio tempo, também muitas coisas fariam, por fim, dominariam. Quando os atenienses ouviram o que lhes fora reportado, dedicaram a Éaco esse recinto sagrado que agora está instalado na ágora. Mas não suportaram ouvir que era necessário aguardar trinta anos, após terem sofrido hostilidades da parte dos eginetas.

VII.178

Οἱ μὲν δὴ Ἕλληνες κατὰ τάχος ἐβοήθεον διαταχθέντες, Δελφοὶ δ᾽ ἐν τούτῳ τῷ χρόνῳ ἐχρηστηριάζοντο τῷ θεῷ ὑπὲρ ἑωυτῶν καὶ τῆς Ἑλλάδος καταρρωδηκότες, καί σφι ἐχρήσθη ἀνέμοισι εὔχεσθαι· μεγάλους γὰρ τούτους ἔσεσθαι τῇ Ἑλλάδι συμμάχους. Δελφοὶ δὲ δεξάμενοι τὸ μαντήιον πρῶτα μὲν Ἑλλήνων τοῖσι βουλομένοισι εἶναι ἐλευθέροισι ἐξήγγειλαν τὰ χρησθέντα αὐτοῖσι, καί σφι δεινῶς καταρρωδέουσι τὸν βάρβαρον ἐξαγγείλαντες χάριν ἀθάνατον κατέθεντο· μετὰ δὲ ταῦτα οἱ Δελφοὶ τοῖσι ἀνέμοισι βωμόν τε ἀπέδεξαν ἐν Θυίῃ, τῇ περ τῆς Κηφισοῦ θυγατρὸς Θυίης τὸ τέμενός ἐστι, ἐπ᾽ ἧς καὶ ὁ χῶρος οὗτος τὴν ἐπωνυμίην ἔχει, καὶ θυσίῃσί σφεας μετήισαν. Δελφοὶ μὲν δὴ κατὰ τὸ χρηστήριον ἔτι καὶ νῦν τοὺς ἀνέμους ἱλάσκονται.

Os gregos, divididos, socorriam com rapidez, e nesse tempo os delfios, horrorizados, consultavam o deus sobre si mesmos e sobre a Grécia, e lhes foi vaticinado suplicar aos ventos: estes seriam os grandes aliados da Grécia. Tendo os delfios recebido a resposta oracular, primeiramente anunciaram o que lhes fora vaticinado aos que, dentre os gregos, queriam ser livres, e, tendo anunciado àqueles que temiam terrivelmente os bárbaros, cumularam imorredoura consideração. Depois disso, os delfios dedicaram um altar aos ventos em Thýia, onde há um recinto sagrado de Thýia, filha de Cesifo, a partir da qual esse lugar tem o epônimo, e com sacrifícios esforçaram-se por lhes serem favoráveis

II.65, 1-4

Αἰγύπτιοι δὲ θρησκεύουσι περισσῶς τά τε ἄλλα περὶ τὰ ἱρὰ καὶ δὴ καὶ τάδε. Ἐοῦσα [δὲ] Αἴγυπτος ὅμουρος τῇ Λιβύῃ οὐ μάλα θηριώδης ἐστί· τὰ δὲ ἐόντα σφι ἅπαντα ἱρὰ νενόμισται, [καὶ] τὰ μὲν σύντροφα [αὐτοῖσι] τοῖσι ἀνθρώποισι, τὰ

δὲ οὔ. Τῶν δὲ εἵνεκεν ἀνεῖται [τὰ] ἱρὰ εἰ λέγοιμι, καταβαίην ἂν τῷ λόγῳ ἐς τὰ θεῖα πρήγματα, τὰ ἐγὼ φεύγω μάλιστα ἀπηγέεσθαι· τὰ δὲ καὶ εἴρηκα αὐτῶν ἐπιψαύσας, ἀναγκαίῃ καταλαμβανόμενος εἶπον. Νόμος δέ ἐστι περὶ τῶν θηρίων ὧδε ἔχων. Μελεδωνοὶ ἀποδεδέχαται τῆς τροφῆς χωρὶς ἑκάστων καὶ ἔρσενες καὶ θήλεαι τῶν Αἰγυπτίων, τῶν παῖς παρὰ πατρὸς ἐκδέκεται τὴν τιμήν. Οἱ δὲ ἐν τῇσι πόλισι ἕκαστοι εὐχὰς τάσδε σφι ἀποτελέουσι εὐχόμενοι τῷ θεῷ τοῦ ἂν ᾖ τὸ θηρίον· ξυροῦντες τῶν παιδίων ἢ πᾶσαν τὴν κεφαλὴν ἢ τὸ ἥμισυ ἢ τὸ τρίτον μέρος τῆς κεφαλῆς, ἱστᾶσι σταθμῷ πρὸς ἀργύριον τὰς τρίχας· τὸ δ' ἂν ἑλκύσῃ, τοῦτο τῇ μελεδωνῷ τῶν θηρίων διδοῖ· ἡ δ' ἀντ' αὐτοῦ τάμνουσα ἰχθῦς παρέχει βορὴν τοῖσι θηρίοισι. Τροφὴ μὲν δὴ αὐτοῖσι τοιαύτη ἀποδέδεκται.

Os egípcios observavam de modo singular o demais acerca das coisas sagradas e sobretudo isto: sendo o Egito limítrofe da Líbia, não possui muitos animais; todos os que existem são para eles animais sagrados, uns criados com os próprios homens, outros não. Se eu dissesse por que consagram vítimas, levaria o discurso para as questões divinas, o que eu evito ao máximo expor. O que eu disse, abordando-as superficialmente, disse tomado pela necessidade. Há uma lei sobre os animais que é a seguinte: homens e mulheres entre os egípcios foram designados guardiões da alimentação de cada um deles, separadamente, seus filhos recebem o encargo do pai. Os que vivem na cidade cumprem em sua honra cada um estes votos, rogando ao deus ao qual seja consagrado o animal: raspando ou toda a cabeça dos filhos, ou a metade ou um terço da cabeça, colocam em uma balança os cabelos fazendo contrapeso com a prata; o que pender, essa parte dão ao guardião dos animais, este, em troca tendo partido os peixes, oferecem alimento aos animais. Assim, tal alimento é destinado a eles.

II. 77, 4-5
Ἰχθύων δὲ τοὺς μὲν πρὸς ἥλιον αὐήναντες ὠμοὺς σιτέονται, τοὺς δὲ ἐξ ἅλμης τεταριχευμένους· ὀρνίθων δὲ τούς τε ὄρτυγας καὶ τὰς νήσσας καὶ τὰ σμικρὰ τῶν ὀρνιθίων ὠμὰ σιτέονται προταριχεύσαντες· τὰ δὲ ἄλλα ὅσα ἢ ὀρνίθων ἢ ἰχθύων σφί ἐστι ἐχόμενα, χωρὶς ἢ ὁκόσοι σφι ἱροὶ ἀποδεδέχαται, τοὺς λοιποὺς ὀπτοὺς καὶ ἑφθοὺς σιτέονται.

Dos peixes, os egípcios comem uns crus, após tê-los secado ao sol, e outros conservados em salmoura. Das aves, comem cruas as codornas, e os patos e também

os pequenos pássaros, que são previamente salgados; os outros tantos que há para eles, dentre peixes ou aves, exceto o que eles consideram sagrado, comem o demais, assado e cozido.

V.83

Τοῦτον δ' ἔτι τὸν χρόνον καὶ πρὸ τοῦ Αἰγινῆται Ἐπιδαυρίων ἤκουον τά τε ἄλλα καὶ δίκας διαβαίνοντες ἐς Ἐπίδαυρον ἐδίδοσάν τε καὶ ἐλάμβανον παρ' ἀλλήλων οἱ Αἰγινῆται· τὸ δὲ ἀπὸ τοῦδε νέας τε πηξάμενοι καὶ ἀγνωμοσύνῃ χρησάμενοι ἀπέστησαν ἀπὸ τῶν Ἐπιδαυρίων. Ἅτε δὲ ἐόντες διάφοροι ἐδηλέοντο αὐτούς, ὥστε δὴ θαλασσοκράτορες ἐόντες, καὶ δὴ καὶ τὰ ἀγάλματα ταῦτα τῆς τε Δαμίης καὶ τῆς Αὐξησίης ὑπαιρέονται αὐτῶν, καί σφεα ἐκόμισάν τε καὶ ἱδρύσαντο τῆς σφετέρης χώρης ἐς τὴν μεσόγαιαν, τῇ Οἴῃ μέν ἐστι οὔνομα, στάδια δὲ μάλιστά κῃ ἀπὸ τῆς πόλιος ὡς εἴκοσι ἀπέχει. Ἱδρυσάμενοι δὲ ἐν τούτῳ τῷ χώρῳ θυσίῃσί τέ σφεα καὶ χοροῖσι γυναικηίοισι κερτόμοισι ἱλάσκοντο, χορηγῶν ἀποδεικνυμένων ἑκατέρῃ τῶν δαιμόνων δέκα ἀνδρῶν· κακῶς δὲ ἠγόρευον οἱ χοροὶ ἄνδρα μὲν οὐδένα, τὰς δὲ ἐπιχωρίας γυναῖκας.

E ainda neste tempo e antes dele, os eginetas ouviam os epidaurios quanto ao demais e, atravessando para chegar a Epidauro, rendiam e exigiam justiça uns dos outros. Desde então, tendo construído naus e utilizado a insensatez, afastaram-se dos epidaurios. E porque estavam em desacordo, prejudicavam-nos, visto que dominavam os mares, lhes roubam estas estátuas de Damia e de Auxesia, e as conduziram e as dispuseram no meio do território de sua região, cujo nome é Oia, e dista da cidade mais ou menos vinte estádios. Após tê-las colocado nessa região, com sacrifícios e ofensivos coros femininos as instituem em sua honra, sendo designados dez córegos masculinos para cada uma das divindades: os coros a nenhum homem insultam, mas às mulheres da região.

I.136, 1

Ἀνδραγαθίη δὲ αὕτη ἀποδέδεκται, μετὰ τὸ μάχεσθαι εἶναι ἀγαθόν, ὃς ἂν πολλοὺς ἀποδέξῃ παῖδας· τῷ δὲ τοὺς πλείστους ἀποδεικνύντι δῶρα ἐκπέμπει βασιλεὺς ἀνὰ πᾶν ἔτος· τὸ πολλὸν δ' ἥγηνται ἰσχυρὸν εἶναι.

Essa valentia fica comprovada, além de ser bom no combate, aquele que mostra muitos filhos; para o que mostre o maior número de filhos, o rei envia a cada ano presentes: considera que o número de filhos significa força.

II.43, 1-2
Ἡρακλέος δὲ πέρι τόνδε τὸν λόγον ἤκουσα, ὅτι εἴη τῶν δυώδεκα θεῶν. Τοῦ ἑτέρου δὲ πέρι Ἡρακλέος, τὸν Ἕλληνες οἴδασι, οὐδαμῇ Αἰγύπτου ἐδυνάσθην ἀκοῦσαι. Καὶ μὲν ὅτι γε οὐ παρ' Ἑλλήνων ἔλαβον τὸ οὔνομα τοῦ Ἡρακλέος Αἰγύπτιοι, ἀλλ' Ἕλληνες μᾶλλον παρ' Αἰγυπτίων καὶ Ἑλλήνων οὗτοι οἱ θέμενοι τῷ Ἀμφιτρύωνος γόνῳ τοὔνομα Ἡρακλέα, πολλά μοι καὶ ἄλλα τεκμήριά ἐστι τοῦτο οὕτω ἔχειν, ἐν δὲ καὶ τόδε, ὅτι τε τοῦ Ἡρακλέος τούτου οἱ γονέες ἀμφότεροι ἦσαν Ἀμφιτρύων καὶ Ἀλκμήνη γεγονότες τὸ ἀνέκαθεν ἀπ' Αἰγύπτου καὶ διότι Αἰγύπτιοι οὔτε Ποσειδέωνος οὔτε Διοσκούρων τὰ οὐνόματά φασι εἰδέναι, οὐδέ σφι θεοὶ οὗτοι ἐν τοῖσι ἄλλοισι θεοῖσι ἀποδεδέχαται.

Sobre Héracles ouvi este relato, que era um dos doze deuses. Sobre o outro Héracles, de que os gregos têm conhecimento, em nenhum lugar do Egito pude ouvir. Certamente os egípcios não tomaram o nome de Héracles dos gregos, mas os gregos o tomaram dos egípcios e, dos gregos, estes puseram o nome de Héracles no filho de Anfitrião, para mim há muitas outras provas de que isso é assim, entre as quais esta: os pais desse Héracles, Anfitrião e Alcmena, eram ambos nascidos no Egito e, por isso os egípcios desconhecem o nome de Poseidon e dos Dióscuros, para eles estes deuses não foram aceitos entre os outros.

VI. 94-95.1
Ἀθηναίοισι μὲν δὴ πόλεμος συνῆπτο πρὸς Αἰγινήτας, ὁ δὲ Πέρσης τὸ ἑωυτοῦ ἐποίεε, ὥστε ἀναμιμνήσκοντός τε αἰεὶ τοῦ θεράποντος μεμνῆσθαί μιν τῶν Ἀθηναίων καὶ Πεισιστρατιδέων προσκατημένων καὶ διαβαλλόντων Ἀθηναίους, ἅμα δὲ βουλόμενος ὁ Δαρεῖος ταύτης ἐχόμενος τῆς προφάσιος καταστρέφεσθαι τῆς Ἑλλάδος τοὺς μὴ δόντας αὐτῷ γῆν τε καὶ ὕδωρ. Μαρδόνιον μὲν δὴ φλαύρως πρήξαντα τῷ στόλῳ παραλύει τῆς στρατηγίης, ἄλλους δὲ στρατηγοὺς ἀποδέξας ἀπέστειλε ἐπί τε Ἐρέτριαν καὶ Ἀθήνας, Δᾶτίν τε, ἐόντα Μῆδον γένος, καὶ Ἀρταφρένεα τὸν Ἀρταφρένεος παῖδα, ἀδελφιδέον ἑωυτοῦ· ἐντειλάμενος δὲ ἀπέπεμπε ἐξανδραποδίσαντας Ἀθήνας καὶ Ἐρέτριαν ἀνάγειν ἑωυτῷ ἐς ὄψιν τὰ ἀνδράποδα. 95. Ὡς δὲ οἱ στρατηγοὶ οὗτοι οἱ ἀποδεχθέντες πορευόμενοι παρὰ βασιλέος ἀπίκοντο τῆς Κιλικίης ἐς τὸ Ἀλήιον πεδίον.

E uma guerra era iniciada pelos atenienses contra os eginetas, mas o persa fazia o que lhe cabia, pois o servo sempre recordava de fazê-lo lembrar dos atenieneses e pisistrátidas acampados e que acusavam os atenieneses, enquanto Dario queria, valendo-se desse pretexto, submeter aqueles gregos que não lhe tinham dado terra

nem água. Destituiu, então, do comando Mardônio, que tinha atuado mal na expedição, e, tendo designado outros generais, enviou-os a Eritréia e Atenas: Datis, que era de raça meda, e Artafrernes, filho de Artafrenes, seu sobrinho. E os enviou, tendo ordenado que, escravizadas Atenas e Eritréia, lhes levassem os habitantes a sua presença. Assim estes generais designados, marchando por ordem do rei, chegaram à planície de Aleia, na Cicília.

VII.2
Στελλομένου δὲ Δαρείου ἐπ' Αἴγυπτον καὶ Ἀθήνας, τῶν παίδων αὐτοῦ στάσις ἐγένετο μεγάλη περὶ τῆς ἡγεμονίης, ὡς δεῖ μιν ἀποδέξαντα βασιλέα κατὰ τὸν Περσέων νόμον οὕτω στρατεύεσθαι. Ἦσαν γὰρ Δαρείῳ καὶ πρότερον ἢ βασιλεῦσαι γεγονότες τρεῖς παῖδες ἐκ τῆς προτέρης γυναικός, Γωβρύεω θυγατρός, καὶ βασιλεύσαντι ἐξ Ἀτόσσης τῆς Κύρου ἕτεροι τέσσερες· τῶν μὲν δὴ προτέρων ἐπρέσβευε Ἀρτοβαζάνης, τῶν δὲ ἐπιγενομένων Ξέρξης. Ἐόντες δὲ μητρὸς οὐ τῆς αὐτῆς ἐστασίαζον, ὁ μὲν [γὰρ] Ἀρτοβαζάνης κατ' ὅ τι πρεσβύτατός τε εἴη παντὸς τοῦ γόνου καὶ ὅτι νομιζόμενον εἴη πρὸς πάντων ἀνθρώπων τὸν πρεσβύτατον τὴν ἀρχὴν ἔχειν, Ξέρξης δὲ ὡς Ἀτόσσης τε παῖς εἴη τῆς Κύρου θυγατρὸς καὶ ὅτι Κῦρος εἴη ὁ κτησάμενος τοῖσι Πέρσῃσι τὴν ἐλευθερίην.

Quando Dario envia o exército ao Egito e a Atenas, ocorreu uma grande dissensão entre seus filhos sobre seu governo, pois, segundo a lei dos persas, e ele devia, após ter designado um rei, pôr-se em campanha. Antes de reinar, Dario tinha três filhos nascidos de sua primeira mulher, filha de Góbrias, e quando reinava, teve outros três filhos de Atossa, filha de Ciro; dos primeiros, Artábano era o mais velho, e Xerxes o dos nascidos depois. Dissentiam, não sendo filhos da mesma mãe; Artozabanes, porque era o mais velho da linhagem do pai, e por ser considerado por todos os homens que ao mais velho cabia o poder; Xerxes, porque era filho de Atossa, que por sua vez era filha de Ciro, e porque este era o que havia conquistado a liberdade para os Persas.

VII. 3-4.1
3. Δαρείου δὲ οὐκ ἀποδεικνυμένου κω γνώμην ἐτύγχανε κατὰ τὠυτὸ τούτοισι καὶ Δημάρητος ὁ Ἀρίστωνος ἀναβεβηκὼς ἐς Σοῦσα, ἐστερημένος τε τῆς ἐν Σπάρτῃ βασιληίης καὶ φυγὴν ἐπιβαλὼν ἑωυτῷ ἐκ Λακεδαίμονος. Οὗτος ὠνὴρ

πυθόμενος τῶν Δαρείου παίδων τὴν διαφορήν, ἐλθών, ὡς ἡ φάτις μιν ἔχει, Ξέρξῃ συνεβούλευε λέγειν πρὸς τοῖσι ἔλεγε ἔπεσι ὡς αὐτὸς μὲν γένοιτο Δαρείῳ ἤδη βασιλεύοντι καὶ ἔχοντι τὸ Περσέων κράτος, Ἀρτοβαζάνης δὲ ἔτι ἰδιώτῃ ἐόντι Δαρείῳ· οὐκ ὦν οὔτε οἰκὸς εἴη οὔτε δίκαιον ἄλλον τινὰ τὸ γέρας ἔχειν πρὸ ἑωυτοῦ, ἐπεί γε καὶ ἐν Σπάρτῃ, ἔφη ὁ Δημάρητος ὑποτιθέμενος, οὕτω νομίζεσθαι, ἢν οἱ μὲν προγεγονότες ἔωσι πρὶν ἢ τὸν πατέρα σφέων βασιλεῦσαι, ὁ δὲ βασιλεύοντι ὀψίγονος ἐπιγένηται, τοῦ ἐπιγενομένου τὴν ἔκδεξιν τῆς βασιληίης γίνεσθαι. Χρησαμένου δὲ Ξέρξεω τῇ Δημαρήτου ὑποθήκῃ, γνοὺς ὁ Δαρεῖος ὡς λέγοι δίκαια βασιλέα μιν <u>ἀπέδεξε</u>. Δοκέειν δέ μοι, καὶ ἄνευ ταύτης τῆς ὑποθήκης βασιλεῦσαι ἂν Ξέρξης· ἡ γὰρ Ἄτοσσα εἶχε τὸ πᾶν κράτος. 4. <u>Ἀποδέξας</u> δὲ βασιλέα Πέρσῃσι Ξέρξην Δαρεῖος ὁρμᾶτο στρατεύεσθαι·

Não demostrando Dario nenhuma opinião, sucedeu, nesse mesmo tempo, que Demáreto, filho de Aríston, subira até Susa, que privado do reino, em Esparta, impôs a si mesmo o exílio fora da Lacedemônia. Informado esse homem da dissensão entre os filhos de Dario, ao chegar, conforme o dito sobre ele, aconselhou Xerxes a dizer, além das palavras que dizia, que nascera quando Dario já reinava e exercia o poder sobre os persas, e que Artozabanes, quando Dario ainda era um homem comum; então não era justo que um outro tivesse essa dignidade antes dele, visto que em Esparta, disse, Demárato aconselhando, assim se considerava, que se uns nasceram antes que o pai deles reinasse, e outro, nascesse depois, o trono fosse dado ao que nascera depois. Valendo-se Xerxes da sugestão de Demárato, tendo Dario reconhecido que ele falava justamente, então o designa rei. Parece-me que, mesmo sem essa sugestão, Xerxes reinaria; pois Atossa tinha o poder absoluto. 4. Tendo indicado Xerxes como rei dos persas, Dario começava a fazer campanha militar.

VII.81

Ταῦτα ἦν τὰ κατ' ἤπειρον στρατευόμενά τε ἔθνεα καὶ τεταγμένα ἐς τὸν πεζόν. Τούτου ὦν τοῦ στρατοῦ ἦρχον μὲν οὗτοι οἵ περ εἰρέαται καὶ οἱ διατάξαντες καὶ ἐξαριθμήσαντες οὗτοι ἦσαν καὶ χιλιάρχας τε καὶ μυριάρχας <u>ἀποδέξαντες</u>· ἑκατοντάρχας δὲ καὶ δεκάρχας οἱ μυριάρχαι. Τελέων δὲ καὶ ἐθνέων ἦσαν ἄλλοι σημάντορες.

Esses eram os povos que militavam ao longo do continente e que tinham sido colocados na infantaria. Comandavam esse exército aqueles que foram mencionados

e eram estes que os haviam enfileirado e contado, estes foram designados quiliarcas e miriarcas. E os miriarcas, centuriões e decuriões. Eram outros os comandantes dos corpos de tropas e de povos.

I.125, 1-2
Ἀκούσας ταῦτα ὁ Κῦρος ἐφρόντιζε ὅτεῳ τρόπῳ σοφωτάτῳ Πέρσας ἀναπείσει ἀπίστασθαι, φροντίζων δὲ εὕρισκέ τε τάδε καιριώτατα εἶναι καὶ ἐποίεε δὴ τάδε. Γράψας ἐς βυβλίον τὰ ἐβούλετο, ἁλίην τῶν Περσέων ἐποιήσατο, μετὰ δὲ ἀναπτύξας τὸ βυβλίον καὶ ἐπιλεγόμενος ἔφη Ἀστυάγεά μιν στρατηγὸν Περσέων ἀποδεικνύναι.

Após ter ouvido isso, Ciro refletiu sobre o modo mais hábil de levar os persas a rebelarem-se, e refletindo achava que o mais oportuno era isso, e de fato o fez: após ter escrito em um papiro o que queria, convocou a assembléia dos persas, e, depois de desenrolar o papiro e lê-lo, disse que Astíages o designava general dos persas.

I.127, 2
Ἀκούσας δὲ ταῦτα ὁ Ἀστυάγης Μήδους τε ὥπλισε πάντας καὶ στρατηγὸν αὐτῶν ὥστε θεοβλαβὴς ἐὼν Ἅρπαγον ἀπέδεξε, λήθην ποιεύμενος τά μιν ἐόργεε.

Depois de ouvir isso, Astíages mobilizou todos os medos e, tomado pela demência divina, designou como seu general Hárpago, sem se lembrar do que lhe tinha feito.

III. 63, 2
Ὁ δὲ εἶπε. «Ἐγὼ Σμέρδιν μὲν τὸν Κύρου, ἐξ ὅτεο βασιλεὺς Καμβύσης ἤλασε ἐς Αἴγυπτον, οὔκω ὄπωπα· ὁ δέ μοι μάγος, τὸν Καμβύσης ἐπίτροπον τῶν οἰκίων ἀπέδεξε, οὗτος ταῦτα ἐνετείλατο, φὰς Σμέρδιν τὸν Κύρου εἶναι τὸν ταῦτα ἐπιθέμενον εἶπαι πρὸς ὑμέας.»

E ele disse: Esmérdis, o filho de Ciro, desde que o rei Cambises partiu para o Egito, não mais o vi. O mago, a quem Cambises designou guarda do palácio, deu-me esta ordem, dizendo que era Esmérdis, filho de Ciro, quem o encarregava de vos dizer isso.

V.32
Ὁ δὲ Ἀρταφρένης, ὥς οἱ πέμψαντι ἐς Σοῦσα καὶ ὑπερθέντι τὰ ἐκ τοῦ Ἀρισταγόρεω λεγόμενα συνέπαινος καὶ αὐτὸς Δαρεῖος ἐγένετο, παρεσκευάσατο μὲν διηκοσίας τριήρεας, πολλὸν δὲ κάρτα ὅμιλον Περσέων τε καὶ τῶν ἄλλων

συμμάχων, στρατηγὸν δὲ τούτων ἀπέδεξε Μεγαβάτην ἄνδρα Πέρσην τῶν Ἀχαιμενιδέων, ἑωυτοῦ τε καὶ Δαρείου ἀνεψιόν, τοῦ Παυσανίης ὁ Κλεομβρότου Λακεδαιμόνιος, εἰ δὴ ἀληθής γέ ἐστι ὁ λόγος, ὑστέρῳ χρόνῳ τούτων ἡρμόσατο θυγατέρα, ἔρωτα σχὼν τῆς Ἑλλάδος τύραννος γενέσθαι. Ἀποδέξας δὲ Μεγαβάτην στρατηγὸν Ἀρταφρένης ἀπέστειλε τὸν στρατὸν παρὰ τὸν Ἀρισταγόρην.

Artafrenes, como o próprio Dario concordou com ele, que enviou a Susa e comunicou o que foi dito por Aristágoras, preparou duzentas trirremes e uma tropa numerosa de persas e de outros aliados; designou como general Megabates, um persa da raça dos Aqueménidas, seu primo e de Dario, de quem o lacedemônio Pausânias, filho de Cleobronto, se é verdadeiro esse relato, tempos depois deposou uma filha, ansiando por se tornar tirano da Grécia. Tendo designado Magabates como general, Artafrenes enviou o exército a Aristágoras.

V.64, 1

Μετὰ δὲ Λακεδαιμόνιοι μέζω στόλον στείλαντες ἀπέπεμψαν ἐπὶ τὰς Ἀθήνας, στρατηγὸν τῆς στρατιῆς ἀποδέξαντες βασιλέα Κλεομένεα τὸν Ἀναξανδρίδεω, οὐκέτι κατὰ θάλασσαν στείλαντες ἀλλὰ κατ' ἤπειρον.

E depois os lacedemônios, tendo alistado uma tropa maior, enviaram–na a Atenas, tendo designado como general do exército o rei Cleomenes, filho de Anaxandrides, tendo-o enviado não por mar, mas por terra.

III.134, 1-3

Ὡς δὲ ἄρα μιν μετὰ ταῦτα ἰώμενος ὑγιέα ἀπέδεξε, ἐνθαῦτα δὴ διδαχθεῖσα ὑπὸ τοῦ Δημοκήδεος ἡ Ἄτοσσα προσέφερε ἐν τῇ κοίτῃ Δαρείῳ λόγον τοιόνδε· «Ὦ βασιλεῦ, ἔχων δύναμιν τοσαύτην κάτησαι, οὔτε τι ἔθνος προσκτώμενος οὔτε δύναμιν Πέρσῃσι. Οἰκὸς δέ ἐστι ἄνδρα καὶ νέον καὶ χρημάτων μεγάλων δεσπότην φαίνεσθαί τι ἀποδεικνύμενον, ἵνα καὶ Πέρσαι ἐκμάθωσι ὅτι ὑπ' ἀνδρὸς ἄρχονται. Ἐπ' ἀμφότερα δέ τοι φέρει ταῦτα ποιέειν, καὶ ἵνα σφέων Πέρσαι ἐπίστωνται ἄνδρα εἶναι τὸν προεστεῶτα καὶ ἵνα τρίβωνται πολέμῳ μηδὲ σχολὴν ἄγοντες ἐπιβουλεύωσί τοι. Νῦν γὰρ ἄν τι καὶ ἀποδέξαιο ἔργον, ἕως νέος εἶς ἡλικίην· αὐξομένῳ γὰρ τῷ σώματι συναύξονται καὶ αἱ φρένες, γηράσκοντι δὲ συγγηράσκουσι καὶ ἐς τὰ πρήγματα πάντα ἀπαμβλύνονται.»

Assim, depois disso, curando-a, declarou-a sã, então, Atossa, instruída por Democedes, no leito disse a Dario estas palavras: “Rei, com todo esse teu poder, tens

permanecido quieto, sem conquistar povo algum nem poderio para os persas. Convém que um homem, jovem e senhor de grandes riquezas se mostre capaz de realizar algo, para que também os persas se dêem conta de que são governados por um homem. Certamente duas razões te levam a fazer isso, para que os persas saibam que és um homem que está à frente deles e para que se cansem na guerra e não se sublevem contra ti na ociosidade. Agora então poderias realizar algum feito, enquanto és jovem; pois quando o corpo cresce, cresce também o espírito, quando envelhece, envelhece também o espírito e perde a força para todas as ações.

III. 130, 3
Μετὰ δὲ ὥς οἱ ἐπέτρεψε, Ἑλληνικοῖσι ἰήμασι χρεώμενος καὶ ἤπια μετὰ τὰ ἰσχυρὰ προσάγων ὕπνου τέ μιν λαγχάνειν ἐποίεε καὶ ἐν χρόνῳ ὀλίγῳ ὑγιέα μιν [ἐόντα] ἀπέδεξε, οὐδαμὰ ἔτι ἐλπίζοντα ἀρτίπουν ἔσεσθαι.

Assim, depois [Dario] confiou a ele [Democedes de Crotona] seus cuidados. Usando remédios gregos e aplicando lenitivos depois de tratamentos pesados, fez com que ele adormecesse e em pouco tempo declarou-o são, a ele que não tinha mais esperança alguma de vir a ter pés sadios.

VII. 8γ, 1-2
εἰ τούτους τε καὶ τοὺς τούτοισι πλησιοχώρους καταστρεψόμεθα, οἳ Πέλοπος τοῦ Φρυγὸς νέμονται χώρην, γῆν τὴν Περσίδα ἀποδέξομεν τῷ Διὸς αἰθέρι ὁμουρέουσαν· οὐ γὰρ δὴ χώρην γε οὐδεμίαν κατόψεται ἥλιος ὁμουρέουσαν τῇ ἡμετέρῃ, ἀλλά σφεας πάσας ἐγὼ ἅμα ὑμῖν μίαν χώρην θήσω, διὰ πάσης διεξελθὼν τῆς Εὐρώπης.

Se subjugarmos [os atenienses] e a seus vizinhos, os que habitam o território de Pélops, o frígio, provaremos que a Pérsia tem por limite o céu de Zeus; e então o sol não verá terra alguma que não seja limitada pela nossa, mas eu com vosso auxílio tonarei um só território, após ter atravessado toda a Europa.

VI. 55
Καὶ ταῦτα μέν νυν περὶ τούτων εἰρήσθω· ὅ τι δέ, ἐόντες Αἰγύπτιοι, καὶ ὅ τι ἀποδεξάμενοι ἔλαβον τὰς Δωριέων βασιληίας, ἄλλοισι γὰρ περὶ αὐτῶν

εἴρηται, ἐάσομεν αὐτά· τὰ δὲ ἄλλοι οὐ κατελάβοντο, τούτων μνήμην ποιήσομαι.

E, exatamente sobre isso, que se tenha dito; e porque, sendo egípcios, e tendo realizado muitas coisas, tomaram os reinos dórios, sobre isso outros já disseram. Não me ocuparei disso; mas daquilo de que outros não se ocuparam, disso farei menção.

VII. 211, 3
Λακεδαιμόνιοι δὲ ἐμάχοντο ἀξίως λόγου, ἄλλα τε ἀποδεικνύμενοι ἐν οὐκ ἐπισταμένοισι μάχεσθαι ἐξεπιστάμενοι, καὶ ὅκως ἐντρέψειαν τὰ νῶτα, ἀλέες φεύγεσκον δῆθεν, οἱ δὲ βάρβαροι ὁρῶντες φεύγοντας βοῇ τε καὶ πατάγῳ ἐπήισαν, οἱ δ' ἂν καταλαμβανόμενοι ὑπέστρεφον ἀντίοι εἶναι τοῖσι βαρβάροισι, μεταστρεφόμενοι δὲ κατέβαλλον πλήθεϊ ἀναριθμήτους τῶν Περσέων. Ἔπιπτον δὲ καὶ αὐτῶν τῶν Σπαρτιητέων ἐνθαῦτα ὀλίγοι. Ἐπεὶ δὲ οὐδὲν ἐδυνέατο παραλαβεῖν οἱ Πέρσαι τῆς ἐσόδου πειρώμενοι καὶ κατὰ τέλεα καὶ παντοίως προσβάλλοντες, ἀπήλαυνον ὀπίσω.

Os lacedemônios combatiam de modo digno de reputação, demonstrando ou mesmo provando que sabiam muito bem combater entre os que não o sabem, e quando lhes voltavam as costas fugiam em massa. Os bárbaros, vendo-os fugir, perseguiam-nos aos gritos e entrechoques, e os que eram acossados davam meia-volta, opondo-se aos bárbaros, e retornando derrotavam o inumerável contingente persa. E tombavam ali também uns poucos espartanos. Visto que não podiam se apoderar do desfiladeiro, tentando e atacando até o fim e de todas as formas, os persas se retiravam de regresso.

VIII. 67. 2-68α 1
67. Ὡς δὲ κόσμῳ ἐπεξῆς ἵζοντο, πέμψας Ξέρξης Μαρδόνιον εἰρώτα ἀποπειρώμενος ἑκάστου εἰ ναυμαχίην ποιοῖτο. 68α. Ἐπεὶ δὲ περιιὼν εἰρώτα ὁ Μαρδόνιος ἀρξάμενος ἀπὸ τοῦ Σιδωνίου, οἱ μὲν ἄλλοι κατὰ τὠυτὸ γνώμην ἐξεφέροντο, κελεύοντες ναυμαχίην ποιέεσθαι, Ἀρτεμισίη δὲ τάδε ἔφη· "Εἰπεῖν μοι πρὸς βασιλέα, Μαρδόνιε, ὡς ἐγὼ τάδε λέγω, οὔτε κακίστη γενομένη ἐν τῇσι ναυμαχίῃσι τῇσι πρὸς Εὐβοίῃ οὔτε ἐλάχιστα ἀποδεξαμένη. Δέσποτα, τήν γε ἐοῦσαν γνώμην με δίκαιόν ἐστι ἀποδείκνυσθαι, τὰ τυγχάνω φρονέουσα ἄριστα ἐς πρήγματα τὰ σά."

67. Assim que se sentaram lado a lado, ordenadamente, Xerxes, tendo enviado Mardônio, perguntava, pondo cada um à prova, se devia fazer um combate naval. 68α. Então Mardônio, indo de um ponto a outro, interrogou, a partir do rei de Sídon, e os outros expunham sua opinião no tocante a isso, e ordenavam que se fizesse um combate naval, mas Artemísia disse o seguinte: "Dize ao rei, Mardônio, como eu agora falo, que não fui a pior combatente no combate naval contra a Eubéia, nem considerada inferior. Senhor, é justo que eu exponha minha opinião, o que penso ser o melhor para tuas ações.

IX. 67-68
Καὶ δὴ οὗτοι μὲν ταύτῃ ἐτράποντο. Τῶν δὲ ἄλλων Ἑλλήνων τῶν μετὰ βασιλέος ἐθελοκακεόντων Βοιωτοὶ Ἀθηναίοισι ἐμαχέσαντο χρόνον ἐπὶ συχνόν· οἱ γὰρ μηδίζοντες τῶν Θηβαίων, οὗτοι εἶχον προθυμίην οὐκ ὀλίγην μαχόμενοί τε καὶ οὐκ ἐθελοκακέοντες, οὕτω ὥστε τριηκόσιοι αὐτῶν οἱ πρῶτοι καὶ ἄριστοι ἐνθαῦτα ἔπεσον ὑπὸ Ἀθηναίων· ὡς δὲ ἐτράποντο καὶ οὗτοι, ἔφευγον ἐς τὰς Θήβας, οὐ τῇ περ οἱ Πέρσαι καὶ τῶν ἄλλων συμμάχων ὁ πᾶς ὅμιλος οὔτε διαμαχεσάμενος οὐδενὶ οὔτε τι ἀποδεξάμενος ἔφευγον. 68. Δηλοῖ τέ μοι ὅτι πάντα τὰ πρήγματα τῶν βαρβάρων ἤρτητο ἐκ Περσέων, εἰ καὶ τότε οὗτοι πρὶν ἢ καὶ συμμεῖξαι τοῖσι πολεμίοισι ἔφευγον, ὅτι καὶ τοὺς Πέρσας ὥρων.

E eles [das tropas de Artabazo] voltaram por ali. Enquanto os outros gregos junto com o rei deixavam-se abater deliberadamente, os beócios combateram por longo tempo contra os atenienses; pois dentre os tebanos, aquele que tomavam partido dos medos, esses tinham não pouco ardor ao combater e também não se acovardavam, de sorte que trezentos, os principais e mais bravos dentre eles, ali tombaram sob os atenienses. E quando eles se voltaram, fugiram para Tebas, não por onde fugiam os persas e toda a tropa dos demais aliados, que não tinham lutado obstinadamente contra ninguém nem demonstrado ou provado nada. 68α. Para mim, é evidente que todas as ações ou empresas dos bárbaros dependiam dos persas, e, se eles então fugiam antes de terem travado combate contra os inimigos, é porque viam os persas.

I.16-17

16. Ἄρδυος δὲ βασιλεύσαντος ἑνὸς δέοντα πεντήκοντα ἔτεα ἐξεδέξατο Σαδυάττης ὁ Ἄρδυος, καὶ ἐβασίλευσε ἔτεα δυώδεκα, Σαδυάττεω δὲ Ἀλυάττης. Οὗτος δὲ Κυαξάρῃ τε τῷ Δηιόκεω ἀπογόνῳ ἐπολέμησε καὶ Μήδοισι, Κιμμερίους τε ἐκ τῆς Ἀσίης ἐξήλασε, Σμύρνην τε τὴν ἀπὸ Κολοφῶνος κτισθεῖσαν εἷλε, ἐς Κλαζομενάς τε ἐσέβαλε. Ἀπὸ μέν νυν τούτων οὐκ ὡς ἤθελε ἀπήλλαξε, ἀλλὰ προσπταίσας. 17. μεγάλως. Ἄλλα δὲ ἔργα ἀπεδέξατο ἐὼν ἐν τῇ ἀρχῇ ἀξιαπηγητότατα τάδε· ἐπολέμησε Μιλησίοισι, παραδεξάμενος τὸν πόλεμον παρὰ τοῦ πατρός.

16. Tendo Árdis reinado durante quarenta e nove anos, Sadiates, seu filho, sucedeu-o no trono, e reinou por doze anos. E a Sadiates sucedeu Aliates. Esse fez guerra contra Ciaxares, o descendente de Deióces, e também contra os medos, e expulsou da Ásia os cimérios, tomou Esmirna, fundada por Colofon, e invadiu Clazómenas. No entanto, não saiu disso como desejava, mas após ter vivenciado grande fracasso. 17. Mas enquanto estava no poder realizou outros feitos muito dignos de serem narrados: guerreou contra os milésios, tendo herdado do pai essa guerra.

I. 59

Οὐκ ὦν ταῦτα παραινέσαντος Χίλωνος πείθεσθαι θέλειν τὸν Ἱπποκράτεα· γενέσθαι οἱ μετὰ ταῦτα τὸν Πεισίστρατον τοῦτον, ὃς στασιαζόντων τῶν παράλων καὶ τῶν ἐκ τοῦ πεδίου Ἀθηναίων, καὶ τῶν μὲν προεστεῶτος Μεγακλέος τοῦ Ἀλκμέωνος,τῶν δὲ ἐκ τοῦ πεδίου Λυκούργου <τοῦ> Ἀριστολαΐδεω, καταφρονήσας τὴν τυραννίδα ἤγειρε τρίτην στάσιν, συλλέξας δὲ στασιώτας καὶ τῷ λόγῳ τῶν ὑπερακρίων προστὰς μηχανᾶται τοιάδε· τρωματίσας ἑωυτόν τε καὶ ἡμιόνους ἤλασε ἐς τὴν ἀγορὴν τὸ ζεῦγος ὡς ἐκπεφευγὼς τοὺς ἐχθρούς, οἵ μιν ἐλαύνοντα ἐς ἀγρὸν ἠθέλησαν ἀπολέσαιδῆθεν, ἐδέετό τε τοῦ δήμου φυλακῆς τινος πρὸς αὐτοῦ κυρῆσαι, πρότερον εὐδοκιμήσας ἐν τῇ πρὸς Μεγαρέας γενομένῃ στρατηγίῃ, Νίσαιάν τε ἑλὼν καὶ ἄλλα ἀποδεξάμενος μεγάλα ἔργα.

Então, tendo Quílon dado esses conselhos, Hipócrates não quis acatá-los; depois disso, nasceu-lhe este Pisístrato, que, quando da dissensão entre os habitantes do litoral e os atenienses da planície, aqueles, tendo à frente Mégacles, filho de Alcméon; estes, os da planície, Licurgo, filho de Aristolaides, com pensamentos na tirania, provocou uma terceira dissensão. Tendo reunidos os sediciosos e,

declaradamente, tendo-se colocado à frente dos habitantes dos planaltos, maquinou o seguinte: tendo ferido a si mesmo e aos asnos, conduziu o carro para a ágora como se estivesse escapado dos inimigos que, ao dirigir-se para o campo, quiseram matá-lo, e implorava ao *dêmos* que lhe concedesse um guardião, por ter sido outrora renomado, na função de estratego da campanha contra os Megarenses, quando tomou Niseia e realizou outros grandes feitos.

III. 155, 6
"Μετὰ δὲ τὴν εἰκοστὴν ἡμέρην ἰθέως τὴν μὲν ἄλλην στρατιὴν κελεύειν πέριξ προσβάλλειν πρὸς τὸ τεῖχος, Πέρσας δέ μοι τάξον κατά τε τὰς Βηλίδας καλεομένας καὶ Κισσίας πύλας. Ὡς γὰρ ἐγὼ δοκέω, ἐμέο μεγάλα ἔργα ἀποδεξαμένου τά τε ἄλλα ἐπιτρέψονται ἐμοὶ Βαβυλώνιοι καὶ δὴ καὶ τῶν πυλέων τὰς βαλανάγρας. Τὸ δὲ ἐνθεῦτεν ἐμοί τε καὶ Πέρσῃσι μελήσει τὰ δεῖ ποιέειν."

"Depois do vigésimo dia, ordena imediatamente que o restante do exército se lance contra as muralhas, e dispõe os persas diante das portas chamadas Belida e Cisia. Pois como eu penso, depois de eu demonstrar grandes feitos, os babilônios me confiarão outras coisas além das chaves das portas. A partir desse momento, eu e os persas trataremos de fazer o que convém."

VII.160,1
Πρὸς ταῦτα ὁ Γέλων, ἐπειδὴ ὥρα ἀπεστραμμένους τοὺς λόγους τοῦ Συάγρου, τὸν τελευταῖόν σφι τόνδε ἐξέφαινε λόγον· «Ὦ ξεῖνε Σπαρτιῆτα, ὀνείδεα κατιόντα ἀνθρώπῳ φιλέει ἐπανάγειν τὸν θυμόν· σὺ μέντοι ἀποδεξάμενος ὑβρίσματα ἐν τῷ λόγῳ οὔ με ἔπεισας ἀσχήμονα ἐν τῇ ἀμοιβῇ γενέσθαι.

Diante disso, Gélon, visto que eram arrogantes as palavras de Siagro, declarou-lhes essa última proposição: "Estrangeiro espartano, coisa ingominiosas dirigidas a um homem costumam excitar o ímpeto ou o ardor. Tu, tendo demonstrado insolências em teu discurso, não me convenceste de que haja, na resposta, coisas indecorosas.

IV. 76,1
Ξεινικοῖσι δὲ νομαίοισι καὶ οὗτοι αἰνῶς χρᾶσθαι φεύγουσι, μήτε τέων ἄλλων, Ἑλληνικοῖσι δὲ καὶ ἥκιστα, ὡς διέδεξαν Ἀναχάρσι τε καὶ δεύτερα αὖτις Σκύλῃ.

Τοῦτο μὲν γὰρ Ἀνάχαρσις, ἐπείτε γῆν πολλὴν θεωρήσας καὶ ἀποδεξάμενος κατ' αὐτὴν σοφίην πολλὴν ἐκομίζετο ἐς ἤθεα τὰ Σκυθέων, πλέων δι' Ἑλλησπόντου προσίσχει ἐς Κύζικον·

Esses também são avessos a usar costumes estrangeiros, de nenhum outro povo e menos dos gregos, como demonstraram Anácarsis e, em segundo lugar, Ciles. Quando Anácarsis, tendo contemplado um grande território e demonstrado grande sabedoria sobre ele, retornava aos povos citas, navegando pelo Helesponto, atraca em Cízico.

VII. 23, 2
Τοῖσι μέν νυν ἄλλοισι πλὴν Φοινίκων καταρρηγνύμενοι οἱ κρημνοὶ τοῦ ὀρύγματος πόνον διπλήσιον παρεῖχον· ἅτε γὰρ τοῦ τε ἄνω στόματος καὶ τοῦ κάτω τὰ αὐτὰ μέτρα ποιευμένων ἔμελλέ σφι τοιοῦτο ἀποβήσεσθαι. Οἱ δὲ Φοίνικες σοφίην ἔν τε τοῖσι ἄλλοισι ἔργοισι ἀποδείκνυνται καὶ δὴ καὶ ἐν ἐκείνῳ·

Então para os demais, exceto para os fenícios, as escarpas derrubadas das excavação acarretacam duplo trabalho, visto que, fazendo as mesmas medidas da abertura superior e da inferior, lhe sucederial tal coisa. Mas os fenícios demonstraram ou deram provas de sabedoria em todas as outras obras e sobretudo nessa.

VII.24,1
Ὡς μὲν ἐμὲ συμβαλλόμενον εὑρίσκειν, μεγαλοφροσύνης εἵνεκεν αὐτὸ Ξέρξης ὀρύσσειν ἐκέλευε, ἐθέλων τε δύναμιν ἀποδείκνυσθαι καὶ μνημόσυνα λιπέσθαι·

Assim segundo acho, conjeturando, Xerxes ordenou escavar isso, por sua *megalophrosýne*, querendo demonstrar seu poder e deixar monumentos.

VII. 223, 4
Ἅτε γὰρ ἐπιστάμενοι τὸν μέλλοντά σφι ἔσεσθαι θάνατον ἐκ τῶν περιιόντων τὸ ὄρος, ἀπεδείκνυντο ῥώμης ὅσον εἶχον μέγιστον ἐς τοὺς βαρβάρους, παραχρεώμενοί τε καὶ ἀτέοντες.

Como soubessem que estavam prestes a morrer de parte dos que rodeavam a montanha, demonstraram contra os bárbaros a máxima força que tinham, despreocupados e enlouquecidos.

I. 184

Τῆς δὲ Βαβυλῶνος ταύτης πολλοὶ μέν κου καὶ ἄλλοι ἐγένοντο βασιλέες, τῶν ἐν τοῖσι Ἀσσυρίοισι λόγοισι μνήμην ποιήσομαι, οἳ τὰ τείχεά τε ἐπεκόσμησαν καὶ τὰ ἱρά, ἐν δὲ δὴ καὶ γυναῖκες δύο. Ἡ μὲν πρότερον ἄρξασα, τῆς ὕστερον γενεῇσι πέντε πρότερον γενομένη, τῇ οὔνομα ἦν Σεμίραμις, αὕτη μὲν ἀπεδέξατο χώματα ἀνὰ τὸ πεδίον ἐόντα ἀξιοθέητα·

E desta Babilônia houve também muitos outros reis, dos que farei menção nas narrativas assírias, os que adornarão as muralhas e os santuários, mas também entre (eles) duas mulheres. Uma que governou primeiro, sendo de cinco gerações antes da última (ou outra), seu nome era Semíramis, ela mandou construir, ao longo da planície, diques dignos de serem vistos.